PRIMEIRO LUGAR NA LISTA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*



Devastadoras

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

Star Books Digital

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Devastadoras

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

Star Books Digital

Devastadoras

Título original

BURNED

Copyright © 2012 by Sara Shepard

A presente obra é disponibilizada por Star Books Digital, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização



Para Collleen

Línguas soltas afundam navios.
— AMERICAN IDIOM

BATER E CORRER

Alguma vez você já contou uma mentira para se salvar? Talvez você já tenha colocado a culpa do amassado no Mercedes dos seus pais no seu irmão para você ainda poder ir ao baile de primavera. Talvez você tenha dito a sua professora de Álgebra que não fazia parte do grupo de alunos que colou no exame do meio do semestre, mesmo que tenha sido você que roubou as respostas da mesa dela. Normalmente você não é uma pessoa desonesta, é claro. Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

Quatro meninas bonitas de Rosewood contaram algumas mentiras tenebrosas para se protegerem. Uma dessas mentiras envolve até mesmo ir embora de uma cena de crime a poucos quilômetros de suas casas. Mesmo que elas tivessem se odiado por deixar o lugar, elas achavam que ninguém iria saber.

Adivinhem. Elas estavam enganadas.

Tinha chovido durante oito dias seguidos no final de junho em Rosewood, na Pensilvânia, um subúrbio rico e sossegado a cerca de vinte milhas da Filadélfia, e todo mundo já estava de saco cheio. A chuva havia afogado gramados perfeitamente cuidados e os primeiros vegetais das hortas, transformando tudo em lama. Ela tinha alagado as armadilhas de areia dos campos de golfe, os campos de baseball da Pequena Liga Mundial e o pomar de pêssego de Rosewood, o qual a produção tinha sido acelerada para a festa de início de verão. Os desenhos de giz nas calçadas da primeira estação foram por água abaixo, cartazes CÃO DESAPARECIDO ficaram encharcados e um buquê solitário e murcho no lote do cemitério contendo os restos mortais de uma linda garota que todos pensavam que se chamava Alison DiLaurentis estava sendo lavado. As pessoas diziam que chuvas de proporções bíblicas certamente trariam má sorte no ano que vem. Essas não eram boas notícias para Spencer Hastings, Aria Montgomery, Emily Fields e Hanna Marin, que já haviam tido mais azar do que poderiam suportar.

Não importava o quão rápido os limpadores de para-brisas do Subaru de Aria limpava o vidro, eles não conseguiam afastar a chuva rápido o suficiente. Aria olhou através do para-brisa enquanto se dirigia para a Reeds Lane, uma estrada sinuosa que beirava uma floresta abundante e escura e o Morrell Stream — um riacho borbulhante que provavelmente inundaria dentro de uma hora.

Mesmo que houvesse condomínios de luxo a poucos passos de distância sobre

a colina, esta estrada estava um breu, sem um único poste de luz para guiá-las.

Então Spencer apontou para algo à frente. — É aqui?

Aria apertou os freios e o carro deslizou muito próximo a uma placa de limite de velocidade.

Emily, que parecia cansada — ela estava se preparando para iniciar um programa de verão em Temple — olhou pela janela. — Onde? Eu não vejo nada.

— Há luzes perto do riacho. — Spencer já estava desafivelando o cinto de segurança e saltando para fora do carro. A chuva encharcou-a imediatamente, e ela desejou que estivesse usando algo mais quente do que uma camiseta regata e shorts de malhar. Antes de Aria ir buscá-la, ela estava correndo na esteira para se preparar para a temporada de hóquei de campo desse ano — ela esperava ser facilmente escolhida para a seleção antecipada de Princeton depois de completar as cinco classes de AP que ela estava preparada para começar na Penn, mas ela também queria ser a estrela de hóquei de campo de Rosewood Day para conseguir uma vantagem extra.

Spencer pulou a barra de proteção e olhou para baixo do morro. Quando ela soltou um gritinho, Aria e Emily olharam uma para a outra, então também saíram do carro. Elas retiraram os capuzes das capas de chuva de suas cabeças e seguiram Spencer até a barragem.

Faróis amarelos brilhavam sobre o riacho enfurecido. A lateral da camioneta BMW tinha atingido uma árvore. A parte dianteira estava esmagada e o airbag pendia inerte no lado do passageiro, mas o motor ainda estava zunindo. O vidro do para-brisa estava espalhado pelo chão da floresta e o cheiro de gasolina superava o cheiro de lama e de folhas molhadas. Perto dos faróis havia uma figura frágil de cabelos castanhos olhando atordoada ao redor, como se ela não fizesse ideia de como tinha chegado ali.

— Hanna! — Aria gritou. Ela desceu correndo a encosta até ela. Hanna tinha chamado todas elas em pânico há apenas meia hora antes, dizendo que ela tinha tido um acidente e precisava da ajuda delas.

— Você está ferida? — Emily tocou o braço de Hanna. Sua pele nua estava escorregadia por causa da chuva e coberta de minúsculos fragmentos de vidro do para-brisa.

— Eu acho que estou bem. — Hanna enxugou a chuva de seus olhos. — Tudo aconteceu muito rápido. Um carro veio do nada e me empurrou para fora da pista. Mas eu não sei como está... ela.

Seu olhar desviou para o carro. Havia uma garota caída no banco do passageiro. Seus olhos estavam fechados e seu corpo estava imóvel. Ela tinha a pele clara, maçãs do rosto salientes e cílios longos. Seus lábios eram bonitos e em forma de arco, e havia um pequeno sinal em seu queixo.

— Quem é essa? — Spencer perguntou cautelosamente. Hanna não tinha mencionado que havia alguém com ela.

— O nome dela é Madison — Hanna respondeu, limpando a folha molhada que tinha acabado de voar contra sua bochecha. Ela teve que gritar sobre o som da chuva caindo, que estava tão violenta que era quase como granizo. — Eu a conheci essa noite, esse é o carro dela. Ela estava muito bêbada, então eu me ofereci para levá-la para casa. Ela mora em algum lugar por aqui, eu acho — ela me deu instruções aos poucos, ela parecia realmente fora de si. Ela parece familiar para qualquer uma de vocês?

Todas balançaram suas cabeças, boquiabertas.

Então Aria franziu a testa. — Onde foi que você a conheceu?

Hanna baixou os olhos. — No The Cabana. — Ela parecia envergonhada. — É um bar na South Street.

As outras trocaram um olhar surpreso. Hanna não era de recusar um cosmopolita em uma festa, mas ela não era do tipo de ir a um bar sozinha. Mas por outro lado, todas elas precisavam se distrair. Elas não só tinham sido torturadas no ano anterior por duas perseguidoras usando o pseudônimo A — primeiro Mona Vanderwaal, a melhor amiga de Hanna, e depois a verdadeira Alison DiLaurentis, mas elas também haviam compartilhado um segredo terrível nas férias de primavera alguns meses antes. Todas elas pensaram que a Verdadeira Ali havia morrido em um incêndio em Poconos, mas então ela apareceu na Jamaica, para matá-las de uma vez por todas. As meninas a confrontaram na cobertura do resort, e quando Ali se lançou em direção a Hanna, Aria se adiantou e empurrou-a. Quando elas correram para a praia para procurar o corpo, ele tinha desaparecido. A memória assombrava cada uma delas todos os dias.

Hanna abriu a porta do passageiro. — Eu usei o celular para chamar uma ambulância, ela chegará logo. Vocês têm que me ajudar a levá-la para o banco do motorista.

Emily deu um passo para trás e levantou as sobrancelhas. — Espere. O quê?

— Hanna, não podemos fazer isso — disse Spencer, ao mesmo tempo.

Os olhos de Hanna faiscaram. — Olha, não foi minha culpa. Eu não estava bêbada, mas eu passei a noite bebendo um pouco. Se eu ficar aqui e admitir que estava dirigindo, eu definitivamente vou ser presa. Eu posso ter me safado de roubar e bater um carro uma vez, mas os policiais não serão bonzinhos comigo uma segunda vez. — No ano passado, ela roubou bêbada o carro do seu antigo namorado, Sean Ackard, e bateu em uma árvore. O Sr. Ackard decidiu não prestar queixa e Hanna tinha feito serviço comunitário ao invés.

— Eu posso ir para a cadeia — Hanna continuou. — Vocês não percebem o que aconteceria? A campanha do meu pai iria ser arruinada antes mesmo de começar. — O pai de Hanna era candidato a senador no outono; a campanha dele já estava em todos os noticiários. — Eu não posso decepcioná-lo de novo.

A chuva caía sem parar. Spencer deixou escapar uma tosse estranha. Aria mordeu o lábio, seus olhos vagando até a menina imóvel. Emily mudou seu peso. — Mas e se ela estiver realmente machucada? E se mover ela piorar as coisas?

— E o que vamos fazer? — Aria acrescentou. — Só... abandoná-la? Isso parece tão... errado.

Hanna olhou para elas em descrença. Então, apertando a mandíbula, ela se virou para a garota. — Não é como se fôssemos deixá-la aqui por dias. E eu não acho que ela esteja ferida, parece que ela apenas desmaiou de bêbada. Mas se vocês não querem me ajudar, eu vou fazer isso sozinha.

Ela se agachou e tentou levantar a menina pelas axilas. O corpo da menina se inclinou para o lado desajeitadamente como um saco de farinha pesado, mas ela ainda não se mexeu. Grunhindo, Hanna apoiou os pés e colocou a menina na posição vertical novamente. Então, ela começou a movê-la pelo console central para o assento do motorista.

— Não faça desse jeito — Emily proferiu abruptamente, dando um passo à frente. — Temos que manter o pescoço fixo no caso de ter algum dano na coluna vertebral. Precisamos encontrar um cobertor ou uma toalha, algo para manter o pescoço firme.

Hanna encostou a menina de volta no banco, em seguida, olhou para a parte de trás da camioneta. Havia uma toalha no lugar dos pés. Ela a pegou, enrolou e colocou no pescoço da garota como se fosse um cachecol. Por um momento, Hanna olhou para cima. A lua se afastara de trás de uma nuvem e momentaneamente iluminou o caminho, e toda a floresta ficou viva com esse movimento. As árvores balançavam violentamente ao vento. Quando um relâmpago

cruzou o céu branco, todas elas juraram terem visto algo se mover perto do leito do riacho. Um animal, talvez.

— Acho que será mais fácil para nós se tirarmos ela do carro em vez de tentar movê-la de dentro — disse Emily. — Han, você segura pelos braços e eu pego pelos pés.

Spencer se aproximou. — Eu seguro ela pelo meio.

Aria relutantemente olhou para dentro do carro, em seguida, pegou um guarda-chuva do banco traseiro. — Ela provavelmente não deve se molhar.

Hanna olhou para todas elas com gratidão. — Obrigada.

Juntas, Hanna, Spencer e Emily levantaram a menina do passageiro do carro e, lentamente, arrastaram-na por trás e em direção ao banco do motorista. Aria segurou um guarda-chuva sobre o corpo da menina para que nem uma gota de chuva atingisse sua pele. Elas mal podiam ver através da tempestade violenta, tendo que piscar a cada poucos segundos para manter a chuva fora de seus olhos. E então, no meio do caminho, os pés de Spencer escorregaram na lama parecida com areia movediça e ela perdeu o controle sobre a menina. Madison inclinou-se violentamente pela cintura, batendo a cabeça contra o para-choque. Houve um estalo — talvez de um galho de árvore, mas talvez de um osso. Emily tentou suportar o peso de Madison, mas ela também escorregou, empurrando o corpo mole e frágil de Madison ainda mais.

— Jesus! — Hanna gritou. — Segurem ela!

As mãos de Aria tremeram quando ela tentou segurar firme o guarda-chuva. — Ela está bem?

— Eu-eu não sei — Emily arfou. Ela olhou furiosa para Spencer. — Você não estava olhando por onde andava?

— Não é como se eu tivesse feito de propósito! — Spencer olhou para o rosto de Madison. O estalo ressoou em sua mente. O pescoço da garota agora estava com uma inclinação em um ângulo estranho?

Uma ambulância soou à distância. As meninas olharam uma para a outra com horror, então começaram a carregá-la mais rápido. Aria abriu a porta do lado do motorista. A chave ainda estava na ignição e a seta da esquerda estava piscando. Hanna, Spencer e Emily moveram o airbag para o lado e colocaram a menina no assento de couro macio atrás do volante. Seu corpo se inclinou para a direita. Seus olhos ainda estavam fechados e a expressão em seu rosto era tranquila.

Emily soltou um gemido. — Talvez devêssemos ficar aqui.

— Não! — Hanna gritou. — E se nós tivermos machucado ela? Vamos parecer ainda mais culpadas agora!

As sirenes ficaram mais altas. — Depressa! — Hanna pegou sua bolsa do banco de trás e bateu com força a porta do lado do motorista. Spencer fechou a porta do passageiro. Elas escalaram o monte e entraram no carro de Aria assim que a ambulância apareceu na serra. Emily entrou no carro por último.

— Vai! — Hanna gritou.

Aria enfiou a chave na ignição do Subaru e o carro se acendeu. Ela fez a volta e saiu em alta velocidade.

— Oh meu Deus, oh meu Deus — Emily gemeu.

— Continue dirigindo — Spencer grunhiu, olhando pela janela de volta para as luzes girando em cima da ambulância. Dois paramédicos saíram da ambulância e desceram cuidadosamente a colina. — Nós não podemos deixar que eles nos vejam.

Hanna girou e olhou para fora da janela. Todos os tipos de emoções a apunhalaram. Alívio, definitivamente — pelo menos Madison iria receber ajuda. Mas o arrependimento era como um torno em sua garganta. Mover Madison tinha piorado? O que tinha acontecido?

Um soluço baixo explodiu de seus lábios. Ela colocou a cabeça entre as mãos e sentiu as lágrimas.

Emily também começou a chorar. Assim como Aria.

— Parem com isso, pessoal — repreendeu Spencer, embora as lágrimas corressem pelo seu rosto também. — Os paramédicos vão cuidar dela. Ela provavelmente está bem.

— Mas e se ela não estiver bem? — Aria gemeu. — E se nós tivermos deixado ela paralítica?

— Eu estava apenas tentando fazer a coisa certa, levando ela para casa! — Hanna lamentou.

— Nós sabemos. — Emily a abraçou com força. — Nós sabemos.

Enquanto o Subaru virava em curvas fechadas, havia outra coisa que todas queriam dizer, mas não se atreviam: *Pelo menos ninguém vai saber sobre isso.* O acidente aconteceu em um trecho isolado da estrada. Elas conseguiram se afastar do local do acidente antes que alguém tivesse visto.

Elas estavam seguras.

As meninas esperavam o acidente aparecer nos noticiários: CARRO É LANÇADO

PERIGOSAMENTE PARA A REPRESA, elas imaginavam as manchetes que iriam ler. A história poderia contar com o nível elevado de álcool no sangue da menina e o quão o carro havia sido amassado. Mas o que mais os repórteres diriam? E se Madison ficasse paralítica? E se ela se lembrasse que não estava dirigindo, ou até mesmo se lembrasse das meninas movendo-a?

Todos os dias após o acontecido, todas elas sentavam-se na frente da TV, procuravam em seus celulares as últimas notícias e mantinham o rádio no volume baixo, em alerta. Mas não chegavam notícias.

Um dia se passou, e depois outro. Ainda nada. Era como se o acidente nunca tivesse acontecido. Na terceira manhã, Hanna entrou em seu carro e dirigiu lentamente pela Reeds Lane, se perguntando se ela tinha imaginado tudo. Mas não, lá estava a barra de proteção quebrada. Havia as marcas de derrapagem na lama e alguns fragmentos de vidro no chão da floresta.

— Talvez a família dela tenha ficado muito envergonhada com o que aconteceu e fez um acordo com os policiais para manter isso em privado — sugeriu Spencer quando Hanna contou sobre sua inquietação com a falta de notícias. — Lembra de Nadine Rupert, uma amiga de Melissa?

Uma noite, quando elas eram veteranas, Nadine ficou bêbada e bateu o carro em uma árvore. Ela ficou bem, mas a família dela pediu a polícia para manter em segredo que ela conduziu alcoolizada, e eles mantiveram. Nadine ficou fora da escola por um mês, em reabilitação, mas ela dizia a todos que estava em um retiro de spa ao invés. Mais tarde, porém, ela ficou bêbada novamente e disse a Melissa a verdade.

— Eu só gostaria de saber se ela está ferida — Hanna disse baixinho.

— Eu sei. — Spencer parecia preocupada. — Vamos ligar para o hospital.

Elas ligaram no viva-voz, mas como Hanna não sabia o sobrenome de Madison, as enfermeiras não poderiam dar a elas nenhuma informação. Hanna desligou o celular, olhando para o nada.

Então ela procurou o site da Penn State — que era a escola que Madison disse que estudava — e fez uma busca por ela, esperando encontrar o sobrenome dela dessa forma. Mas haviam muitas Madisons na classe do segundo ano, muitas para

olhar uma por uma.

Ela se sentiria melhor se confessasse? Mas mesmo que ela explicasse que o outro carro havia saído do nada, empurrando-a para fora da estrada, ninguém acreditaria nela — eles iram supor que ela tinha estado tão bêbada quanto Madison. Os policiais não a felicitariam por ser honesta, tampouco — eles a levariam para a cadeia. Eles também perceberiam que ela tinha precisado de ajuda para mover Madison, tendo que chamar suas amigas. Elas também ficariam em apuros.

Pare de pensar nisso, Hanna decidiu. *A família dela quer esquecer isso e você deveria fazer o mesmo.* Então ela foi fazer compras. Ela se bronzeou na beira da piscina do country clube. Ela evitou sua meia-irmã, Kate, e foi dama de honra do casamento de seu pai com Isabel, usando um vestido verde horroroso. Eventualmente, ela parou de pensar em Madison e no acidente em todos os segundos do dia. O acidente não foi culpa dela, afinal, e Madison provavelmente estava bem. Não era como se ela conhecesse Madison, de qualquer forma. Ela provavelmente nunca mais iria vê-la novamente.

Mal sabia Hanna que Madison estava ligada a alguém que todas elas conheciam muito bem — alguém que as odiava, aliás. E se esse alguém soubesse o que todas elas tinham feito, coisas terríveis poderiam acontecer. Atos de retaliação. Vingança. Tortura. Essa pessoa poderia pegar a responsabilidade para si mesmo — ou para si mesma — para se tornar a pessoa que todas as quatro meninas mais temiam.

Uma nova — e muito mais assustadora — A.

1

CUIDADO, SUAS MENTIROSAS

Em uma manhã ventosa de segunda-feira no final de março, Spencer Hastings olhou para a mala vintage Louis Vuitton em sua cama queen-size. Estava cheia de coisas para sua viagem iminente para o Cruzeiro Eco dos Secundaristas de Rosewood Day para o Caribe, uma combinação de viagem de classe com seminário de ciência ambiental. Usar a mala era uma antiga tradição de boa sorte: ela havia pertencido a Regina Hastings, a tataravó de Spencer. Regina tinha comprado uma reserva na primeira classe do *Titanic*, mas decidiu ficar em Southampton por algumas semanas a mais e pegar o próximo navio.

Quando Spencer jogou um terceiro frasco de protetor solar no topo da pilha, seu celular soltou um *bloop*. Um balão de mensagem apareceu na tela vindo de Reefer Fredericks. *E aí camarada,* ele disse. *O que você está fazendo?*

Spencer encontrou o número de Reefer em sua lista de contatos e discou. — Estou fazendo as malas para a viagem — ela disse quando ele atendeu no primeiro toque. — E você?

— Apenas aprontando algumas coisas de última hora — Reefer respondeu. — Mas eu estou chateado. Eu não consigo encontrar minha roupa de natação Speedo.

— Oh, por favor — brincou Spencer, enrolando uma mecha de cabelo loiro-mel em torno de seu dedo. — Você não tem uma roupa Speedo.

— Você me pegou. — Reefer riu. — Mas eu realmente não consigo encontrar minhas malas.

O coração de Spencer saltitou quando ela pensou em Reefer usando sunga — ela sabia que através de sua camiseta ele era tonificado. A escola dele também ia para o cruzeiro, junto com várias outras escolas privadas da Área Tristate.

Ela conheceu Reefer no jantar dos Aceitos Antecipados pela Princeton há algumas semanas, e, embora ela não tivesse curtido seu estilo hippie e maconheiro de primeira, conhecer ele acabou se tornando a melhor coisa que aconteceu no fim de semana desastroso de pré-calouros no campus.

Desde que ela voltou para Rosewood, eles estiveram mandando mensagens e

ligando um para o outro... frequentemente. Durante uma maratona de Dr. Who na BBC America, eles tinham se ligado durante os intervalos comerciais para discutir sobre os bizarros adversários alienígenas do médico. Spencer apresentou a banda Mumford & Sons a Reefer, e Reefer escolarizou-a com Grateful Dead, Phish, e outras bandas de jam, e antes que ela percebesse, ela tinha desenvolvido uma paixão enorme por ele. Ele era divertido, inteligente, e mais que isso, nada parecia abalá-lo. Ele era o humano equivalente a uma pedra quente de massagem — justamente o tipo de cara que Spencer precisava agora.

Ela esperava que algo acontecesse entre eles na viagem. O convés superior do navio do cruzeiro parecia ser o cenário perfeito para um primeiro beijo com o pôr do sol tropical como uma fogueira enorme ao redor deles. Ou talvez o beijo aconteça em um mergulho — os dois estariam tendo aula de mergulho juntos. Talvez eles estejam nadando ao redor de um recife de coral rosa neon, e de repente suas mãos se tocam sob a água, e eles nadam para a superfície, retiram suas máscaras, e então...

Reefer tossiu no outro lado da linha, e Spencer corou como se ela tivesse expressado seus pensamentos em voz alta. Na verdade, ela não tinha certeza do que Reefer achava dela — ele tinha flertado com ela em Princeton, mas pelo que ela sabia, ele era assim com todas as garotas.

De repente, uma reportagem na TV chamou sua atenção. MORTE NA JAMAICA: COMEÇA A INVESTIGAÇÃO DO ASSASSINATO DE UMA GAROTA. A foto de uma familiar menina loira apareceu na tela. TABITHA CLARK, uma legenda dizia.

— Hum, Reefer? — Spencer disse abruptamente. — Eu tenho que desligar.

Spencer desligou e olhou para a TV. Um homem grisalho e de aparência severa apareceu em seguida. MICHAEL PAULSON, do FBI, dizia uma legenda sob seu rosto. — Estamos começando a juntar as peças do que poderia ter causado a morte da Srta. Clark — ele disse a um grupo de jornalistas. — Aparentemente, a Srta. Clark viajou para a Jamaica sozinha, mas estamos tentando recriar um cronograma de onde ela estava e com quem ela estava naquele dia.

Depois disso, o noticiário mudou para a história de um assassinato em Fishtown. De repente, as coloridas e alegres roupas para o resort cuidadosamente dobradas na mala pareciam perversas e ridículas. O sol sorrindo no frasco de protetor solar parecia estar zombando dela. Era ridículo ir para uma viagem tropical como se nada estivesse errado. *Tudo* estava errado. Ela era uma assassina insensível e

a investigação dos policiais iria chegar até ela rápido.

Desde que Spencer e suas amigas descobriram que tinham matado Tabitha Clark — e não a verdadeira Alison DiLaurentis, como elas tinham pensado o tempo todo — Spencer não tinha sido capaz de dar uma respiração completa. A princípio, os policiais tinham pensado que Tabitha tinha se afogado acidentalmente, mas agora sabiam que ela tinha sido assassinada. E os policiais não eram os únicos.

A nova A também sabia.

Spencer não tinha ideia de quem a Nova A, a traiçoeira mandadora de mensagens que sabia tudo sobre suas vidas, poderia ser. Primeiro, ela e as outras pensavam que era a Verdadeira Ali — talvez ela tivesse sobrevivido à queda do deck com cobertura e estivesse atrás delas de uma vez por todas. Mas então, as autoridades identificaram o cadáver molhado como Tabitha, e perceberam o quão loucas elas tinham estado até mesmo por considerar que Ali tinha sobrevivido ao incêndio em Poconos. Seus ossos podem não ter sido encontrados, mas ela estava dentro da casa quando ela explodiu. Não havia nenhuma forma de que ela pudesse ter saído, apesar de Emily ainda se agarrar a essa teoria.

Em seguida, as meninas pensaram que A poderia ser Kelsey Pierce, a quem Spencer tinha denunciado por posse de drogas no verão anterior. Fazia sentido ser Kelsey: Não só porque Spencer a tinha prejudicado, mas Kelsey também tinha estado na Jamaica nos mesmos dias em que as meninas estiveram.

Mas acabou sendo um beco sem saída. Em seguida, elas acharam que era Gayle Riggs, a mulher que Emily havia prometido — e depois negado — sua bebê, e que na verdade era a madrasta de Tabitha. Mas essa teoria tinha sido descartada quando Gayle foi assassinada em sua garagem. O que era mais assustador? Elas tinham certeza de que a Nova A que tinha matado ela.

O que era desconcertante — e apavorante. Gayle sabia algo que não deveria saber? Ou A tinha a intenção de matar Spencer e as outras ao invés dela? E A sabia de *tudo*. A não só tinha enviado fotos das meninas falando com Tabitha durante o jantar na noite em que elas tinham matado ela, mas as meninas também haviam recebido uma foto do corpo de Tabitha na areia. Era como se A tivesse preparada e pronta na praia com a câmera na mão, prevendo a queda antes de acontecer.

Também havia outra reviravolta estranha: Tabitha tinha sido paciente da Reserva de Addison-Stevens, um hospital mental, ao mesmo tempo que a Verdadeira Ali tinha estado lá. Elas tinham sido amigas? Foi por isso que Tabitha atuou tão bem como Ali na Jamaica?

O celular de Spencer tocou de novo, e ela deu um pulo. O nome Aria Montgomery brilhou na tela. — Você está assistindo o noticiário, não é? — Spencer disse quando atendeu.

— É. — Aria parecia perturbada. — Emily e Hanna também estão na linha.

— Pessoal, o que vamos fazer? — Hanna Marin disse estridentemente. — Devemos dizer aos policiais que estávamos no resort, ou devemos mentir? Mas se tivermos que mentir, e então alguém disser aos policiais que estávamos lá, vamos parecer culpadas, certo?

— Calma. — Spencer voltou a assistir o noticiário. O pai de Tabitha, que também era marido de Gayle, estava na tela agora. Ele parecia exausto — o que era compreensível. Tanto sua esposa como sua filha haviam sido assassinadas dentro de um ano.

— Talvez devêssemos nos entregar — Aria sugeriu.

— Você está louca? — Emily Fields sussurrou.

— Ok, talvez eu devesse me entregar. — Aria voltou atrás. — Fui eu quem empurrou ela. Eu sou a mais culpada.

— Isso é ridículo — disse Spencer rapidamente, baixando a voz. — *Todas* nós fizemos isso, não apenas você. E ninguém vai se entregar, ok?

Um pequeno movimento do lado de fora chamou sua atenção, mas quando ela foi até a janela, ela não viu nada suspeito. O noivo de sua mãe, o Sr. Pennythistle, tinha estacionado seu SUV enorme na entrada da garagem. A nova mulher que se mudou para a casa dos Cavanaugh do outro lado da rua estava ajoelhada no canteiro de flores, arrancando ervas daninhas. E na esquerda, Spencer só conseguia ver a janela do antigo quarto de Alison DiLaurentis. Quando Ali morava lá, as cortinas cor de rosa ficavam sempre abertas, mas a nova proprietária do quarto, Maya St. Germain, sempre mantinha as persianas de madeira fechadas.

Spencer sentou-se na cama. — Talvez não importe os policiais terem descoberto que Tabitha foi assassinada. Mesmo assim não tem como eles traçarem o assassinato até nós.

— A não ser que A conte — advertiu Emily. — E quem sabe do que A é capaz, A pode não parar até nos acusar pelo assassinato de Tabitha. A também pode nos denunciar por matar Gayle.

Nós estávamos lá.

— Alguém recebeu alguma coisa de A? — Aria perguntou. — É estranho que

A tenha estado quieta desde o funeral de Gayle. — O funeral tinha sido há quase uma semana.

— Eu não — disse Spencer.

— Nem eu. — Emily aumentou a voz.

— A provavelmente está planejando o próximo grande ataque. — Hanna soou preocupada.

— Precisamos pará-la antes que ele aconteça — disse Spencer.

Hanna bufou. — Como vamos fazer isso?

Spencer caminhou até sua cama e tocou nervosamente o fecho dourado da mala. Ela não fazia ideia. Quem quer que seja a Nova A, ela era louca. Como ela poderia antecipar o próximo passo de uma lunática?

— A matou Gayle — disse Spencer depois de um momento. — Se descobrirmos quem é A, podemos ir à polícia.

— Sim, e então A vai revidar e dizer aos policiais sobre nós — Hanna apontou.

— Talvez os policiais não acreditem em uma assassina — disse Spencer.

— Sim, mas A tem fotos para provar — Aria sibilou.

— Não especificamente de nós — disse Spencer. — E de qualquer forma, se descobrirmos quem é A, talvez possamos encontrá-las e deletá-las.

Aria franziu o nariz. — Isso tudo pareceria ótimo se fôssemos, tipo, James Bond. Mas no momento, não sabemos quem é A.

— Sabem, é bom nós irmos viajar — Hanna disse depois de um momento. — Vai nos dar tempo para pensar.

Aria zombou. — Você realmente acha que A vai nos deixar em paz?

Hanna inspirou. — Você está dizendo que A pode *ir*?

— Eu espero que não — Aria disse — mas eu não duvido.

— Nem eu — disse Spencer. Ela também considerou a possibilidade de A ir à bordo. A ideia de ficar presa no meio do oceano com uma psicopata era de arrepiar.

— O que vocês estão achando de voltar para o Caribe? — Emily perguntou nervosamente. — Eu sinto como se fosse me lembrar de... tudo.

Aria gemeu.

— Pelo menos nós não vamos para a Jamaica — disse Hanna. O navio do cruzeiro iria parar em St. Martin, Porto Rico e Bermuda.

Spencer fechou os olhos e pensou em quando ela estava animada para ir para as férias da Jamaica na primavera passada. Elas tinham tudo planejado para colocar a Verdadeira Ali, as maldosas mensagens que elas tinham recebido dela e a quase morte delas em Poconos de lado. Ela tinha empacotado os biquínis, as camisetas e o mesmo protetor solar Neutrogena que ela tinha acabado de colocar na mala, com esperança aumentando em seu peito. *Está tudo acabado,* ela não parava de pensar. *Minha vida vai ser ótima agora.*

Ela olhou para o relógio da mesa de cabeceira. — Gente, são dez horas. É melhor a gente desligar. — Elas deveriam estar nas docas de barcos em Newark, Nova Jersey, um pouco depois do meio-dia.

— Merda — Hanna disse.

— Até lá — Aria respondeu.

Todas desligaram. Spencer deixou cair seu celular na bolsa de praia de lona, em seguida, colocou-a em seu ombro e segurou sua mala. Quando ela estava quase na porta, algo fora da janela chamou sua atenção mais uma vez.

Ela foi até a janela e olhou para fora para o quintal dos DiLaurentis. No início, ela não sabia o que estava diferente. As quadras de tênis, que a nova família havia construído sobre o buraco que os trabalhadores haviam encontrado o corpo de Courtney DiLaurentis, estavam vazias. As persianas de madeira na antiga janela de Ali ainda estavam fechadas. O deck de vários níveis na parte de trás, onde as meninas costumavam se divertir, fofocar e avaliar os garotos, estava livre de folhas. Mas então ela viu: Havia um bote salva-vidas para criança no meio do quintal de Ali. Era listrado de vermelho e branco, como um doce de bengala, e tinha um pergaminho como de um pirata grande e enrolado que dizia PESSOAS MORTAS NÃO CONTAM MENTIRAS.

Ácido subiu na garganta de Spencer. Mesmo que não houvesse ninguém por perto, ela ainda sentia o pressentimento de que essa mensagem era explicitamente de A. *Melhor cuidar da sua preciosa vida,* A parecia estar dizendo, *porque eu poderia fazer você andar na prancha.*

2

A PEQUENA SEREIA DE EMILY

A estrada que levava até os estaleiros Newark era uma estrada de duas pistas indeterminadas com complexos com aparência de genéricos escritórios, postos de gasolina e bares decadentes. Mas quando Emily Fields e seu pai pegaram uma curva à esquerda e viraram para o mar, o céu se abriu, o cheiro de sal suspendeu-se pesadamente no ar, e o enorme navio de cruzeiro Celebrity apareceu diante dela como um bolo de casamento gigante e de muitas camadas.

— Uau — Emily suspirou. O navio se estendia por vários quarteirões da cidade, e havia mais escotilhas circulares em cada nível do que ela poderia contar. Emily tinha lido no folheto do Cruzeiro Eco que o navio continha um teatro, um cassino, um ginásio com 19 esteiras, um estúdio de yoga, um salão de cabeleireiro e spa, treze restaurantes, onze salões, uma parede de escalada e uma piscina de ondas.

O Sr. Fields entrou em um espaço de estacionamento perto de uma grande tenda com um banner que dizia PASSAGEIROS, CHECK IN AQUI! Havia uma fila de cerca de trinta crianças com malas e mochilas. Depois que ele desligou o motor, ele ficou olhando para frente. Gaivotas circulavam o céu. Duas meninas gritaram animadamente quando se viram.

Emily pigarreou, sem jeito. — Obrigada pela carona.

O Sr. Fields se virou abruptamente e olhou para ela duramente. Seus olhos eram de ferro frio e duas linhas curvas acentuavam sua boca como parênteses.

— Papai... — O estômago de Emily começou a doer. — Podemos falar sobre isso?

O Sr. Fields apertou sua mandíbula e virou para frente. Então ele ligou o rádio. Eles estavam ouvindo uma estação de notícias de Nova York durante a segunda metade do caminho; agora um repórter estava falando monotonamente sobre alguém apelidada de Ladra Patricinha que tinha escapado de uma prisão de Nova Jersey naquela manhã. — A Srta. Katherine DeLong pode estar armada e é perigosa — o repórter estava dizendo. — E agora, o tempo...

Emily baixou o volume novamente. — Pai?

Mas seu pai não prestou qualquer atenção. A mandíbula de Emily tremeu. Na semana passada, ela havia contado aos seus pais que ela secretamente tinha tido uma menina durante o verão e tinha dado ela para adoção logo depois que ela nasceu. Ela tinha omitido alguns dos detalhes mais sórdidos, como ter aceitado dinheiro de Gayle Riggs, uma mulher rica que queria a bebê, e depois ter mudando de ideia e devolvido o pagamento, que A tinha interceptado. Mas ela disse-lhes bastantes coisas. Que ela se escondeu no quarto do dormitório da sua irmã Carolyn na Filadélfia durante o terceiro trimestre. Que ela tinha ido a um ginecologista na cidade e tinha marcado uma cesariana no Hospital Jefferson.

A mãe de Emily não tinha piscado durante toda a história. Depois de Emily ter acabado, a Sra.

Fields tomou um longo gole de seu chá e agradeceu a Emily por ser honesta. Ela até perguntou a Emily se ela estava bem.

As névoas haviam se dissipado da mente de Emily. A mãe dela estava sendo *normal*-legal mesmo! — Eu estou me aguentando — ela tinha respondido. — O bebê está realmente com uma boa família — eu os vi um dia desses. Eles a chamaram de Violet. Ela tem sete meses agora.

Em seguida, um músculo na bochecha da Sra. Fields se contraiu. — Sete meses?

— Sim — Emily disse. — Ela sorri. E acena. Eles são pais maravilhosos.

E então, como se um interruptor de luz de repente tivesse sido ligado, a realidade bateu na mãe de Emily com força total. Ela cegamente procurou a mão do marido como se ela estivesse em um bloco de gelo afundando. Depois de soltar um grito, ela deu um salto e correu para o banheiro.

O Sr. Fields ficou sentado, atordoado, por um momento. Então ele se virou para Emily. — Você disse que sua irmã sabia sobre isso também?

— Sim, mas, por favor, não fique bravo com ela — Emily disse em voz baixa.

Desde aquele dia, a mãe de Emily mal tinha saído do seu quarto. O Sr. Fields cuidava das tarefas, fazia o jantar, assinou as permissões para viajar de Emily e lavava a roupa. Toda vez que Emily tentava abordar o assunto com ele, seu pai a interrompia. E não a deixava falar com sua mãe: Sempre que Emily chegava perto do quarto dos seus pais, seu pai aparecia, aparentemente do nada, como um cão de guarda raivoso e protetor, enxotando-a.

Emily não tinha ideia do que fazer. Ela teria preferido que seus pais a

mandassem para uma escola reformatória ou para viver com seus parentes ultra-religiosos em Iowa, como tinham feito quando estavam com raiva dela no passado. Talvez ela não devesse ter dito a seus pais sobre a bebê, mas ela não queria que eles soubessem por outra pessoa, como a Nova A. O Departamento de Polícia de Rosewood sabia, também, assim como Isaac, o pai do bebê, e o Sr. Clark, o marido de Gayle. Surpreendentemente, a notícia sobre o bebê não tinha chegado a Rosewood Day, mas isso não importava, Emily ainda se sentia como uma pária. Adicionando o fato de que ela tinha testemunhado um assassinato duas semanas antes e que a polícia estava investigando agora a morte de Tabitha, e a maioria dos dias ela mal conseguia unir tudo isso. Ela também tinha mais certeza do que nunca de que A era a Verdadeira Ali — que ela sobreviveu ao incêndio em Poconos e estava por aí para acabar com elas de uma vez por todas. A Verdadeira Ali havia armado para Kelsey Pierce, levando Emily para quase matá-la na Pedreira Homem Flutuante. Então, ela tinha jogado a suspeita sobre Gayle, atirando nela quando ela estava no caminho. Emily estremeceu. O que ela faria em seguida?

Uma alta sirene no barco despertou-a de seus pensamentos. — Bem, eu acho que eu deveria ir — Emily disse suavemente, olhando para seu pai novamente. — Obrigada por, uh, ainda me deixar ir.

O Sr. Fields tomou um gole da sua garrafa de água. — Agradeça ao seu professor, que a nomeou para a bolsa. E ao Padre Fleming. Eu ainda acho que você *não deveria ir*.

Emily brincava com o boné do beisebol da Universidade da Carolina do Norte em seu colo.

Seus pais não tinham dinheiro para mandar os seus filhos em frívolas viagens de classe, mas ela ganhou uma bolsa de estudos através da sua classe de botânica. Depois que seus pais haviam descoberto sobre o bebê, o Sr. Fields tinha ido ao Padre Fleming, seu sacerdote, para perguntar se eles ainda deveriam deixá-la participar. O Padre Fleming disse que eles deveriam — isso lhes daria tempo para processar o que aconteceu e descobrir os seus sentimentos.

Não restava nada para Emily fazer além de abrir a porta, pegar suas malas e andar na direção da tenda de check-in. Ela não tinha dado nem três passos quando o pai dela ligou o motor e saiu pela estrada, nem mesmo tinha ficado para ver o barco ir embora como a maioria dos pais. Ela piscou para conter as lágrimas, tentando não chorar.

Quando ela se juntou à fila, um cara de vinte e poucos anos usando um par de

óculos de sol vermelho em forma de estrela saltou sobre ela. — Estou de olho em você! — ele disse, sacudindo um dedo. O rosto de Tabitha brilhou na mente de Emily. — O-O quê? — ela resmungou.

— Você é totalmente uma fã secreta do Cirque du Soleil! — O cara estendeu a mão. — Meu nome é Jeremy. Eu sou o diretor do cruzeiro esta semana. Você gostaria de ser uma convidada do espetáculo inicial do Cirque du Soleil desta noite no teatro? O tema do show é a Mãe Terra, em homenagem a este ser um Cruzeiro Eco e tudo mais.

Várias crianças por perto pararam e sorriram. — Eu acho que vou passar — Emily murmurou, correndo para frente.

Ela mostrou seu passaporte para a garota do check-in e lhe foi dada uma chave para sua cabine, um cartão de refeição, o cardápio do dia e um mapa do barco. Por último, mas não menos importante, ela recebeu um panfleto que listava as várias classes, atividades, seminários, reuniões de grupo e oportunidades de voluntariado para essa semana — os alunos eram obrigados a participar de uma classe de crédito e se voluntariar nas "comunidades" do navio, ajudando a limpar, cozinhar, planejar eventos, ou cuidar do enorme aquário de peixes ameaçados do navio, e assim por diante. Os locais dos voluntários eram por ordem de chegada; Emily já tinha se inscrito no serviço de salva-vidas na piscina principal. Ela ainda não sabia qual classe ela ia pegar, porém, então ela examinou a lista rapidamente. Havia Explorando os Recifes com Responsabilidade, Caça de (Eco)Tesouros, Limpar as Piscinas de Marés em um Caiaque. Ela decidiu por um curso chamado Observação de Aves do Caribe.

Ela embarcou em um elevador que a levaria para o quarto dela. Uma banda calipso tocava bem alto em um andar superior, o baixo fazendo ruído através das paredes. Algumas garotas estavam conversando sobre um grande bar em St. Martin que elas tinham ouvido falar. Dois homens conversavam sobre kitesurf em Porto Rico. Todo mundo estava vestido de bermuda e chinelos, mesmo que estivessem 7 graus lá fora.

Emily invejava seu despreocupado entusiasmo — ela não conseguia nem persuadir os cantos de seus lábios a se curvarem em um sorriso. Tudo em que ela podia pensar era no olhar vago da sua mãe, seu pai punindo-a com uma carranca, o ódio em seus corações. O agente do FBI nas notícias desta manhã. O corpo morto de Gayle. O rosto de Tabitha assim que ela percebeu que estava caindo.

A espreitando na escuridão, rindo, pronta para machucá-la de verdade.

Ela pensou em Ali, também — na Verdadeira Ali *e* na Sua Ali. Todo esse tempo, Emily estava escondendo um segredo: Em Poconos, as meninas tinham escapado da casa pouco antes de ela explodir, com a Verdadeira Ali ainda dentro. O que as outras não sabiam, no entanto, era que Emily tinha deixado a porta da cabana aberta para que a Verdadeira Ali pudesse escapar também. Ela disse a todas que ela tinha fechado com força. E quando os policiais não encontraram o corpo dela, Emily teve medo de que a Verdadeira Ali tivesse saído e ainda estivesse viva.

Durante muitos, muitos meses, Emily esperou que a Verdadeira Ali recuperasse o seu juízo e pedisse desculpas a todas elas por ser A. Emily seria a primeira a perdoá-la, é claro. Afinal, ela tinha amado Ali — *ambas* as Alis. Ela beijou ambas, a Sua Ali na sua casa da árvore na sétima série e a Verdadeira Ali no ano passado.

Mas isso foi antes da Verdadeira Ali ter mexido com a sua filha. Algumas das notas de A ameaçando a vida de Violet. Foi então que ela percebeu que a Verdadeira Ali estava passando dos limites. A Verdadeira Ali não ligava para Emily em absoluto, e ela certamente não tinha a intenção de tentar consertar as coisas. Ela era apenas... *malvada*. Quase imediatamente, a Emily esperançosa e amorosa sentiu-se seca, deixando um enorme buraco em seu coração.

O elevador tiniu, e uma voz automática anunciou que estavam no convés Luz do Sol. Um grupo de crianças caminhou pelo longo corredor espalhafatosamente acarpetado para encontrar seus quartos. Não querendo ficar atrás deles, Emily virou em direção a uma porta deslizante de vidro que levava a um pequeno pátio com vista para a água ao invés. Ela deu um passo através dela e deixou o ar frio do mar encher seus pulmões.

Gaivotas chiavam em cima. O tráfego sibilava à distância. As ondas tinham espumosas cristas brancas, e uma embarcação balançava a sete pavimentos abaixo. Então Emily ouviu uma tosse e pulou. Uma menina com pele morena e longos cabelos castanhos estava na extremidade da varanda. Ela usava óculos escuros, um vestido branco com ilhós e sapatilhas com tiras rosa e branca de gorgorão.

Emily não falou de primeira. A menina era tão etérea e calma que ela pensou que poderia ser um fantasma.

Mas, então, a menina se virou e sorriu. — Oi.

— Oh! — Emily disse, recuando. — V-você me assustou. Eu não tinha certeza de que você era real. Os cantos da boca da garota subiram. — Você costuma ver pessoas que não são reais?

— Nunca ninguém como *você* — Emily deixou escapar, em seguida, fechou a

boca apertada.

Por que ela tinha dito isso?

A menina levantou as sobrancelhas, tirando seus óculos escuros. E então ela se aproximou. De perto, Emily podia ver as covinhas das suas bochechas. Seus capturadores olhos verdes brilhavam, e ela cheirava tão fragrantemente a perfume de jasmim que Emily se sentia um pouco tonta.

— Talvez eu seja um fantasma — a menina sussurrou. — Ou uma sereia. Estamos no mar, afinal de contas.

Então, ela tocou a ponta do nariz de Emily, virou-se e desapareceu pela porta deslizante. Emily ficou em uma nuvem de jasmim, a boca entreaberta, a ponta de seu nariz formigando. Ela não tinha certeza do que tinha acontecido, mas ela definitivamente tinha gostado. Por um segundo fugaz, o fantasma — ou sereia, ou o que quer que ela seja — a fez esquecer absolutamente tudo de errado em sua vida.

3

OS MELHORES CASAIS SEMPRE SE COMPROMETEM

— Bem-vindos à Feira de Atividades e Voluntariado! — Um cara ruivo disse a Aria Montgomery e seu namorado, Noel Kahn, enquanto eles caminhavam até o cassino do navio. — Vocês não estão *super* empolgados de estarem aqui?

— Uh, com certeza — disse Noel, olhando para o cara com cautela.

— Incrível! — o cara disse. Aria estava quase certa de que ela possuía uma versão idêntica dos óculos de sol em forma de estrela que ele estava usando quando ela tinha seis anos. Ele ficou desconfortavelmente perto dela enquanto falava.

— Meu nome é Jeremy. Eu sou o diretor do cruzeiro esta semana — continuou ele. — E nós vamos ter diversão, diversão, diversão! Temos os melhores shows no mar — e o comediante mais engraçado em Lou, O Cruzador de Terras. Vocês vão rir — *e* aprender a salvar o planeta! — Ele conduziu-os para dentro. — Andem por aí! Façam novos amigos! E não se esqueçam de escolher uma atividade e um trabalho voluntário!

Aria olhou em volta. Máquinas caça-níqueis zumbindo, mesas de feltro verde de pôquer e Black Jack e um bar curvo com tampo de mármore se estendia até onde os olhos podiam ver. Mas não havia garrafas de bebidas atrás do bar, nem cartões de lugar nas mesas, e quando Noel apertou um botão da máquina caça-níqueis, apareceu uma mensagem dizendo TENTE MAIS TARDE.

Noel olhou para outro trabalhador do cruzeiro, uma mulher de lábios brilhantes em um terno branco. — Podemos jogar?

— Oh, sim, na noite do cassino! — A mulher tinha uma expressão vidrada de boneca Barbie em seu rosto. — Você não ganha dinheiro de verdade, no entanto — você ganha essas fofas moedinhas de golfinho que você pode levar para casa como lembranças! Elas são feitas por mulheres tribais na África do Sul de 100 por cento de lã reciclada!

Noel torceu o nariz. Aria cutucou-o nas costelas. — Provavelmente é uma coisa

boa não poder jogar por dinheiro, sabe. Lembra daquela vez que jogamos Black Jack e você tentou contar as cartas?

Eu acabei com você.

— Você não acabou não — Noel disse rispidamente.

— Acabei totalmente!

— Bem, eu exijo uma revanche. Mesmo que seja por fichas de golfinhos recicladas. — Um canto da boca de Noel subiu.

Aria sorriu feliz. Era tão bom ela estar se dando bem com Noel novamente. Eles haviam estado brigando muito recentemente, em primeiro lugar porque Aria tinha certeza de que Noel tinha uma queda pela estudante de intercâmbio da sua família, Klaudia, que felizmente estava tendo problemas no visto e não podia vir no cruzeiro. Então Aria tinha descoberto um segredo sobre o pai de Noel, que tinha levado a mais problemas entre eles. Mas eles tinham se reconciliado sobre tudo, e agora eles estavam muito bem.

Eles se moveram mais adentro do cassino, olhando para as cabines de atividades para expedições de caminhadas, passeios de arte, e classes de créditos obrigatórias do tipo Converta Seu Veículo Para Combustível de Milho! Então Noel apertou o braço dela.

— Tem certeza de que está tudo bem eu ter ido naquela aula esta manhã? — ele perguntou.

— É claro — Aria respondeu em uma voz madura. O navio tinha desembarcado poucas horas antes, e Noel tinha quase que imediatamente abandonado Aria para surfar com um ex-profissional na piscina de ondas. Agora ele cheirava superpoderosamente a cloro, e seus olhos estavam um pouco caídos, do jeito que ele sempre ficava quando tinha um treino duro.

— Vamos — Noel insistiu. — Diga a verdade.

Aria suspirou. — Ok, talvez eu esteja *um pouco* decepcionada por não termos passado as primeiras horas juntos. Especialmente quando o barco zarpou do porto. Eles tocaram "Além do Arco-Íris!" Foi muito bonito e romântico. Mas nós vamos ter muito tempo para passar juntos, certo?

— É claro. — Noel pegou o rosto de Aria em suas mãos. — Sabe, eu realmente gosto dessa nova política vamos-sempre-ser-honestos.

— Eu também — disse Aria, mas depois começou a mexer com os laços da sua blusa com a estampa de um veleiro. Ela e Noel estavam realmente tentando

manter a regra honestidade-é-a-melhor-política, dizendo um ao outro a verdade sobre tudo. Quando Aria não queria assistir *Game of Thrones* na HBO *novamente*, ela dizia. Quando Noel realmente, *realmente* queria ir ao drive-thru do McDonald's em vez de irem a outro jantar no restaurante vegetariano favorito de Aria, ele deixava isso claro.

Era libertador, mas Aria também se sentia como uma fraude, porque ela ainda não tinha dito a ele seus *grandes* segredos, como o que aconteceu na Islândia no último verão — apenas uma pessoa sabia disso. Ele não sabia que havia uma nova A na cidade, tampouco, ou que ela e suas amigas tinham feito algo terrível na Jamaica.

Pior, agora que a morte de Tabitha tinha sido considerada um assassinato, Noel estava de repente interessado na história. Quando eles dois estavam passando um tempo em sua casa alguns dias atrás, um relatório da CNN sobre Tabitha tinha estalado na tela. Noel fez uma pausa e olhou para a foto de Tabitha. — Ela parece muito familiar — ele murmurou.

Aria rapidamente mudou de canal, mas ela podia sentir a mente de Noel trabalhando. Ele havia notado Tabitha enquanto estava na Jamaica. Quando ele iria fazer a conexão? Quando ele fizesse, ele provavelmente contaria tudo que ele se lembrava sobre ela da viagem para a polícia. Ele diria a eles que Aria tinha estado com ele na Jamaica, também, e, em seguida, a polícia iria fazer-lhe perguntas.

No telefone com as meninas, ela mencionou uma ideia que vinha sendo preparada em sua mente durante toda a semana: se entregar. Por um lado, seria um enorme alívio ela não ter mais que esconder isso. Por outro lado, sua vida estaria acabada. Será que ela realmente queria isso?

Aria tinha a esperança de usar o tempo neste cruzeiro para realmente descobrir o que ela queria fazer, mas ela se preocupava com a investigação policial. O que será que os policiais descobririam antes que ela se decidisse? E se A desse a eles uma pista que nem mesmo elas sabiam que A já *tinha*? Aria preferia que a confissão fosse em *seus* termos, *sua* decisão, mas parecia que ela estava ficando sem tempo.

Agora eles passavam por um monte de estandes que ofereciam inscrições para oficinas de contos, aulas de cerâmica e uma de ecoturismo patrocinada pelo Greenpeace. Então Aria viu uma placa que dizia CAÇA AO TESOURO! Próxima a ela estavam fotos de crianças olhando as pistas, andando em tirolesas e caminhando pela floresta tropical. EXPLORE AS ILHAS! uma placa dizia.

FAÇA UMA DIFERENÇA AMBIENTAL! GANHE GRANDES PRÊMIOS!

— Legal. — Aria pegou um panfleto.

Uma gordinha loira-morango com uma etiqueta com o nome GRETCHEN se aproximou, um grande sorriso em seu rosto sardento. — Interessada? — ela perguntou. — Nós lhe damos pistas que enviam todos ao redor das três ilhas. Há alguma pesquisa envolvida, de modo que você cumpra sua exigência da classe de crédito. Vai ser muito divertido, também.

— Isso parece ser muito legal. — Aria poderia facilmente se imaginar caçando as pistas e explorando as ilhas com Noel. Mas, quando ela olhou para Noel para pedir sua opinião, ele estava conversando com um cara alto com as bochechas queimadas do sol em outra mesa. TORNE-SE UM

SURFISTA CAMPEÃO EM SETE DIAS, dizia um cartaz sobre a cabeça do Cara da Bochecha Queimada. Surpreendentemente, era uma classe de crédito, também, a versão do navio de cruzeiro de Educação Física.

— Cara, quero me inscrever — disse Noel animadamente, pegando uma caneta de um copo com um surfista na frente.

— Noel, espera. — Aria pegou seu braço. — Aquela não poderia ser divertida para nós dois?

— ela apontou para a placa da caçada.

Noel fez uma careta. — Vamos navegar em vez disso.

Aria virou-se para o Cara da Bochecha Queimada, que era presumivelmente o instrutor. — Está tudo bem que eu não seja uma forte nadadora?

Ele torceu o nariz sardento. — Você consegue fazer o nato crawl?

— Eu consigo o nado cachorrinho — ela disse otimista. Ela nunca tinha tecnicamente aprendido a nadar — havia tantas outras atividades mais interessantes que ela queria experimentar quando ela era pequena, ao invés. O mergulho no penhasco da Jamaica a tinha aterrorizado até a morte. Ela sempre fazia Emily ficar muito perto de onde ela pousava para que ela pudesse resgatá-la se ela precisasse.

O instrutor parecia cético. — Surfistas precisam ser capazes de remar através de algumas ondas muito difíceis. Eu não acho que você seria capaz de lidar com isso.

Noel parecia destroçado. Aria sorriu para ele. — Faça as aulas de surf de qualquer maneira.

— Não — ele disse rapidamente.

— Está tudo bem. — Aria apertou suas mãos. — Quem se importa se nós não fizermos a mesma atividade? Nós poderíamos fazer o mesmo trabalho voluntário, talvez. Ou sair em outros momentos.

— Você tem certeza? — a voz de Noel vacilou.

— Absolutamente. — Aria beijou seu nariz. — Eu quero que nós sejamos felizes.

Noel passou os braços em volta dela e levantou-a do chão. — Você é a pessoa mais doce do mundo.

Ele a colocou no chão e, por um momento, Aria se sentiu muito doce. Mas, então, a parte de trás do seu pescoço arrepiou-se, e ela sentiu a presença de alguém atrás dela. Ela olhou através da multidão de crianças, das cabines de atividade e das máquinas caça-níqueis piscando. Havia uma grande faixa sobre uma mesa vazia que dizia PROTEJAM OS MARES. SALVEM O PLANETA. VIVA A VIDA AO MÁXIMO. Uma sombra passou por trás dela, e depois uma porta marcada com SOMENTE

PESSOAL AUTORIZADO foi fechada. O coração de Aria saltou, e ela olhou fixamente para a porta, desejando que quem quer que fosse voltasse.

A porta permaneceu fechada. E, no entanto, à deriva dos sons das máquinas caça-níqueis, dos gritos dos líderes das atividades, e da vibração de todas as crianças enchendo a sala, houve uma risada fina e estranha. O coração de Aria caiu aos seus pés. Sempre que ela ouvia aquela risada, se por coincidência ou não, alguém sempre estava por perto.

A.

4

OLÁ, COLEGA DE QUARTO!

Mais tarde naquela noite, Hanna Marin sentou-se com seu namorado, Mike Montgomery, em um sofá estofado no Café Moonlight, um restaurante ao ar livre no convés superior do barco.

Estrelas luminosas e brilhantes serviam como teto, e uma brisa suave e com cheiro salgado ocasionalmente apagava as velas sobre as mesas. Os garçons corriam para lá e para cá entregando grandes saladas com vegetais orgânicos, galinhas temperadas com Jerk-Seasoned, e a melhor batata frita doce orgânica que Hanna já tinha experimentado. A banda de reggae tocava uma canção de Bob Marley, os músicos estavam usando trajes com estampas tropicais.

Quando a música terminou, o diretor do cruzeiro, a quem Hanna começou a chamar de "Jeremy Assustador" por causa do quão próximo ele ficava quando falava com as pessoas e o sorriso estranho que parecia estar tatuado em seu rosto, pegou o microfone. — Esses caras são incríveis, hein? Mas se você acha que é melhor, mostre suas habilidades no espetáculo *America's Got Talent* na noite de domingo! Comecem a ensaiar suas apresentações agora, pessoal! O primeiro prêmio é uma lambreta Vespa!

Mike cruzou os braços sobre o peito. — Noel e eu vamos fazer uma apresentação de hip-hop.

Hanna deu-lhe um olhar louco. — Você realmente vai participar do show de talentos?

Mike encolheu os ombros. — Você não ouviu? O primeiro prêmio é uma Vespa. E Noel e eu inventamos algumas rimas iradas na Jamaica.

Hanna quase engasgou com uma batata. A última coisa que ela queria era falar sobre a Jamaica. Mas hoje tudo a lembrava dessa viagem terrível: O cheiro de morango artificial do protetor solar de spray de alguém, a marca de suco de laranja vendida em um dos cafés, um menino com uma camiseta que dizia A JAMAICA ME DEIXA LOUCO! Havia uma festa Jamaicana prevista para daqui a dois dias, que nem sequer fazia sentido, já que eles não iriam para a Jamaica nesse cruzeiro.

Ela pegou outra batata e enfiou na boca, resolvendo não pensar na Jamaica nessa viagem, ou em qualquer uma das outras coisas de merda que tinha acontecido. Como o fato de que ela tinha recentemente testemunhado um assassinato. E, ah sim, que *ela* era o alvo. Ou que os policiais estavam tão perto de descobrir o que elas fizeram com Tabitha. O que aconteceria quando eles descobrissem? A família dela seria humilhada, é claro. A campanha senatorial do pai dela estaria arruinada. Hanna teria uma vida na prisão muito longa a aguardando ansiosamente.

James Freed, um amigo de Mike, apareceu na mesa deles. — Cara. — Ele se jogou em uma cadeira. — Você soube que as meninas católicas estão aqui? Elas são GOS-TO-SAS. — Ele sussurrou as letras de forma dramática. — Aparentemente, elas estão procurando muito por alguém.

— *Olá,* James? — Hanna nivelou um olhar fixo nele, lembrando-lhe que ela era a namorada de Mike. James olhou para Hanna com indiferença. — Hey. — Então se virou para Mike. — Algumas das praias em St. Martin permitem nudez. Quer ajudar a convencer as meninas católicas a dar uma pequena caminhada com a gente?

— Definitivamente. — Mike praticamente começou a babar.

Hanna beliscou o braço dele. — Para o diabo que você vai.

— Estou brincando — disse Mike rapidamente, depois se inclinou em direção a ela. — A menos que você queira fazer um ménage à trois.

Hanna o beliscou novamente. Então ela empurrou uma mecha de cabelo ruivo por cima do ombro e olhou para James. — De que escola católica você está falando?

Mais uma vez, James olhou para Hanna como se ela fosse uma das moscas irritantes que tinha zumbido ao redor deles durante a partida do navio. — Eu não sei. Villa... alguma coisa.

— Villa Louisa? — Hanna perguntou com raiva.

— Eu acho que é. — James entortou os olhos para ela. — Por que, você está pensando em perseguir elas?

Hanna pressionou as unhas na palma da mão. — Muito engraçado. — Duas semanas atrás, ela conseguiu afastar Mike do que agora ela chamava de "erro dele", Colleen Bebris, apesar do fato de que A tinha enviado para toda a escola uma embaraçosa montagem de vídeo de Hanna perseguindo Colleen para tentar descobrir algo escandaloso sobre ela. Embora Mike parecesse ter esquecido o vídeo, ninguém mais havia esquecido. As meninas de Rosewood Day e algumas das outras

escolas particulares cutucaram umas às outras e riram dela quando ela embarcou essa manhã. Quando ela tentou fazer uma aula de spin esta tarde, uma menina nem-tão-bonita-nem-tão-magra da escola Quaker tinha colocado rapidamente sua garrafa de água em uma bicicleta livre, dizendo que ela estava guardando para alguém. Hanna se sentia como se tivesse uma grande placa nas costas que dizia PERDEDORA e apenas ela não sabia disso.

Hanna já tinha ouvido falar das meninas de Villa Louisa, mas não conhecia nenhuma pessoalmente. As pessoas de outras escolas chamavam elas de Villa Gorilas. Elas andavam com arrogância ao redor do shopping King James vestindo seus uniformes xadrezes e meias acima dos joelhos de garota travessa como se elas fossem *tãão* sexys, passando os olhos em todos os caras disponíveis (e não disponíveis). Cada Gorila era mais magra e loira e mais bonita que a outra, e havia um boato de que elas eram todas incrivelmente e sexualmente talentosas. Um monte de gente tinha teorias a respeito do porquê: A água benta das freiras abençoou elas com um afrodisíaco antigo. Seus uniformes eram muito apertados em todos os lugares certos. Todas elas tinham pais super rígidos que proibiam falar com qualquer menino, a qualquer momento, e elas estavam doidas por interação masculina. Aparentemente, Kate, a meia-irmã de Hanna, conhecia algumas meninas da escola, mas Kate tinha decidido ficar em casa para fazer um projeto de serviço comunitário com o namorado, Sean Ackard, ao invés de ir ao cruzeiro.

— Ei! — Mike parecia animado quando cutucou Hanna. — Talvez sua colega de quarto seja alguém de Villa Louisa!

— Então você nunca vai ao meu quarto — Hanna brincou. Mas ela se sentia um pouco preocupada. Todo mundo no cruzeiro havia recebido colegas de quarto aleatórios — Jeremy se gabou de que tinha retirado pessoalmente os nomes de um chapéu de capitão. Ninguém sabia com quem estaria preso até chegar no navio. Não havia nenhum sinal da colega de quarto de Hanna quando ela guardou as coisas essa manhã.

Se alojar com uma Villa Gorila era uma terrível possibilidade. Hanna não poderia ser a colega de quarto feia. E ela sentia como se estivesse patinando em gelo fino com a popularidade de Mike, levando em consideração que todos estavam esnobando ela.

A conversa entre Mike e James havia mudado das meninas Villa para o fato de que várias pessoas já tiveram coisas roubadas de seus quartos. — Não são iPads ou celulares, tampouco — disse James. — São porcarias sem sentido como shampoos e meias.

— Cara, é melhor eu esconder minhas cuecas — Mike brincou.

Em seguida, James puxou um frasco de sua bolsa. — Quer um pouco? — ele perguntou, empurrando-o na direção de Mike, embora não na de Hanna. Quando ele tirou a tampa, o cheiro de limões frescos espremidos flutuou para fora.

Hanna inalou os limões perfumados da margarita — esse era um dos aromas preferidos dela, apesar de fazer séculos que ela o tinha cheirado. De repente, uma lembrança da última vez que ela sentiu o cheiro veio se contorcendo até sua mente. A memória era sobre o outro segredo que ela estava mantendo, relacionado à Madison, que aconteceu no verão passado.

Ela estava na Filadélfia com seu pai naquele dia para assistir a um comício político de um dos aliados dele — a campanha do pai dela ainda não tinha sido reforçada, mas ele tinha feito sua parte apertando mãos e dando suporte financeiro. Mais tarde, quando o pai dela tinha ido a um jantar chique no Four Seasons, Hanna tinha ido até a South Street, querendo se perder no meio da multidão de turistas. Mesmo que ela estivesse empolgada com seu pai concorrendo a um cargo, o segredo das férias de primavera pesava sobre ela. E se alguém o descobrisse?

Ela notou alguém sorrindo para ela de uma das ruas laterais e viu um cara atraente de pé na frente de um bar chamado The Cabana. Ele era bonito de um jeito escrupuloso e do tipo garoto-de-fraternidade.

— Bebidas com metade do preço agora — disse ele, apontando para o bar. — Venha para a happy hour.

— Uh, eu tenho namorado — Hanna disse rapidamente.

Um canto da boca do cara subiu. — Eu sou o barman. Eu estou apenas no intervalo. Eu não estou tentando dar em cima de você.

Hanna espiou o bar. Não era realmente o tipo de lugar que ela frequentava — havia um cronograma ultrapassado dos Phillies na janela, a silhueta de uma garota nua no tapete da porta da frente, e um cheiro de cerveja velha e cigarros. Mas havia uma jukebox antiga na parte de trás tocando uma música clássica country. Ninguém sabia, mas músicas countrys antigas eram a fraqueza dela. Ela queria se sentar no escuro e não pensar por um bom tempo. Além disso, esse parecia ser o tipo de lugar que ninguém da campanha do pai dela iria, o que significava que nenhum deles a veria.

Então, o cara entrou e ela o seguiu. Havia dois homens com aparência de injustiçados, mulheres bebendo cervejas no bar e dois caras desanimados estavam jogando dardos na parte dos fundos.

O garçom que a tinha persuadido a entrar já tinha tomado seu posto atrás do balcão. — Eu sou Jackson, a propósito — ele disse. — O que eu posso pegar para você?

Hanna realmente não queria beber nada, mas mesmo assim pediu uma margarita. Quando ela inalou a doçura melosa da bebida alguém falou do outro lado do bar. — Cuidado. Essas coisas são super potentes.

Era uma menina magra e alguns anos mais velha do que Hanna com grandes olhos azuis e maçãs do rosto salientes. Havia algo ousado em relação aos seus ombros largos, pele fresca e limpa, e o rabo de cavalo loiro e alto. Ela cutucou seu queixo em direção a bebida de Hanna. — Sério.

Jackson deveria ter avisado a você.

Hanna lambeu os dedos. — Obrigada. Vou me lembrar disso.

A menina pegou seu coquetel, levantou-se e deslizou para um assento ao lado dela. — Ele é bonitinho.

Hanna deu de ombros. — Ele parece atleta de remo. Não é meu tipo.

A menina tomou um gole de sua bebida. — Eu desafio você a chamar ele para tomar uma bebida com a gente.

— Nem pensar — disse Hanna rapidamente. Ela não estava no clima de festa.

A menina inclinou a cabeça. — Alguém está com medo?

Hanna se encolheu. Ali costumava desafiar Hanna, Emily, Aria e Spencer a fazer todos os tipos de coisas que elas não queriam fazer, dizendo que elas estavam com medo quando se recusavam.

Ela sempre fazia elas se sentirem perdedoras.

— Tá certo. — Hanna sinalizou para Jackson e pediu mais três bebidas de limão — uma para ele também. O barman e a menina viraram as bebidas deles, mas Hanna despejou a dela no chão quando eles não estavam olhando.

A menina limpou a boca desleixadamente e deu um sorriso de aprovação a Hanna. — Qual é o seu nome, afinal?

— Olivia. — Hanna deixou escapar o primeiro nome que lhe veio à mente. Era o nome da planejadora do casamento do pai dela e de Isabel, com quem ela tinha falado mais cedo naquele dia.

— Eu sou Madison. — Madison levantou o copo vazio. — Estou tendo uma última celebração antes de voltar para a Penn State. Eu estou em condicional

acadêmica lá, se eles pegarem alguém, mesmo com pouco teor de álcool na respiração, leva punição. Que escola você frequenta?

— Temple. — Era outra resposta pensa-rápido. Emily iria começar um programa de verão na Temple na próxima semana.

Madison fez a Hanna mais perguntas sobre ela, e Hanna inventou mais detalhes. Ela disse que era uma corredora de cross-country, que queria ser advogada, e que morava em Yarmouth, que ficava perto de Rosewood, mas *não* em Rosewood. Era bom inventar outra identidade por algumas horas. Essa Olivia fictícia não tinha duas BFFs assassinas e vários perseguidores. Sua vida parecia tão invejosamente simples. A única coisa real que ela dividiu foi que ela iria viajar em breve para Reykjavik, na Islândia, com Aria, Noel e Mike. — É esse o lugar onde pode fumar maconha nas ruas?

— Madison perguntou animadamente.

Hanna balançou a cabeça. — Não, é em Amsterdam. — Madison pareceu desapontada.

Madison disse a Hanna que morava ali por perto, embora ela não tivesse dito onde. A princípio, ela parecia alegre por voltar para a escola no próximo outono, mas quando tomou bebida após bebida, seu entusiasmo pareceu forçado e forjado.

Dentro de uma hora, Madison flertou ousadamente com todos os caras do bar — especialmente com Jackson, que segundo ela, fazia compras na loja que ela trabalhava.

Eventualmente, ela começou a gaguejar quando falava, deixou as coisas caírem e derramou sua sexta bebida em todo o bar. Quando Hanna correu para pegar guardanapos, Jackson pegou o copo vazio. Hanna queria dizer a ele para não dar mais bebida a Madison — ela mal conseguia ficar de pé.

— Nós vamos fazer uma pausa rápida, mas estaremos de volta! — Um tambor de aço retumbou, sacudindo Hanna de seus pensamentos. Ela olhou em volta. O prato de batatas fritas agora estava vazio. James tinha ido embora e Mike estava mexendo em seu celular. Ela rangeu os dentes, irritada por ter pensado em Madison. Ela não tinha dito a si mesma para não pensar em todas as coisas ruins do seu passado?

— Eu ainda estou sem sinal — Mike resmungou, pressionando os botões com força. — E se ficar desse jeito a viagem toda?

— A tripulação nos disse que o serviço é irregular. — Hanna o lembrou. —

Além disso, por que você precisa tanto do seu celular agora? Você está secretamente mandando mensagens para uma garota Villa?

— De jeito nenhum — disse Mike, então se levantou. — Eu vou desfazer a mala. Podemos nos encontrar mais tarde no seu quarto? — Seus olhos saltaram alegremente.

— Sim, mas só se minha colega de quarto não for uma menina Villa — Hanna disse. — Eu te aviso.

Em seguida, ela se dirigiu para sua cabine, que era dois decks abaixo e através de um labirinto de corredores. Em seu caminho até lá, ela espiou Zelda Millings, uma garota legal de Doringbell Friends que estava sempre nas festas de Noel Kahn. — Ei, Zelda! — ela gritou.

Zelda olhou para Hanna, então franziu o nariz e fingiu falar em seu celular. Hanna olhou em volta, horrorizada de que alguém pudesse ter visto.

Quando ela colocou a chave na fechadura e abriu a porta, o quarto parecia diferente do que quando ela deixou. As luzes que Hanna tinha desligado estavam acesas novamente e a TV estava ligada.

— Olá? — Hanna chamou hesitantemente, olhando ao redor. Alguém tinha despejado sua mala em cima da segunda cama. Dois jeans skinnys amarelos e brilhantes estavam jogados no chão.

Um lenço de seda, várias camisetas — de tamanho extra-pequenas — e um par de alpercatas foram espalhados por todo o colchão. Os olhos de Hanna examinaram o resto do quarto. Não havia um uniforme xadrez de colegiais Católicas à vista. *Yeah.*

— Olá? — ela chamou de novo, mais feliz dessa vez.

Uma figura apareceu na porta da varanda. — Hanna?

Os olhos de Hanna se ajustaram. De pé diante dela, em uma nuvem do seu usual perfume Kate Spade Twirl, estava uma menina com membros longos e flexíveis, cabelo platinado e olhos azul-gelo. Era alguém que Hanna não estava nem um pouco preparada para ver.

— Oh — Hanna disse estupidamente. Não era uma menina Villa. Era Naomi Zeigler.

Ela se preparou, esperando um insulto sair da boca de Naomi — provavelmente sobre ela ser uma perseguidora. Ou talvez Naomi fosse gemer e sair do quarto, desapontada que tivesse ficado presa com Hanna, a maior idiota do

navio.

Mas os cantos dos lábios de Naomi subiram em um sorriso. — Oh, graças a Deus — ela deixou escapar, se encurvando de alívio. — Eu estava com tanto medo que eles fossem me colocar com alguém como Chassey Bledsoe!

Ela caminhou até Hanna e enganchou seu braço com o cotovelo dela, que estava duro com cautela. — Estou tão feliz por você estar aqui — Naomi falou entusiasmada. Ela apertou o braço de Hanna. — Eu preciso de alguém para se divertir comigo. O que você acha?

Hanna lambeu os lábios. Ela queria perguntar a Naomi onde estava sua melhor amiga, Riley Wolfe, mas agora que ela pensou sobre isso, ela não tinha visto Riley em nenhum lugar. Talvez ela não tivesse vindo.

Ela olhou para seu reflexo no espelho sobre a cômoda. Seu cabelo ruivo pendurado polidamente nas costas, as espinhas na testa pareciam de repente limpas, e seus braços pareciam tonificados e em boa forma, não inchados de comer por causa do estresse. Mesmo que Naomi estivesse provavelmente falando com Hanna porque suas outras amigas não estavam a bordo, fazia um longo tempo desde que uma garota popular tinha lhe pedido para sair. E com todos ainda rindo sobre o pequeno episódio de perseguição, a oferta parecia ainda mais tentadora. Com Naomi ao seu lado, ela se tornaria uma abelha-rainha novamente em pouco tempo. E não é o que ela sempre quis?

Eu sou Hanna Marin, e eu sou fabulosa, ela costumava dizer quando era amiga de Mona. E, ok, talvez ela não se sentisse tão fabulosa esses dias, mas com certeza ela ainda tinha um pouco de brilho sobrando.

Ela se virou para Naomi e apertou seu braço. — Vamos nos divertir.

5

POR FALAR NAS GAROTAS VILLA...

Às 22:00h daquela mesma noite, Emily estava no Convés Fiesta ao lado de Spencer, Aria, Hanna e ao Bem-Vindo ao Luau do Paraíso. Haviam colares perfumados pendurados nos ganchos do teto. Palmeiras brotavam de potes pintados. Luzes estroboscópicas rosas e amarelas brilhavam no teto. O lugar estava tão cheio que Emily teve os dedos dos pés pisados um zilhão de vezes. O ar tinha uma qualidade fatigante e úmida para isso, e em poucos segundos um flash estourou.

— É ótimo ver todos vocês, pessoas dançantes! — Jeremy gritou do palco enquanto o DJ lançava a música "I'm Sexy and I Know It". Um monte de garotas gritaram.

Emily assistiu-as enquanto elas abatiam sobre a pista de dança, mantendo os olhos abertos para uma garota alta com cabelo escuro e olhos assombrosos — Garota Fantasma, ela começou a chamá-la. Ela não tinha pensado em outra coisa desde sua interação na varanda. Tinha havido algo mágico entre elas, ou foi apenas sua imaginação? E por que ela tinha deixado a menina ir sem perguntar quem era ela?

Spencer, cujos olhos se mantiveram vagando por todo o público também, apontou para uma mesa do outro lado do salão. — Que tal um sorvete?

Ela estava olhando para um estande faça-seu-próprio-sundae em um canto. Ele estava um pouco menos movimentado do que as outras partes da festa, então Emily e as outras foram direto para ele.

Quando elas escolheram os seus copos e longas colheres de prata, Aria cutucou Emily, seu olhar em alguém do outro lado da sala. — Ei, aquela ali é a sua colega de quarto? — ela perguntou.

Emily olhou através dos corpos dançando. Uma menina alta com o cabelo tingido nas pontas de um loiro para castanho em um vestido preto apertado e botas pretas estava sendo paquerada em um estande. Seus olhos cor de chocolate estavam fortemente delineados e sombreados, e seus lábios eram de um vermelho vampiro,

lembrando Emily um pouco de Angelina Jolie. A cruz de prata do seu pescoço a fez parecer tanto intocável quanto irresistível. Algumas meninas loiras de aparência esnobe estavam sentadas com ela, e cerca de oito rapazes se reuniram em torno delas, paquerando.

Emily revirou os olhos. — *Sim*.

Hanna, que tinha acabado de colocar uma colher de tamanho modesto de baunilha em sua tigela, engasgou. — Sua companheira de quarto é Erin Bang?

Emily lançou lhe um olhar louco. — *O quê?*

— Erin Bang Bang. Mas só os caras a chamam assim, não as meninas. Ela é do Villa Louisa, aquela escola católica que é obcecada por sexo.

— Eu ouvi um boato sobre essa garota hoje — disse Spencer enquanto ela deliberava entre o chocolate ou o arco-íris granulado. — Foi ela quem terminou com Justin Bieber porque ele era muito chato, né?

— Noel me disse que ela ficou com o chef da pastelaria depois que o barco desembarcou — Aria falou. — Ele criou uma sobremesa em sua honra.

Hanna fez uma careta. — Ela não é *tão* legal.

Emily olhou para os rótulos dos potes de sorvete. Todos eles tinham nomes politicamente corretos como Livre Comércio de Baunilha, Chocolate Sensivelmente Colhido, Morango Orgânico e Rocky Road Livre de Crueldade (Sem Marshmallows). Então ela olhou para Erin novamente. — Esta tarde, ela entrou no nosso quarto por cerca de um minuto, deu uma olhada em mim e saiu de novo — disse ela rigidamente. — Eu acho que ela pensou que eu fui uma péssima escolha para uma companheira de quarto.

— Aw, Em. — Hanna colocou a mão em seu ombro. — Eu tenho certeza que não foi por causa de alguma coisa que você fez.

— Eu adoraria ser a sua companheira de quarto — Aria acrescentou. — Eu estou presa com esta menina de Tate que está obcecada com o show de talentos do final da viagem. Ela já está trabalhando em uma canção e sua voz é *horrível*.

Emily sorriu para todas elas de imediato, se sentindo melhor. Uma coisa boa tinha saído dessa bagunça de A: Ela se reuniu com suas amigas de verdade.

Elas aproximaram-se do estande de Erin Bang. Agora ela estava sentada no colo de um cara alto com cabelo loiro-surfista. — O que você diria de um momento *Titanic* mais tarde? — ela gritou para ele em voz alta, parecendo um pouco bêbada.

O cara surfista arregalou os olhos. — Que momento seria esse? "Eu sou o rei do mundo?" A parte em que Leo esboça Kate nua?

— O momento que você quiser — disse Erin Bang Bang, arrastando o dedo no rosto do garoto.

— Quer que nos encontremos no seu quarto em uma hora?

Emily se virou. Tanto para uma sessão de ligação de coração com coração esta noite. Por alguma razão, ela sentiu como se Erin a estivesse rejeitando, e não apenas sendo uma puta.

Spencer pegou um guardanapo da pilha. — Esqueça ela, Em — vamos nos divertir muito juntas. — Ela apontou para um cartaz de show de talentos na parede, que destacava silhuetas de crianças dançando à lá publicidade do iPod. — Por que não fazemos uma apresentação juntas?

Hanna revirou os olhos. — Por que todo mundo está tão interessado nesse show de talentos estúpido? Será que eles não saíram, tipo, da quarta série?

— Vamos lá. — Aria cutucou-a. — Nós todas poderíamos fazer a coreografia de uma dança.

— Que tal uma dança hula? — Emily sugeriu, tirando com a colher o creme de cima de seu sundae. — Nós poderíamos usar trajes de banho e fazer saias de grama.

— Perfeito — disse Spencer. Quando ela notou a cara azeda de Hanna, ela cutucou lhe o braço.

— Você vai fazer isso com a gente, quer você goste ou não.

— Tudo bem — Hanna disse, revirando os olhos.

Com os Sundaes na mão, elas caminharam entre a multidão em direção a um estande que tinha acabado de abrir. Emily caiu no assento e olhou em torno do grande salão mais uma vez.

Havia crianças penduradas nos corrimões e amontoadas contra o bar. Quando ela viu um flash de um vestido branco, seu coração acelerou um pouco. *Garota fantasma?*

Mas, então, a menina saiu da multidão. Ela tinha um pequeno rabo de cavalo loiro e um nariz grande. Os ombros de Emily caíram em decepção.

Uma nova canção começou a tocar, e a voz de Jeremy cresceu através dos alto-falantes. — Esta vai ser a última canção da noite. Espero que todos tenham se divertido, mas temos que ter o nosso sono de beleza!

Spencer bufou em sua mão. — *Sono de beleza*? Esse cara é tão estranho.

— Alguém acha que ele é uma espécie de pervertido? — Hanna sussurrou. — Eu juro que senti alguém me olhando o dia todo. E quando eu me virava, ele sempre estava lá.

— Você tem certeza que não era A? — Aria perguntou.

— A não está no navio — Emily insistiu. — Você não viu toda a segurança na verificação de Identidades na porta?

Aria levantou uma sobrancelha. — Quem disse que A não tem uma Identidade? Estou com Hanna. Desde que eu embarquei no cruzeiro, eu me sinto... estranha. Como se alguém estivesse me observando, mas depois foge para longe antes que eu possa ver quem é.

— Mas... — Emily parou. Ela não queria nem considerar a ideia de A estar no barco.

Ela olhou ao redor. Uma sombra deslizou por trás de uma grande planta de um vaso, mas quando Emily se virou para ver quem era, não havia ninguém lá. James Freed estava dando em cima de algumas meninas de Pritchard. Phi Templeton estava carregando um prato grande de sorvete para seu assento.

Quando Beyoncé começou um novo verso, Jeremy limpou a garganta. — Uma outra coisa, pessoal. Não queria acabar com a alegria de vocês, mas alguns itens desapareceram dos quartos das pessoas. Por favor, saibam que nós não toleramos este comportamento. Respeitem a terra, respeitem as coisas das pessoas, ok?

Zora-Jean Jaffrey, uma menina estudiosa de Rosewood Day a quem todos chamavam Z-J, bateu a colher contra o seu copo de sundae na mesa ao lado. — Esse ladrão levou minha bolsa de maquiagem! — ela disse a seu grupo de amigos. — Minha mãe acolchoou-a para mim e tudo!

Quando a música acabou, as luzes se acenderam. Crianças começaram a ir em direção à saída.

Spencer se inclinou para frente. — Então, qual é o nosso plano de jogo, gente? O que devemos fazer em relação a A?

— Devemos tentar juntar todas as pistas para descobrir quem A poderia ser — Emily disse, encolhendo os ombros. — É alguém que sabe tudo, que estava na Jamaica *e* em Rosewood. Eu sinto que a resposta está bem na nossa frente, e nós simplesmente não a vemos.

— Cuidado com o que você diz — Aria disse cautelosamente. — A *pode* estar

justo na nossa frente, literalmente. Se alguém vê algo estranho, envie um texto, ok?

— E talvez nós devêssemos apenas nos divertir um pouco, também. — Spencer limpou a boca com um guardanapo. — Nós não tivemos a chance de respirar desde que o corpo de Tabitha foi encontrado. Esta poderia ser uma boa oportunidade.

— Essa não é uma má ideia — Aria murmurou. — Eu só espero que eu *consiga* relaxar.

Então Hanna murmurou algo sobre sair com Naomi Zeigler, sua companheira de quarto.

Quando Emily estava jogando o guardanapo no lixo, Aria tocou em seu braço. — Você vai ficar bem sozinha?

Emily encolheu os ombros. — Eu vou ficar bem. — *Solitária*, ela pensou, *mas bem*.

— Se você precisar conversar esta noite, me ligue. Promete?

— Eu prometo. — Emily a abraçou. — O mesmo para você, ok?

— O mesmo para todas nós — disse Spencer.

Elas se separaram. Emily embarcou em um elevador cheio para o Convés Luz do Sol. Quando o elevador parou no seu andar, ela desceu e caminhou pelo corredor, olhando para as placas indicadoras que o navio tinha afixado nas portas de todos. A maioria delas tinha desenhos obscenos ou mensagens rabiscadas fazendo planos para quando e onde se encontrar. Quando ela chegou em sua porta, porém, havia um monte de corações no quadro e *onze* notas para Erin, todas assinadas com os nomes dos caras. Um cara vestindo uma polo Lacoste com um cabelo loiro-castanho comprido e um nariz adunco estava escrevendo uma nota quando ela se aproximou. Ele deu um passo para trás e viu Emily retirar seu cartão de acesso, depois deu de ombros.

— *Você* quer fazer alguma coisa hoje à noite? — ele perguntou depois de um momento.

— Eca, *não* — disse Emily, passando por ele e batendo a porta.

Seu quarto tinha um tema náutico, com colchas de listas azul marinho e brancas, um monte de acabamento em madeira, e luminárias e puxadores de gaveta no formato de âncoras, peixes-agulha e arraias. A luz do banheiro estava ligada, o temporizador tiquetaqueando ao longe, e havia uma toalha azul-céu no chão que Emily não se lembrava de ter colocado lá. Um tipo de perfume que Emily nunca

tinha cheirado antes pairava no ar e havia uma camiseta jogada na cama de Erin. Mas Erin não estava à vista.

Ela caiu para trás no colchão, fechou os olhos e sentiu a sensação quase imperceptível do barco cruzando o mar. Ela ouviu um farfalhar leve, mas achou que provavelmente era a água batendo contra a lateral do navio. Mas como isso era possível? Este quarto estava a oito andares do nível do solo, em nenhum lugar perto da água.

Houve mais farfalhares. Emily olhou em volta. O quarto pareceu estranhamente quieto de repente, como se todo o som e ar tivessem sido sugados por um canudo. O som vinha do pequeno armário no canto do lado do quarto de Erin.

Bump.

Ela passou as pernas para fora da cama e olhou para a pequena porta. Algo estava raspando contra as paredes desesperadamente, como se estivesse arranhando para sair. De repente, o temporizador do banheiro tiniu, e a única luz do quarto desligou, afogando o quarto na escuridão.

Estava tão escuro, de fato, que Emily não conseguia ver um palmo na frente do seu rosto. Um pensamento horrível tomou forma em sua mente. E se as outras estivessem certas? E se a Verdadeira Ali estivesse no barco?

Houve outra colisão, e depois um arranhão. Parecia que alguém estava lá dentro, tentando se libertar. Emily gritou e correu para a parede oposta, abaixando-se atrás de uma das cortinas compridas. E então, ela sentiu o cheiro: um leve sopro de baunilha, flutuando para fora de todo o quarto. Era o sabonete que ambas as Alis, a Verdadeira e a Delas, sempre tinha usado.

Os dedos de Emily tremeram quando ela pegou o celular dela, pronta para ligar para Aria, mas depois o telefone escorregou de seus dedos, batendo no chão e caindo debaixo da cama. Em seguida, houve um alto e longo barulho de rangido. Ela olhou para o armário através de uma abertura nas cortinas e pôde apenas ver a porta na escuridão. A pequena maçaneta da porta em forma de estrela do mar começou a girar, e a porta começou a se abrir, revelando quem estava lá dentro.

Ela gritou, saindo das cortinas e mergulhando para a porta que dava para o corredor, mas o seu pé ficou preso em uma das botas descartadas de Erin e ela saiu voando sobre o tapete. Ela ficou com as mãos e os joelhos no chão, em seguida, olhou para trás e gritou. A porta do armário estava aberta agora, e uma figura com a mesma altura e o peso de Ali estava olhando para ela.

— Fique longe! — ela gritou, rastejando em direção à porta. — Eu vou chamar a segurança!

— Por favor, não! — a figura chorou.

— Saia do meu quarto agora! — Emily gritou. — Saia *já*!

— Eu *não posso*!

Emily parou com a mão na maçaneta. Foi um grito lamentoso e desesperado, não uma ameaça.

A voz não soava como a de Ali, tampouco.

— P-por quê? — ela gaguejou.

— Porque eu sou uma clandestina! — a figura disse. — Eu não tenho mais para onde ir!

Emily notou uma pequena bolsa de maquiagem acolchoada no chão do armário, iluminada por uma fina tira do luar. Costurado no lado estava o nome *Zora-Jean*.

— Meu nome é Jordan Richards — disse a menina. — Eu entrei no barco porque eu não tinha dinheiro. Eu não achei que realmente fosse dar certo, mas agora que eu estou aqui, eu não tenho um quarto, e...

Em seguida, ela entrou no luar. Ela tinha grandes olhos verdes, lábios carnudos e cabelos espessos e escuros retidos por uma faixa de veludo. Ela usava um vestido branco com ilhós e sapatilhas com tiras de gorgorão.

Emily ofegou. — Você?

— Eu — respondeu a menina, e depois levemente sorriu. A Garota Fantasma.

Emily sentou em sua cama, tentando se concentrar. — Você entrou sorrateiramente no barco?

— ela repetiu.

A Garota Fantasma — Jordan — assentiu. — Esta manhã. Eu queria vir para o cruzeiro, mas meus pais não tinham o dinheiro. — Ela fez uma careta. — Na verdade, eles não queriam *gastar* o dinheiro. Não somos exatamente próximos.

— Tudo bem — disse Emily lentamente. — Como você chegou aqui?

Jordan se inclinou contra a parede ao lado do armário. — Houve tanta confusão quando todos foram fazer o check-in que eu pensei, *E se eu apenas caminhar por aí? E se alguém notar?* Então eu fiz. Mas, então, o navio afastou-se do cais, e eu

entrei em pânico. Eu não estava com o meu passaporte. Eu não tinha nada. E eu nem tinha um quarto para dormir. Eu estava ferrada.

— Você não sabia que outras pessoas a bordo do navio poderiam ajudá-la?

Jordan sacudiu a cabeça. — Acabei de me mudar para a área da Filadélfia há algumas semanas, então eu realmente não conheço ninguém ainda.

— Qual a escola que você vai? — Emily perguntou.

— Ulster — disse Jordan, olhando distraidamente para fora da pequena escotilha circular.

Um estalo se formou no cérebro de Emily quando ela olhou para a bolsa de Z-J novamente. — É você a pessoa que anda roubando as coisas dos quartos das pessoas, certo?

Jordan parecia envergonhada. — Um monte de pessoas deixaram suas portas abertas ao se mudarem — ela disse. — Foi fácil entrar e sair dos quartos. Foi assim que eu entrei no seu quarto, também. Eu acampei aqui por algumas horas e tirei uma soneca. — Ela agarrou a bolsa de Z-J e um par de outras mochilas de dentro do armário. — De qualquer forma, eu vou deixar você descansar um pouco agora. Desculpa eu ter te apavorado.

— Espera! — Emily pegou o braço dela antes que ela pudesse ir. — Q-quer ficar aqui?

Jordan congelou, a meio caminho em pé. — Durante toda a noite?

— Durante... talvez mais do que à noite — Emily desabafou. — Tenho a sensação de que a minha companheira de quarto não vai dormir aqui muito. Há uma cama reserva.

Jordan apertou os olhos. — Por que você faria isso?

Emily traçou o dedo sobre os fios do edredom. Ela tinha surpreendido a ela mesma por perguntar, mas talvez não fosse uma má ideia. Ela sentia pena de Jordan, definitivamente, mas ela também estava solitária por estar no quarto sozinha. Além disso, Emily achava quase impossível tirar os olhos das maçãs do rosto salientes de Jordan, de seus lábios beijáveis — de uma forma platônica, é claro.

Suas faces coraram, e de repente ela estava com medo de que Jordan pudesse ler seus pensamentos. — Não podemos deixar você dormir em uma espreguiçadeira da piscina. — Ela deu um tapinha na cama ao lado dela. — É sua, se você quiser.

Jordan assentiu lentamente. — Eu *adoraria* isso, se estiver tudo bem pra você.

— Está tudo bem pra mim — disse Emily, e depois, porque ela achava que soava amiga-amiga, acrescentou —, colega de quarto.

Jordan segurou seu olhar. — Colega de quarto — ela repetiu, como se fossem palavras antiquadas que ela nunca tinha ouvido antes. Então, ela levantou-se, caminhou em direção a Emily, e deu-lhe um grande abraço. — Muito obrigada. Isso é maravilhoso.

Emily ficou tão dura quanto podia, embora ela quisesse enterrar o rosto no pescoço de Jordan e inalar o doce aroma da sua pele. — Você é muito bem-vinda — disse ela de volta.

Mas, realmente, Jordan deveria estar muito agradecida.

6

ÚLTIMA CHANDE PARA SPENCER

Na manhã seguinte, Spencer e sua colega de quarto, Kirsten Cullen, saíram do quarto delas e se dirigiram para os elevadores. O ar cheirava a shampoos duradouros das pessoas dos banheiros; bacon, ovos e café do restaurante; e protetor solar. O céu azul-turquesa e o azul-marinho do mar eram impressionantes fora das janelas enormes do final do corredor, e as paredes do corredor estavam forradas de panfletos lembrando a todos para se inscreverem para o show de talentos do final do cruzeiro. Spencer fez uma nota mental para inscrever suas coreografias de hulas mais tarde naquele dia.

Kirsten esticou os braços sobre a cabeça e soltou um gemido baixo. — Estou com tanta inveja de você por não ter enjoado noite passada. Estou exausta. Eu nem sei se vou poder mergulhar hoje!

Spencer a cutucou alegremente. — Nós estamos no mar. Onde você acha que nós vamos mergulhar? — As duas haviam se inscrito nas aulas de mergulho, que contavam como créditos de classe, elas iriam para a primeira aula que era em um dos centros de ginástica. Spencer estava muito feliz por ter sido sorteada para parear com Kirsten, especialmente depois de ouvir sobre as colegas das suas amigas. Por serem amigas de hóquei de campo por anos, ela e Kirsten já haviam sido colegas de quarto ao viajar para competir fora do estado.

— Vai ser apenas se-conheçam-melhor, todos-experimentem-o-equipamento, aqui-são-algumas-dicas-de-segurança, esse tipo de coisa — acrescentou Spencer com ar de entendedora. — Eu já passei por muitas aulas dessas antes. — Spencer tinha conseguido seu certificado de mergulho aos 14, ela provavelmente poderia escrever um livro sobre segurança de mergulho.

Após sair no andar superior, elas passaram por um dos restaurantes, o qual transbordava com caras carregando seus pratos na fila do bufê, meninas sussurrando nas mesas e os adolescentes flertando e fofocando perto do bar de café expresso. Então Spencer avistou as costas de alguém, em pé na frente do aquário gigante, e reprimiu um grito nervoso.

— Reefer — ela chamou, sua voz um pouco embargada.

Reefer se virou. Todo o seu rosto se iluminou quando ele a viu. Essa era a primeira vez que eles tinham se visto no barco. Eles tentaram se encontrar ontem, mas, como Kirsten, Reefer tinha passado a noite em seu quarto, enjoado. — Posso te levar até o mergulho? — Reefer perguntou, um pouco timidamente.

— Claro — disse Spencer, tentando moderar seu sorriso. Ela olhou para Kirsten para ver se estava tudo bem por ela, mas Kirsten já tinha educadamente se afastado.

— Ah, surpresa. — Reefer tirou um smoothie de trás das costas. — É pra você. É de banana e mamão.

— O meu favorito — Spencer suspirou, emocionada por ele ter se lembrado. Ela mencionou gostar desses sabores juntos apenas uma vez no celular.

Suas mãos se tocaram quando ela pegou dele. Calafrios se movimentaram pela espinha de Spencer. Ela espiou o rosto de Reefer, olhando sua mandíbula esculpida e seus olhos cor de âmbar.

Essa era a primeira vez que ela o via desde Princeton — desde que ela percebeu que gostava dele.

Como ela poderia não ter se lembrado dos seus ombros fortes ou como seus lábios eram rosas e beijáveis? Por que ela não tinha notado as sardas bonitas em seu rosto? Até mesmo seus dreadlocks, tênis esfarrapado de cânhamo e camisa grande tingida de repente eram cativantes.

Ela empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha, sentindo as costas do pescoço enrubescer. — Hum, como você está se sentindo? — Ela perguntou de repente, necessitando preencher o silêncio. — Você deve ter ficado chateado por perder a Festa de Boas-Vindas. — Ela quase foi tentada a bater na porta da cabine dele com uma taça de Ginger Ale e alguns [1], mas ela teve medo de que pudesse estar indo rápido demais.

— Eh, está tudo bem — disse Reefer, começando a descer o corredor em direção a classe de mergulho. — Eu assisti filmes no pay-per-view. Você ficou enjoada? Essas ondas estavam muito intensas.

Spencer balançou a cabeça. — Eu nunca fico enjoada. Estou acostumada a barcos.

— Sortuda. — Reefer suspirou. — Você já mergulha há muito tempo?

Spencer assentiu. — Eu tenho um certificado há alguns anos. Eu estou

torcendo para ir em alguns mergulhos privados sem o resto do grupo. Eu realmente não gosto de mergulhar com um monte de gente.

Reefer segurou aberta a porta da escada para ela. — Você se importaria de ter alguma companhia? Quero dizer, eu só consegui o certificado no ano passado, mas eu sou um aprendiz rápido, eu juro. E eu aposto que você é uma guia turística muito boa.

Spencer colocou um dedo sobre a boca, timidamente fingindo pensar na oferta. — Mas e se eu quiser que esses mergulhos sejam privados? O que eu ganho em troca se te legar comigo?

Reefer parou na escada, com os olhos brilhando alegremente. — Que tal minha mais querida camiseta da banda Grateful Dead do concerto de 1977?

Spencer deu-lhe um olhar cético. — A camiseta que você comprou no eBay e que ainda tem cheiro de maconha mesmo depois de você lavar várias vezes? Não, obrigada.

— Ela não cheira a maconha! — Reefer insistiu. — Ela é cheirosa. Eu uso para a escola o tempo todo e ninguém reclama, eu juro.

Spencer secretamente se sentiu emocionada com a ideia de usar uma camiseta que Reefer também tinha usado. Parecia com... coisas de namorados.

Eles tinham chegado na porta do Ginásio Seahorse, o local da primeira aula de mergulho, a essa altura. Máquinas elípticas, máquinas de step e esteiras estavam alinhadas na parede da janela, e cerca de 30 cadeiras dobráveis estavam perto dos tapetes. Kirsten estava na fileira da frente, lixando as unhas. Vários adolescentes haviam pegado cafés e bagels de uma bandeja na parte dos fundos. Tim, o instrutor que Spencer tinha conhecido na Feira de Atividades do dia anterior, estava na frente de duas caixas de papelão, vasculhando através de tanques de oxigênio e roupas de mergulho.

Spencer se virou para Reefer novamente, sentindo um formigamento. Reefer também estava sorrindo para ela.

Então, ela subitamente teve uma ideia maravilhosa. Ela tocou o braço de Reefer. — Vamos cabular.

Reefer arregalou os olhos. — A aula?

— Nós dois já sabemos mergulhar. Por que não?

Reefer colocou a mão sobre a boca, fingindo estar chocado. — Você não é a garota com Comparecimento Perfeito todo ano?

Spencer deu de ombros. — Eu estou de férias. — Ela até podia imaginar: agarrando a mão de Reefer e puxando-o para uma das salas menores, que provavelmente estava vazia agora de manhã e sentando em um sofá. Eles fofocariam sobre as pessoas do barco, planos de passeios para depois dos mergulhos, e depois as cabeças deles iriam se aproximar, e então...

— *Raif?*

O som veio de alguém dentro da sala de aula. Reefer se virou. Suas sobrancelhas se ergueram e ele deu um passo para a porta.

— É você! — Uma menina gritou. — Oh meu Deus!

— Uau! — Reefer disse. E então ele a estava abraçando. *Realmente* abraçando. Spencer estava na porta, se sentindo como um brinquedo esquecido sendo atirado por uma criança para fora da janela de um carro.

Ela limpou a garganta um pouco mais alto do que pretendia, e Reefer se virou, seus dreadlocks saltando. — Oh, Spencer. Desculpe. Essa é...

— Naomi — Spencer falou abruptamente, olhando para a menina que tinha aparecido em sua visão. Ela deu um olhar arrogante e ameaçador para Spencer.

— Oi, Spencer — Naomi gorjeou. — Você também vai assistir aulas de mergulho?

— Uh, é — Spencer murmurou, olhando para os dedos de Naomi, que estavam enganchados nos de Reefer. Ela olhou para a porta, considerando cabular sem ele.

Mas, de repente, isso não pareceu ser uma ideia muito divertida.

7

UM PARCEIRO NO CRIME

Naquela manhã, Aria e cerca de trinta outras crianças estavam na sombra do tobogã gigante rosa no convés superior do navio de cruzeiro, aguardando ansiosamente o início da Caça ao Tesouro Eco. O ar cheirava à madeira do chão limpo, à desodorante picante e ao combustível do barco que o capitão tinha insistido que era totalmente eco amigável, o que Aria tinha suas dúvidas.

Todo mundo abanava seus rostos, aplicando protetor solar de altos fatores para evitar a punição do sol do Caribe, e conversavam animadamente sobre o que a atividade iria acarretar.

Finalmente, a líder da atividade desligou seu celular e virou-se para o grupo. — Bem-Vindos — ela gritou, seu rosto sardento rompendo-se em um sorriso. — Meu nome é Gretchen Vine, e vocês irão se divertir muito. Pensem nessa caça como o *The Amazing Race* — nós lhes daremos pistas e dinheiro para chegar ao seu destino e o primeiro grupo a descobrir todos os enigmas ganha.

— Ganha o quê? — uma garota morena cujas alças do biquíni apareciam debaixo da sua camiseta perguntou.

Gretchen sorriu e revelou dois cupons brancos de presentes da Loja da Apple, e todos disseram *oohs*. — Eles valem mil dólares cada um.

Em seguida, Gretchen passou pequenas sacolas vermelhas que diziam CAÇA AO TESOURO ECO na frente. — Levem suas pistas aqui — ela instruiu. — Vocês precisam me mostrar o que vocês encontraram no final de cada dia.

— Nós vamos ter que acampar? Fazer caminhadas extremas? Interpretações? — um menino perguntou.

Gretchen franziu a testa, brincando com seu colar. — Bem, nós precisamos que vocês voltem ao navio todas as noites, caso contrário, teríamos que enviar uma equipe de busca. As caminhadas serão ao longo de um lote de um terreno, mas eu não as chamaria de extremas. E eu não tenho certeza do que você quer dizer com Interpretações, talvez você possa elaborar?

A pessoa que falou, um cara com cabelo castanho comprido e sobrancelhas

grossas, acenou com a mão com desdém. — Esqueça.

Gretchen disse que eles teriam que vasculhar cabeças de praias, caminhar sobre dunas, caminhar através de florestas tropicais, e navegar por ruas movimentadas da cidade para extrair informações que os levaria, em última instância, para o prêmio. Aria trocou olhares excitados com as crianças próximas a ela. Havia muitos poucos casais de mãos dadas no grupo, e ela sentiu uma pontada de saudade. Talvez Noel tivesse escolhido a caçada se soubesse qual era o prêmio.

— Ok, a primeira coisa que eu preciso que vocês façam é que se dividam em duplas — disse Gretchen depois de listar as coisas.

Os casais se emparelharam. Outras crianças se viraram para as pessoas que eles conheciam.

Aria virou-se, mas todos de Rosewood Day já tinham encontrado parceiros. Até mesmo a colega de quarto dela, uma menina doce e tranquila chamada Sasha que também tinha se inscrito na caçada, tinha emparelhado com outra garota de aparência estudiosa da sua escola. Enquanto mais e mais pessoas se agrupavam, ela sentiu uma pontada de constrangimento. Anos atrás, quando as crianças em Rosewood Day se juntavam durante os intervalos, formavam parcerias na aula de arte, ou escolhiam os grupos para um projeto de Inglês, e a Aria estúpida e sem amigos era muitas vezes a última a ser escolhida. *Será que é porque eu tenho uma mecha rosa no meu cabelo?* ela se perguntava. *Ou é por causa de alguma qualidade inata de uma perdedora que eu nem sei que eu tenho?*

— Aqueles que não têm um parceiro, levantem as mãos — Gretchen anunciou.

Aria timidamente levantou a palma da mão uns poucos centímetros. Várias outras crianças levantaram, também.

Gretchen combinou aqueles que não tinham parceiros com outra pessoa. Quando ela chegou a Aria, ela apontou-a para o cara que tinha acabado de questionar sobre acampar e Interpretações. — Tudo bem vocês dois trabalharem juntos?

O menino olhou para Aria e encolheu os ombros. — Tudo bem. — Ele estendeu a mão para Aria. — Eu sou Graham Pratt.

— Aria Montgomery. — Ela sorriu para ele. Ele tinha belos olhos castanhos e usava sapatos Toms cinza, shorts surrados do Exército e uma camiseta desbotada com o que parecia ser um escudo na frente e um pequeno buraco no ombro.

— Eu te conheço de algum lugar? — ela perguntou. Ele parecia familiar, mas

ela não sabia de onde. — Você vai a uma escola na Main Line?

As sobrancelhas de Graham se franziram. — Não, eu vou para uma escola na Filadélfia. — Então ele se iluminou. — Espera. Você está na SAC?

— O que é isso?

— Sociedade para o Anacronismo Criativo! — Graham sorriu.

Aria escondeu um sorriso. Seu primo Stewart estava na SAC, e ele falava sobre isso sem parar.

Era como um ano inteiro de Feira da Renascença, onde as pessoas encenavam peças em uma sociedade medieval. Ele conheceu a sua esposa, na verdade — ela tinha sido uma moça da cozinha, e ele interpretava o cara que colecionava vítimas mortas da peste em um carrinho de madeira.

— Uh, não — respondeu Aria depois de um momento. Mas então, em uma tentativa de diplomacia, ela acrescentou —, mas isso sempre me pareceu muito legal.

— Você devia se juntar! — Graham parecia animado. — Há uma reunião em Camden no próximo mês.

— Eu vou pensar sobre isso — disse Aria. — Mas eu ainda acho que te conheço de algum lugar. Você passou algum tempo no exterior? Eu morei na Islândia por alguns anos, mas viajei para a França, Alemanha, Áustria, Holanda...

Graham sacudiu a cabeça. — A última vez que eu fui para a Europa eu estava com meus pais quando eu tinha seis anos. No verão passado eu viajei para o Chile, no entanto.

— Isso deve ter sido incrível!

— Foi. — Graham parecia melancólico. — Fui para uma conferência da SAC — nós ungimos um novo rei. — Então, ele olhou para ela com curiosidade. — Como era a Islândia?

— Mágica — Aria disse suavemente, mas quando ela abriu a boca para falar poeticamente sobre a Islândia, tudo em que ela podia pensar era em sua última viagem ao país, a que ela tinha feito com Noel, Mike e Hanna — a que ela nunca mais queria pensar novamente.

Ela fixou seu olhar do outro lado do barco. Várias crianças estavam nadando na piscina. Emily, que tinha se voluntariado para ser uma salva-vidas, estava sentada no posto, girando um apito em torno do seu dedo. Aria considerou acenar, mas parecia

que os pensamentos de Emily estavam a um milhão de quilômetros de distância.

Ela voltou-se para Graham. — Então, eu estou realmente animada com a caçada — ela disse, decidindo mudar de assunto.

— Eu também — disse Graham. — Um amigo meu ia fazer isso comigo, mas ele mudou de ideia no último minuto.

— Sim, eu tentei fazer o meu namorado entrar nisso, mas ele queria surfar em vez disso — Aria disse. — É legal, no entanto. Ele parecia muito animado.

Graham concordou. — Eu não tenho certeza se minha namorada iria querer fazer isso, tampouco. Ela é mais do tipo de se bronzear.

— Ela está no cruzeiro?

Graham coçou o nariz, parecendo desconfortável. — Não. E, uh, bem, nós não estamos mais juntos, na verdade, então... — ele parou e se sentou em um dos bancos que ladeavam a piscina. — Então você é da Main Line, hein? Isso faz de você uma esnobe?

— Longe disso! — Aria zombou. — Na maioria das vezes, eu me sinto realmente fora de lugar ali. Como se lá não fosse realmente onde eu deveria estar.

— Eu costumava me sentir assim na minha antiga cidade — era um subúrbio muito abafado, também — disse Graham. — Fiquei entusiasmado quando a minha família se mudou para a Filadélfia no ano passado.

— Onde é que você morava antes disso? — Aria perguntou.

— Maplewood, Nova Jersey — disse Graham.

— *Maplewood?* — Aria deixou escapar. De acordo com o site do Memorial Tabitha Clark, Tabitha tinha ido para uma escola em Maplewood.

Graham deu um suspiro resignado. — Deixe-me adivinhar — você está acompanhando o caso Tabitha Clark.

O estômago de Aria parecia que tinha sido preenchido com um efervescente quente e explosivo. — Você a conhecia?

Graham olhou para a meia distância, seus olhos azuis lamacentos. E então, antes de dizer outra palavra, Aria sabia por que ele parecia tão familiar. Ela lembrou-se de um vídeo que ela tinha visto no site de Tabitha Clark de um menino bonito dançando com Tabitha no baile de formatura. Ela tinha visto o nome dele ao lado das mensagens sobre uma festa de pizza de arrecadação de fundos em honra de Tabitha. Ela ainda lembrou-se da sua voz na CNN, falando sobre a última

vez que ele viu Tabitha, poucos meses antes dela morrer.

Tudo isso passou pela sua cabeça em questão de segundos. E então Graham levantou os olhos marejados para Aria, proferindo exatamente o que ela temia. — É. Tabitha era minha namorada.

8

LICENÇA PARA MATAR

Mais tarde naquela noite, Hanna pegou a mão de Mike quando eles saíram do elevador no Convés Palm Tree. — 9-7 é por aqui — ele murmurou, em seguida, viraram à direita e começaram a andar por um longo corredor. Hanna o seguiu, atirando um olhar arrogante para Phi Templeton, que havia parado ansiosamente na porta da cabine. Hanna e Mike estavam a caminho de uma festa exclusiva e super secreta na suíte de Mason Byers, mas nem todo mundo havia sido convidado.

Eles passaram por um longo espelho, e Hanna olhou para seu reflexo. Ela estava definitivamente pronta para uma festa. Sua pele brilhava com um bronzeado novo; o vestido de verão leve laranja-queimado que ela tinha comprado no King James flutuava suavemente nos seus quadris e as sandálias gladiadores que ela tinha comprado pouco antes da viagem faziam as pernas dela parecerem tão longas que ela não se importava que apertasse um pouco seus pés.

Mike parou na última porta do final do corredor. — Aqui estamos nós.

Eles ouviram por um momento. Um baixo tocava no lado de dentro. Uma menina gritou, e um bando de caras riu. O cheiro de bebida e cigarros flutuava sob a porta.

Hanna mordeu o lábio. — E se a companhia do cruzeiro nos ouvir? Eu não quero me meter em apuros.

As sobrancelhas grossas de Mike se juntaram. — Desde quando você se importa em se meter em apuros?

Hanna enrolou uma mecha de cabelo castanho perfeitamente encaracolado em torno do dedo.

— Eu não quero ter que abrir mão de qualquer bronzeamento para ficar sentada na detenção do navio de cruzeiro. Já é ruim o suficiente eu ter que trabalhar no calabouço. — Ela não se preocupou em se inscrever para um trabalho voluntário antes do cruzeiro, por isso ela foi destinada aleatoriamente a uma posição no escritório de administração do navio. O escritório ficava nas entranhas do navio, dirigido por uma mulher chamada Vera, que usava um milhão de

pequenas presilhas no cabelo e era obcecada por música country. Hanna supostamente teve que fazer entradas de dados chatas sobre a capacidade do navio a manhã inteira — Vera tentou fazer isso parecer tão interessante que esse navio em particular poderia conter quase uma centena de convidados a mais do que estava a bordo. Na maior parte do tempo, ela só pesquisou como poderia fazer uma saia de grama parecer sexy para o show de talentos do fim da viagem.

— Não se preocupe — disse Mike. — Mason pagou a companhia desse corredor para manter em segredo. Está tudo bem.

Em seguida, ele bateu na porta. Abriram uma fresta da porta. — Senha? — Disse uma voz rouca. — Pé-de-pato — Mike murmurou.

A porta se abriu, e eles entraram em uma suíte repleta de corpos. A porta do pátio estava aberta, deixando entrar o ar quente e perfumado, e um monte de gente estava inclinado no corrimão ou sentado nas cadeiras. No balcão da cozinha havia um bando de garrafas pequenas de licor, uma jarra de rum meio consumida, copos de plástico, pretzels, amendoins, e M&M'S no minibar. Rihanna retumbava de um encaixe para iPod, e algumas pessoas estavam dançando em uma das camas. O quarto cheirava densamente a perfume, suor e tapetes naturais limpos.

— Bem-vindos à nossa festa. — Mason se aproximou e ofereceu a Hanna e Mike copos cheios de rum e Coca-Cola Diet. Ele estava usando o blazer da Rosewood Day, uma gravata listrada frouxamente atada ao redor do pescoço e short de algodão listrado que suspeitosamente parecia boxers.

Hanna aceitou a bebida, em seguida, começou a observar a multidão. Um monte de garotos de Rosewood Day estava aqui, assim como pessoas de Doringbell Friends, Pritchard e Tate. Duas loiras atrativas de Villa Louisa estavam bebendo com James Freed e com alguns outros garotos da equipe de lacrosse. Talvez fosse o ar quente e úmido, ou talvez fosse o cheiro do protetor solar de coco que todos estavam usando, mas de repente Hanna se lembrou dos momentos em que eles estavam na Jamaica, especialmente do jantar agitado da noite que elas viram Tabitha. Todas elas estavam sentadas na mesa, bebendo e se divertindo, quando Emily agarrou o braço delas. — É Ali — ela disse, e lá estava Tabitha, no degrau de cima, parecendo estranha e familiar em seu vestido amarelo...

Jesus. Por que ela estava pensando nisso de novo? Ela agarrou o braço de Mike. — Vamos dançar.

— Sim, sim, capitã — disse Mike.

Eles chegaram até a pista de dança e começaram a se mover com uma música

de Wiz Khalifa.

Hanna balançou os braços e pernas como um monge mulçumano, tentando limpar os pensamentos negativos de sua mente. Uma música de Lil Wayne veio em seguida, e depois uma mistura com o mais recente álbum de Madonna. No momento em que alguém colocou Nirvana vintage, ela estava um pouco sem fôlego de dançar e muito mais relaxada.

— Eu vou pegar mais bebidas — disse Mike. Hanna acenou bêbada e saiu para a varanda, onde os adolescentes estavam olhando para a lua. Uma mão tocou o ombro nu de Hanna, e ela se virou, pensando que Mike tinha voltado. Ao invés disso, era Naomi. Hanna instantaneamente inalou um aroma inebriante do seu perfume frutado Kate Spade.

Hanna se iluminou. — E aí?

— Ei, garota — Naomi gorjeou. — É bom ver você aqui.

Hanna sorriu, mas não respondeu, não querendo parecer ansiosa demais. Ela ainda estava perplexa por Naomi estar sendo gentil. Elas foram juntas para o sarau de boas-vindas e tomaram café da manhã, que tinha instantaneamente elevado sua credibilidade de garota-legal — algumas garotas tinham dado um oi nos corredores depois disso. Naomi até tinha perguntado se Hanna queria se bronzear essa tarde, mas Hanna teve sua aula de fabricar joias. Hanna continuava esperando que Naomi aprontasse alguma com ela, largasse ela ou risse na cara dela, mas até agora, estava tudo bem. Naomi tinha finalmente acordado e percebido que Hanna era legal.

— Eu não sei como você dança com essas sandálias. — Naomi apontou para seus saltos altos de tiras de gladiadores nos pés de Hanna. — Elas são incríveis. Elas são da Salt and Pepper?

Hanna se encolheu. Na verdade, as sandálias eram da Salt and Pepper, mas a loja era ligeiramente inferior às lojas do Shopping King James — definitivamente desagradável. A única razão para Hanna ter comprado era porque suas imitações eram tão boas que muitas vezes não dava para perceber a diferença.

— Hum, minha mãe comprou para mim — ela murmurou. — Eu não sei onde ela comprou.

— Qual é, Han — Naomi disse em uma voz de sabe tudo. — Eu vi na vitrine. — Então ela se aproximou com um olhar cúmplice nos olhos. — Eu quase comprei para mim, na verdade. Adorar fazer compras é o meu segredinho. É uma ótima loja, mas todo mundo iria rir de mim se soubessem.

Olha, estou usando Salt and Pepper, também.

Ela levantou o pé para mostrar um salto gatinha rosa que Hanna, de fato, reconhecia das prateleiras da loja. — É uma ótima loja.

— Você está brincando? É a melhor! — Os olhos de Naomi brilharam. — Nós não podemos contar a ninguém sobre isso, vai ser o nosso segredinho. Caso contrário, todo mundo vai e não vai sobrar nada bom.

— Definitivamente — Hanna disse fingindo uma voz arrogante, secretamente emocionada por ela e Naomi terem alguma coisa em comum.

— Nem mesmo para Riley — Naomi continuou. — E definitivamente não para sua meia-irmã.

Entendeu?

— Entendi. — Hanna passou os dedos sobre os amassados do seu copo de plástico, sentindo-se triunfante. Naomi e Kate tinham sido BFFs desde que Kate tinha começado a estudar em Rosewood Day. Hanna e Kate estavam se dando bem ultimamente, e Kate disse que ela estava brigada com Naomi. Do modo como Kate tinha falado, porém, tinha sido culpa de Naomi.

Naomi apoiou os cotovelos no parapeito e olhou de volta para a festa. — Zelda Millings está bem bonita com esse vestido halter, você não acha?

Hanna observou a garota loira e pálida que a havia esnobado no dia anterior do outro lado do quarto. — É — ela disse, sentindo-se triunfante por essa reviravolta. — Faz os peitos dela parecerem pequenos.

— Verdade. — Naomi assentiu sabiamente. — Mas pelo menos a cor não faz ela parecer uma albina.

— Ela vai ter queimaduras solares graves no final da semana — Hanna meditou.

Naomi franziu a boca. — Sabe quem eu gostaria que tivesse queimaduras solares graves?

— As meninas da Villa Louisa? — Hanna deixou escapar.

— Sim! — Naomi gritou, em seguida, tocou o braço de Hanna. — Oh meu Deus, você não acha que elas são extremamente irritantes?

— Absolutamente. — Hanna sentiu uma onda de satisfação. Era bom criticar as Villas Gorilas.

— Você sabia que Emily Fields está dividindo o alojamento com a garota Erin

Bang?

Naomi fez uma careta. — Ela é a pior. Fiquei presa trabalhando nos escritórios de administração do navio, porque eu estava com muita preguiça de me inscrever em outra coisa, ela trabalha no mesmo turno que eu. Essa vadia não disse uma palavra para mim o tempo inteiro.

Hanna franziu o cenho. — Espera, você está trabalhando no escritório de administração? Eu também!

— Com Vera? — Naomi perguntou.

— Oh meu Deus, Vera! — Hanna riu. — O que são todas aquelas canções de amor melosas?

— E as presilhas? — Naomi acrescentou, prendendo uma risada. — Faz ela parecer um poodle!

— O escritório não tem um cheiro estranho? — Hanna fingiu vomitar.

— Sim, uma mistura de pé, cachorro molhado e mulher idosa — Naomi se queixou.

— Poderia ser pior, no entanto — Hanna disse. — Eu ouvi dizer que algumas pessoas que demoraram para se inscrever ficaram com a limpeza. Eles têm que lavar os banheiros masculinos.

— Eca! — Naomi berrou.

Hanna sorriu quando tomou um gole de bebida, sentindo-se tonta e livre. Ela se sentia como se tivesse acabado de descobrir um novo designer de roupas cujo jeans, regatas e vestidos cabiam-lhe perfeitamente — e seu nome era Naomi. E Naomi estava dando a Hanna o mesmo olhar *Onde você esteve a minha vida inteira?* o que a fez se sentir ainda melhor.

Então, Naomi trocou seu peso. — Eu queria te perguntar uma coisa já faz um tempo. Você conseguiu ajuda para... você sabe. Aquela coisa de comida?

Hanna se irritou. Um milhão de anos atrás, Mona-como-A a tinha obrigado a enfrentar Naomi e Riley e admitir que tinha distúrbio alimentar. Hanna olhou para a porta, considerando fugir.

— O único motivo de eu estar perguntando é porque eu queria uma referência — Naomi adicionou quando Hanna não disse nada.

Hanna franziu o cenho. — Para quem?

Naomi olhou para baixo. — Para mim — ela murmurou baixinho.

Hanna quase riu alto. — Você comendo compulsivamente? Ah, certo. — Naomi usava tamanho 36. Hanna mal via ela comer.

Naomi baixou os olhos. — Eu faço exercício físico. Eu tenho lutado de vez em quando por anos. Eu queria falar com você sobre isso, na verdade, você é a única pessoa que eu conheço que também já sofreu com isso. Não é como se eu pudesse falar com Riley ou Kate.

— Eu realmente não tenho mais isso — Hanna disse cautelosamente.

— Eu não sabia. — Naomi traçou seu dedo ao redor da borda do vidro. — No ano passado, algumas coisas estranhas aconteceram, então eu comecei de novo.

Hanna piscou com força. — Eu realmente sinto muito — ela disse suavemente, ainda sem acreditar no que estava ouvindo. Mas a expressão de Naomi parecia séria e sincera. Hanna tinha sonhado em falar sobre comer compulsivamente com alguém que tinha passado por isso também, mas até agora ela não tinha encontrado ninguém que tivesse admitido.

— Se você quiser falar sobre isso, eu estou aqui — ela ofereceu depois de um momento. — Eu sei como é difícil.

— Obrigada — murmurou Naomi, se aproximando e apertando a mão de Hanna.

Então, Mason Byers veio cambaleando para o pátio. Seu cabelo estava despenteado, e ele estava usando um crachá de ouro da Polícia de Rosewood na lapela. — Oficial Byers, senhoritas — ele gaguejou. — Vocês duas têm idade suficiente para beber?

— É claro que temos — Naomi piscou um olho.

— Posso ver a identidade? — Mason exigiu.

Mike também enfiou a cabeça para fora. — Nós estamos jogando um jogo de cartas striper em que todo mundo usa identidades falsas. Querem jogar? — Ele acenou com a própria identidade falsa no ar.

— Deixe-me ver isso. — Hanna voltou para o quarto e a pegou dele. Mike estava se gabando de ter uma nova identidade falsa, mas ele ficou cauteloso quando foi mostrar a ela. Ela começou a rir. Quincy Thomas, era o nome que estava na identidade, ele tinha um corte militar loiro e usava óculos. A descrição dizia que ele tinha 2 metros, quase trinta centímetros mais alto do que Mike.

Ela entregou de volta para ele. — Ninguém vai achar que é você!

Mike a segurou protetoramente no peito com o rosto corado. — Ok, espertinha, vamos ver a sua. Hanna pegou sua bolsa e tirou sua própria identidade falsa, que ela tinha comprado online no ano passado e que tinha sua própria foto e dados. Mason mostrou a dele também, que ele tinha conseguido em Nova York. Outros adolescentes adicionaram os RGs deles a pilha. Uma menina tinha um passaporte japonês muito convincente, embora ela mesma não seja japonesa. Erin Bang Bang usou sua própria foto para sua identidade falsificada. A foto era tão impressionante e fotogênica que Hanna supôs que nenhum porteiro ou bartender nem mesmo se incomodava de olhar para a data de nascimento dela. *Vadia.*

— Ei, a sua é muito boa — Mike disse a Naomi quando ela jogou a dela na pilha. — Ela até parece com você.

— É porque é da minha prima — explicou Naomi. Um olhar estranho apareceu em seu rosto.

— Não é como se ela precisasse mais disso.

Hanna olhou para a foto, em seguida, ficou estupefata. Mesmo que ela tivesse visto a garota por apenas uma noite, o rosto era inesquecível. Era como um fantasma olhando para ela.

Madison.

Ela se afastou, tropeçou em uma mala e quase caiu de bunda. Quando ela se endireitou, suas mãos estavam subitamente tremendo tanto que ela teve que enfiá-las nas pregas do vestido. O quarto estava quente e apertado, e muitas pessoas estavam olhando para ela, inclusive Naomi.

— Hum, eu tenho que... — Hanna se atrapalhou para passar por todos para chegar até a porta.

Ela correu para o final do corredor, desesperada para recuperar o fôlego. Então ela notou uma porta francesa que levava a um pequeno pátio ao ar livre. Ela a abriu e cambaleou até uma quadra de shuffleboard, inclinando-se sobre os joelhos.

Madison era prima de Naomi. E o que Naomi quis dizer quando ela disse que ela não precisava mais do RG? Ela estava morta?

Beep.

Era o celular de Hanna. Ela o tirou da bolsa, achando que era Mike. Mas então ela olhou para a tela. *Uma nova mensagem de Anônimo.*

— Não — ela sussurrou, olhando o pátio escuro. Então, ela olhou para a tela. Com dedos trêmulos, ela apertou LER.

Seja cuidadosa com quem você bate e corre, presidiária. Vejo você no Convés Fiesta! —A

9

PEQUENA CLANDESTINA

Terça-feira à noite, Emily e Jordan estavam sentadas na cama do quarto de Emily. Embalagens vazias de batata chips de máquinas de venda automática estavam espalhadas ao redor delas, e Jordan havia feito daiquiris de banana virgem a partir de algumas bebidas que tinha encontrado no minibar. Um dos mixes de natação de Emily estava tocando através de seus alto-falantes portáteis do iPod, e a Discovery, o único canal que tinha sinal além da CNN International — que Jordan disse que odiava — estava no ar com um programa sobre Yosemite Park no fundo, embora nenhuma delas estivesse assistindo.

— Ok, eu preciso de um verbo — Emily disse, olhando para um livro de Mad Libs que ela tinha encontrado no fundo da sua bolsa, deixado lá em uma viagem de natação durante a noite.

— Hum, *beijar* — disse Jordan depois de um momento, colocando uma chip em sua boca.

Emily escreveu *beijar* no espaço. — Depois eu preciso de um substantivo.

— *Peitos* — disse Jordan rapidamente.

Emily abaixou a caneta e olhou para as outras palavras que Jordan tinha escolhido.

Sensualmente, língua, transar e massagem sensual. — Você sabe que este é um jogo de criança, certo? Não um filme pornô?

— O que eu posso dizer? — Jordan riu. — Eu estou inspirada pelo espírito de Erin Bang.

Até mesmo eu tenho ouvido rumores sobre com quantos caras ela tem estado.

Emily estremeceu. — Toda vez que a vejo, ela está com alguém diferente.

Jordan olhou para a porta. — Você tem *certeza* que ela não vai se importar se eu ficar aqui?

Emily encolheu os ombros. — Eu duvido que Erin vá estar de volta pelo o resto da viagem, para ser honesta. E se ela entrar, vamos apenas dizer que você teve

uma briga com sua companheira de quarto. Você pode até dormir na minha cama, se isso fizer você se sentir mais confortável. — Suas bochechas ficaram um pouco avermelhadas com a sugestão, mas certamente Jordan sabia que ela quis dizer isso de uma forma amigável, certo?

Jordan deu a Emily um sorriso aliviado. — Você é uma salva-vidas, sabia disso?

Emily revirou os olhos. — Você já me disse isso um zilhão de vezes. — Então ela olhou de volta para baixo para o Mad Libs. — Ok, eu preciso de um advérbio.

— *Vigorosamente* — Jordan jorrou rapidamente, e ambas dissolveram na gargalhada.

Depois de Emily escrevê-la, ela respirou o súbito cheiro de pipoca de micro-ondas recentemente estalada. Alguém deve ter feito um pouco na cozinha no final do corredor. — Esse é um dos meus cheiros favoritos — ela murmurou.

— O meu também — disse Jordan, agarrando um travesseiro. — Você tem mais outros?

Emily pensou por um momento. — Bolas de borracha e gasolina, eu acho. E o cheiro do quarto da minha antiga melhor amiga.

— Alison? — Jordan perguntou.

Emily assentiu. Ela contou a Jordan sobre Ali quase imediatamente. Era uma daquelas coisas que ela deixava escapar quando ela fazia novos amigos estes dias — todo mundo tinha visto *Pretty Little Killer*, o docudrama sobre o que Ali fez com elas, de qualquer maneira. — Eu costumava me esgueirar para o quarto dela durante as festas de pijama — ela admitiu, corando. — O quarto dela cheirava a flores e pó e a.... *ela*.

— Você realmente a amava, hein?

Emily pôs os olhos para baixo. Isso era outra coisa que ela tinha admitido para Jordan imediatamente: Não havia mais razão de esconder sua atração por meninas. Era fácil dizer coisas a Jordan, no entanto — ela estava aceitando tudo o que saía da boca de Emily. Ela só sorria e dizia que estava tudo bem para ela.

Ela limpou a garganta e olhou para Jordan. — Eu queria te perguntar uma coisa. Você precisa ligar para os seus pais? Eu tenho um cartão de telefone que você pode pegar emprestado. Eles provavelmente estão se perguntando onde você está, certo?

Jordan encolheu os ombros. — Eu disse que estava hospedada na casa de uma amiga por um tempo. Eles não vão nem me verificar.

— Você tem certeza? Durante uma semana inteira?

— Eles provavelmente nem sequer notaram que eu saí. — Jordan brincava com sua tiara de veludo. — Meus pais estão muito mais preocupados com suas próprias vidas. Eles realmente não têm tempo para mim. Adicionando o fato de que eu não sou a filha perfeita que sempre quiseram, e eles provavelmente prefeririam que eu apenas fosse embora para sempre. — Ela disse isso despreocupadamente, terminando com uma risada sarcástica, mas a dor era evidente em sua voz.

Emily fez um rabisco na margem. — Às vezes eu acho que meus pais querem que eu desapareça, também.

Jordan olhou para ela, claramente esperando que Emily dissesse mais. — Eu fiz algumas coisas que os deixou realmente loucos — Emily disse vagamente. Mesmo que ela já tivesse compartilhado muito, ela não estava pronta para entrar *nisso*.

Mas, de repente, o rosto de Jordan se aproximou. O ar cheirava fortemente ao perfume de jasmim. — Eu não sei por que alguém iria querer que *você* desaparecesse — ela revelou. — Não importa *o que* você fez.

Emily prendeu a respiração, notando pela primeira vez que os olhos de Jordan eram da cor das pedras preciosas turmalina. Em seguida, seu celular soltou alguns beeps agudos. Ela gemeu, rolou para o lado e olhou para a tela. Hanna tinha enviado uma mensagem.

A está no barco. Encontre-me perto do bar tiki agora.

Emily virou o telefone para que Jordan não pudesse ver a mensagem. — E-eu já volto — ela sussurrou, e saiu pela porta antes que Jordan pudesse perguntar o que tinha acontecido.

Dez minutos depois, Emily estava no bar tiki, uma chuva constante caía no toldo acima da sua cabeça. Naturalmente, o convés estava vazio. Em algum lugar lá embaixo, ela podia ouvir os acordes da música New Age da apresentação do Cirque du Soleil no teatro.

As portas do elevador se abriram, e Spencer e Aria saíram. Elas a avistaram e correram, protegendo a cabeça da chuva.

Hanna surgiu de uma escada usando um vestido longo, salto alto e um capuz branco enorme e incongruente que se estendia até o meio das coxas. Seus olhos estavam selvagens, seu rosto estava pálido e ela segurava seu telefone com força na mão direita. — A vadia de alguma forma subiu a bordo conosco — ela estalou quando elas se aproximaram.

Ela empurrou o telefone para as meninas. Emily olhou para a mensagem de texto na tela. *Seja cuidadosa com quem você bate e corre, presidiária. Vejo você no Convés Fiesta!*

Aria olhou para a nota. — Bate e corre? Do que A está falando?

— Não é óbvio? — Hanna disse. — O acidente na Reeds Lane? Naquela noite terrível na chuva? A sabe.

A boca de Emily caiu aberta. A noite do acidente de Hanna parecia tão distante — isso tinha acontecido no início do verão, antes de qualquer outra coisa. Ela descobriu que estava grávida logo após as férias de primavera na Jamaica, e embora ela ainda estivesse morando em casa quando Hanna tinha ligado, ela foi morar com Carolyn na semana seguinte, para grande desgosto da sua irmã. Quando Hanna ligou para Emily, ela quase tinha recusado — ela tinha um pequeno crescimento na barriga no momento, e se as outras meninas adivinhassem o que estava acontecendo? Era duro o suficiente escondê-lo de seus pais. Sua mãe até comentou sobre o novo estilo de camisetas folgadas de Emily.

Mas uma fração de segundos depois, ela se sentiu muito mal. Hanna precisava dela. E então Aria tinha ligado, dizendo que ela ia passar lá para pegá-la, e Emily não sabia como dizer não. No final, se alguma delas notou a sua barriga, ninguém disse nada. Estavam todas muito preocupadas com o acidente de carro.

Emily inclinou-se contra o bar. — Como é que A sabe sobre isso? — ela perguntou, olhando para Hanna. Elas estavam em um trecho tão desolado da estrada, e elas tinham fugido antes de a ambulância chegar. Mas, então, mais detalhes da noite voltaram para ela. Elas possivelmente tinham machucado a menina. E então elas tinham fugido, como se fosse uma brincadeira.

Hanna brincava com uma grande vela tiki-cabeça esculpida em cima de uma das mesas. — Eu não tenho certeza. Mas vocês sabem quem era a menina do carro, Madison? Ela é prima de Naomi Zeigler. Naomi e eu temos saído juntas, e no começo eu pensei que parecia suspeito, mas depois eu percebi que ela tinha virado uma nova pessoa. Até que eu vi a sua Identidade falsa — tinha a foto de Madison.

A testa de Aria se franziu. — Então você acha que Naomi estava sendo boa com você porque ela é A?

— Eu não tenho certeza — disse Hanna. — Mas, se ela não é, A vai contar a ela sobre o acidente. Naomi vai nos entregar com certeza.

— Sim, se A não nos entregar primeiro. — Spencer apontou para o telefone de Hanna. — A te chamou de *presidiária*.

— Hanna, Naomi disse algo sobre o acidente? — Aria perguntou.

— Mais ou menos — Hanna admitiu, olhando para Spencer. — Ela mencionou ter passado por algumas coisas terríveis no verão passado. E ela tinha um olhar estranho em seu rosto quando alguém lhe perguntou quem era a pessoa da sua identidade falsa. Ela disse: Minha prima não precisa mais da Identidade dela.

— Como se ela estivesse morta? — Spencer engasgou.

Os olhos de Emily se arregalaram. — No acidente?

— Ela não poderia ter morrido no acidente. — Os olhos de Hanna se lançaram de um lado para o outro. — Ela ainda estava respirando quando vocês entraram em cena.

— Ela estava? — Aria apertou os olhos. — Alguém realmente verificou?

Emily olhou para as outras. — Eu não me lembro se fizemos isso ou não.

— Eu não lembro, também — disse Aria.

O rosto de Spencer estava verde. — E se a matamos quando movemos ela? — Ela caiu contra um dos postes de metal que apoiava o toldo. — Eu a *deixei cair*.

— Não tire conclusões ainda, Spence — Aria disse rapidamente, embora ela parecesse um pouco mal.

— Como você acha que A sabe sobre isso? — Emily perguntou.

Hanna deu de ombros. — Se A é Naomi, ela poderia ter visto o acidente da sua casa. É justo sobre a colina do acidente, não que eu já tenha feito essa ligação.

— Ou talvez Madison tenha sobrevivido, e ela viu a menina encenando você em *Pretty Little Killer* e descobriu tudo — Aria sugeriu.

— Não, Madison teria descoberto isso antes — Hanna insistiu. — Se Naomi é A, ela deve ter sabido quase que imediatamente — e decidiu perseguir todas nós. Poderia ser assim como ela descobriu sobre Gayle e Kelsey.

Emily assentiu, considerando isso. Ela passou um tempo na casa de Gayle esse verão, e Gayle tinha se oferecido para comprar o bebê de Emily em um café. Se Naomi houvesse seguido ela, teria sido fácil para ela descobrir o que estava acontecendo.

Aria passou as mãos ao longo do comprimento do seu rosto. — Eu não tenho certeza se faz sentido Naomi ser A, no entanto. Como ela poderia saber sobre todos os outros segredos que A sabe? Como o da Jamaica — o que aconteceu antes da coisa com Madison.

— Bem, é fácil explicar como ela sabia sobre o que aconteceu conosco no verão — Naomi mora em Rosewood. — Os olhos de Hanna estavam arregalados. — Ela é amiga de Kate — ela esteve na minha casa centenas de vezes. Ela definitivamente poderia ter desenterrado toneladas de sujeiras sobre mim *assim*. — Ela estalou os dedos.

Spencer mordeu o lábio. — Na verdade, Naomi estava bastante ao redor quando A estava me ameaçando sobre Kelsey, também. Ela era uma das bruxas de *Macbeth*.

— E ela se apegou a Klaudia — um monte das minhas notas de A eram sobre ela por um tempo — Aria acrescentou pensativa. — E ela estava com Noel quando eu recebi uma mensagem de A sobre a família dele.

Todo mundo olhou para Emily, esperando que ela contribuísse com a sua própria história sobre Naomi. Ela encolheu os ombros. — Eu não tive nenhuma interação com ela.

— Ela estava no funeral de Gayle, lembra? — Hanna apontou. — Você não achou aquilo estranho?

Emily olhou para a bandeira balançando no poste acima da sua cabeça. Ela não tinha certeza se era estranho ou não. — Um monte de pessoas vive em Rosewood, no entanto — alguém mais poderia estar nos observando. E a Jamaica ainda não faz sentido — ela sussurrou. — Naomi não estava lá, nós a teríamos visto. Como ela poderia saber sobre isso?

— Tem que ter uma conexão — disse Hanna. — Talvez ela estivesse lá e nós não sabemos.

Os dedos de Spencer voaram por seu telefone. — Não, Naomi estava em St. Bart nas férias de primavera — ela diz isso na sua página do Facebook.

— Ok, talvez haja *dois* As — um que viu o que aconteceu na Jamaica, e Naomi, que é a realizadora de todas as maldades — Hanna sugeriu.

Spencer fechou os olhos. — Deus. Minha cabeça vai explodir. Agora temos que pensar em quem um segundo A poderia ser?

Emily suspirou. — Eu acho que tenho uma ideia.

Hanna olhou para ela rapidamente. — Deixe-me adivinhar. A Verdadeira Ali?

— Sim, Ali — Emily disse em voz baixa. Se Jordan tinha entrado furtivamente a bordo tão facilmente e sem esforço, porque a Verdadeira Ali não poderia ter feito a mesma coisa?

Ela olhou por cima do ombro, com medo de que a Verdadeira Ali estivesse observando-as. Um raio cintilou no mar. Poças brilhavam sob as luzes. A ideia de ficar frente-a-frente com a Verdadeira Ali em um barco a aterrorizava. Havia tantos lugares que ela poderia se esconder.

— A Verdadeira Ali está morta — disse Spencer com desdém. — Tem que ser outra pessoa.

Aria limpou a garganta. — Algo estranho aconteceu comigo hoje, também. — Ela tomou uma respiração profunda. — Sabem quando eu me inscrevi para a caça ao tesouro? Fiz parceria com um cara que tinha sido recentemente transferido de uma escola em Nova Jersey. Nós conversamos por um tempo, e eu descobri que ele conhecia Tabitha.

— Você está brincando — Hanna disse preocupada.

Aria concordou. — E fica pior, no entanto. Ele era *namorado* de Tabitha.

— O quê? — Hanna gritou.

— Você está falando sério? — Spencer engasgou.

— Eu sei. — Aria parecia atormentada. — Acho que o universo está conspirando contra nós.

— Ou *A* está conspirando contra nós — disse Spencer. — Ele não podia ser A? Ele tem um motivo melhor do que Naomi — *ou* a Verdadeira Ali. Talvez mais de uma conexão, também — ele poderia ter estado na Jamaica com Tabitha.

Aria balançou de pé para pé. — Eu não sei sobre a Jamaica, mas eu duvido. E Graham disse que ele estava no Chile no verão passado — como ele poderia ter testemunhado nossos segredos, ou roubado o dinheiro da caixa de correio de Gayle? Eu provavelmente poderia fazê-lo provar isso de alguma forma, da próxima vez que eu vê-lo.

Os olhos de Spencer arregalaram-se. — Você não pode vê-lo novamente! E se você se descuidar e disser alguma coisa? — Então ela piscou com força. — E isso significa que *mais* pessoas que conheciam Tabitha estão no barco, também? Ela poderia ter muitos amigos aqui — *todos* eles podem ser A, juntos!

Aria balançou a cabeça. — Não, não, Graham foi *transferido* da escola de Tabitha para uma escola na Filadélfia. Nenhum de seus amigos está aqui.

— Ainda concordo com Spencer — Hanna disse. — Fique longe daquele cara. Essa parece ser uma situação que você não precisa passar agora.

Aria parecia irritada. — Eu não posso simplesmente deixá-lo. Eu me sentiria terrível.

— Por quê? — Spencer exigiu.

Aria olhou para seus dedos. — Vocês realmente acham que vamos conseguir acabar com isso no final? Esta pode ser minha última chance de fazer as coisas direito com alguém que se importava com ela antes de eu ir para a cadeia.

Spencer olhou para ela loucamente. — Você vai dizer a ele?

— Não. Mas eu sinto que devo algo a ele. Eu quero fazer a vida dele ser melhor de alguma forma.

— Você não deve nada a ele! — Spencer rugiu. — A única razão para você se sentir assim é porque A está ferrando com a sua mente!

— Bem, essa é uma boa razão, não é? — Aria encolheu os ombros, impotente. — A nos tem totalmente acuadas! Eu não sei mais o que fazer!

Todas fecharam os olhos. Uma onda enorme de medo varre Emily. A tinha encurralado elas. E se A nos acusar de tudo? Elas fizeram muito, especialmente se Madison tiver morrido. E A parecia saber absolutamente tudo.

Spencer limpou a garganta. — Olha. Se descobrirmos quem A é, podemos jogar o assassinato de Gayle para ele ou ela e nos proteger. — Ela olhou para Hanna. — Você é colega de quarto de Naomi. Vasculhe as coisas dela. Veja se ela tem um segundo telefone, como Mona tinha. Ou entre no e-mail dela e veja se alguma das notas de A estão em sua caixa de mensagens enviadas.

Hanna mordeu uma unha. — Você realmente quer que eu chegue tão perto das coisas de A?

Você esqueceu as *outras* coisas que A tem feito? Como com Gayle? Ou que tal como ela colocou LSD nos seus brownies?

— Mas... — Spencer protestou, então congelou. Um passo em uma tábua solta chiou através do convés. Spencer agarrou o braço de Emily. Emily piscou duro através das sombras, com medo de quem poderia estar lá. O cheiro de um perfume frutado flutuou no ar em direção a ela, em seguida, desapareceu. Por alguns momentos, tudo o que ela podia ouvir era o seu batimento cardíaco batendo em seus ouvidos.

O telefone de Hanna soou, e todas pularam. — É apenas Mike — disse Hanna, verificando a tela. — Ele vai me esgueirar em seu quarto essa noite.

— Você vai ficar com Mike? — Aria parecia preocupada. — Vocês dois podem ficar em apuros.

— Eu prefiro ficar em apuros do que ser morta — disse Hanna, em seguida, saiu correndo, olhando de um lado para o outro para as sombras antes de descer as escadas.

Depois de um momento, Spencer olhou para as outras, soltou um gemido desesperado, em seguida, afastou-se, também. Apenas Aria e Emily permaneceram. Elas saíram de debaixo do toldo e trocaram um olhar aterrorizado.

— Me diga que isso não está acontecendo — Emily sussurrou.

Aria enxugou a chuva de seus olhos. — Eu não posso viver assim por muito mais tempo, Em.

— Eu sei. Nem eu.

Outro relâmpago estalou no mar. Emily deu um passo à frente e colocou os braços ao redor dos ombros de Aria. Aria apertou-a de volta, e as duas permaneceram assim por alguns segundos, protegendo uma a outra dos elementos.

E talvez de A, também.

10

MERGULHANDO FUNDO

Na manhã de quarta-feira, Spencer estava no cais de St. Martin. O navio de cruzeiro, que havia parado na ilha ao amanhecer, estava no porto entre lanchas e balsas muito menores, parecendo um pouco com alguém de 18 anos de idade em uma sala de aula da primeira série. O céu estava rosa-cinza, o ar cheirava a chão queimado do sol, e os lojistas levantaram as grades de metal de suas lojas de joias e colocaram placas nas janelas que liam-se VENDA DE DIAMANTES! e MELHORES PREÇOS

DA ILHA!

Cerca de vinte ou mais adolescentes da aula de mergulho também estavam no cais, se atrapalhando com as roupas e os equipamentos de mergulho alugados. Kirsten passou protetor solar em seus braços, então ofereceu o frasco a Spencer. — Você está realmente pensando em mergulhar longe do grupo?

Spencer abriu a boca para dizer que estava, mas depois hesitou. Talvez não tenha sido uma boa ideia mergulhar sozinha — não com A por perto.

Ela ergueu os olhos e desceu o cais, sentindo um puxão nervoso em seu estômago. *A está no navio conosco.* Por um lado, parecia impossível. Mas por outro lado, fazia sentido — A estava em toda parte. É claro que A estaria no navio. A pode estar observando ela nesse exato segundo.

— Bom dia, Spencer.

Reefer estava atrás dela, vestindo calções de banho xadrez que mostravam suas pernas musculosas e segurando um par de nadadeiras de banho verde neon.

— Não está um dia lindo? — Naomi, que estava de pé ao lado dele, acrescentou com um sorriso. Em vez de usar uma roupa de mergulho, como um mergulhador sensato, ela estava com um biquíni de amarrar metálico que mostrava seu decote amplo. Quando ela percebeu que Spencer a estava olhando de cima a baixo, ela se moveu um pouco mais para perto de Reefer, praticamente pisando em seu pé.

— Oi — disse Spencer de forma rude, então virou as costas para eles. Desde a

aula de mergulho, Reefer não teve nenhum tempo para ela. Ela recebeu uma mensagem meiga dele no jantar da noite anterior, dizendo que ele iria se encontrar com ela, mas depois ele enviou outra alguns minutos depois, dizendo: — Desculpe, Naomi precisa conversar, nós veremos em breve. — Depois do jantar, quando ela e Aria estavam perto do fliperama, ela notou Reefer sentado com Naomi em um canto, com as cabeças intimamente inclinadas juntas.

Ela abaixou-se e pegou um tanque de mergulho nos braços. Quando ela viu um vislumbre de seu reflexo no cromo, ela estremeceu. Sua pele parecia pálida em sua roupa de mergulho amarelo-brilhante Body Glove. E ela estava tão cansada ontem à noite que não se preocupou em tomar banho, então seu cabelo estava sujo e cheio de sal. Como ela poderia se comparar a Naomi?

E em relação ao que Hanna tinha dito sobre Naomi? Seria possível que ela pudesse ser A?

Mesmo que ela não fosse, ela tinha um monte de razões para estar zangada com elas — especialmente se A disse a ela o que elas tinham feito com sua prima. Ontem à noite, depois de Hanna receber a mensagem, Spencer tinha ficado na cama, pensando sobre o acidente de carro na Reeds Lane. Ela não podia acreditar que quase tinha esquecido.

Quando elas fugiram daquela cena horrível, ela se virou para Hanna nervosamente. — E se a menina acordar e lembrar quem você é?

— Bem, eu disse a ela que meu nome era Olivia e que eu era de Yarmouth — Hanna resmungou.

— Mas e se ela ver uma foto sua numa *People* antiga?

Hanna virou a cabeça bruscamente e olhou para fora da janela. — Bem, vamos torcer para que ela não veja.

A julgar pelo fato de que nenhum policial havia batido na porta de Spencer, fazendo perguntas, ou que os noticiários nem sequer informaram sobre a história, parecia que Madison não tinha se lembrado. Spencer esperava que fosse porque Madison estava muito bêbada, mas sempre havia uma voz dentro dela sussurrando que poderia ter sido por causa de alguma outra coisa. A primeira regra da aula de salva-vidas dizia que nunca se pode mover alguém que tenha tido um acidente. E, no entanto, houve um estalo horrível de osso quando Spencer tinha derrubado Madison, um som que agora tocava nos ouvidos de Spencer como se estivesse em repetição automática. Ela era a pior pessoa do mundo.

Ela sentiu os olhos de Naomi nos dela e estremeceu. Então, ela sentiu Reefer

olhando para ela, também. Ela ergueu os ombros e se dirigiu para o carro. Reefer se afastou de Naomi e seguiu atrás dela. — Eu procurei por você no aquário essa manhã — ele disse.

— Uhum — Spencer murmurou, mordendo com força o interior do lábio.

— Eu pensei que seria o nosso ponto de encontro regular.

— Eu decidi ir cedo — ela disse em voz baixa, sem fazer contato visual.

— Spencer. — Reefer pegou o braço dela, mas Spencer o puxou e continuou andando, sem se preocupar em parar para pegar uma máscara de mergulho que escorregou de seus dedos e rolou pelo chão. Reefer pegou-a e correu atrás dela. — Spencer. Pare.

Spencer revirou os olhos e parou. Reefer olhou para ela melancolicamente. — Você está brava com alguma coisa?

É claro que eu estou brava! Spencer queria gritar. Mas ela arrancou a máscara de mergulho dos dedos de Reefer e sorriu forçadamente. — Não.

Reefer olhou por cima do ombro para Naomi, que estava conversando com Tim. — Nós somos apenas amigos, sabe. Nós nos conhecemos em uma festa de Princeton. Ela foi visitar o campus.

Spencer franziu a testa. Naomi queria entrar em Princeton? Ela não sabia disso.

— Ela meio que me sequestrou ontem à noite — Reefer sussurrou. — Eu queria jantar com você, mas ela me arrastou para o fliperama e falou sobre algumas coisas de família que ela estava passando.

Spencer sentiu uma pontada. — Coisas de família? Como o quê? — *A morte de uma prima?*

Uma motorista fugindo? E se A já tivesse dito a Naomi o que tinha acontecido?

— Apenas uma briga de família ou coisa assim, eu não sei. — Reefer encolheu os ombros. — Eu não queria apenas dispensar ela. Ok, para ser honesto, nós meio que ficamos em Princeton. Mas é passado. Eu estou a fim de outra pessoa agora.

Ele olhou nos olhos de Spencer significativamente. Mesmo que Spencer quisesse permanecer indiferente, ela não pôde evitar de se derreter um pouquinho.

Tim abriu a porta da van e gesticulou para todos se aproximarem. Spencer olhou para todos os lugares, menos para Reefer, não querendo perdoá-lo tão facilmente. Então Naomi se aproximou dele e colocou o braço em seu ombro. — Eu me diverti muito com você na noite passada, Raif. É tão bom estarmos juntos

de novo.

Spencer realmente odiava como Naomi chamava ele de *Raif*, como se eles tivessem algum tipo de relação especial. Reefer abriu a boca, prestes a responder, quando Tim bateu palmas. — Ok, pessoal! Antes de nós irmos para o primeiro mergulho, eu quero que todos formem pares. Você e seu parceiro vão tomar conta um do outro quando estiverem na água. Vocês vão ter que se certificar de que os dois estão seguros.

Quando Spencer se virou para Reefer, Naomi já tinha tocado em seu braço possessivamente.

Spencer se afastou — tanto trabalho para isso. Mas, de repente, ela sentiu uma mão em suas costas.

— De jeito nenhum. Você vai ficar comigo.

Reefer estava sorrindo para ela, esperançoso. Naomi estava atrás dele, parecendo chocada.

Um segundo depois, ela deu de ombros e se afastou ofendida do grupo.

— Ou seja, se estiver tudo bem — Reefer acrescentou em voz baixa. — Você quer ser minha parceira?

Spencer fingiu pensar sobre isso. — Eu acho que sim. Mas você me deve por me dispensar na noite passada.

— Que tal eu te levar para jantar? — Reefer perguntou, enganchando seu braço no cotovelo dela. — Em algum lugar em uma ilha. Eu não sei quanto a você, mas eu já estou ficando farto das batatas-doces fritas orgânicas e todo o alho que eles colocam no hambúrguer vegetariano.

Uma breve agitação de culpa tomou conta de Spencer — parecia loucura ela querer ter um encontro quando A estava tão perto de dedurar elas. Mas talvez ela devesse aproveitar esses últimos momentos de liberdade. Ela provavelmente nunca chegaria a fazer isso novamente. — Parece bom — ela respondeu.

Eles subiram na van juntos e se sentaram lado a lado nas cadeiras do meio, enquanto Naomi foi transferida para um banco de trás perto dos equipamentos. Quando eles saíram do estacionamento, o sol saiu de trás de uma nuvem. O calor era delicioso contra a pele de Spencer. E pela primeira vez em semanas, pelo menos por um minuto, ela se sentiu em paz.

11

ARIA DÁ UMA FORÇA

Naquela manhã, Aria estava com Graham em uma esquina da seção francesa da ilha de St.

Martin. Ônibus de deterioradas aparências passavam zunindo em velocidades alarmantes. Um homem velho estava sentado em um café ao ar livre, bebendo cappuccino. A rebentação batia à distância e havia cerca de uma centena de gaivotas em um estacionamento próximo, brigando por um saco aberto de batatas fritas.

Aria respirou fundo e olhou para a pista de Caça ao Tesouro Eco novamente. Ela estava escrita em forma de poema e anexada a um pedaço grande de carvão.

— *Use-me para geleia, armários e madeira* — Graham leu em voz alta. — *E quando eu sou uma barreira, eu protejo as tartarugas marinhas — isso é bom!* — Ele olhou para Aria. — Alguma ideia?

Aria tocou o carvão. Pó preto saiu em seus dedos. — Como pode um pedaço de carvão também fazer geleia?

Graham brincava com um cordão do seu moletom com capuz, que cheirava excessivamente a amaciante florido. — Talvez seja uma planta. Uma parte dela é utilizada para o carvão vegetal, mas talvez outra parte — os frutos — façam uma boa geleia.

— Isso faz sentido! — Aria sorriu. — Como é que você pensou nisso?

Graham deu de ombros. — Temos que ser criativos em nossos encontros da SAC nas florestas.

Eu quase posso garantir que parte da árvore que estamos procurando provavelmente poderia fornecer um componente decente para pólvora, também. — Ele sorri com orgulho. — Eu estou no comando de munição dentro da minha unidade.

Aria queria comentar que ela tinha certeza de que as pessoas em tempos medievais não tinham pólvora, mas ela segurou a língua. Ela olhou em volta. — Talvez algum nativo saiba que árvore por aqui poderia ser usada para fazer geleia.

Graham concordou com a cabeça, em seguida, desceu a calçada irregular na direção de uma placa que Aria tinha certeza que dizia *bar de suco* s em francês. Ela viu um desenho de um cavaleiro na parte de trás da sua camiseta. Além das curiosidades sobre a pólvora, ela teve que ouvir longos comentários sobre as virtudes dos banheiros improvisados e cozinhar mais de um caldeirão em suas reuniões da Sociedade do Anacronismo Criativo.

Ainda não tinham realmente aprofundado no fato de que Graham tinha namorado Tabitha.

Depois de Gretchen ter liberado eles, ela correu de volta para sua cabine e vasculhou os sites do Memorial de Tabitha para ver as mensagens de Graham. A maioria delas eram vagas e inócuas — apenas dizendo coisas como *DEP* e *Sinto sua falta, Tab*. Mas quando o pai de Tabitha falou sobre negligência do resort, Graham entrou na conversa, dizendo que ele achava que o Cliffs não deveria ter servido álcool a menores. Ao receber a notícia de que Tabitha não tinha morrido por uma morte relacionada ao álcool, as mensagens de Graham viraram iradas. *Quem quer que tenha feito isso, os policiais vão encontrá-lo e acabar com você.*

Bastou ler essa mensagem que o chili vegetariano que Aria tinha comido no jantar subiu em sua garganta. Ontem à noite, ela teve um sonho de encontrar Tabitha na areia. Quando ela virou o corpo inerte de Tabitha para cima, Graham tinha aparecido atrás dela. — Aria? — Ele parecia tão surpreso. — O que você está fazendo aqui? — E então, lentamente, seu rosto havia registrado o que ela tinha feito. — Foi um acidente! — Aria tinha chorado. — Foi quase como se ela mesma tivesse se inclinado para o lado, eu quase não a empurrei! — Lágrimas encheram os olhos de Graham. E então ele estendeu os braços para estrangulá-la. Foi quando ela acordou.

Ela sentia como se precisasse fazer algo para Graham. Suas amigas podem ter sido totalmente contra ela ver Graham de novo, mas ela quis dizer o que disse na noite anterior, que esta era a única maneira que ela podia pensar para fazer sua culpa opressora diminuir. Sendo amiga de Graham, sendo o ombro para chorar por causa de Tabitha — se fosse isso o que ele precisasse — talvez ela pudesse fazer uma pequena reparação por tudo o que ela tinha feito.

Sinos tilintaram, e Graham saiu do bar de sucos, parecendo triunfante. — O cara dono do lugar diz que a uva da praia faz uma boa geleia. Ele diz que, por vezes, elas servem como uma barreira natural para as tartarugas marinhas, também.

Aria franziu a testa. — Eu nunca ouvi falar de uma árvore de uva da praia.

Graham pegou seu telefone celular, apertou o botão PESQUISAR e digitou *uvas da praia* no Google. Fotos de uma árvore grande e frondosa com cachos de uva verde apareceram na tela. — O maior grupo de árvores de uvas da praia está no extremo sul da ilha — ele leu em voz alta.

— Eu acho que é para onde estamos indo — disse Aria, depois virou na calçada em direção ao oceano.

Graham saiu do Google e seu telefone voltou para a tela principal. Quando Aria viu que o papel de parede era uma foto de Tabitha, um grito congelou em sua garganta. Tabitha estava sentada em um muro de pedra, vestida com uma camiseta rosa e calças jeans skinny.

Ela se virou, mas não antes de Graham pegá-la olhando. — Ah. Essa era a minha namorada.

Antes de ela... você sabe.

Aria acenou com a cabeça, olhando para os familiares cabelos loiros de Tabitha, os grandes olhos azuis, e as leves cicatrizes de queimaduras no pescoço de um incêndio em sua infância. — Ela é, hum, bonita.

— Sim. — Graham suspirou profundamente. — Ela era linda. — Sua voz ficou um pouco emotiva.

Aria parou em uma esquina. — Você sente falta dela, hein?

Graham concordou. — É... difícil. E estranho. Eu não conheço ninguém da nossa idade que morreu, sabe? Eu meio que tive um tempo difícil com isso, o que é totalmente idiota, porque nem estávamos mais juntos quando ela morreu.

Um carro passou zunindo, levantando as pontas do cabelo de Aria. — Vocês não estavam?

Ele balançou a cabeça. — Nós namoramos no décimo ano, mas eu sempre senti que ela estava apenas à espera de aparecer algo melhor. Mesmo quando eu a chamei para o baile do décimo ano, ela foi tão blasé sobre isso, como se ela estivesse querendo ir com outra pessoa. — Ele chutou uma pedra solta no chão. — Eu disse algumas coisas muito terríveis quando nos separamos, principalmente sobre ela estar louca. Mas então, depois que ela foi para o hospital de novo, eu me senti como o maior idiota do mundo.

— E-ela estava no hospital? — Aria perguntou, esperando que ela parecesse surpresa.

— É. Ela entrou e saiu do hospital por anos — respondeu Graham, recuando

da borda de uma calçada para evitar ser pego por uma lambreta em alta velocidade.

— Ela tinha o quê?

— Depressão. Ela tinha um monte de problemas com sua família.

Não havia mais carros vindo para a esquina, então eles atravessaram a rua. — Alguma vez você foi visitá-la? — Aria perguntou.

— Uma vez. — Ele fez uma careta. — O lugar que ela estava parecia muito bonito por fora e tinha um lobby incrível, mas quando você ia para os quartos dos pacientes, era muito infeliz.

— Huh — Aria disse, mantendo suas feições completamente neutras. Isso soava como A Reserva de Addison-Stevens, totalmente. — Será que ela tinha algum amigo lá?

Graham olhou para o céu por um momento, pensando. — Havia duas meninas loiras que eram, tipo, as abelhas rainhas do lugar. Elas insistiram em sair com Tabitha quando eu visitei ela — eu acho que elas estavam me avaliando, julgando se eu valia a pena falar ou não.

Mesmo que o sol estivesse retumbando com força em cima da sua cabeça, Aria estremeceu.

Ela se perguntou se uma delas era Ali.

— Havia um cara, também — Graham continuou. — Eu poderia dizer que ele estava a fim dela — ele ficava me lançando olhares desagradáveis através da sala. — Ele apertou sua mandíbula. — Ela provavelmente estava saindo com ele. Todas as meninas achavam ele muito quente.

Então ele olhou para Aria. — Eu estou fazendo-a parecer louca, mas ela não era — ela era incrível. Todo mundo andava atrás dela — eu não sei por que ela me escolheu. — Houve outro suspiro. — Eu falei com um terapeuta sobre isso. Foi justamente ela quem me disse para ir nessa viagem. Ela pensou que iria me ajudar a superar o que aconteceu, me separar da loucura em torno de Maplewood naquele momento.

— Eu entendo isso. — A pele de Aria parecia tão espinhosa que ela só queria coçar e coçar. O que Graham acharia se ele soubesse que estava de pé ao lado da assassina de Tabitha?

Eles se aproximaram de uma praia pública com um pequeno calçadão. Um homem velho estava sob um guarda-chuva listrado vendendo refrigerantes de um isopor. Dois meninos bronzeados estavam sentados em um posto de salva-vidas,

olhando para alguns nadadores na água.

À esquerda estava um grande matagal de árvores. Haviam frutas verdes parecidas com globos penduradas nos cachos dos ramos, e um odor doce e agradável encheu o ar. As árvores pareciam exatamente como as imagens da pesquisa no celular de Graham.

Folhas grossas acenavam sobre suas cabeças, e Aria viu um envelope preso em um dos troncos. Ele tinha o logotipo da linha de cruzeiros no canto superior direito. — A próxima pista! — ela gritou.

Ela a arrancou do tronco. Dentro havia instruções para colocar a pista de volta no envelope para outros caçadores encontrá-la e, em seguida, havia um link de um site que lhes dizia para onde ir.

Ela mostrou a Graham o que ela tinha encontrado. — Nós somos demais! Bate aqui!

Ela levantou a palma da mão no ar e Graham bateu a sua mão na dela. De repente, seus olhos se arregalaram para alguma coisa na praia. Aria virou-se. Duas meninas estavam perto do posto de salva-vidas, passando uma grande quantidade de protetor solar em suas pernas nuas.

— O que foi? — perguntou ela.

Graham enfiou as mãos nos bolsos e se virou. — Nada.

Aria olhou para ele, então de volta para as meninas. Uma delas tinha um longo cabelo hippie-selvagem e usava sandálias, e a outra tinha cabelo curto estilo fada castanho e um piercing no nariz.

Ela reconheceu as duas do navio de cruzeiro — elas estavam atrás dela na fila de waffle no café da manhã. — Elas estudam na sua escola?

— Uh-huh — Graham murmurou.

— Elas são bonitas.

Graham parecia atormentado. — Sim, mas tanto faz.

— Porque você não chama uma delas para sair?

Graham bufou. — Como se elas fossem dizer que sim.

— Por que não?

Graham riu tristemente. — Honestamente? Eu não sei como falar com as garotas — especialmente depois de Tabitha ter me deixado. E eu não sei por que elas querem sair com um idiota que finge que é um cavaleiro.

Aria parou ao lado de uma placa escrita em Francês com *Não Estacione* e olhou para ele. — Você não é um idiota! Olhe para você! Você é bonito, você é engraçado, você é inteligente — muitas meninas morreriam de vontade de sair com você!

Graham corou. — Eu duvido disso.

Aria colocou as mãos nos quadris. — Eu não. E você sabe de uma coisa? Eu vou provar isso para você. Com a minha ajuda, você vai estar namorando uma dessas gatas até o final da viagem.

A cabeça de Graham levantou rapidamente. — Não!

— Estou falando sério! Agora, com qual das duas você quer sair? Com a Garota Fada com o piercing de nariz, ou com a Senhorita Hippie?

Graham riu dos apelidos. — Tudo bem. Eu escolho a Garota Fada. Seu verdadeiro nome é Tori.

Mas, falando sério, nada vai acontecer. Eu gostei dela por dois meses, e não foi a lugar nenhum.

— Você realmente nunca falou com ela?

— Bem, não. — Graham enterrou metade do pé dele na areia.

Aria gemeu bem-humorada. — Essa deve ser a sua primeira pista de que nada vai acontecer.

Ela parece perfeita para você. Vá oferecer para ela um refrigerante do carrinho de bebidas.

— Agora? — Graham parecia em pânico.

— Sim, agora! — Aria *realmente* gostou da ideia. Essa era a sua chance de fazer algo de bom para Graham. Era sua chance de reparar por Tabitha, também. Reparar as coisas com o universo.

Restaurar o seu carma.

Ela caminhou até o carrinho de bebidas e comprou quatro Oranginas, dois para eles e dois para as meninas. — Agora você não tem sequer que comprar uma bebida para ela. Basta ir lá e oferecer isso para a Fada e a Hippie. Isso vai iniciar uma conversa.

— Sobre o quê?

— Eu não sei! — Aria exclamou, rindo alto. — Bebidas francesas, tanto faz! Agora vamos lá, faça isso!

Graham lambeu os lábios. Mas depois de um momento, o olhar atormentado em seu rosto foi embora, e ele parecia quase um pouco animado. — Tudo bem — ele disse.

Ele caminhou pela areia, segurando as garrafas em forma de abóbora em suas mãos. As meninas sombrearam seus olhos quando ele se aproximou. Elas aceitaram as bebidas e desatarraxaram as tampas. Graham agachou-se e disse algo para a Garota Fada, e a Garota Fada riu.

É isso aí, Aria pensou, tomando um gole da sua Orangina. Ela se sentia como um Cupido.

De repente, seu telefone soou de dentro da sua bolsa. Ela estendeu a mão para ele. *Uma nova mensagem de texto*. O remetente era um amontoado de letras e números.

Um arrepio serpenteou por sua espinha. Dois turistas usando pochetes olhavam confusos para um mapa do outro lado da rua da praia. Uma bela mulher negra em um biquíni com estampa de ilha estendeu sua toalha na areia. Uma garota se aproximou do carrinho de bebidas e pediu uma limonada. Quando ela se moveu para fora do caminho, Aria cruzou seus olhos com os dela. Era Naomi. Seus olhos azuis não piscaram. Havia um sorriso desagradável em seu rosto, e ela segurava um telefone celular firmemente em uma mão.

Aria se afastou rapidamente, quase andando em direção a um carro em movimento. Então, ela olhou para o próprio telefone e pressionou LER.

Legal da sua parte ajudá-lo a voltar para o jogo, Aria. Todo mundo precisa de um "empurrãozinho", não é? —A

12

DUETOS

No final daquela tarde, depois do seu curso Caribenho de fabricação de joias terminar, Hanna estava sentada em uma mesa de um bistrô com Mike e lia o cardápio grande de couro que a garçonete tinha acabado de entregar a eles. Mike aspirou o ar e fez uma careta. — *Ugh.* Alguma coisa cheira a cocô de cabra. Eu acho que sou eu.

Hanna riu. — Isso é o que você ganha por estar trabalhando na fazenda orgânica do navio. — Naturalmente, o navio de cruzeiro tinha seus próprios galinheiros, currais de alpaca e estufa, e Mike tinha se escrito para se voluntariar. — O que deu em você para estar trabalhando lá, afinal? — ela perguntou. — Você deveria ter pedido para estar na equipe de esportes ou algo assim.

Mike balançou a cabeça tristemente. — Quando eu vi a hidropônica e a estufa na descrição, eu pensei que fosse uma fazenda de maconha. Eu não sabia que teria que passar duas horas ordenhando cabras. Você sabe o quanto essas coisas fedem?

Hanna o cutucou. — Bem, é melhor você tomar outro banho, seu fedido. Caso contrário, você vai dormir no chão essa noite.

Mike se sentou. — Então isso significa que você vai ficar no meu quarto de novo?

Hanna olhou distraidamente para as marcas de shuffleboard no convés. — Posso?

— Claro que pode — disse Mike enfaticamente. — Qual é, Hanna. Se espremer em uma cama de solteiro não é realmente o seu tipo. Você e Naomi brigaram?

Hanna fingiu estar fascinada pelos cubos de gelo do copo, sem querer olhar Mike nos olhos.

Apesar de ser muito confortável se aconchegar na cama com Mike, ela era o tipo de pessoa que se mexia muito durante a noite, o que a fazia precisar de muito espaço. Ela tinha acordado várias vezes na noite passada quase caindo da cama. Além disso, o quarto de Mike cheirava a uma espécie de cachorro molhado, e o

colega de quarto dele, um garoto de Tate, peidou enquanto dormia.

— Parecia que vocês estavam se dando bem na festa de Mason — Mike acrescentou.

Hanna estremeceu quando reviveu o momento em que bateu os olhos na identidade falsa de Naomi. — Isso não importa.

Mike passou manteiga num pedaço de pão. — Eu não entendo vocês meninas e suas brigas estúpidas. Sabe o que eu acho que você e Naomi deveriam fazer? Se despir, ter uma boa e velha briga na lama, e então vocês vão conseguir rapidamente resolver os seus problemas!

— E então nós nos beijamos, eu suponho? — Hanna brincou.

Os olhos de Mike se iluminaram. — Só se você quiser!

Hanna bateu nele, em seguida, chamou a garçonete. Ela sabia que Mike queria uma explicação melhor, mas o que ela poderia dizer? *Eu tenho medo de ficar perto de Naomi porque eu bati o carro da prima dela e deixei a menina morrendo, e agora estou preocupada que Naomi tenha descoberto recentemente ou sempre soube e está me torturando como A. Desculpe por eu nunca ter te dito nada sobre isso até agora!*

Ela realmente, *realmente* não queria que Naomi fosse a Nova A, especialmente por elas terem se dado bem na festa. As coisas pareceram tão naturais entre elas, como se fossem amigas há muito tempo. E o que pensar de todas as coisas que Naomi havia dito sobre os exercícios por comer compulsivamente? Ela tinha inventado simplesmente para ganhar a confiança de Hanna, para que ela pudesse realizar seus planos diabólicos?

Fazia sentido Naomi ser A, no entanto — pelo menos uma das As. Ela poderia ter facilmente escutado tantos segredos com sua amizade rápida com Kate. E ela poderia ter arrastado Hanna para a sessão de fotos detestável com Patrick, que queria postar online suas fotos um pouco inadequadas. Naomi tinha estado no flash mob quando Hanna conheceu Liam Wilkinson, filho do rival do pai dela — ela poderia ter visto eles se pegando no beco. Filmar a pequena missão de Hanna de perseguir Colleen também teria sido moleza.

E ela tinha muitos motivos. Quantos olhares de reprovação Naomi e Riley haviam dado a Hanna e as outras meninas após Ali convidá-las para o novo grupo dela? Quantas vezes Naomi tentou humilhar Hanna — e não conseguiu? Ok, então em relação a Jamaica realmente não fazia sentido — mas talvez ela estivesse agindo com outra pessoa, alguém que a tivesse recrutado para o Time de A quando Madison morreu. Se Naomi sabia que Hanna estava dirigindo, que tinha

potencialmente machucado Madison enquanto a movia e depois a tinha abandonado — bem, isso levaria alguém a procurar vingança.

Não era como se Hanna tivesse a intenção de bater o carro, no entanto. Ela realmente achava que estava sendo uma boa samaritana por levar Madison para casa. No final da noite, ficou claro que Madison não estava em condições de dirigir — ela estava gaguejando quando falava e praticamente adormecendo no bar. Hanna olhou para Jackson, o barman. — Você tem números de táxis? Jackson apoiou os cotovelos no balcão e riu, como se isso fosse uma festa da fraternidade. — Sim, ela está muito bêbada, né?

— Sem táxis! — Madison vociferou. — Eu estou bem! — Ela girou a argola da chave em torno do dedo, mas ela voou e caiu em uma máquina de vídeo pôquer. Quando ela se ajoelhou e apoiou as mãos no chão para pegá-la, todo o bar viu sua calcinha rosa.

— É isso mesmo — Hanna disse, pegando uma nota de vinte para pagar a conta de Madison.

Ela pegou a bolsa de Madison debaixo do banco e levantou a menina. — Eu vou levar você para casa, ok? Onde você mora?

— Eu posso dirigir, Olivia — Madison reclamou, usando o nome falso que Hanna tinha lhe dado. — Estou *serfeitamente póbria!* Quero dizer, perfeitamente *bóbria*! Quero dizer...

E foi então que ela ficou verde, se curvou para frente e vomitou em sua sapatilha Coach. Os fregueses recuaram, parecendo enojados. Jackson franziu o nariz. — Vamos — Hanna disse, arrastando Madison para fora da porta antes que ela pudesse vomitar de novo. Ela sentiu um pouco de preocupação quando pegou as chaves de Madison — ela também tinha tomado um drinque. Mas fazia horas, e ela tomou apenas alguns goles. Ela dirigiu alguns quilômetros abaixo do limite de velocidade para garantir que nenhum policial a parasse.

Agora, um grupo de garotas correu para o lado do navio, puxando Hanna de seus pensamentos. — Isso são golfinhos? — Alguém gritou.

Mike levantou-se para ver, mas Hanna permaneceu em seu assento, seus pensamentos ainda agitados. Parecia tão improvável que Naomi pudesse ter descoberto que ela estava dirigindo naquela noite — a menos que Madison tivesse acordado e se lembrado, o que teria sido impossível se ela tivesse morrido. Ela tinha visto o acidente acontecer da sua nova casa, vendo tudo através das árvores? Mas isso não fazia sentido, tampouco — se ela tivesse visto, com certeza ela teria visto o

carro sair do nada e empurrar Hanna para fora da estrada.

— Aí está você!

Hanna olhou para cima. Naomi estava sobre ela, usando um vestido envelope Diane Von Furstenberg verde e sandálias de ráfia. Ela segurava um copo de suco de toranja na mão e cheirava, como de costume, ao perfume Kate Spade Twirl.

— Eu acabei de ouvi a melhor fofoca sobre aquela menina Erin Bang Bang — disse Naomi conspiratoriamente.

Hanna piscou, nervosa com a abordagem de Naomi. — Que fofoca?

Naomi se sentou no banco de Mike. — Aparentemente, alguém a ouviu falar no telefone com a mãe dela. E escuta isso, ela estava fingindo que era totalmente santa, dizendo que ela estava orando todas as manhãs, gastando muito tempo com suas colegas de classe e evitando festas e garotos. Dá para acreditar?

Hanna olhou Naomi com cuidado. Seus olhos brilhavam, e ela tinha um sorriso doce no rosto.

Ela parecia tão inofensiva, não como uma assassina maliciosa. Mas este era, provavelmente, parte do seu plano como A. Ainda assim, Hanna pensou na estratégia que Spencer tinha sugerido para ganhar a confiança de Naomi e descobrir se ela era A. Ela poderia fingir que era amiga dela. De repente, parecia viável. Talvez Hanna pudesse até mesmo descobrir se Naomi realmente sabia sobre o acidente com Madison, também.

Ela esboçou um pequeno sorriso. — Seria ótimo se pudéssemos publicar os flertes de Erin em um lugar onde a Mãe Bang Bang pudesse ver.

— Concordo. — Naomi riu, mordendo a isca.

Hanna baixou o guardanapo. — Eu vi um cartaz de que essa era a Noite de Karaokê. Quer ir?

Naomi levantou uma sobrancelha. — Só se você cantar em dueto comigo. Eu odeio cantar no karaokê sozinha.

— Pode apostar que sim!

— Então vamos agora — Naomi sugeriu. — Eu sei a música perfeita para nós.

Hanna se levantou no momento em que Mike voltou dos golfinhos. Ele deu a ela um olhar confuso, o qual ela evitou com um beijo em sua bochecha. — Eu te vejo mais tarde — ela disse despreocupadamente, então saiu. Torcendo para que ele não percebesse o quanto suas mãos tremiam quando ela seguiu Naomi para os

elevadores.

O salão de karaokê ficava a dois níveis abaixo, e elas podiam ouvir alguém cantando muito alto por todo o caminho do elevador. Havia um palco pequeno e mal iluminado na parte da frente da sala, as mesas redondas estavam cheias de crianças. Hanna notou um cara bonito de cabelos escuros, sentado sozinho perto dos banheiros. Era Graham, o garoto que era parceiro de Aria na caça ao tesouro. Aria tinha mostrado fotos dele no site do Memorial de Tabitha Clark.

Como se sentisse o olhar dela, Graham se virou e também olhou para Hanna. Ele não piscou.

Hanna estremeceu e se afastou. Ela seguiu Naomi para folhear o livro de canções, com o coração batendo o tempo todo. *Eu posso estar perto de A nesse exato momento,* ela não parava de pensar.

Essa menina pode saber todas as coisas horríveis que eu já fiz.

Ela olhou "Califórnia Girls" da Katy Perry e considerou sugerir essa, mas então decidiu que era muito extravagante. Mas, de repente, Naomi apontou para ela. — Eu acho que poderíamos cantar essa, não é?

— Vamos cantar essa então. — Hanna escreveu seus nomes ao lado. De jeito algum ela iria discutir com A.

Elas se sentaram na mesa e esperaram a vez delas. Embora Hanna tivesse que manter a perna balançando para aliviar os nervos, ela fingiu estar completamente calma, observando quando vários caras de Ulster falaram algo perto de uma banda metálica e três meninas com o mesmo corte de cabelo loiro fingiam que eram a Britney Spears. Naomi pegou o celular e, apesar de Hanna estar morrendo de vontade de olhar o que ela estava escrevendo, manteve o olhar colado em sua bebida, com o coração batendo forte.

Naomi deixou cair o celular de volta na bolsa. — Eu queria que eles nos servissem — ela suspirou. — Eu preciso tanto de um coquetel. Estou tendo problemas com um cara e eu quero afogar minhas mágoas.

— O que está acontecendo? — Hanna perguntou trêmula, descansando o queixo na palma da mão. Regra nº 1 Para Fingir Amizade: Sempre fingir se preocupar com os problemas com garotos da amiga falsa.

Naomi suspirou. — O cara que eu estou a fim gosta de Spencer.

Hanna bebeu a água que tinha sido colocada na frente dela, ela estava surpresa por Spencer não ter contado isso quando elas falaram sobre A na noite passada. —

Isso é péssimo — ela disse hesitante.

— É uma droga. — Os olhos de Naomi se arregalaram. — Ei, você sabe de algum segredo dela?

Sabe, algo que faria ele sair correndo gritando?

Hanna tossiu. — Eu realmente não sei nada *tão* bom assim. — *Só que ela era uma assassina,* uma voz rosnou em sua cabeça. *Ou que ela usou drogas no verão passado e denunciou outra pessoa por posse de drogas. Ou que ela me ajudou a mover sua prima para o banco do motorista do carro que eu estava dirigindo.*

Entretanto, se Naomi era A, ela já sabia de tudo isso.

— Ah, eu só estou brincando. — Naomi a cutucou de brincadeira depois de um momento, provavelmente vendo a expressão desconfortável de Hanna. Ela apertou a mão de Hanna. — Você é tão sortuda por ter Mike, sabe.

— Sim — disse Hanna, sentindo-se relaxar e sorrindo quando pensou nele.

— Ele é melhor do que Sean Ackard — Naomi acrescentou. — Você sabia que eu namorei com ele também, certo?

Hanna acenou com a cabeça. — No nono ano.

Naomi ficou surpresa. — Como você se lembra disso?

Hanna riu. — Eu desejei Sean durante anos, eu sabia todo mundo que ele tinha namorado.

Mas, você sabe, quando eu o consegui foi uma grande decepção. Ele era muito... *bom.*

— Você quer dizer a coisa do sem-sexo, certo? — Naomi revirou os olhos. — Ele sempre foi assim. Eu estava em uma festa com ele uma vez, e todos os casais estavam se pegando. Mas Sean e eu nos sentamos no sofá, assistindo um filme idiota na TV como se fôssemos pais. Foi tão idiota.

— O que Kate vê nele? — Hanna riu.

— Talvez ela seja virgem — Naomi riu. — Eu ouvi dizer que ela vai ao Clube V com ele agora.

— Em falar nisso, eu... — Hanna estava prestes a dizer que tinha visto Kate e Sean saírem de uma reunião do Clube V algumas semanas atrás, mas se conteve a tempo. Ela esteve com Liam quando pegou Kate e Sean na reunião do Clube V.

Entretanto, se Naomi fosse A, ela saberia disso, também.

Hanna se endireitou, sentindo-se nervosa. — Sabe, se você realmente quer um coquetel, poderíamos sair do barco quando chegarmos em Porto Rico e ir para um bar ou algo assim. Eu tenho uma identidade falsa. E você tem a da sua, hum, prima, certo?

Uma expressão estranha passou pelo rosto de Naomi. — Sim.

— Vocês eram próximas? — Seu coração estava batendo forte. Ela se sentiu ridiculamente transparente.

Naomi olhou suas unhas. — Como irmãs. O nome dela é Madison. Ela estudava em St. Agnes.

Agora ela estuda na Penn State. Ou, bem, ela ia para a Penn State até o acidente.

Hanna ficou enjoada. — Ela... morreu? — Ela se preparou para a resposta. Ou para Naomi começar a gritar que ela sabia de tudo e que queria Hanna morta.

Naomi olhou para Hanna por um longo momento, quase como se ela a estivesse avaliando.

Mas antes que ela pudesse responder, as notas iniciais de "Califórnia Girls" cresceram através do espaço, e as letras apareceram na tela atrás do palco.

Naomi deu um salto. — Deus, eu sou uma desmancha-prazeres! Vamos lá. Vamos esquecer isso e nos divertir.

Elas correram até a frente e pegaram os microfones. Mas quando Hanna abriu a boca para cantar, a sua voz soou instável e fina. Ela continuou imaginando Madison em uma cama de hospital após a colisão, com uma máscara horrível em seu rosto respirando por ela. Imaginou Naomi, a prima favorita de Madison, sentada ao lado dela, choramingando. Descobrir que outra pessoa era culpada levaria qualquer um à vingança. Mas como Naomi era capaz de fingir ser tão legal agora?

Ela olhou para Naomi agora. Seus olhos estavam claros, as lágrimas tinham desaparecido, e ela estava cantando alegremente com o microfone como se tivesse colocado a dor de lado. Quando o refrão vigoroso começou, um monte de adolescentes da plateia cantou junto. A voz de Naomi aumentou. Ela se virou e deu um tapa na bunda dela. Hanna não pôde deixar de rir.

Então Hanna jogou a cabeça para trás e também cantou mais alto. Sua voz soava boa misturada com a de Naomi. Quando ela abriu os olhos, Naomi agarrou a mão de Hanna e girou em torno dela. Ela sacudiu sua saia, e Hanna pegou dois

bastões iluminados de uma mesa próxima, fingindo que fogos de artifício explodiam de seus peitos. A multidão aplaudiu. Quando Hanna olhou para seus rostos, até mesmo Graham estava sorrindo.

Quando a música terminou, um grupo de rapazes sentados na parede cantava: — Bis! Bis!

— O público nos amou! — Hanna riu quando saíram do palco.

— Isso é porque nós somos incríveis! — Naomi enganchou seu braço com o cotovelo de Hanna. — Nós deveríamos nos apresentar no show de talentos, você não acha?

— Hum, claro — Hanna disse, lembrando que ela tinha prometido a Spencer e as outras que ia performar hula com elas. Mas não era como se ela pudesse dizer não — não para a menina que poderia ser A.

E então, como se fosse combinado, quando ela voltou para o assento, a luz do celular dela estava piscando. Havia uma nova mensagem de texto.

A cabeça de Naomi tinha virado e ela estava falando com Ursula Tippington, sem prestar atenção. Hanna deu uma olhada no celular de Naomi na mesa ao lado dela. Tudo o que tinha que fazer era chegar perto e agarrá-lo, mas parecia que seus membros estavam cheios de areia.

Engolindo em seco, ela abriu a mensagem.

Hanna Marin teve um acidente Moveu uma menina para se safar

Hanna Marin fugiu do local Mas alguém viu tudo — eu.

—A

13

QUEM TEM TETO DE VIDRO NÃO DEVERIA ATIRAR PEDRAS

— Bem-vindos a Porto Rico! — Jeremy gritou pelo alto-falante na manhã de quinta-feira. Ele disse isso com um berrante sotaque espanhol, rolando os *r* s.

Emily viu quando um monte de crianças acenaram lenços para as pessoas em terra. Uma versão acústica e sonhadora de "*Além do Arco-Íris*" tilintou sobre os alto-falantes, e todos gemeram.

Essa mesma canção havia tocado quando eles tinham saído de Newark, em seguida, na manhã seguinte no mar, *em seguida*, para chamá-los para jantar na noite anterior. Ela estava ficando um pouco velha.

Ela se sentou em um banco, inalando o ar úmido. Jordan tinha deixado um bilhete em sua mesa de cabeceira mais cedo, dizendo que ela ia pegar café, mas que Emily devia ir encontrá-la.

Quando o telefone tocou, ela esperava ver o nome de Jordan, mas era Hanna ao invés.

— Eu estou com Spencer e Aria no telefone, também — Hanna disse assim que Emily atendeu.

— Eu saí com Naomi. Ela não parece saber que estávamos envolvidas no acidente de Madison — mas *alguém* sabe. A me enviou outra mensagem sobre isso.

— Você descobriu se Madison morreu? — Emily perguntou, seu coração parando no peito. *Por favor, diga que não*, ela pensou. Se alguém morreu por causa dela, ela não tinha certeza de como ela poderia continuar. Mas, no entanto, descobrir que Madison não tinha perdido a consciência de bêbada, como todas elas tinham pensado, era um grande jogo mental. Como ela pôde ter fugido do local, deixando uma menina inocente machucada para trás? Emily se mantinha retratando a polícia lendo suas acusações, os olhares nos rostos de seus pais. Sua mãe provavelmente cairia morta — e essa seria mais outra morte que Emily seria responsável.

— Eu ainda não sei se ela morreu — Hanna admitiu. — Fomos interrompidas antes que eu pudesse chegar a isso, e eu me senti estranha pressionando-a.

— Você tem que tentar descobrir o que aconteceu, Hanna — Aria insistiu. — Se ela morreu, ou se ela estiver ferida, isso torna mais forte a hipótese de Naomi ser A.

— Eu sei, eu sei. — Hanna parecia perturbada. Então ela suspirou. — Mas eu estou confusa.

Naomi parece tão equilibrada e inocente. Ela poderia ser uma atriz tão boa?

— Eu recebi uma mensagem de A ontem, e quando olhei para cima, Naomi estava olhando diretamente para mim — disse Aria. — Minha mensagem fazia outra referência à Jamaica. Nós precisamos descobrir isso em breve e parar A, antes que A nos arruíne.

— Sabe sobre o que eu não estou tão certa? — Hanna disse. — O ex de Tabitha. Ele estava sozinho no bar de karaokê, Aria, e parecia que ele estava me observando.

— Ele não é A — Aria disse teimosamente.

— Como você pode ter tanta certeza? — Spencer perguntou. — Ele estava lá quando você recebeu a mensagem de A ontem, também, não estava?

— Mas como ele poderia saber sobre tudo que fizemos? — Aria disse. — Ele estava na América do Sul no verão passado, lembra?

— Isso é o que ele diz.

Houve uma pausa tensa na linha. Finalmente, Spencer suspirou e disse que ela tinha que ir. As outras meninas desligaram, também, mas elas prometeram se encontrar mais tarde para falar sobre a sua dança hula. Depois de apertar em ENCERRAR, Emily mastigou com força seu chiclete. Embora ela não acreditasse que Naomi era A, ela também se lembrava de algo do verão anterior — talvez ela e Naomi tenham compartilhado uma conexão. Depois do acidente, quando Emily estava na Filadélfia, ela estava caminhando para casa do restaurante de peixe onde ela trabalhava, em uma profunda conversação com Derrick, seu amigo e colega de trabalho. Eles estavam falando sobre o quão comovente o retorno da Verdadeira Ali para Rosewood tinha sido para Emily, especialmente o beijo que tinham compartilhado.

— Você está triste por ela ter morrido no incêndio? — Derrick tinha perguntado.

— Mais ou menos — disse Emily, olhando para longe. Não era como se ela pudesse dizer a Derrick que Ali *não tinha* morrido no incêndio — que ela tinha escapado pela porta que Emily tinha deixado aberta. Ali *tinha* morrido quando Aria a empurrou para fora do telhado na Jamaica, no entanto.

Então ela parou, espiando alguém do outro lado do cruzamento. Ali, de pé junto à vitrine da loja BCBG, estava Naomi Zeigler.

— Oh, meu Deus — ela suspirou, puxando Derrick ao virar a esquina. Ela esperou até que Naomi tivesse andado para longe, então percebeu que ela estava segura. Mas, e se Naomi tivesse visto? O celular de Emily tocou novamente, trazendo-a de volta ao presente. *Aria*, dizia a identificação de chamadas. — O que você vai fazer hoje, Em? — ela perguntou. — Você quer tomar um café da manhã?

Só então, Emily viu Jordan virando a esquina. Ela estava usando um par de shorts cáqui e uma camiseta azul-celeste que Emily lhe emprestara. A mesma faixa de seda puxava para trás seu cabelo longo e escuro.

— Uh, eu não posso — disse ela.

— Por que não? — Aria parecia preocupada. — Está tudo bem?

— Está tudo ótimo — Emily disse em uma voz mais baixa. — *Melhor* do que ótimo, na verdade. — Ela espiou Jordan enquanto ela caminhava na direção dela, com um sorriso enorme no rosto. — Eu fiz uma incrível amiga nova.

— Oh! — Aria parecia satisfeita. — Isso é bom. Pelo menos algo de bom está acontecendo nesta viagem. Posso conhecê-la?

Emily mordeu a ponta de seus óculos de sol. Aria poderia não aprovar o fato de que ela estava se escondendo de alguém em seu quarto. Elas já tinham problemas o suficiente.

— Hum, eu falo com você sobre isso depois — disse ela abruptamente, e depois desligou.

Ela deixou cair o telefone na bolsa e sorriu para Jordan. — O que nós vamos fazer hoje? — ela cutucou-a com brincadeira. — É melhor que seja bom. Eu estou cabulando observação de aves para isso. — Seu instrutor de observação de aves tinha planejado uma expedição na praia, embora se fosse igual à observação de ontem, Emily ficou tão entediada que ela quase adormeceu enquanto olhava através dos binóculos. Havia tanta excitação que ela poderia pegar coragem das andorinhas do mar e pelicanos.

Jordan estendeu a mão para ajudar Emily a levantar. — Nós vamos à praia.

— Você tem certeza que é uma boa ideia sair do barco? — Emily perguntou, incrédula. — Eu não quero que você tenha problemas.

Jordan levantou um ombro. — Viva um pouco! Agora vamos lá, bonitinha!

Bonitinha. Jordan também a chamava de *coisa sexy, querida e bolo quente*. Maya St. Germain costumava chamar-lhe de nomes assim, e Emily tinha de admitir que ela gostava. Desde que Emily conheceu Jordan, sua fascinação tinha se transformado em uma completa paixão. Elas ficavam cada noite falando sobre suas vidas. Jordan não ridicularizava Emily por nada que saía da sua boca, como Ali fazia. Ela apenas ouvia com um sorriso intrigado no rosto, como se Emily fosse a pessoa mais interessante do mundo.

Elas desceram a rampa do barco e entraram no ar úmido de Porto Rico. O sol brilhava na água.

Elas passaram por um grupo de crianças vestindo camisetas da Ulster Prep, a escola de Jordan. — Você quer dizer oi? — Emily perguntou.

Jordan olhou para ela sem entender. — Para quem?

— Para... — Emily parou. Elas já haviam passado pelas crianças do Ulster; o momento se foi.

— Então, o que vamos fazer? — ela perguntou. — Passear pelas ruas? Sentar em um café e ouvir música mariachi?

— Paciência, gafanhoto. — Jordan bateu no quadril de Emily, então pegou uma curva à esquerda e caminhou até uma segunda doca cheia de iates amarrados e veleiros. Ela marchou para a doca como se ela a conhecesse, parando em uma longa lancha balançando suavemente nas ondas.

— Isso vai funcionar — Emily pensou ter ouvido ela murmurar.

Ela deu um passo para o barco. Ele balançou um pouco sob o seu peso, e ela estendeu os braços para se equilibrar. Ela caminhou até a cabine e olhou para os medidores. Então ela abriu uma janela ao lado do volante. Após mexer um pouco, o motor começou a funcionar.

— E então? — ela chamou Emily sobre os sons guturais. — Você vem a bordo ou não?

Emily piscou. — Este barco é *seu*?

Jordan riu. — Não, idiota!

— Então o que você está *fazendo*?

Jordan se inclinou contra o volante. — A quem quer que pertença não o tendeu por um longo tempo. — Ela apontou para um adesivo na lateral. — Tá vendo? A licença está desatualizada. E há uma tonelada de película no lado — ele não tem sido limpo há anos. — Ela acariciou um dos bancos de couro. — Pobre velha menina. Você sente falta de sair para o mar, não é?

— Mas poderíamos ter problemas enormes! Eu pensei que você estava tentando permanecer sob o radar!

Jordan pegou o chapéu de capitão que estava pendurado num cabide perto do volante e colocou em sua cabeça. — A vida não vale a pena viver se você estiver com medo o tempo todo.

Emily olhou por cima do ombro, meio que esperando ver uma sombra escorregar atrás de um barco Chris-Craft estacionado perto delas. Mas ninguém estava lá. Estavam só ela e Jordan e uma doca cheia de barcos. Jordan estava certa: ela estava com medo o tempo todo. Qual foi a última vez que ela tinha realmente se divertido?

Ela timidamente colocou um pé no barco. — Só um *pequeno* passeio, ok?

— Yay! — Jordan gritou, correndo para ajudar Emily a entrar a bordo. Ela deu a Emily um grande abraço, segurando-a por alguns momentos extras. A pele de Emily vibrou. A promessa de mais abraços era a única razão para ela estar quebrando regras.

Jordan desamarrou o barco da rampa. Então, com um giro do volante, ela moveu para trás o barco do porto. Uma brisa com cheiro salgado chutou para cima, soprando o cabelo de Emily em torno de seu rosto. Em segundos, elas estavam passando o navio de cruzeiro, em seguida, um grupo de veleiros. Ao darem a volta da velha fortaleza nos arredores da cidade, Emily olhou para baixo e notou algo. A parte inferior do barco era de vidro. Um peixe nadava graciosamente a apenas alguns centímetros abaixo dela, visível à luz do sol brilhante.

— Oh meu Deus! — Ela colocou as mãos no vidro. — Jordan! Venha ver!

Jordan deixou o barco ocioso e entrou no casco, também. Peixes tropicais deslizavam sob seus pés. Plantas oceânicas acenavam suavemente. — Uau — disse ela.

— Eu nunca vi nada como isso — Emily arfou. — Nós nem precisamos de uma máscara de mergulho!

Elas assistiram a água com admiração por alguns minutos. Mas, enquanto

Emily olhava para a profundeza, seu bom humor começou a mudar. Nem mesmo há um ano atrás, Tabitha tinha sido removida deste mesmo mar. Peixes como estes tinham nadado em torno de seu corpo impassível, assistindo-o definhando. Algas tinham se alojado em seu cabelo e orelhas. A água salgada a tinha corroído devagar e meticulosamente, até que apenas os ossos foram deixados.

Um estranho ruído gorgolejou da parte de trás da sua garganta. Jordan virou. — Você está bem?

— Eu estou bem — Emily conseguiu dizer.

Jordan avançou mais perto, seus olhos verdes se ampliando. — Não, você não está. Você está assustada por que nós pegamos este barco?

Emily colocou os braços sobre o peito, de repente sentindo frio. *Eu estou assustada com tudo,* ela queria dizer. Mas se ela abrisse a boca, ela temia que todos os seus segredos transbordassem em questão de minutos. Ela não podia dizer a Jordan sobre Tabitha. Era muito perigoso.

— Eu estou contente por nós estarmos aqui — ela finalmente conseguiu dizer. — Eu precisava fazer isso. Me afastar da minha vida.

Jordan inclinou a cabeça. — As coisas em casa estão realmente bastante ruins, né?

Emily assentiu, sentindo um nó na garganta.

— Seus pais? — Jordan adivinhou. — Você disse que eles não queriam você por perto.

Lágrimas picaram os olhos de Emily, e ela balançou a cabeça novamente. — Eles me odeiam.

— O que aconteceu, exatamente?

Emily olhou-a, em seguida, tomou uma respiração profunda. Este era um segredo que ela poderia compartilhar. — Eles descobriram que eu tive um bebê no verão passado. Quando eu contei a eles na semana passada, eles não apenas piraram — eles se fecharam.

Jordan piscou lentamente. — Você teve um *bebê*?

Emily estremeceu com o tom chocado na voz de Jordan. Ela provavelmente estava enojada.

Mas então ela olhou para o rosto de Jordan. Ele era gentil e tolerante. *Vá em frente*, sua expressão parecia dizer. *Eu estou ouvindo. Eu gosto de você de qualquer maneira.*

Tudo transbordou para fora dela. A parte sobre Gayle. Até mesmo sobre voltar atrás na oferta dela e deixar o bebê na porta da casa dos Bakers. — Depois que Isaac descobriu, eu pensei que já era tempo de os meus pais saberem — ela disse. — Mas agora é como se eu não fizesse mais parte da família. Eles já ficaram chateados comigo antes, mas desta vez foi completamente diferente. Eu sei que eu deveria odiá-los, mas eu sinto tanta falta deles.

Ela olhou para os peixes flutuando, com lágrimas nos olhos. Tudo o que ela disse era dolorosamente verdadeiro. Ela tinha passado por muita coisa com sua família, mas ela pensou que eles estavam começando a entender uns aos outros. O que ela tinha feito tinha arruinado as coisas entre eles para sempre.

Jordan se aproximou e tocou a mão de Emily. — Você é tão, tão corajosa — ela disse calmamente. — Eu não conseguiria fazer o que você fez. Nada como isso.

Emily piscou as lágrimas. — Foi muito, muito difícil.

— Como foi? — Os olhos de Jordan estavam arregalados. — Estar grávida, quero dizer. Dar à luz. Passar por algo assim... *chocante*. Eu não consigo imaginar isso.

— Assustador — Emily respondeu. — Mas também incrível. Minha parte favorita foi sentir o seu chute. Eu deitava à noite e colocava a mão na minha barriga e ficava assim durante horas. Na primeira vez, é como uma pequena vibração dentro de você. Mas então, quando ela ficou maior, os chutes eram mais fortes. Era meio alucinante.

— Uau — Jordan sussurrou.

Lágrimas escorriam dos olhos dela, e ela olhou para Jordan com gratidão. — Ninguém nunca me perguntou isso, sabe. Era sempre sobre o que eu tinha feito de errado ou a pessoa horrível que eu era.

— Você não é horrível — disse Jordan. — Você é incrível.

Emily olhou para Jordan timidamente. — Eu acho você incrível, também — ela sussurrou.

Jordan colocou um dedo sobre o joelho de Emily. Em vez de se afastar uma fração de segundo depois, ela o deixou permanecer ali. Emily olhou para sua unha pink em forma de lua e então deslizou para mais perto. Seu coração começou a bater forte. Antes que ela percebesse, seus lábios se tocaram. O nariz de Emily preencheu-se com o aroma inebriante do perfume de jasmim. Ela correu os dedos para cima e para baixo pelos braços nus de Jordan. Sua pele era tão suave como

pétalas.

Elas pressionaram-se juntas, ambas inalando-se, e quando se separaram, elas olharam uma para a outra nos olhos.

— Uau — Jordan sussurrou vertiginosamente. — Eu estava esperando que isso acontecesse.

— Uau para mim — insistiu Emily, enroscando-se no colo de Jordan e olhando para as nuvens.

— Uau para nós — Jordan corrigiu. E então ela tirou o chapéu do capitão, colocou-o sobre a cabeça de Emily, e abriu os braços novamente.

14

O MERGULHO SURPRESA DE SPENCER

— Aqui está! — Uma garçonete Latina colocou uma bandeja grande na frente de Spencer e Reefer. — O menu de degustação de seis ceviche! *¡Buen apetito!*

Quando ela se afastou, balançando os quadris amplos, Spencer olhou para as seis taças pequenas. — Eu não acredito que você me meteu nisso. Eu fui para o Caribe 17 vezes, e eu consegui evitar ceviche até agora.

— Ah, uma virgem de ceviche! — Reefer empurrou um garfo para ela. — Vamos lá. Você tem que experimentar um pouco. Você vai adorar.

Spencer olhou para cima, protelando. Era uma noite de quinta-feira, e eles estavam em um restaurante Latino ao ar livre em Old San Juan. Palmeiras os rodeavam, e cada mesa tinha uma vela votiva piscando e um vaso de flores tropicais. Uma banda tocava uma música agitada e vários casais estavam dançando salsa perto do palco. Para adicionar uma vibração sexy, uma piscina de um azul infinito ondulava na distância. Spencer já tinha visto dois casais ficarem apenas com a roupa de banho e mergulhar na piscina como uma alternativa de sobremesa.

Antes deles mergulharem naquela manhã, a aula de mergulho tinha sido um filme sobre Jacques Cousteau. Pelo resto da tarde, Spencer tinha se preparado para jantar fora. Agora seu cabelo loiro estava espalhado pelas costas, sua pele brilhava por causa de um creme facial, e suas unhas foram pintadas de um tom de vermelho chamado Vixen. Ela tinha vasculhado as roupas de cruzeiro dela e de Kirsten até decidir usar um vestido de linho azul-turquesa sem alças que gritava *eu estou linda, mas eu não me arrumei muito.* Assim que Reefer tinha visto o vestido, ele disse que era sua cor favorita.

Ela tinha escolhido esse restaurante, também, clicando em sites de diversão noturna em San Juan e escolhendo o lugar que parecia mais romântico. Outros adolescentes do barco tiveram a mesma ideia: No canto, dois casais de Tate. Do outro lado, Lanie Iler e Mason Byers comiam batatas-fritas rapidamente. E Naomi Zeigler tinha acabado de sentar com um grupo de meninas de Rosewood Day, atirando para Spencer um olhar desagradável quando viu ela e Reefer juntos.

Spencer rangeu os dentes para o vestido turquesa de Naomi idêntico ao dela. Naomi a havia espionado enquanto ela estava se arrumando?

Entretanto, era Spencer que estava em um encontro com Reefer, não era?

Mas junto com o triunfo veio uma pontada de medo. Talvez Naomi tivesse seguido ela até aqui, porque ela era A.

Engolindo sua preocupação, ela pegou o garfo de Reefer e delicadamente provou um pouco de ceviche. Um sabor picante e ácido veio primeiro. Em seguida, ela provou algo fresco e suave. — É bom — ela decidiu.

— Pegue um com pimenta-malagueta. — Reefer empurrou outra tigela para mais perto dela.

— É incrível quando é feito com pimenta-malagueta de verdade, não do tipo seca. Eu fiquei viciado em ceviche por um tempo, alguns anos atrás. Estou tentando lembrar da minha receita favorita... — Ele clicou em seu iPhone, e o virou na direção de Spencer. RECEITAS DE REEFER DE A À Z, lia-se na tela. Ceviche, naturalmente estava arquivado na letra C.

Spencer riu. — Você é tão organizado.

Reefer cobriu a tela com a mão, parecendo envergonhado. Mas Spencer não estava surpresa.

Ele mantinha sua maconha em gavetas pequenas e individuais, cuidadosamente rotuladas. Mais cedo, quando ele abriu a carteira para pegar sua identidade falsa, seus cartões estavam arrumados em ordem alfabética, um cartão de membros AAA na frente, um cartão de visita para Justin Zeis e um cartão de Personal Trainer na parte de trás.

— Eu gosto de tudo no lugar certo — ele admitiu. — Eu não consigo suportar as coisas desorganizadas. — Ele mordeu uma batata-frita. — Pode dizer, eu sou um idiota.

Spencer se inclinou sobre os cotovelos. — Se você é idiota, então eu também sou. Todo o dinheiro da minha carteira tem que estar em ordem de acordo com o número de série virado para cima. Se estiver fora de ordem, eu entro em pânico.

As sobrancelhas de Reefer subiram. — Há quanto tempo você faz isso?

— Desde a minha primeira mesada. E antes disso, eu organizava meus brinquedos de banho na banheira por altura e cor.

Reefer sorriu. — Eu costumava classificar meus brinquedos LEGO por

tamanho e tema. E eu insistia em passar as minhas roupas da escola. Eu odiava quando minha mãe fazia isso.

— Eu ainda passo meus jeans, às vezes — Spencer admitiu, então, sentiu um pouco de vergonha por dizer isso.

Reefer riu. — Quando eu fui para a botânica, minha mãe me deu uma estante de condimentos para organizar minhas sementes. Acordei várias vezes à noite para me certificar de que ninguém as tinha colocado em uma ordem diferente.

Spencer pegou uma batata-frita e colocou-a na boca. — Eu pedi ao meu pai para me deixar organizar as dele. Ele achava que havia algo de errado comigo.

— Você teria sido ótima para o Clube de Comer da Ivy — Reefer brincou. — A secretária perfeita.

— Pena que eu nunca vou ser. — Spencer olhou melancolicamente para o sal na borda do copo de margarita. Ela estava tão desesperada para entrar na Ivy, mas após o fiasco da maconha no brownie, ficou claro que ela nunca iria entrar.

Quando ela sentiu a mão grande e quente de Reefer cobrir a dela, ela olhou para cima, surpresa. — Você vai se divertir muito mais em Princeton sem ser parte de um clube de comer, sabe — ele disse suavemente. — Eu vou me certificar disso.

— Você vai? — Spencer ousou um sorriso.

— É claro. Vamos nos divertir muito. Eu sei de toneladas de coisas divertidas para fazer, coisas que são muito mais legais do que o que essas pessoas da Ivy fazem.

O coração de Spencer acelerou. Ele disse *nós*. Como se eles fossem um casal. Talvez até mesmo um casal *único*.

Uma trombeta soou no ouvido dela, e ela se virou. A banda de jazz estava ao lado da mesa deles para uma serenata privada. O guitarrista tocava um ritmo lento. O baterista balançava um maracá. A cantora começou a cantar. Mesmo que as letras fossem em espanhol, Spencer reconheceu a melodia de "I Only Have Eyes for You."

— Você tem uma namorada linda, cara — disse o cantor entre os versos, fingindo sotaque espanhol.

— Eu sei — Reefer disse, olhando para Spencer cautelosamente, como se tivesse falado demais. Spencer sorriu eufórica. *Namorada?* Ela experimentou a palavra como se fosse um vestido, e pareceu muito boa. Ela sorriu e apertou a mão dele.

— Quer uma foto? — Uma garçonete se materializou com uma câmera Polaroid. Spencer e Reefer se inclinaram e sorriram. O flash disparou, e o dispositivo soltou uma fotografia. Spencer a pegou da garçonete e colocou-a sobre a mesa para secar.

Reefer se levantou e ofereceu sua mão. — Quer dançar?

— Sim — Spencer suspirou.

Eles escolheram um lugar na pista de dança perto da piscina, e Reefer passou os braços em volta dela.

— Eu nunca pensei em você como um dançarino — ela murmurou enquanto se balançava.

Reefer fez um *tsk* com a língua. — Você já deveria saber que a aparência pode enganar. Eu gosto de dançar, especialmente se for com a pessoa certa.

O coração de Spencer bateu quando ele se inclinou para mais perto dela até que seu nariz roçou sua bochecha. Ela engoliu em seco, então se inclinou em direção a ele, também. O trompetista soltou uma série de notas quando seus lábios se tocaram. Spencer fechou os olhos e saboreou limão, ceviche e sal. Um formigamento atravessou seu corpo.

Eles se afastaram e sorriram. Um músculo se contraiu na boca do Reefer. Mas, então, meio segundo depois, seu olhar focou em alguém atrás de Spencer.

— Se importa se eu interromper?

O rosto anguloso de Naomi apareceu à vista. Ela olhou com doçura para Reefer, a cabeça inclinada e os cílios tremulando.

Spencer ficou rígida, querendo dizer não. Mas antes que qualquer um deles pudesse se mover, Naomi jogou seu corpo na frente de Spencer, agarrando as mãos de Reefer. Spencer tentou se manter firme, mas depois Naomi deu a Spencer um pequeno empurrão com o quadril. Spencer cambaleou para trás. Seu calcanhar enganchou nas pedras irregulares, e ela virou os braços para se equilibrar. Os momentos no ar pareceram uma eternidade, e de repente o seu corpo bateu na água fria com um alto *splash*. Água jorrou em seus ouvidos e seu vestido encharcou. Sua bunda bateu no fundo da piscina, e ela rapidamente se empurrou para fora e nadou até a superfície, xingando.

Ela tirou o cabelo dos olhos e olhou em volta. A música ainda estava tocando muito alto, mas um monte de gente na pista de dança tinha parado e estava olhando para ela. Garçons congelaram no lugar com as bandejas na mão. A boca de Reefer

estava escancarada. Os olhos de Naomi estavam arregalados. Depois de um momento, ela entrou com cuidado na direção da borda da piscina.

— Meu Deus, Spencer, você está bem? — Ela disse em uma voz de falso interesse. — Você deveria ter mais cuidado!

Spencer queria pegar o tornozelo de Naomi e puxá-la também, mas Naomi já tinha deslizado de volta para Reefer, talvez supondo que eles iriam dançar. Mas Reefer virou-se para um garçom, que correu com uma toalha.

Spencer saiu da piscina e deixou Reefer enrolar a toalha ao redor de seus ombros. — Isso foi estranho — ele murmurou distraído, quando a conduziu de volta para a mesa deles. — Talvez não devêssemos ter dançado tão perto da piscina, hein?

Não com Naomi em volta, Spencer pensou amargamente. Seu celular tocou de dentro da bolsa, e ela se abaixou. *Uma nova mensagem de Anônimo.*

Ela olhou para trás. Naomi olhou para fora da janela com o celular no colo. Havia um pequeno sorriso em seu rosto, como se estivesse guardando um segredo delicioso.

Spencer olhou Naomi, que agora estava deslizando em direção à saída, com a cabeça erguida, como se o seu trabalho aqui já tivesse sido concluído. Então Spencer olhou para baixo, para a mensagem.

Se você sabe o que é melhor para você, Spence, você vai ficar longe dele. Há vários peixes no mar. Ou, depois de eu acabar com você, no pátio da cadeia. —A

15

UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

Na manhã de sexta-feira, Aria e Noel estavam na cozinha do navio em estações de trabalho separadas. Em uma tentativa de fazer algo juntos, eles se inscreveram como voluntários na cozinha totalmente natural e orgânica. Mal sabiam eles que seriam atribuídos ao turno do café da manhã às 6 da manhã.

Aria olhou para a tigela de Noel e franziu a testa. — Eu acho que você colocou muita farinha na massa — ela sussurrou, olhando disfarçadamente para Bette, a grande mulher que estava no comando da cozinha.

Noel franziu a testa e olhou para a receita laminada ao lado dele. — Aqui diz para colocar doze copos deste tamanho de uma porção. Eu *acho* que foi o que eu fiz.

Aria espalhou a massa com um garfo. — Eu acho que deveria ficar mais grossa. Desta maneira está muito esquisito.

Noel riu. — *Você é* esquisita.

Ele fez cócegas no lado de Aria, e ela golpeou-o com uma luva de forno. Ela tinha que admitir que essa coisa de fazer o café da manhã cedo era divertido: Eles eram as únicas crianças na cozinha, havia uma estação romântica de guitarra-clássica no rádio, e o ar estava fresco e limpo, ainda não estava tropical úmido. Na verdade, Aria não tinha percebido que a maioria dos afazeres da cozinha envolveria manusear carne: remover milhares de tiras de bacon de peru de granja do congelador, fritar irregulares linguiças de carne de boi alimentado com capim, até mesmo lidar com algo chamado *scrapple*[{2}], que ela estava convicta de que continha focinhos de porcos — embora focinhos de porcos *orgânicos*. Mas até isso era um preço pequeno a pagar para ter algum tempo sólido com Noel. Noel derramou mais leite na massa. — Ei, já que levantamos cedo, poderíamos ir dar uma caminhada na praia. Eu poderia lhe mostrar o rap que Mike e eu vamos cantar no show de talentos no domingo. — Ele a cutucou.

— Isso seria ótimo! — Aria disse, mas em seguida, mordeu o lábio, se lembrando. — Mas eu não posso hoje. Eu prometi jogar minigolfe com Graham

esta manhã.

— Oh. — Noel olhou para sua tigela. — Isso é legal.

Aria colocou outra bandeja de bacon sobre a grelha. Ele faiscou alto. — Eu realmente sinto muito. Se você tivesse me perguntado antes, eu poderia ter reorganizado as coisas. — Eles tiveram um jantar com um grande grupo de crianças na noite passada. Aria e Noel mal haviam se falado.

— Eu disse que está tudo bem — Noel disse rigidamente. — Você certamente está gastando muito do seu tempo com esse cara Graham, no entanto.

Aria torceu o nariz. *Esse cara Graham?* Isso era algo que sua mãe diria. — Não é como se eu estivesse a fim dele. Ele é um desses caras que se veste de armadura e vai lutar.

— Mas ele está a fim de *você*?

Ela riu. — Definitivamente não. Eu estou tentando fazê-lo falar com a sua paixão, na verdade.

Sua antiga namorada morreu, e ele é muito tímido para falar com ela por conta própria.

Noel olhou para cima, surpreso. — Como ela morreu?

Aria mordeu com força o interior da sua bochecha. — Hum, eu não tenho certeza.

Na verdade, ela não deveria ter contado a suas amigas sobre Graham, tampouco — elas não conseguiram tirar de suas cabeças que Graham poderia ser A. Ontem à noite, antes do jantar, quando elas se reuniram para ensaiar sua coreografia de hula, Emily tinha dito que ela tinha visto Graham rondando um dos corredores. E Hanna, que estava com elas, embora ela fosse fazer sua apresentação com Naomi, comentou que parecia que Graham não tinha amigos no cruzeiro, ele sempre estava sentado sozinho nas refeições. — E se ele veio a bordo por outras razões — como por estar nos perseguindo?

— Ele não é A — Aria havia ressaltado. — A sua relação com Tabitha nem era recente.

— Sim, mas você disse que ele gostava mais dela do que ela gostava dele — Hanna lembrou.

— Talvez ele pense que ela era seu verdadeiro amor ou algo assim. Talvez ele seja um desses malucos que está morrendo de vontade de se vingar de alguém.

— Você nem sequer o conhece — Aria disse defensivamente.

— Sim, mas você também não — respondeu Hanna.

Agora, ela limpou sua garganta e olhou para Noel. — Eu sinto que eu preciso ajudar o cara a se soltar. É divertido bancar a casamenteira.

Noel tomou um gole da caneca de café pousada ao lado dele. — Contanto que você não banque a casamenteira e o combine com *você*. Você pode estar incentivando ele e nem sequer sabe disso.

O bacon chiou alto. — Você não confia em mim? — Aria perguntou.

— Claro que confio — Noel disse rapidamente. — É só que... Eu pensei que este cruzeiro seria diferente. Eu não sabia que essa Caçada Eco de vocês tomaria tanto tempo.

Aria apontou a espátula para ele. — Foi você que não quis fazer a Caçada Eco comigo. Foi você que insistiu no surf. Você sabia que eu não podia fazer isso com você. Você sabe que eu não sei nadar muito bem. Mas você fez isso de qualquer maneira.

— Você disse que eu podia!

— E eu estava falando sério — disse Aria. — Eu acho que é ótimo você estar se divertindo tanto. Mas não me culpe por eu estar me divertindo.

Os olhos de Noel se arregalaram. — Tudo bem. Eu não vou dizer nada. Eu não vou incomodá-la de jeito nenhum.

— Ótimo — respondeu Aria, endurecendo.

Ela voltou para o bacon. Noel agitou sua mistura. Seus movimentos tornaram-se tão fortes e apaixonados que todo o excesso de farinha subiu em uma nuvem e cobriu o rosto dele com uma fina névoa branca. Ele piscou com força, parecendo um mímico.

Aria não pôde deixar de rir. Depois de um momento, Noel também riu. Ele balançou a cabeça e bateu suavemente em seu ombro. — Eu sinto muito. Estou sendo um idiota.

— Não, eu sinto muito — disse Aria, pegando uma toalha de papel e limpando a farinha de seu rosto. — Eu não quero brigar. Quero que a gente se divirta. Mas você não deve ter ciúmes de Graham, ok? Eu amo *você*.

Noel cuspiu farinha de entre seus lábios. — Vocês dois são realmente artísticos, no entanto.

Vocês provavelmente têm muito em comum.

A boca de Aria caiu aberta. Sério? Houve muitas vezes em que ela se sentiu inferior em torno de Noel — ele era tão rico, de boa aparência, popular e, às vezes, ela ainda se sentia como a Aria estranha da sexta série, a amiga idiota de Ali. Mas esta foi a primeira vez que ele lhe disse que não se sentia bom o suficiente para ela.

— Noel... — Ela tocou em seu braço. — Você está sendo ridículo. Eu prometo.

— Tudo bem — disse Noel depois de um momento. — É só que eu realmente queria dar um passeio hoje para que eu pudesse dar-lhe isso.

Ele limpou a farinha de suas mãos e tirou um colar de ouro do seu bolso. Um pingente girou lentamente em uma corrente. Ela estava manchada e um pouco maltratada, talvez fosse antiga, com um intrincado design giratório na frente.

O medalhão parecia vagamente familiar. — Você comprou isso em uma daquelas lojas de joias caras em Old San Juan? — ela perguntou.

Noel balançou a cabeça. — Na verdade eu achei na praia no nosso ponto de surfe em Porto Rico ontem. Eu quase pisei nele. Foi como se ele tivesse sido feito para ser meu ou seu.

— É como um tesouro afundado — sussurrou Aria, deixando Noel colocá-lo ao redor do seu pescoço. Ela olhou para baixo para ele. Havia uma inicial na frente — um *I*? Um *J*? Era impossível dizer já que a letra estava quase desgastada. O colar tinha uma vida inteira antes de estar com ela, uma história toda que ela nunca saberia.

— Eu vou usá-lo sempre — ela disse a Noel, e colocou os braços ao redor dele, não se importando que ela estivesse enchendo de farinha a si mesma. E então, tão fácil como isso, tudo parecia perfeito novamente.

Uma hora depois, Aria e Graham estavam no percurso verde do minigolfe do navio.

Tecnicamente, eles deveriam estar discutindo a próxima pista da Caça ao Tesouro Eco — ela envolvia descobrir qual parte do navio foi construída com o maior percentual de materiais reciclados — mas seus olhares estavam em uma garota inclinada preparando a bolinha de golfe para dar a tacada no Furo 5 em vez disso. Era Tori. Ela estava usando uma saia longa de camponesa, um top com nervuras azuis, sandálias que tinham pequenas joias em cada tira, e uma tornozeleira de prata, que impressionou Aria tanto quanto um boêmio e Shakespeare. Tori

balançou seu taco e gentilmente bateu na bola azul para a boca aberta de um palhaço, mas ela bateu no anteparo e rolou de volta para baixo da rampa.

— Então, eu perguntei por aí, e eu descobri que Tori não tem um namorado — Aria sussurrou no ouvido de Graham. — Você está totalmente dentro.

As bochechas de Graham se avermelharam. — Você perguntou sobre ela?

— De que outra maneira iríamos descobrir alguma coisa? — Aria pegou um taco de uma prateleira. — Agora vamos lá. Vamos para o buraco logo atrás delas. Então eu quero que você a cumprimente por sua habilidade de dar uma tacada na bola.

— Você está falando sério? — Graham riu. — Ela errou para colocar a bola através da boca do palhaço umas seis vezes.

Aria olhou para ele. — Você não sabe de nada? Quando se trata de flertar, você mente! Você diz o que for preciso para fazer as meninas se sentirem incríveis e especiais! — Ela revirou os olhos, bem-humorada. — Você não tem jeito!

— Eu aposto que você está se perguntando como eu já tive uma namorada, né? — Graham brincou.

Aria acenou com a mão, não querendo falar sobre Tabitha. — Você foi muito bem com ela na praia ontem. — Graham tinha falado com Tori por quase dez minutos inteiros antes de entrar em pânico e correr de volta para Aria, alegando que ele tinha ficado com medo que eles esgotassem os temas de conversa. — Ela parecia a fim de você, também. Agora você só tem que selar o negócio.

Ela caminhou para o buraco ao lado do que Tori estava jogando. Um pequeno moinho de vento girou com um rangido. O objetivo era acertar a bola através de um pequeno buraco na parte inferior. Quando ela entregou a Graham o taco, ele sorriu agradecido. — É muito legal você estar fazendo isso por mim.

— Fico feliz em ajudar — Aria falou, sua confiança renovada. Como suas amigas poderiam pensar que Graham era A? Além do fato de que não fazia nenhum sentido, ele era muito *legal*. Esta manhã, ela o viu em seu quarto, que era bem no corredor de Noel, e Graham e seu companheiro de quarto, Carson, estavam jogando vídeo games e rindo. Então, Graham disse um educado *obrigado* para a camareira que estava vindo limpar seu quarto. Perseguidores psicopatas não se davam bem com seus companheiros de quarto e nem agradeciam a equipe de limpeza, não é?

Tori finalmente conseguiu jogar a bola através da boca do palhaço. Enquanto

suas amigas gritavam, Aria empurrou Graham em sua direção. — Uh, boa tacada, Tori! — ele disse um pouco tenso. Tori olhou para cima, avaliando Graham, e sorriu. — Oi, Graham. — Então ela olhou para o taco de golfe. — Mas você está mentindo. Eu sou péssima.

— Você é melhor do que eu — Graham ofereceu timidamente.

Tori sorriu, em seguida, caminhou até o próximo buraco. Graham girou de volta para Aria, parecendo abatido. — Vê? Eu não tenho esperança!

— Do que você está falando? — Aria disse. — Você está indo muito bem! — Ela pegou o taco que ela tinha inclinado contra o moinho de vento. — Vamos segui-las. Talvez elas nos peçam para jogar com elas.

— Isso não vai parecer realmente óbvio? — Graham sussurrou. — Nós nem mesmo jogamos nesse buraco!

— Quem se importa? — Aria correu os dedos ao longo da ponta da estrutura do palhaço enquanto caminhavam. — Não é como se alguém estivesse levando isso a sério, de qualquer maneira. — Ela olhou para Tori enquanto ela colocava a bola no montinho e balançava seu taco. — Agora você tem que descobrir em quê ela está interessada e, em seguida, fingir que está interessado nisso, também.

Ela lhe deu outro empurrão, e Graham deu um passo para Tori novamente. Ele esperou até que ela terminasse seu balanço — que, como de costume, não chegou nada perto do buraco — e, em seguida, limpou a garganta. — Você, hum, gosta de Feiras Renascentistas?

Aria estremeceu e considerou abortar a operação. Ela não queria que Graham impusesse seus interesses sobre ela. Mas Tori se animou. — Eu só fui a uma, mas foi muito legal. Por quê?

Graham sorriu. — Eu notei a sua pulseira no tornozelo e achei que você poderia tê-la comprado em um festival Renascentista fora da Filadélfia. Tem um cara lá que faz sua própria joia de prata. Eu trabalhei na cabine ao lado da dele em um verão.

Tori passou por cima da divisória que separava a área perto do buraco do deque e andou mais para perto de Graham. — O que *você* fazia no festival?

— Eu fazia um monte de coisas, mas naquele trabalho específico ajudei um velho a construir alaúdes.

— O que é um alaúde?

— Eles são pequenos violões, só que eles soam diferente — explicou Graham.

— Eu trouxe um a bordo, na verdade. Eu vou tocar uma música de Death Cab for Cutie com ele no show de talentos.

Tori levantou uma sobrancelha. — *Sério?*

Graham começou a responder, mas de repente o celular de Tori tocou. Ela olhou para ele e revirou os olhos. — É a minha mãe — disse ela, levantando-o até a orelha. — Ela me ligou, tipo, *todos os dias* desde que saímos.

Tori caminhou em direção à cascata no buraco 12. Graham parecia confuso. — Agora, o que eu faço? — Nada. — Aria o guiou de volta para o clube. — Agora você tem algo para falar da próxima vez que vocês verem um ao outro. E sua próxima tarefa é convidá-la para um encontro.

Um sorriso nervoso lentamente se espalhou pelo rosto de Graham. — Tudo bem. — Ele uniu seu braço com o de Aria. — O que eu teria feito sem você?

— Só não se esqueça de me convidar para o casamento. — Aria bateu no ombro de Graham de uma forma amigável. Em seguida, o telefone de Aria zumbiu em seu bolso. Ainda sorrindo, ela puxou-o para fora e olhou para a tela. *Duas novas mensagens multimídia.*

Seus dedos começaram a formigar, e ela olhou para cima, sentindo como se alguém estivesse olhando. Uma sombra deslizou por trás do moinho de vento. A porta do clube bateu alto. Algo se moveu atrás de uma treliça. Mas quando Aria olhou mais atentamente, ela não notou nada de errado.

Ela apertou LER. A primeira foto carregou na tela. O famoso telhado do Resort The Cliff entrou em foco, cinco cabeças facilmente visíveis no topo. A foto estava embaçada, mas Aria podia ver suas mãos estendidas. Tabitha, em seu vestido amarelo, estava ao lado dela, prestes a cair.

Quando Aria apertou a seta para a direita, a próxima foto apareceu. Esta foto foi tirada uma fração de segundo depois, capturando o momento em que Aria tinha empurrado Tabitha para fora do telhado. Seu corpo pendurado no ar. Aria ficou no telhado, com as mãos nos quadris. Ela parecia uma assassina de sangue frio.

— Aria? — Graham estava atrás dela. — Está tudo bem?

Aria pulou e escondeu a tela com a mão. — Uh, está tudo bem — ela mentiu.

Ela apunhalou o teclado para apagar ambas as fotos, mas, por alguma razão, elas não desapareciam. Toda vez que ela clicava em sua galeria de fotos de novo, lá estavam elas, na frente e no centro. Seu coração batia forte. Apenas tê-las em seu telefone fez ela se sentir como se tivesse um olho de boi em sua cabeça. Ela tinha

que apagá-las.

Seu telefone tocou novamente. *Uma nova mensagem*, um novo alerta disse. Aria pressionou LER.

E se um "passarinho" mostrasse isso para Graham — e para a polícia? Eu posso — e eu vou. —A

16

PASSANDO DOS LIMITES

Naquela tarde, Emily e Jordan esperavam no topo do penhasco na floresta tropical. Uma espessa camada de árvores acenava abaixo delas, sapos coaxavam de um buraco escondido, e uma tirolesa balançava na brisa. Emily observou quando duas crianças na frente dela agarraram os cabos da tirolesa em conjunto e empurraram-se para fora. Elas subiram pelo ar, gritando e rindo, e pousaram em segurança do outro lado da ravina. Isso não se parecia com um assunto de riso para Emily, no entanto. Parecia mais com uma armadilha mortal.

Ela se aproximou de Jordan, que estava se remexendo animadamente. — Você tem certeza de que devemos fazer isso?

Jordan franziu a testa. — Você não vai amarelar agora, não é? Eu queria fazer isso há anos.

— E se as cordas se partirem? — Emily olhou nervosamente para o abismo abaixo. O instrutor tinha dito que tinha mais ou menos uma queda de doze metros.

— As cordas são super fortes. — Jordan inspecionou Emily com cuidado. — Você está realmente com medo, não é?

Emily engoliu em seco. — Eu tinha uma amiga que era meio louca. Ela me levou para uma ravina no início deste ano, e nós tivemos uma briga, e por um momento eu tive certeza de que ela ia me empurrar sobre a borda. — Ela fechou os olhos e pensou naquela noite horrível com Kelsey Pierce.

Os olhos de Jordan se arregalaram. — Nossa.

— Eu fiquei bem, é claro — Emily disse rapidamente. — Minha amiga está bem, também. Isso só me abalou, isso é tudo. — Ela não queria nem falar em como Mona Vanderwaal tinha caído do mesmo penhasco no ano anterior. Embora ela tenha enchido Jordan com os conceitos básicos sobre Ali e A, ela não tinha entrado em muitos dos detalhes. E ela certamente não tinha contado a ela sobre a Nova A.

— Olha, eu prometo que *eu* não vou te empurrar para fora de nada — disse Jordan. — E quanto a isso? Se a sua corda se partir, eu mergulho no abismo depois de você. Se nós duas morrermos, pelo menos nós vamos começar a explorar a vida

após a morte juntas.

— Ok — Emily sussurrou. Ela tateou a mão de Jordan. Jordan olhou nervosamente de um lado para o outro, em seguida, atou os dedos nos dela. Embora elas tenham se beijado bastante em privado várias vezes desde o seu passeio de barco ontem, elas não haviam estado juntas em público ainda. Emily estava hesitante em perguntar por quê. Talvez tenha sido muito rápido. Ou talvez Jordan estivesse preocupada com o que os seus novos colegas da Ulster diriam sobre ela ter uma namorada, que é o que Emily tinha começado a pensar que ela era.

Jordan era totalmente perfeita. Ontem à noite, após o seu cruzeiro secreto, elas se abriram sobre tudo, cobrindo tópicos que Emily não se atreveu a explorar com ninguém antes. Jordan revelou que ela teve alguns namorados sem brilho, e então ela tinha se apaixonado por uma menina tóxica chamada Mackenzie. Quando Emily pediu detalhes, Jordan não conseguiu continuar. — Foi muito doloroso — ela admitiu. — Você é, na verdade, a primeira pessoa que eu já conversei a respeito dela. Você oficialmente sabe mais sobre mim do que qualquer outra pessoa.

Outro menino estava na tirolesa, deixando escapar um gemido agudo quando ele percorreu a ravina. De repente, Emily e Jordan eram as próximas da fila. — Vocês estão prontas? — o instrutor perguntou.

Os pés de Emily pareciam enterrados na lama, mas Jordan arrastou-a para frente. — Sim. — Ela agarrou a mão de Emily e apertou-a com força. — Eu vou esperar por você o tempo todo. Eu prometo.

Emily tropegamente deixou o instrutor atar os equipamentos. Ela mal podia segurar a corda da tirolesa, as palmas das suas mãos suavam muito. O instrutor contou, então gritou: — Vai! — e Jordan saltou. Emily não teve escolha a não ser ir com ela.

Ela sentiu seu corpo sendo puxado para baixo em direção ao barranco e gritou. Mas então, de repente, ela percebeu que não estava caindo, ela estava flutuando. O equipamento a segurava, e o mecanismo rapidamente puxou-a através da ravina. O vento soprava em seus cabelos. Abaixo, ela podia ver o chão da floresta, atapetado com toneladas de flores de cores brilhantes. Ao lado dela, Jordan estava rindo ao desviar. Emily lançou lhe um sorriso eufórico.

Em segundos, elas estavam do outro lado, sem fôlego. Todo o corpo de Emily tremia quando o instrutor tirou o cinto e a ajudou a tirar o capacete. Depois ela virou-se para Jordan. Seus lábios estavam bambos quando ela sorriu. — Podemos

fazer de novo?

— É claro — disse Jordan. — Eu sabia que você ia adorar.

Elas atravessaram a linha através da ravina mais três vezes. Quando elas embarcaram no jipe que as levaria de volta para o barco, Emily olhou para o telefone. Aria mandou uma mensagem perguntando se Emily poderia encontrar ela e Spencer na sala de estar. Emily não perguntou o porquê, mas ela achava que era para ensaiar sua coreografia de hula.

— Eu gostaria que você pudesse participar do show de talentos — Emily suspirou, descansando a cabeça no ombro de Jordan. — Hanna saiu, por isso precisamos de mais uma. — Ela não tinha contado a suas amigas sobre Jordan ainda, mas talvez ela devesse. Será que elas realmente se importariam por Jordan ser uma clandestina? Até mesmo Jordan não parecia muito preocupada com isso.

— Eu gostaria de poder, também — Jordan suspirou. — Mas você sabe que eu não posso. Eu vou assistir da plateia, ok? E se você ganhar, é melhor você me dar uma carona em sua Vespa.

— *Quando* eu ganhar — Emily corrigiu.

No barco, Jordan conseguiu passar pelo guarda em um grupo de crianças para que ela não tivesse que mostrar sua Identidade. Elas se separaram nos elevadores, Jordan dizendo que ia se deitar no quarto enquanto Emily foi ao encontro de Aria. Em seguida, Jordan se inclinou para um beijo. Quando se afastaram, Emily empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Jordan. — Eu pensei que você estivesse desconfortável com afetos em público — ela disse.

Jordan encolheu os ombros. — Isso é novo para mim. Mas com você, eu não tenho nada a esconder.

Ela beijou Emily mais uma vez, em seguida, desapareceu no elevador. Emily deslizou em direção à sala de estar, cantarolando a música de salsa que tinha ouvido no rádio na parte de trás do navio. Quando ela passou por uma longa fila de espelhos no corredor, ela riu. Seus lábios estavam inchados e cheios, sua pele cor de rosa de muito sol. Ela não conseguia se lembrar da última vez que ela parecia tão *feliz*.

Ela virou a esquina para a sala de estar e examinou os sofás. Nem Spencer nem Aria estavam lá ainda. Ela acomodou-se em um dos sofás, olhando para a transmissão via satélite da CNN na TV que estava montada na parede. LADRA PATRICINHA AINDA À SOLTA lia-se em um banner na parte inferior.

Um repórter apareceu. — Estamos seguindo a história durante toda a manhã sobre como uma menina de New York de dezoito anos conhecida como a Ladra Patricinha, escapou da sua cela na Filadélfia há três dias.

Houve um vídeo de um grupo de advogados que andavam em um tribunal. — Famosa por roubar aviões particulares, barcos caros, motocicletas, e carros para viagens extravagantes, Katherine DeLong estava sendo retida até que seu julgamento foi marcado para começar no final desta semana — disse o narrador. — Mas no domingo de manhã, os seguranças descobriram o seu desaparecimento. As autoridades suspeitam que ela esteja tentando fugir do país. Ela é muito perigosa, e se alguém tiver informações sobre seu paradeiro...

Uma foto de um rosto tirada em uma delegacia da Ladra Patricinha apareceu na tela. Emily olhou para ela, em seguida, ficou estupefata. Essa era.. *Jordan*?

— Emily?

Emily olhou para cima. Spencer e Aria estavam atrás dela, as saias de capim que tinham feito há alguns dias em suas mãos. Elas olharam da televisão para o rosto ferido e confuso de Emily.

— Eu... — Emily parou, não sabendo o que dizer.

Seu olhar voltou para a TV. Agora a notícia mostrava um vídeo de Jordan saindo de um tribunal em um macacão laranja. Em seguida apareceu uma foto de Jordan, em um vestido de tênis e sapatos, uma familiar faixa de seda em seu cabelo. Outro vídeo de Jordan no tribunal apareceu. Um advogado sussurrou em seu ouvido. Havia algemas brilhantes em seus pulsos e em seus tornozelos.

Parecia que o teto estava desmoronando. Uma raiva ferveu no interior de Emily, súbita e feroz. Com as mãos trêmulas, ela pegou o telefone dela e escreveu uma mensagem para Jordan. *Eu sei quem você é, sua mentirosa,* ela escreveu. *Eu não quero te ver novamente. Saia do meu quarto agora.* Quando ela apertou ENVIAR, ela deixou escapar um soluço.

— Emily? — Aria parecia preocupada. — O que está acontecendo?

— Você conhece essa garota? — Spencer perguntou, apontando para a TV.

A boca de Emily parecia que estava cheia de manteiga de amendoim. — Essa é a minha nova..

Ela é... Eu *conheço* ela.

— Oh meu Deus — Aria sussurrou. — Esta é a nova amiga que você conheceu? Ela está no barco?

Emily assentiu fracamente, com medo de falar mais.

Bip.

Com os olhos cheios de lágrimas, ela olhou para o telefone, preparando-se para o que Jordan poderia dizer. Mas quando ela olhou a tela, dizia *Uma nova mensagem de Anônimo.*

Houve uma onda de calor através de seu peito. Ela olhou em volta. A sala de estar transbordava com as crianças — que estavam nos sofás, sentadas nas mesas, jogando na máquina de pinball com tema dos *Simpsons* no canto. Ela pensou ter visto um flash de cabelo loiro desaparecer ao virar da esquina. Emily levantou-se a meio caminho e olhou para o corredor, mas a figura havia desaparecido.

Ela olhou para a mensagem.

Que fofo! Talvez você e a Senhorita Ladra Patricinha possam dividir uma cela na cadeia! —A

17

TODA AMIZADE TEM SEUS ALTOS E BAIXOS

— *California Gurls, duh DUH duh duh!* — Naomi e Hanna cantavam enquanto caminhavam pela calçada da rua Old San Juan mais tarde naquela noite. Elas estavam a caminho de um clube que Naomi tinha sido convidada naquela tarde e elas tinham decidido fazer no caminho um rápido ensaio da coreografia que elas iriam performar no show de talentos. Os pedestres continuavam dando a elas olhares estranhos.

— Ei, nós deveríamos ver se conseguimos encontrar perucas azuis e roxas — Naomi sugeriu, esquivando de um bueiro com seus saltos altos. — Talvez haja uma loja de roupa na última parada.

Ou talvez nós pudéssemos pegar emprestado uma peruca de alguém do Cirque du Soleil. — Ela riu.

— Não seria divertido se encontrássemos um cara para interpretar o Snoop Dog? — Hanna sugeriu, pensando no clipe.

— Oh meu Deus, isso seria clássico — Naomi gritou. Então suspirou. — Droga. O cara que eu estava a fim faria um Snoop perfeito, ele é um maconheiro. Mas agora que ele está com Spencer, é como se ele não quisesse ter nada a ver comigo.

— Nós vamos encontrar outra pessoa — disse Hanna rapidamente enquanto elas passavam rapidamente por uma boutique fechada com manequins de biquínis na vitrine. Ela não iria se envolver no triângulo amoroso de Naomi e Spencer, especialmente se Naomi fosse A. O que era algo que ela ainda não tinha certeza.

Naomi despreocupadamente empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Ou talvez eu encontre um jeito de conseguir ele de volta.

Antes que Hanna pudesse perguntar o que aquilo significava, elas viraram a esquina e chegaram no clube. Sons de um baixo e de gargalhadas enchiam o ar. Havia uma fila de pessoas bem-vestidas do lado de fora das portas duplas sem identificação. Quando Hanna e Naomi mostraram seus convites VIPs, o segurança levantou a corda de veludo para deixá-las entrar.

— Obrigada! — Naomi falou animada, como se conhecesse o cara há anos. Hanna se arrastou atrás dela, sentindo os olhares invejosos de todos da fila. Ela olhou para os reflexos dela e de Naomi na borda dos espelhos que se alinhavam no corredor. Elas tinham escolhido suas roupas juntas, ambas estavam usando vestidos jewel-toned, saltos altos de tiras e joias combinadas. Elas tinham sentado lado a lado para fazer a maquiagem e fofocar sobre as pessoas do barco enquanto aplicavam base e passavam rímel.

O corredor acabou em uma sala grande, quadrada e escura com uma longa barra de aço inoxidável em um canto e um monte de banquetas na parte de trás. Um DJ girava discos no canto, e uma enorme pista de dança ocupava o resto do espaço. Corpos se contorciam em todos os lados delas, cada cara mais lindo do que o outro. O lugar cheirava a bebidas, cigarros e as gardênias que adornavam cada mesa. Quando o ritmo da salsa agitou os ouvidos de Hanna, ela inconscientemente começou a balançar os quadris.

Hanna tocou o ombro de Naomi. — Que incrível! — Ela gritou por cima da música.

— Não é? — Naomi sorriu, indo em direção ao bar e batendo seus cílios para o barman, que veio imediatamente.

Naomi pediu dois coquetéis de laranja e entregou um a Hanna. Hanna deu um pequeno gole, ela não queria beber demais e deixar a guarda baixa. As pessoas estavam dançando em todos os lugares, inclusive em cima das banquetas. Havia um fotógrafo vagando o perímetro com uma câmera digital enorme ao redor do seu pescoço, ocasionalmente parando para tirar foto dos dançarinos. Depois de um momento, ele parou na frente delas. — Posso tirar foto de vocês? — Perguntou ele.

— Isso depende. — Naomi colocou as mãos nos quadris. — Para quê?

— Para a seção de estilo *San Juan Hola*.

Hanna trocou um olhar animado com Naomi — ela sempre quis estar em uma seção de estilo.

Ela deixou a bebida em uma mesa próxima e colocou o braço ao redor dos ombros de Naomi. O fotógrafo tirou várias fotos. Primeiro Hanna deu-lhe um olhar sensual de modelo, em seguida, jogou a cabeça para trás. Mas ela sabia que não podia se entusiasmar muito — a experiência assustadora com Patrick ainda estava fresca em sua mente.

— Lindas — disse o fotógrafo quando acabou. Então, ele olhou para a multidão atrás deles. — Eu acho que vocês têm alguns fãs.

Era verdade. Toneladas de caras na pista de dança estavam agora olhando para elas, incluindo um garoto de cabelos escuros de idade universitária usando uma camiseta enorme e calças jeans largas. Quando ele encontrou o olhar dela, levantou a bebida para elas do outro lado do salão e curvou seu dedo, acenando para elas irem. Hanna e Naomi cutucaram uma a outra e riram.

— Ele é bonito, mas ele sabe disso — Hanna gritou no ouvido de Naomi.

— Definitivamente. Vamos lá, vamos dançar — disse Naomi, agarrando a mão de Hanna e puxando-a para a pista de dança. A música era algo Latino e rápido, e elas começaram a se contorcer com a música, fazendo poses sexys para o fotógrafo *Hola* cada vez que ele se virava.

Então, quando o DJ mudou para uma nova canção, Naomi bateu no braço de Hanna. — Quem você acha que é o cara mais gostoso desse lugar?

Hanna diminuiu seu ritmo e avaliou as opções. — Fico entre o sósia do Enrique Iglesias e James Bond no canto.

Naomi olhou para James Bond, que estava usando um terno corte fino, sapatos brilhantes de aparência cara e Ray-Ban. — Hanna — ela gritou. — Ele tem, tipo, 40 anos de idade!

— Não tem não! — Hanna disse, analisando o físico tonificado do cara e as sobrancelhas grossas. — Ele parece mais velho porque ele é sofisticado.

— Ele definitivamente só ganha um seis ou sete. — Naomi decidiu, bebendo seu coquetel. — Agora aquele cara ganha um dez. — Ela usou seu canudo para apontar para um cara loiro no bar.

Ele parecia pertencer a capa de uma revista de surf.

— Você está brincando? — Hanna franziu o nariz. — Ele é um oito no máximo.

— E ele? — Naomi olhou para um cara sentado em uma mesa próxima. Ele tinha a cabeça raspada e maçãs do rosto sexys.

— Cinco — Hanna decretou em voz alta, sentindo-se mais e mais confiante. — Eu odeio cabeças raspadas.

— E ele? — Um cara com queimaduras no nariz e nos braços parecendo lagosta.

— Eca! Um! — Hanna gritou.

Elas fizeram disso um jogo, indo ao redor do salão, escolhendo caras e dando a

eles notas como fadas madrinhas enlouquecidas. "Seis!" elas deram a um cara um pouco acima do peso que tinha o cabelo grosso e brilhante. "Nove!" deram a um sósia de um modelo da Abercrombie que estava dançando sem camisa. "Sete!" "Quatro!" "Oito e meio!" No começo, os caras do clube não entendiam muito bem o que as meninas estavam fazendo, mas entenderam muito rapidamente. Os considerados oitos acima pareciam satisfeitos. Um cara que tinha conseguido apenas um seis estreitou seus olhos e boca o que fez ele parecer uma cabra.

Alguém pegou o braço de Hanna quando ela passou correndo pela cabine do DJ. — Qual nota você daria a mim?

Ela parou e olhou para ele. Seu cabelo era gorduroso, suas narinas eram estranhamente e excessivamente grandes, e ele estava usando uma camiseta que tinha o logotipo da Chanel na frente. Ele lembrava a Hanna o cara que trabalhava no quiosque Motorola no shopping.

Ela se virou para Naomi, que também tinha parado. — Ali tinha uma palavra para isso, sabe — ela gritou no ouvido dela.

— Qual era? — Naomi perguntou.

— *Nenhuma!*

Hanna se virou e fugiu. Naomi deu uma gargalhada e correu atrás dela. Sem fôlego de tanto rir, elas correram para o terraço, que estava muito mais frio e silencioso. Naomi enxugou os olhos. — Eu nunca pensei que iria rir tanto na minha vida.

— Você viu o olhar no rosto daquele cara gorducho, quando eu disse: 'Nenhuma'? — Hanna gritou. — Eu pensei que ele ia nos matar!

Naomi desabou em uma cadeira. — Você jogou muito esse jogo quando Ali estava por perto?

Hanna engoliu uma risada e sacudiu a cabeça. — Não desse jeito.

— Ela não tinha criado esse jogo quando eu era amiga dela — disse Naomi. Em seguida, um olhar desconfortável apareceu em seu rosto. — Mas eu acho que era porque ela não era a mesma Ali. A energia de Hanna esmaeceu um pouco. — É — ela disse, em seguida, estendeu a mão para sua bebida, sem saber o que dizer em seguida.

Naomi girou a pulseira em seu pulso. — Eu me sinto terrível sobre o que aconteceu com vocês e Ali em Poconos. Foi tudo tão inacreditável.

— Obrigada — murmurou Hanna. Então, ela olhou para cima, se dando conta

de algo. — Você ficou surpresa quando descobriu que havia duas delas? E que a menina que era amiga de vocês era uma assassina?

Naomi fitou suas unhas. — Bem, de certa forma, mas...

— Mas o quê?

Naomi olhou para as luminárias penduradas nas vigas. — A coisa toda é muito triste, sabe? Eu me sinto uma idiota por dizer isso, mas às vezes eu ainda sinto falta dela.

— Você não é uma idiota — Hanna disse calmamente. Não lhe ocorrera antes que Naomi tinha perdido Ali também. Não a Ali delas, é claro, mas mesmo assim uma Ali.

— Sabe de uma coisa? — Naomi olhou para ela. — É realmente fácil conversar com você. Eu estou surpresa.

— Eu estou surpresa com você, também — Hanna disse timidamente. A declaração tinha mais significado do que Naomi podia imaginar.

— Eu já lhe disse coisas que eu não disse a um monte de gente — Naomi disse, se inclinando contra a grade.

— Sério? Tipo o quê?

— A compulsão alimentar, por exemplo — Naomi admitiu. A luz pegou seus brincos de ouro, fazendo-os brilhar. — E essas coisas que eu disse agora, em relação a Ali.

— Você também mencionou algo sobre uma prima favorita — Hanna disse, seu coração martelando. — Uma menina que teve um acidente de carro?

Naomi apertou os lábios. — É. Madison. Eu nunca falo sobre ela.

— Então... ela morreu no acidente? — Hanna prendeu a respiração.

Naomi balançou a cabeça. — Não. Mas ela se machucou muito, um monte de ossos quebrados, e ela ficou em coma por alguns dias. Ela teve que aprender a andar novamente. Foi difícil para todos nós. — Sua voz falhou.

Hanna deixou escapar um grande suspiro mental — Madison não estava morta. Mas ouvir o que tinha acontecido inesperadamente a golpeou com força, trazendo lágrimas aos seus olhos.

Agora ela tinha uma nova imagem em sua mente, uma de Madison pendurada em uma dessas coisas de caminhar de terapia física, lutando para dar um passo.

Naomi colocou o copo vazio de coquetel sobre a mesa, fungando mais uma

vez. — De uma forma estranha, no entanto, o acidente foi a melhor coisa para a minha prima. Ele a deixou forte. Ela era alcoólatra antes do acidente — bebia em vez de ir para a aula, bebia quando acordava de manhã, bebia e ficava atrás do volante, o que quase a matou. Quero dizer, foi uma droga ela ter batido o carro e ter que passar por tanta dor, mas ela não tomou uma bebida desde então. Ela parece muito mais feliz agora.

— Isso é... bom — Hanna disse, tentando manter a voz firme.

— Sim. — Naomi levantou os olhos para Hanna e sorriu tão sinceramente que derreteu o coração de Hanna. — É bom.

Elas ficaram em silêncio por um momento, ouvindo o baixo soando dentro do clube. De repente, Hanna queria se aproximar e dar a Naomi um grande abraço. Tudo o que a tinha preocupado, tudo o que ela temia, de repente, virou fumaça. Suas suspeitas sobre Naomi eram infundadas. Naomi não estava chateada por Madison ter tido um acidente de carro — ela estava aliviada por ter transformado a vida dela. Quem quer que seja A, era alguém que tinha descoberto sobre Madison de outra forma.

Era incrivelmente libertador. Agora ela podia ser amiga de Naomi sem se preocupar. Ela podia confiar que tudo o que Naomi disse era verdade.

Hanna levantou-se e ofereceu a mão para Naomi. — Você está pronta para voltar e dizer 'Nenhuma' para mais alguém?

Naomi olhou para ela e sorriu. — Definitivamente.

Elas desfilaram de volta para o clube como se fossem donas do lugar. Elas já estiveram erradas sobre A antes, Hanna pensou quando apertou a mão de Naomi. Elas também estavam erradas de novo dessa vez. A provavelmente queria que ela suspeitasse de Naomi — e, assim, perder uma possível amiga. Hanna não ia deixar que isso acontecesse, no entanto. Não dessa vez.

— Shhh! — Naomi repreendeu quando elas se esbarraram desajeitadamente no corredor do navio em direção ao quarto delas. Era algumas horas mais tarde, e elas voltaram a bordo pouco antes do toque de recolher, fingindo estarem sóbrias por alguns minutos para enganar os guardas.

— Você quase derrubou o extintor de incêndio!

— Ele estava no meu caminho — declarou Hanna com petulância, então explodiu em risos.

Ela se pendurou nas costas de Naomi enquanto Naomi inseria o cartão chave

na porta delas. A porta se abriu, e as duas meninas tombaram para dentro. Hanna segurou na porta do banheiro para se equilibrar. — Cheira tão bem aqui — ela gritou, inalando os aromas frescos de talco de bebê e perfume Kate Spade Twirl.

— Se importa se eu usar o banheiro primeiro? — Naomi perguntou com a mão na maçaneta da porta.

— Vá em frente — disse Hanna, se jogando na cama.

Naomi fechou a porta, e a água começou a escorrer. Hanna esfregou os pés sobre os lençóis macios e sedosos, sentindo-se satisfatoriamente esgotada.

Ping.

Ela abriu os olhos. O celular dela, que estava na mesa de cabeceira, não estava piscando. Seu olhar caiu sobre o laptop aberto sobre a cama de Naomi. Uma mensagem no canto da tela dizia *Novo e-mail de Madison Strickland.*

Ela desviou o olhar. Quem se importava se Naomi tinha recebido um e-mail de Madison? As primas provavelmente se contatavam uma com a outra o tempo todo.

Mas uma olhadinha não faria mal, não é?

Hanna inclinou a orelha na direção do banheiro. O chuveiro ainda estava aberto. Lentamente, ela tirou as pernas da cama e na ponta dos pés foi até o laptop. As molas rangeram quando ela se sentou no colchão de Naomi. No lado direito da área de trabalho haviam duas pastas identificadas como *Documentos da Escola* e *Aplicação de Princeton.* Hanna as analisou, em seguida, as fechou.

Então, ela passou o mouse sobre um ícone do Gmail. Respirando fundo, ela clicou duas vezes sobre ele. O programa abriu na caixa de entrada dela. O novo e-mail de Madison apareceu. Era um de vários e-mails intitulados *Aquela noite.* Hanna arfou. O primeiro e-mail era do início de julho do último verão.

Hanna baixou para o início da conversa, datada 1 de julho. *Você ainda está tentando descobrir o nome de quem estava dirigindo?* Naomi tinha escrito para sua prima. *Sim,* Madison escreveu de volta no mesmo dia. *Eu acho que estou chegando perto.* E depois, em 3 de julho, Madison escreveu outro e-mail: *Precisamos conversar pessoalmente. Eu acho que sei quem fez isso comigo.* Naomi respondeu em 05 de julho: *Eu vou acabar com elas. Eu vou garantir que elas recebam o que merecem.*

Havia vários trechos sem respostas, mas hoje, Madison escreveu: *Eu estou tão orgulhosa de você por estar fazendo isso por mim.*

Hanna saiu do e-mail de Naomi e olhou para cima, capturando sua expressão sóbria-até-demais no espelho sobre a cômoda. *Elas.* Madison deve não apenas ter

descoberto que Hanna estava dirigindo, mas também que Aria, Spencer e Emily a tinham ajudado a escapar. Se ela tinha compartilhado isso com Naomi no início de julho, Naomi teria tido tempo suficiente para perseguir todas as meninas e desenterrar os segredos delas. E *eu estou tão orgulhosa de você por estar fazendo isso por mim?* O que Madison quis dizer com isso?

Seu coração batia forte em seu peito. Ela tinha estado errada. Novamente. Naomi era A. Isso provava.

— O que você está fazendo?

Naomi estava na porta do banheiro em um roupão de banho. Hanna se afastou da cama de Naomi. — O-oi!

— Oi — Naomi disse lentamente. Seu olhar vagou de Hanna até o laptop, então de volta para Hanna novamente. — Tudo bem?

— Uh, eu estava apenas procurando minha máscara de dormir — disse Hanna, mexendo na cama de Naomi, em seguida, no chão. Ela tinha certeza de que Naomi podia ouvir seu coração batendo do outro lado do quarto.

Naomi foi até a cama e se sentou. Ela deu um longo olhar a Hanna, mas não disse nada. Por um momento, seu rosto estava iluminado pela luz da lua, e quando ela sorriu, seus dentes pareciam longos e brilhantes, quase como os de um lobo. — O banheiro é seu, se você quiser — ela disse finalmente.

— Tudo bem — disse Hanna. — Eu só vou para a cama. — Se ela pudesse mandar uma mensagem para Mike e pedir para ficar com ele outra noite. Mas, então, Naomi desconfiaria, com certeza.

— Ok, então. — Naomi colocou seu laptop no chão e puxou as cobertas sobre ela. — Boa-noite, BFF! — Boa noite — resmungou Hanna, aconchegando-se sob o edredom e sabendo que ela não iria dormir nem um pouco.

18

QUENTE DEMAIS PARA AGUENTAR

Sábado de manhã, Spencer correu para o arcade vazio onde suas amigas estavam esperando.

Emily marchava nervosamente perto dos consoles de vídeo desocupados de *Modern Warfare* e *Dance Revolution*. Aria batia as unhas em cima de uma máquina de trocar dinheiro. Hanna pegou um fio solto dos shorts jeans dela, as luzes de uma máquina de pinball piscavam em seu rosto. Seu cabelo estava emaranhado, e havia olheiras sob seus olhos. Ela havia mandado uma mensagem dizendo a elas que de manhã elas precisavam conversar, imediatamente.

— Eu não tenho muito tempo — disse Spencer, checando o relógio. Ela tinha que se encontrar com Reefer na sauna às 10 e eram 9:45.

— Eu descobri algo na noite passada. — A voz de Hanna estava alta e rouca, como se tivesse bebido xícaras de café demais. — Eu olhei o e-mail de Naomi, assim como vocês me disseram para fazer. Tinha vários e-mails de Madison Strickland sobre o acidente. Tenho certeza de que elas sabem que fomos nós.

— Espere. — Aria parecia assustada. — Então Madison está viva?

— Naomi disse que ela sobreviveu, mas ficou gravemente ferida — Hanna disse. — O problema é que Naomi também disse que ela estava, de uma maneira estranha, feliz por Madison ter se acidentado. Não tem como isso ser verdade, não com o que os e-mails diziam.

Spencer fechou os olhos e soltou um suspiro. Mais uma vez, o estalo de ossos ressoou em sua mente. Ela tinha causado isso. Agora ela poderia simpatizar com Aria por se sentir culpada por Tabitha — parecia diferente, de alguma forma, quando era você quem tinha empurrado ou deixado alguém cair. — Os e-mails tinham nossos nomes?

— Não especificamente, mas um dizia *Eu vou acabar com elas. Elas.* Naomi deveria saber que estávamos todas envolvidas. Ela também escreveu um e-mail em 5 de julho, antes de nós devolvermos o dinheiro a Gayle, antes que a coisa Spencer-e-Kelsey acontecesse, antes de tudo, no verão passado. E depois havia um novo e-

mail de Madison que dizia *Eu estou tão orgulhosa de você por fazer isso por mim.*

Emily passou a mão pela testa. — Ok, então agora nós achamos que Naomi é A. Ou uma das As.

— Parece que sim. — Hanna parecia doída só de dizer as palavras. — Parecia que ela não sabia de nada, mas eu acho que ela é apenas uma atriz muito, muito boa.

— Se Naomi é A, ou até mesmo trabalha com outra A, então Naomi sabe de tudo. — Aria pegou o celular e mostrou para as meninas. — Olhem o que A me enviou.

Todo mundo analisou a foto embaçada da frente do resort The Cliffs que tinha aparecido na tela. Na parte superior da foto havia cinco meninas na plataforma do telhado. Uma menina loira estava perigosamente perto da borda, uma morena da altura e tipo físico de Aria estava com os braços estendidos, pronta para empurrá-la. Se você soubesse o que procurar, selaria a sentença de prisão delas.

— Você tem que apagar isso! — Spencer agarrou o celular de Aria e clicou em vários botões.

— Vá em frente e tente. — Aria cruzou os braços sobre o peito. — Há algo de errado com o meu software, eu não posso excluir nada. Se alguém ver, Graham, os professores dessa viagem ou a polícia, estamos perdidas.

A cabeça de Hanna se levantou rapidamente. — Você ainda está falando com Graham?

Aria fechou os olhos. — Ele não é A, ok?

— Mas e se Naomi disser a ele o que nós fizemos? — Spencer sussurrou. — Pode ter sido ela que enviou para você essas fotos, Aria, quem quer que seja que está armando junto dela pode ter pego e mostrado a ela. E se ela mencionar a foto do seu celular para ele, e se ele, por exemplo, ficar louco por vingança e machucar você?

Aria deu um peteleco na abertura que sai a moeda da máquina de trocar moeda. — Ele realmente não parece ser esse tipo de pessoa.

Então Hanna engoliu em seco. — O que vamos fazer em relação a Naomi, pessoal?

— E quem essa segunda A poderia ser? — Aria acrescentou.

— Um A de cada vez. — Spencer se inclinou contra um console de direção *Gran Turismo*. — Tem alguma forma de provar que Naomi definitivamente é A?

Hanna deu um tapinha nos lábios. — Spence, você disse que viu alguém correndo na outra direção na noite que Gayle foi assassinada. Você acha que poderia ter sido uma menina?

— Eu acho que sim — respondeu Spencer incerta. — Mas eu não vi o rosto. — Spencer olhou para Hanna. — Você poderia mexer no computador de Naomi outra vez? Poderia ter algo lá que a ligasse ao assassinato de Gayle. Você poderia ver se ela tem as fotos que ela enviou para Aria no computador, também — isso iria provar que ela é A. Se você encontrar, apague. Caso contrário, ela pode enviar para a polícia.

Hanna estalou seu maxilar. — Mas ela me pegou olhando o laptop dela. Eu não quero voltar para o meu quarto nunca mais!

— Vá escondida quando ela não estiver lá — sugeriu Aria.

— E se ela já tiver enviado as fotos para a polícia? — Hanna disse. — Mesmo se nós encontrarmos alguma coisa sobre Gayle, eles vão pensar que plantamos lá apenas para destruir a credibilidade dela.

— Eu duvido que Naomi tenha mandado — disse Aria. — Com o que mais ela iria nos ameaçar? E por que a polícia ainda não teria batido nas nossas portas para nos prender?

Todas olharam uma para a outra, sem ter uma resposta. As mãos de Hanna tremiam. Emily enrolava a mesma mecha de cabelo em torno do dedo.

— Sobre o que vocês estavam conversando, garotas? — Uma voz ecoou atrás delas, e todas pularam e se viraram. Jeremy estava na porta, com os olhos escondidos por trás de seus óculos em forma de estrela. Spencer estremeceu. Quanto tempo ele tinha estado lá?

Aria estremeceu. — Uh, nada — ela disse, empurrando seu celular de volta no bolso.

Todo mundo abaixou a cabeça e marchou em direção à saída, a reunião havia acabado. Jeremy observou-as com um sorriso estranho no rosto. Quando Spencer passou, ele empurrou algo em sua mão. — Você esqueceu isso no restaurante ontem à noite. Eu peguei para você antes de eu ir embora.

Ela olhou para o objeto na palma da mão dela. Era a Polaroid que a garçonete do restaurante em Porto Rico tinha tirado quando estavam fazendo uma serenata. Ela sentiu uma sensação amarga em seu estômago, ela não se lembrava de Jeremy estar lá.

— Vocês dois formam um casal tão bonito — Jeremy falou animado. — É tão bom ver florescer o amor jovem.

Mas, quando ele empurrou os óculos no nariz e deu a volta no estilo militar, o corpo de Spencer se encheu de medo. *Reefer*. Ela tinha que terminar tudo com ele — agora.

De jeito algum ela iria roubar um cara de A.

Cinco minutos depois, ela ficou do lado de fora da sauna. A porta era feita de ripas de madeira rachada que tinha escurecido com a umidade e o tempo. O calor seco saía de seus poros, e o cheiro acentuado de cedro pesava no ar. O cheiro sempre lembraria seu avô Hastings, que tinha amado tanto saunas que tinha construído uma em sua casa, na Flórida. Ela tinha pego ele descansando nu uma vez e nunca tinha posto os pés naquela ala da casa de novo.

Respirando fundo, ela ajustou as tiras do seu biquíni e empurrou a porta que rangeu quando abriu. Estava tão quente dentro que ela imediatamente começou a suar. A única luz do lugar era das brasas num canto. Ela apenas podia ver o contorno de alguém sentado no último degrau. Seus dreadlocks estavam caídos molemente sobre seus ombros, e ele tinha uma toalha enrolada na cintura.

Seu estômago revirou. Isso ia ser tão, tão difícil.

— Que prazer te encontrar aqui — disse ele animadamente, se levantando.

— Reefer, eu... — Spencer começou, mas Reefer deslizou as mãos por suas costas e seus lábios tocaram seu pescoço. Spencer fechou os olhos e gemeu. Ele cheirava tão bem, como limão e sal.

— Reefer, espere. — Spencer se afastou dele e prendeu a respiração.

— O que foi? — Reefer perguntou, ofegante. — Está muito quente aqui? Quer se refrescar na piscina?

Spencer engoliu em seco. — Eu quero, mas... Reefer, eu acho que não posso mais fazer isso.

Reefer olhou para ela. O único som era dos rangidos das pequenas vigas de madeiras sedimentadas da sauna. — Por quê? — ele perguntou com a voz embargada.

Spencer limpou uma gota de suor de seus olhos. — É Naomi — ela disse.

— O que tem ela?

Ela se sentou no banco e olhou para a escuridão. Se ela pudesse dizer a verdade

a ele. *Essa menina já quis me matar,* ela desejou que pudesse dizer. *Ela matou antes. Eu não tenho ideia do que ela é capaz. E nós estamos no meio do oceano, sem nenhum lugar para se esconder, sem polícia...*

Mas ela não podia dizer nada disso. Em vez disso, ela limpou a garganta. — Ela realmente gosta de você.

— Mas eu não gosto dela. — Reefer soou confuso.

Spencer tocou em uma cicatriz em seu joelho, em seguida, olhou para cima, se dando conta de algo. — Você disse que você conheceu Naomi em uma festa de Princeton. Quando foi isso?

— Meses atrás. Antes de te conhecer.

— Ela já visitou outras vezes?

Reefer pensou por um momento. — Sim. No mesmo fim de semana que você estava em Princeton para a coisa do Clube de Comer. Mas foi só de passagem, nada aconteceu entre nós.

Spencer piscou. — Naomi estava lá naquele fim de semana?

— Estava. Por quê?

Seu coração batia rápido. — Ela estava na festa onde... o incidente do brownie aconteceu? — Ela fechou os olhos e pensou em todos os adolescentes lotando a casa de fora do campus. Ela não tinha visto Naomi lá, mas ela estava drogada, e sua atenção estava em Harper e nas outras meninas da Ivy.

— Não, em uma diferente — Reefer franziu as sobrancelhas. — Por que isso importa?

— Por nenhuma razão — disse Spencer fracamente. Sua cabeça estava girando. Se Naomi tinha estado em Princeton no mesmo fim de semana que ela foi para o Pot Luck da Ivy, ela poderia ter sido a pessoa que colocou LSD nos brownies de Spencer. Spencer não tinha ouvido uma risada louca quando saiu da casa da Ivy? Ela não achou que tinha visto um flash de cabelo loiro como o de Naomi deslizar para a floresta?

E era possível que o acidente de Hanna tivesse começado tudo isso? Spencer tinha implorado para Hanna confessar. Depois da Jamaica, elas não precisavam de outro segredo nas suas costas.

Hanna tinha sacudido a cabeça. — Eu não posso fazer isso com a campanha do meu pai — Hanna havia dito, alguns dias depois. Ela e Spencer estavam sentadas

na Wordsmith, uma livraria perto de Rosewood Day.

— Mas não foi nem mesmo sua culpa — disse Spencer, batendo o pé. — Esse outro carro empurrou você vindo do nada, e depois simplesmente desapareceu.

— Eu acho que foi isso que aconteceu. — Hanna fechou os olhos, como se tentasse repetir a cena na parte de trás de suas pálpebras. — Mas agora eu não tenho certeza. Talvez eu estivesse na pista errada. A chuva estava tão forte, e a estrada era tão sinuosa, e....

Ela parou, colocando a cabeça nas mãos. Por um momento, o único som da loja era da música clássica que tocava nos alto-falantes. Spencer tinha olhado para seu celular, ela tinha recebido uma mensagem de Phineas, um amigo que tinha feito na Universidade da Pensilvânia no programa de verão que ela tinha se inscrito, perguntando-lhe se ela queria ir a uma festa naquela noite. Ela estava prestes a responder quando olhou para cima e viu alguém parado em um dos corredores com a cabeça inclinada. A pessoa saiu de vista antes que Spencer pudesse ver quem era, mas parecia que ela tinha o cabelo loiro da mesma cor do de Naomi.

Agora Spencer olhou cautelosamente para Reefer. — Eu só não quero ninguém com raiva de mim agora.

Reefer ergueu as palmas das mãos. — Ajudaria se eu dissesse a ela para se afastar?

— Não faça isso! — Spencer disse rapidamente. — Eu apenas acho que não deveríamos começar nada até sairmos do navio.

Reefer parecia arrasado. — Você realmente acha que é melhor?

— Eu acho.

Eles se afastaram um do outro. Reefer virou as costas e ajustou a toalha na cintura, e Spencer cometeu o erro de olhar para a sua pele úmida e seu dorso musculoso. Seu estômago se agitou.

Como se tivesse sido puxada por uma corda invisível, ela se jogou sobre ele. Ele apertou-a contra a parede de madeira e beijou-a rudemente.

— Eu sabia que você não conseguiria resistir a mim — Reefer brincou.

Spencer riu. — Ok, então talvez nós possamos ficar em segredo até sairmos do barco.

— Se isso significa ficar com você, eu estou dentro. — Então, ele abriu a porta. — Vamos para a piscina. Minha pele parece estar cozinhando.

Spencer assentiu com relutância. — Mas, se vermos Naomi, temos que sair.

— Combinado.

Eles caminharam pelo corredor de azulejos para a área da piscina. Um grupo de adolescentes estava tendo briga de frango na parte rasa, e as meninas estavam se bronzeando em espreguiçadeiras perto do bar. Houve um rangido sob os pés de Spencer, e não foi até que ela já estava no ar que percebeu que tinha escorregado. Ela caiu com força sobre o azulejo, batendo o cotovelo. Uma dor insuportável atravessou seu tornozelo.

— Ai! — Ela gritou, se curvando em uma bola.

Reefer caiu de joelhos. — Você está bem?

— Eu não sei. — Spencer tocou o pé. Já estava inchado.

— Em que você escorregou, afinal? — Reefer perguntou.

— Eu não sei. — Spencer olhou em volta em busca de algo que havia bloqueado seu caminho, mas o corredor estava vazio. Em seguida, o cheiro familiar de óleo de bebê encheu suas narinas.

Havia uma poça escorregadia a poucos centímetros de distância de onde ela tinha caído. Spencer tinha ido por esse caminho quando foi para a sauna, no entanto. O óleo de bebê não estava lá há alguns minutos atrás, ela tinha certeza disso.

Uma sensação de frio tomou conta de seus ossos. Tudo de uma vez, uma risadinha estridente serpenteou pelo corredor. Quando Reefer ajudou Spencer a se levantar, seu celular tocou. Ela desajeitadamente o tirou de sua bolsa de praia e leu a nova mensagem.

Cuidado, cuidado! Eu também poderia simplesmente deslizar — e contar. —A

19

BOIANDO FEITO MORTO

— Aria? — Noel chamou de fora de uma pequena barraca móvel listrada perto do deque da piscina. — Você vem?

— Eu não sei — Aria disse, olhando para seu corpo no biquíni roxo que Hanna tinha insistido que ela comprasse para essa viagem. Ela tinha estado tão ocupada com a caçada que ela não tinha usado ele ainda, mas agora ela se sentia envergonhada. Era bem mais reduzido do que qualquer outro que ela já tinha usado, nas pernas com corte alto, no top com corte baixo.

— Como eu posso ensiná-la a nadar se você não sai do vestiário? — Noel apontou.

Era uma tarde de sábado, e Aria e Noel tinham acabado de terminar seu turno de almoço no café e finalmente tinham algum tempo para passar juntos. Quando Noel sugeriu ensinar Aria a nadar direito, Aria pensou que ele estava brincando. — Eu sou o melhor professor de todos, eu prometo — ele insistiu.

Ela saiu da tenda. O ar tinha mudado para frio na última hora, e a área da piscina tinha esvaziado. Vapor se levantou da banheira de hidromassagem. Espreguiçadeiras flutuantes, pranchas kickboards e divertidos palitos de natação estavam empilhados em caixas de plástico no deque. Havia algo estranho no vazio, porém — as decorações de estrelas do mar, golfinhos e polvos sobre as grades pareciam irritados em vez de amigáveis.

Ela abaixou a toalha e ela caiu em uma das espreguiçadeiras. Noel, que estava vestido com sunga florida, arfou. — Uau.

— Oh, pare — Aria disse, sorrindo para si mesma. Ela caminhou para a escada e começou a entrar na piscina. A água agitou em torno de seus dedos, depois das panturrilhas, em seguida, da sua cintura. Ela mergulhou a cabeça e emergiu salpicando água. — *Fria*!

— Você vai se acostumar com isso. — Noel flutuou até ela. — Venha aqui — ele sussurrou, agarrando-a pela cintura e abraçando-a.

Aria envolveu as pernas ao redor dele, sentindo-se leve e livre. Eles se beijaram

por um longo tempo, a água cheia de cloro roçando seus corpos. Nas entranhas do navio, uma música New Age do Cirque du Soleil começou a tocar.

— Vamos ver a sua técnica de mergulho — disse Noel, quando eles se separaram.

— Não diga que eu não avisei. — Aria entrou na extremidade mais profunda até que seus pés já não tocavam no fundo. Em seguida, suas pernas se agitaram freneticamente. Seus braços movendo-se de um lado e do outro. Depois de um tempo, ela se estabeleceu em um estilo de natação que Mike chamava de Aria Remo.

Quando ela finalmente chegou à parede, ela se virou. Noel parecia horrorizado. — Você realmente nunca teve aulas de natação quando era criança.

Aria balançou a cabeça. — Mike teve, mas meus pais nunca insistiram nisso. Eu sempre gostei de esculpir. Ou de teatro. Ou de hip-hop.

— Nós provavelmente deveríamos te ensinar o básico — disse Noel. — Você sabe como fazer flutuação do homem morto?

Aria estremeceu com o nome. — Uh, não.

Noel levou-a de volta para a parte rasa. — Isso vai ajudá-la no caso de você ficar encalhada no mar. Aria deu-lhe um olhar estapafúrdio. — Obrigada, mas eu não planejo que isso aconteça.

— Ninguém nunca planeja. — Noel colocou as mãos em seus quadris. — Deite-se de bruços na água. Eu vou segurar você.

Aria fez como lhe foi dito. Ela sentiu as mãos de Noel sustentá-la em sua cintura. — Estenda seus braços! — ele disse. — Agora relaxe totalmente! — Foi estranho não agitar-se para se manter à tona — ela ficava pensando que ela ia afundar. Mas depois de um momento, ela continuou e abriu os olhos debaixo d'água. O fundo da piscina tinha azulejos em forma de diamantes. Ela podia apenas distinguir os pés de Noel embaçados.

Ela virou a cabeça para respirar, depois mergulhou para baixo novamente. Seus membros estavam pesados, mas flutuantes. Era Zen, como se ela realmente estivesse morta.

O corpo de Tabitha flutuando nas ondas brilhou em sua mente. Então veio uma voz: *Você fez isso. Você vai ser punida.* Instantaneamente, seu foco quebrou-se. Ela respirou um bocado de água e emergiu salpicando-a, olhando para Noel como se ele tivesse visto seus pensamentos.

— O que aconteceu! — Noel gritou, inconsciente. — Você estava indo tão

bem!

Aria tirou a água dos seus olhos. — Eu tenho medo — ela murmurou. E isso não era uma mentira.

Durante a hora seguinte, Aria aprendeu a flutuar na água com agitação e chutes de rã. Ela lutou com remos, mas teve uma primeira tentativa decente no nado de costas elementar. No momento em que o sol apareceu de novo e algumas crianças apareceram no deque da piscina, Aria se sentia exausta, mas quase bem sucedida. Ela e Noel recuaram para a banheira de hidromassagem e compartilharam uma jarra de limonada.

— Você é um professor muito bom — ela disse a Noel, beijando-o na bochecha. — É romântico, também. Nós dois quase nus, você me segurando...

— Quer fazer uma coisa normal? — Noel tomou um gole da sua bebida. — Se você soubesse como nadar, poderíamos surfar juntos. Você adoraria. É viciante.

— Eu acho que eu não deveria surfar ainda — disse Aria, fechando os olhos e deixando os jatos da banheira massagearem suas pernas. — Mas com certeza podemos fazer mais aulas.

— E depois? Eu poderia tirar um dia de folga do surf.

Aria abriu os olhos. Havia um olhar terno no rosto de Noel, que ela odiava desapontá-lo. — Eu não posso — disse ela com pesar. — Eu tenho que me encontrar com Graham.

— Oh. — Noel pareceu desapontado. — Ok.

— Eu sinto muito. — Aria realmente se sentia mal — Noel parecia tão chateado. — Somos apenas amigos.

— Eu sei, eu sei. Ele gosta de você, no entanto. Um cara sabe.

— Não, ele não gosta — disse Aria rapidamente. — Ele está *tão perto* de conseguir um encontro com Tori. Eles correram um para o outro no jantar na noite passada, e ela o convidou para sentar na sua mesa, mas nós não estamos realmente contando *isso* como um encontro, porque não foi planejado.

Noel riu. — Você realmente gosta de bancar a Cupido, não é?

— Definitivamente — disse Aria. — Isso faz eu me sentir bem. — Ela quis dizer isso em mais de uma maneira.

Alguém ligou um rádio, e uma música da Shakira tocou. O serviço de bufê começou a preparar a comida, e algumas crianças entraram na fila. Noel levantou o

medalhão que pendia em volta do pescoço de Aria. — Estou feliz por você ainda estar usando isso.

— É a coisa mais bonita que alguém já me deu — Aria murmurou.

Noel deixou cair o colar de volta ao seu peito, e ela olhou para ele novamente. Havia algo tão familiar nisso, algo que ela não conseguiu identificar.

Algo próximo a sua toalha chamou sua atenção. A tela do seu celular estava iluminada. Ela saiu da banheira de hidromassagem e olhou para a tela. *Uma nova mensagem.*

Ela virou as costas para Noel não poder ver. Depois de lê-la completamente, ela pressionou DELETAR e, felizmente, a mensagem desapareceu. Mas ela não iria esquecer a mensagem por um longo tempo.

Peixes-palhaço são bonitos, Estrelas-do-mar são pálidas. Será que o namorado de Aria Vai visitá-la na cadeia? —A

20

RESISTIR É TÃO DIFÍCIL

Uma hora depois, Emily estava com Aria e Spencer em um canto isolado perto da plataforma de shuffleboard com suas saias de grama ao redor de suas cinturas. Ela ouviu o início dos compassos da música Havaiana hula que elas tinham escolhido para o show de talentos através dos alto-falantes portáteis do iPod. Depois de um momento, ela contou. — Cinco, seis, sete, oito...

Todas elas balançaram suas mãos graciosamente e começaram a balançar seus quadris. Cerca de trinta segundos depois, Aria parou e olhou para as outras. — Nós estamos movimentando nossas mãos em direções diferentes nessa parte — ela disse. — Nós precisamos sacudir primeiro para a direita, *depois* para a esquerda.

— Eu estou fazendo o melhor que eu posso, considerando o fato de que meu tornozelo está me matando. — Spencer levantou seu pé esquerdo, que tinha uma atadura enrolada em volta dele.

Ela disse que tinha escorregado em óleo de bebê mais cedo.

— E nós falamos sobre acrescentar aquele movimento balançar-se-como-um-pato — Aria disse quando ela pausou a música. — Alguém se lembra exatamente como fazê-lo? Ali era definitivamente a melhor nisso.

— Eu estou tão cansada de Ali — Emily resmungou com raiva em voz baixa.

As cabeças de Spencer e Aria viraram rapidamente. — O que foi, Em? — Aria perguntou.

— Nada — Emily disse rigidamente, alisando a saia de grama. Uma das folhas perfurou sua coxa, e ela estremeceu. — Alguém acha que essas saias são uma droga? — ela estalou.

Spencer se inclinou contra a grade, parecendo preocupada. — Você está bem?

Emily suspirou. — Eu só não me sinto com vontade de fazer isso. Quero dizer, qual é o ponto?

— ela empurrou suas sandálias de volta em seus pés, mantendo os olhos afastados de suas amigas.

— Estamos sendo torturadas por A. Estamos praticamente sendo procuradas pela polícia. Vocês não acham que estar fazendo uma coreografia para o show de talentos é um pouco ridículo? Como vamos andar de Vespa na cadeia?

— É uma boa diversão — Spencer disse calmamente.

— Aconteceu alguma coisa, Em? — Aria pressionou. — Algo com A? Algo com aquela garota que você viu na TV ontem? Ela realmente está no navio?

Emily desviou o olhar, mordendo o lábio. Ela lamentava que suas amigas tivessem estado lá para testemunhar o seu ataque de fúria após ver a Ladra Patricinha na CNN. Ela não queria arrastá-las para o escândalo. — Ela saiu do barco ontem — ela mentiu — embora, por tudo o que ela sabia, era verdade. Não havia nenhum traço de Jordan quando Emily voltou para o seu quarto no dia anterior, e ela não tinha mais ouvido falar dela desde então. — E vamos nunca mais falar sobre isso novamente, ok?

Houve uma pausa longa e estranha. — Tudo bem — disse Spencer, com preocupação em sua voz.

— Ótimo — disse Emily superficialmente. Mas quando ela fechou os olhos, tudo em que ela podia pensar era naquela transmissão de notícias. *A Ladra Patricinha*. Jordan sendo levada para a cadeia em um macacão laranja.

O Google havia fornecido uma centena de links com todos os detalhes terríveis. Jordan — ou Katherine DeLong, ou qualquer que seja o seu nome — não vinha de uma família pobre, como ela disse a Emily, mas de uma muito rica de fora da Cidade de Nova York. Havia fotos dela em eventos da sociedade em Manhattan e festas debutantes nos Hamptons. Ela tinha roubado barcos, carros, aviões — basicamente qualquer coisa que ela pudesse pôr as mãos — por dois anos, andando de jato por todo o mundo para tentar assaltos maiores e mais ousados. Ela finalmente tinha sido presa e jogada na prisão perto da Filadélfia alguns meses atrás, quando foi pega dirigindo a Ferrari do sócio do seu pai. Agora, o FBI estava atrás dela.

Os artigos a descreviam como uma "mulher trapaceira", capaz de convencer as pessoas de tudo e qualquer coisa só para conseguir o que quer. Outros repórteres a chamavam de "sociopata", uma "Houdini garota", e "uma meliante sem nenhum respeito pela propriedade privada. — Aparentemente, Jordan não roubava os veículos porque ela tinha alguma utilidade para eles — tudo era pela emoção.

Isso era esmagador. Emily tinha se sentido renascer com Jordan. Por algumas horas felizes, havia algo de bom em seu mundo novamente. Mas como ela pôde ter

acreditado em outra mentirosa? Será que Jordan tinha gostado dela mesmo, ou ela estava explorando a bondade e a generosidade de Emily para manter-se discreta? E se Emily ficasse em apuros apenas por associar-se com ela? A sabia sobre isso, também — e se A dissesse?

Suspirando, ela agarrou a bolsa da borda de onde ela havia deixado. — Eu vou voltar para o meu quarto por um tempo. Eu vou estar pronta para a apresentação de amanhã, no entanto. Eu prometo.

Ela caminhou em direção ao elevador, olhando por cima do ombro apenas uma vez. Aria e Spencer estavam sussurrando, provavelmente tentando decidir se a seguiam ou não. Ela ficou feliz quando elas não o fizeram.

Não havia ninguém no elevador para o seu percurso ao seu andar, e o corredor do quarto estava vazio. Mas quando ela viu uma figura sentada à sua porta, ela congelou, seu coração de repente batendo rápido. Era Jordan.

Jordan olhou para cima ao mesmo tempo. Seus lábios se separaram, e ela começou a se levantar. — Emily!

Emily se virou e foi para o outro lado, a saia de grama coçando contra suas pernas.

— Emily! — Jordan chamou novamente, correndo atrás dela. — Espere!

Emily continuou, sem dizer nada. — Eu sei que você está com raiva — desabafou Jordan. — Me desculpe por eu não ter lhe dito mais cedo. Eu tentei, algumas vezes, mas... Eu só não sabia como. — Bem, agora está tudo em aberto, não é? — Emily disse bruscamente, abrindo a pesada porta para as escadas. Ela não tinha ideia de onde ela estava indo. Ela só sabia que tinha que ir para algum lugar.

— Então é isso? — a voz de Jordan ficou rouca. — Você só vai nos afastar?

Emily puxou o lábio inferior para dentro da sua boca e subiu o primeiro conjunto de escadas, a saia de grama balançando contra suas pernas audivelmente.

— Emily, por favor — disse Jordan. — Você é a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo.

Emily parou a meio passo. Quando ela se virou, o rosto de Jordan estava manchado de lágrimas. Seu nariz arrebitado estava avermelhado de tanto chorar, e suas mãos estavam mexendo na bainha da sua camiseta. A camiseta, aliás, que ela havia pegado emprestado do armário de Emily — porque Emily era tão malditamente boa e ingênua. A imagem da Jordan da TV reluziu em sua mente. *Continue andando*, uma voz magoada dentro dela disse.

Mas ela também sabia o que Jordan significava. Algo surpreendente aconteceu entre elas.

Ela engoliu em seco. — Você mentiu para mim. Eu não sei nada sobre você. Eu nem sequer sei o seu nome verdadeiro!

— Eu sei. E eu me sinto mal por isso. Mas não foi porque eu queria te machucar. Eu queria te proteger.

Emily passou os dedos sobre uma rachadura na parede. — Você realmente escapou da prisão?

— Sim — Jordan disse com uma voz calma.

— Por que você não estava vestindo aquele macacão laranja quando eu te vi pela primeira vez?

— Eu fiquei com minhas roupas normais na cela.

— E por que você escolheu o nome Jordan?

— É o meu nome do meio. — Jordan olhou para seus pés. — E Richards é o nome de solteira da minha mãe. Eu sempre achei que ambos eram melhores.

— Por que você roubou aviões? Carros?

Jordan baixou os olhos. — Foi algo que a minha melhor amiga me desafiou a fazer. Nós estávamos juntas nisso.

Emily zombou. — Sua melhor amiga fez você roubar um avião?

— Foi aquela garota Mackenzie que eu comecei a falar. Ela me desafiou a roubar coisas maiores, fazer coisas mais perigosas, basicamente porque ela amava o poder sobre mim. Ela prometeu que ela me amaria se eu fizesse isso, mas não é assim que isso funciona.

Emily enrolou seus dedos. A história era muito familiar — Ali a tinha tratado assim, também.

— Foi Mackenzie quem me entregou, na verdade — Jordan continuou. — Eu disse a ela que não queria roubar mais coisas, que estava ficando muito louco. Então ela chamou a polícia para mim.

Emily ofegou. — Ela ficou em apuros?

Jordan sacudiu a cabeça. — Não.

— Por que não? Ela não roubou coisas, também?

Os lábios de Jordan tremeram. — Eu não contei isso para os policiais. — Ela

olhou para Emily timidamente. — Uma verdadeira idiotice, não é?

Emily olhou para o grande número 6 pintado na parede ao lado da escada. Ela tinha acobertado Ali, também. Inferno, ela até deixou ela sair da casa em Poconos. — Isso não foi idiotice.

Mas a sua relação com a sua amiga não é amor. Nem mesmo é amizade.

— Eu sei — disse Jordan calmamente. — Mas quando eu percebi, já era tarde demais. Só que agora eu realmente sei o que é o amor.

Emily olhou para cima; o ar estava eletricamente carregado. Jordan estava olhando tão profundamente nos olhos de Emily que Emily sentiu uma atração magnética na direção dela. Ela pensou em como Jordan a abraçou no barco com fundo de vidro, aceitando tudo sobre ela. E como ela tinha beijado Emily em aberto nos elevadores. E como elas podem falar sobre qualquer coisa, e o quanto elas riam, e como parecia certo beijá-la.

Ela caminhou lentamente de volta descendo as escadas até que ela estava ao lado de Jordan.

Quando ela deslizou sua mão para a de Jordan, pareceu como se ela tivesse voltado para casa. Mas, então, o terror a atingiu. — E se alguém sabe onde você está? — ela pensou na mensagem de A. *Que fofo! Vocês podem dividir uma cela na cadeia!*

A boca de Jordan fez uma linha. — O que você quer dizer?

Emily engoliu em seco. — E se alguém te reconhecer com a notícia... e contar?

— Eu tenho me mantido bem discreta — Jordan insistiu. — Eu não acho que alguém neste navio esteja à minha procura, de qualquer maneira. Você não deve se preocupar.

— Mas... — Emily parou, pensando em todas as coisas que A poderia fazer com a informação.

— O que você vai fazer quando o cruzeiro terminar e voltarmos para a terra? Eles vão pegar você — você não pode fugir para sempre. O que vai acontecer com a gente? Será que eu vou ver você de novo? Jordan puxou-a para perto e balançou-a para frente e para trás. — Ei — ela disse suavemente, esfregando a figura de um oito nas costas de Emily. — Não se preocupe.

— Mas eu tenho que me preocupar! — Emily gritou. — Você precisa de um plano! Você precisa descobrir uma maneira de permanecer segura!

Jordan sorriu placidamente. — Em, eu tenho um plano.

Emily piscou. — Qual é?

Lentamente, Jordan levou-a para fora da escada, passando pela galeria movimentada, e em uma das salas de espera, que tinha grandes cabines de veludo e longos aquários revestindo as paredes. Além de Jeremy, que estava encostado no bar conversando com um dos garçons, elas eram as únicas pessoas na sala.

Elas se sentaram em uma cabine perto de uma brilhante máquina de caixa automática. O relógio art déco de segunda mão da parede fez uma rotação completa antes de Jordan falar de novo.

— Eu nunca vou voltar para os Estados Unidos — ela começou. — Você está certa, eu vou ser presa assim que pisar lá. Enquanto eu ficar em outro país, embora, eu vou estar segura. Então, quando nós atracarmos em Bermuda, eu vou entrar em um avião. Eu ia fazer isso em nossa primeira parada em St. Martin, mas depois que te conheci, eu só... não podia.

Os olhos de Emily se arregalaram. — Você vai para onde?

— Para a Tailândia. Tenho tudo planejado. Há um passaporte falso esperando por mim em Bermuda, junto com uma passagem de avião.

Emily imaginou um mapa mental do mundo, tentando medir a distância entre Rosewood e a Tailândia. Parecia que Jordan estava indo para a lua. — O que você vai fazer lá?

— Viver uma vida incrível. — Jordan disse melancolicamente, torcendo um guardanapo de pano que havia sido colocado na mesa em suas mãos. — É incrível lá, Em — belas praias, uma cultura incrível, e você pode viver como um rei do nada. Eu estava pensando em ensinar Inglês para ganhar dinheiro. E eu quero que você venha comigo.

Emily endireitou-se na cabine de veludo. — O quê?

— Pense nisso! — Jordan agarrou as mãos de Emily sobre a mesa, quase derrubando um copo de água. — Nós viveríamos na praia. Você ia nadar no mar todos os dias. Poderíamos viajar, ter aventuras incríveis, e você conseguiria escapar de tudo que você odeia aqui.

Um garoto que Emily não reconheceu passou por elas para usar o caixa eletrônico, e Emily apertou os lábios até que ele terminou. Então ela olhou para Jordan melancolicamente. — Mas e se eu quiser ver a minha família? Uma passagem de avião não é muito cara?

— Você não poderia ver a sua família novamente. As autoridades poderiam

descobrir que escapamos juntas — você seria considerada um acessório para me esconder. Se você viesse para os Estados Unidos, você poderia ser presa também.

As palavras dela atingiram Emily como um soco no estômago. Nunca mais ver a sua família de novo? Nunca mais viver na América de novo?

Mas, no entanto, o que ela tinha nos Estados Unidos que ela realmente apreciava? Uma família que a odiava? Uma futura faculdade sobre a qual ela não estava nem mesmo animada? Boas amigas, sim, mas elas provavelmente saltariam ante a chance de sair da cidade, também. E havia Violet, é claro, mas os Bakers eram os melhores pais que ela poderia pedir.

Se Emily fosse embora, ela nunca mais teria que se preocupar em ser presa pelo assassinato de Tabitha. Ela nunca mais teria que se preocupar com A vindo atrás dela, e ela nunca mais seria assombrada pelo fantasma de Ali — ou quaisquer outros fantasmas de Rosewood do passado novamente. Sua família provavelmente comemoraria o seu desaparecimento. Ela não teria nem sequer que registrar-se no radar de Isaac. A UCN iria encontrar um novo nadador.

Ela olhou para os grandes e esperançosos olhos de Jordan, seus lábios separados, e a adorável covinha ao lado da sua sobrancelha. Ela tinha encontrado tanto em uma pessoa, e deixá-la ir parecia um erro terrível.

E ela podia realmente permitir-se assumir mais isso?

21

A FESTA DO PIJAMA DE HANNA

— Vamos lá, pessoal, mais duas repetições! — Uma sósia de Jillian Michaels gritou enquanto estava na frente da pequena sala de ginástica, levantando dois halteres azuis-claros sobre sua cabeça. — Façam mesmo que doa! Sintam a queima das calorias!

Os braços de Hanna pareciam borrachas, mas ela levantou os halteres tão alto quanto podia de qualquer forma, deixando escapar um grunhido. Quando ela olhou-se no espelho, ela estava fazendo uma careta que fazia ela parecer uma idosa com prisão de ventre.

Então ela soltou os pesos no chão e suspirou. — Deem a si mesmos uma salva de palmas! — A instrutora gritou. Algumas pessoas irromperam em aplausos sem grande entusiasmo.

Hanna desabou sobre seu colchonete. Era uma tarde de sábado, e ela esteve no ginásio por duas horas antes de assistir agora a aula 7 Dias de Retaliação, ela correu na esteira por trinta minutos, em seguida, tentou gastar mais vinte na máquina de step. Mas nada disso a tinha ajudado a esquecer Naomi, ou A, ou Naomi como A.

Todos da classe se dirigiram para a porta, e Hanna envolveu uma toalha sobre os ombros e os seguiu. Mas quando ela viu o rosto brilhante de Naomi na janela, ela recuou.

— Ei você aí, superstar! — Naomi disse animadamente, entrando na sala. Ela estava usando shorts cinza de tecido felpudo, uma camiseta branca e tênis New Balance. — Você desapareceu tão cedo essa manhã! Você esteve aqui esse tempo todo? Você deveria ter me dito que vinha ao ginásio, eu viria com você!

— Uh, eu decidi de última hora — disse Hanna, evitando o olhar de Naomi, que parecia muito intrometida.

Naomi enganchou seu braço no de Hanna. — Eu estava conversando com a instrutora de Pilates, ela parece realmente incrível. Talvez pudéssemos nos inscrever para uma sessão conjunta amanhã?

— Uh, com certeza. — Hanna brincava com sua toalha, nervosa com a

proximidade de Naomi.

Uma visão do corpo morto de Gayle na garagem passou por sua mente. Naomi tinha feito isso.

Naomi colocou as mãos nos quadris. — Você está brava comigo?

— Claro que não — Hanna protestou, tentando parecer inocente.

— Bem, você está agindo de forma estranha — disse Naomi, a mágoa evidente em sua voz. — Você está me tratando como se eu tivesse vomitado no meu cabelo.

Hanna deu um encolher de ombros despreocupado. — Eu estou apenas cansada. — Então ela fez um gesto em direção ao bebedouro, murmurou o quanto ela estava doida por uma bebida, e foi direto para a torneira. *Ela sabe de tudo,* uma voz dentro de sua cabeça rugia. *Tudo o que ela te disse era mentira. Ela não está feliz por sua prima ter sofrido o acidente, ela está furiosa, e ela está em busca de sangue.*

Quando ela terminou de beber, Naomi estava esperando. — Podemos pelo menos ensaiar para o show de talentos essa tarde?

Hanna se sentiu numa emboscada. Felizmente, naquele momento, seu celular tocou. Era apenas um e-mail de Shopbop.com sobre coisas indispensáveis para o verão, mas Naomi não sabia disso. — Mike quer me encontrar, ele disse que é uma emergência. Que pena.

Naomi parecia desconfiada. — Você ainda quer ser minha parceira no show de talentos?

— É claro! — Hanna mentiu, com medo do que Naomi pudesse fazer se ela dissesse não. Ela atirou-lhe um sorriso desculpe-estou-tão-ocupada. — Nós nos vemos logo, ok? — E então, abaixando a cabeça, ela correu para a porta da escada e subiu para o andar onde ficava o quarto delas — ela estava desesperada por uma muda de roupa. Ela temia que Naomi fosse segui-la, mas ela não apareceu no patamar.

Hanna abriu a porta e correu para dentro. Mesmo que fizesse apenas algumas horas desde que ela tinha estado lá, o quarto não parecia dela há muito tempo. A mala de Naomi estava em um lugar completamente diferente agora. Roupas diferentes estavam em sua cama, e a cadeira havia sido transferida para a janela. Hanna procurou pelo laptop de Naomi, mas estava longe de ser visto.

Ela provavelmente nunca o deixaria sozinho novamente.

Ela caiu em sua cama por um momento, subitamente se sentindo tão cansada quanto ela fingiu estar no ginásio. Sua cabeça afundou no travesseiro fresco e macio.

Seus membros doloridos relaxaram no colchão confortável. Era tão bom se esticar depois de tantas horas de exercício. O ruído suave do ventilador foi acalmando-a e tranquilizando. *Eu só vou fechar meus olhos por um minuto,* ela pensou consigo mesma, sua respiração desacelerando. E, em seguida, a escuridão a cercava como um cobertor pesado, ocultando tudo.

Quando ela abriu os olhos novamente, ela estava sentada em uma BMW desconhecida. Um pinheiro purificador de ar balançava no espelho retrovisor. O rádio estava ligado numa estação de hip-hop.

Ela piscou e olhou para fora da janela. Chovia lá fora. Edifícios altos a rodeavam, e uma placa néon para a rua Steaks South brilhava na distância.

A porta do passageiro se abriu e uma pessoa entrou no banco do passageiro. — Você realmente não tem que fazer isso, Olivia — uma voz familiar gaguejou. — Eu estou totalmente boa para dirigir.

Hanna piscou com força. Era Madison. Seu cabelo loiro estava despenteado, seu rosto estava vermelho e ela estava usando a mesma camiseta listrada que ela tinha usado naquela noite no bar.

Hanna olhou em volta novamente. Essa era aquela noite no bar. O ar parecia como no verão. O hálito de Madison cheirava densamente a bebida. Hanna tinha um gosto salgado de margarita em sua boca.

Então ela teve uma epifania. Ela estava revivendo aquela noite? Ela poderia mudar o destino?

Ela poderia sair do carro, colocar Madison em um táxi e mandá-la para casa de outra forma, ficar completamente fora dessa bagunça? Então Naomi nunca teria nada contra elas. Ela nunca iria se tornar A. Esse pesadelo não estaria acontecendo.

Mas quando ela tentou puxar a maçaneta da porta para sair, seus dedos não responderam. E então, sem querer, ela sentiu sua mão virar a chave da ignição e ligar o motor do carro. Antes que ela percebesse, ela estava trafegando. *Pare!* ela disse a si mesma, mas seu pé continuou a pressionar o acelerador.

— Vá até a 76 West — Madison resmungou, apontando para a placa acima delas. Hanna tentou dirigir o carro em outra direção, mas foi inútil. Ela encontrou-se entrando na estrada, assim como ela fez pela primeira vez.

Ela se concentrou na estrada, a qual estava pouco visível através da chuva. — Fique em 76 até 202 — Madison instruiu.

Essas eram as instruções para chegar à Rosewood. — Onde você mora

exatamente? — Hanna perguntou, embora ela agora soubesse.

Madison riu. — Você vai me odiar, mas eu não lembro exatamente. Meus pais compraram uma casa nova, tipo, na semana passada, e eu esqueço o endereço. Mas eu acho que eu posso nos levar até lá. Um carro que se aproximava enviou uma enxurrada de água contra o para-brisa. *Encosta!* Ela disse a si mesma. *Espere pelo menos até a chuva parar!* Mas, frustrantemente, ela continuou dirigindo.

Madison direcionava Hanna à Lane Reeds. O coração de Hanna acelerava quando ela virava nas curvas, temendo o momento que estava por vir. E então, lá estava: Um carro apareceu do nada, mudando para a pista dela. Ela gritou e virou o volante. Madison soltou um som estranho, e sua cabeça bateu contra o assento. Os pneus derraparam na estrada molhada, e antes de Hanna perceber, o carro tinha escorregado da barragem. Ela pisou no freio com força, as rodas bloquearam e a traseira derrapou.

— Socorro! — Ela gritou. Um enorme carvalho aproximou-se do para-brisa. Ela tentou se afastar, mas era tarde demais.

Houve um ruído ensurdecedor e, em seguida, uma sinfonia de vidros quebrando. Hanna cobriu seu rosto e sentiu o airbag acionar. O cinto de segurança apertou com força contra seu ombro e cintura, e então tudo parou. Quando ela abriu os olhos, o rádio ainda estava tocando. O motor ainda zumbia. Um galho de árvore atravessou o para-brisa. Vidros tinham quebrado em todos os lugares.

Hanna olhou para a direita. A cabeça de Madison estava inclinada em um ângulo estranho.

Uma tira fina de sangue escorria do seu nariz. Quando Hanna olhou para os pés dela, ela gritou.

Madison não tinha pernas. Ela tinha apenas o tronco.

— Madison? — Hanna sussurrou com a voz trêmula. Ela sacudiu o ombro de Madison. — Madison?

De repente, os olhos de Madison se abriram. Hanna recuou. Os olhos da menina estavam claros e lúcidos, e ela olhou para Hanna com firmeza.

— Seu nome não é Olivia — ela disse em uma voz mal-assombrada. — É Hanna Marin. Eu sei tudo sobre você.

Os olhos de Hanna esbugalharam. Ela empurrou o airbag para fora do caminho e tentou sair do carro, mas Madison pegou o braço dela antes que ela pudesse. Quando ela se virou, não era o rosto de Madison olhando para ela. Era o

de Ali.

— Ei, Hanna! — Os cantos dos lábios de Ali se esticaram em um sorriso. — Saudades de mim?

Hanna se levantou da cama rapidamente, respirando com dificuldade. Ela estava na cabine calma e tranquila do barco. Os lençóis foram jogados para trás, e ela estava segurando um travesseiro com os dedos trêmulos. Ela beliscou a ponta do nariz e tentou apagar o rosto de Ali de seus pensamentos, mas o sorriso dela estava dominando seu cérebro.

— Você está bem?

Naomi estava sentada em sua cama, olhando com curiosidade para Hanna.

Hanna pulou. — H-Há quanto tempo você está sentada aí?

Naomi sorriu, seus grandes olhos azuis aparentemente inocentes. — Pouco tempo. Você realmente desmaiou, no entanto. Disse alguma coisa louca, também.

— C-como o quê? — Hanna arfou. O sonho girou em sua cabeça. E se ela tivesse chamado o nome de Madison?

Naomi deu de ombros, mas não respondeu. Ela agarrou as mãos de Hanna para levantá-la. — Eu tenho uma surpresa para você.

— Uma surpresa? — Hanna ecoou fracamente.

Naomi tirou um saco de plástico de suas costas e pegou duas perucas coloridas. — Olha o que eu encontrei em uma das lojas no andar do saguão! Não são perfeitas para a nossa coreografia de amanhã? — Ela deslizou a azul na cabeça de Hanna, em seguida, colocou a roxa em sua própria. — Eu acho que sei por que você está agindo de modo estranho, Hanna. Você tem medo de palco, não é?

Você está assustada por ter que cantar na frente de tantas pessoas. Mas vai ser ótimo. Eu estarei ao seu lado. Nada pode dar errado, eu prometo. Então, você ainda está dentro?

O perfume frutado Kate Spade que Naomi sempre usava estava tão esmagador de repente que Hanna pensou que iria vomitar. Ela olhou para seu braço. Naomi ainda estava segurando seu pulso, e seus olhos brilhavam, parecendo tanto com os de Madison.

Ela puxou rápido o braço para longe. — Eu-eu tenho que ir.

Naomi franziu a testa. — Por quê?

Hanna levantou os ombros, sua mente em branco. O seu objetivo era apenas

sair pela porta da frente, o mais rapidamente possível. — A-algo surgiu — ela gaguejou.

— Mas e o show de talentos?

Hanna olhou para trás apenas uma vez. Havia um olhar tão magoado no rosto de Naomi, mas Hanna já sabia que era apenas fachada. — Eu sinto muito — ela praticamente sussurrou. Então ela abriu a porta, deslizou para o corredor e fechou a porta antes que Naomi pudesse segui-la.

Ela estava quase nos elevadores quando se avistou no espelho do corredor. A peruca azul que Naomi tinha comprado estava torta em sua cabeça, metade do cabelo espetado para cima e a outra metade cobrindo sua testa. Quando ela levantou a mão para ajeitá-lo, algo voou e deslizou no chão.

Parecia um recibo. Na parte de trás, havia algo rabiscado de caneta azul de ponta de feltro. Quando Hanna se inclinou para olhar mais de perto, seu coração parou.

Você não vai conseguir esconder a verdade, pequena mentirosa. Você vai ter o que merece. — A

22

FEZ A FAMA DEITA NA CAMA

Na manhã seguinte, houve uma batida forte na porta de Spencer. — Spencer? — Reefer chamou. — Você está aí?

— Vá embora — ela respondeu com uma voz abafada. — Eu estou doente.

— O que há de errado? — Reefer parecia preocupado. — Posso entrar? Por favor?

Spencer escondeu o rosto com um travesseiro e gemeu. Ela tinha permanecido em seu quarto o quanto podia. Havia vindo mensagens de Aria, Hanna e Emily bem cedo, relatando que Hanna ainda não tinha sido capaz de mexer escondido no computador de Naomi e descobrir outra coisa.

Então Emily e Aria tinham ligado, perguntando a Spencer se ela queria ensaiar a coreografia do show de talentos mais uma vez — a apresentação era naquela noite, e elas ainda não tinham aprendido todos os passos de dança. Elas pararam de incomodá-la depois que ela disse que não estava se sentindo bem, mas Reefer não tinha desistido. — Por favoooor? — Reefer falou lentamente novamente.

Spencer suspirou, levantou-se e saiu mancando em direção à porta, estremecendo quando colocou o peso sobre o tornozelo torcido. A luz era brilhante no quarto, e ela apertou os olhos. A mandíbula de Reefer caiu quando ele a viu. — O que aconteceu com você?

— Que parte? — Spencer se virou. — O fato de eu cheirar a vômito, ou o fato de que tem chiclete no meu cabelo inteiro?

— Tudo! — Reefer gritou.

Spencer olhou para seu reflexo no espelho de formato de sol no corredor e estremeceu. Já era ruim o suficiente ela ter passado a noite toda vomitando por causa de alguns camarões ruins que ela tinha comido no jantar — ou, bem, ela tinha presumido que tinha sido o camarão, mesmo que outras pessoas tenham comido a mesma coisa e não tiveram sequer uma dor de estômago. Naquela manhã, ela também tinha acordado com uma enorme bola de goma de mascar como um novo acessório de cabelo. Iria ser um milagre tirá-la sem cortar todo o cabelo dela.

— Alguém colocou isso no meu cabelo quando passou por mim no Café, depois do jantar — disse Spencer. — Eu me virei, e de repente o chiclete estava aí.

Reefer sentou-se na cadeira, parecendo intrigado. — Você viu quem fez isso?

— Não.

— Talvez você estivesse mascando chiclete antes de dormir e esqueceu de jogá-lo.

Ela balançou a cabeça com veemência. — Eu nunca masco chiclete antes de dormir.

Reefer caminhou até ela e abraçou sua cintura. — Talvez esse seja o jeito do universo lhe dizer para não nos encontrarmos mais escondidos.

Spencer escapou de seus braços. — Nós *temos* que nos encontrar escondidos.

— Ainda? — Reefer colocou as mãos nos quadris.

— Eu disse a você — Spencer disse. — Eu não acho justo para Naomi. E você disse que aceitava.

Reefer fungou. — Eu não sabia que você ia levar isso tão a sério.

Então Reefer passou as mãos pelos cabelos dela, aparentemente não enojado pelo chiclete. Ela tentou resistir, mas Reefer cheirava a protetor solar e cloro, e em um segundo, seus lábios estavam nos dela e eles caíram na cama de Spencer. Sua pele estava quente do sol. Spencer mudou de posição para que ela pudesse ajudar Reefer a puxar a camisa sobre a cabeça.

Crack.

De repente, a cama estava no chão. O chão tremeu. A foto do navio que estava pendurada acima da cama de Spencer, balançou no prego e então caiu. Spencer cobriu a cabeça antes que ela caísse no colchão.

Reefer piscou. — Eu sabia que eu era selvagem, mas eu não sabia que eu era tão selvagem assim. Spencer se arrastou até o tapete e olhou para a estrutura da cama. Todas as quatro pernas estavam abertas na horizontal, como se já não fosse capaz de suportar o peso do colchão. A madeira não foi estilhaçada, como ela havia esperado, mas tinha quebrado reta, como se tivesse sido serrada.

Então ela se levantou e analisou o prego no qual a foto sobre a cama havia estado pendurada.

Ela tinha balançado perigosamente na parede, quase caindo. Ela tinha sido claramente sabotada. Na primeira noite da viagem, o mar havia estado agitado, e,

apesar dos tubos de pasta de dente de Kirsten e de Spencer terem caído da prateleira do banheiro, nenhuma simples peça do mobiliário ou decoração havia se mexido. Elas tinham brincado dizendo que tudo no quarto provavelmente havia sido aparafusado e não pendurado por um simples prego.

A pele de Spencer se arrepiou. O pensamento de que a foto tinha estado silenciosamente e traiçoeiramente balançando perto da cabeça dela pelas últimas 24 horas tomava conta de sua mente. — Já chega — ela anunciou. — Eu não aguento mais. Isso já foi longe o suficiente.

— Do que você está falando? — Reefer perguntou.

— Você não percebeu? — Spencer gritou com a voz embargada. — A cama, a intoxicação alimentar, o chiclete, e agora a cama? Alguém está fazendo isso comigo!

O sorriso sumiu do rosto de Reefer. — Você está falando sério?

— É claro que eu estou falando sério.

— Quem estaria fazendo isso com você? E por quê?

Ela deu uma respiração profunda. — Não é óbvio? Naomi!

Os olhos de Reefer se arregalaram. — Qual é. Ela não é tão louca.

— Sim, ela é!

Spencer olhou ao redor da cabine nervosamente. — Essa TV não parece que está muito perto da borda para você? — ela perguntou. Então, olhou para a bandeja do café intocado que ela tinha encomendado ao serviço de quarto e cheirou os doces. — Você quer provar esse muffin para ter certeza de que Naomi não colocou ácido nele?

Reefer olhou para ela. — Hum, Spencer, se isso estivesse misturado com ácido, então eu teria ingerido ácido. Mas você perdeu toda a perspectiva. Naomi não está fazendo essas coisas com você.

— Sim, ela está! — Spencer gemeu. Ela correu até o armário e olhou dentro, preocupada que suas malas estivessem sido armadilhadas para cair em sua cabeça. Em seguida, ela levantou o frasco de comprimidos de alergia para a luz. Eram da mesma forma e cor azul que eram antes? E se Naomi tivesse substituído eles por outra coisa — algo perigoso?

Reefer colocou as mãos nos ombros dela. — Você tem que se acalmar. Você não pode sair por aí culpando outra pessoa pela má sorte. Tudo o que aconteceu com você é porque você fez isso acontecer, ok?

Um nó se formou na garganta de Spencer. Reefer estava certo — mas não pelas razões que ele pensava. Talvez ela tivesse causado sua má sorte — talvez isso fosse uma vingança cármica por todas as coisas terríveis que ela tinha feito. Culpar Kelsey. Ajudar Hanna com Madison. *Tabitha.*

Essa era a maneira do universo de castigá-la.

Então ela piscou com força, a realidade trazendo seu foco de volta. Isso não era carma — Era A! E A não iria parar até conseguir o que queria.

E só assim, Spencer sabia o que tinha que fazer. Ela olhou para Reefer com um nó na garganta.

— Temos que terminar — ela disse.

A mandíbula de Reefer caiu. — O quê?

— Sinto muito — ela disse em um tom monótono. Ela sabia que ia desmoronar se olhasse Reefer nos olhos, então ela olhou para suas mãos. — Isso não está certo.

— Você realmente acha que ela está torturando você, hein?

— Sim.

— Por que você não me deixa falar com ela?

Spencer olhou para longe. — Você pode fazer o que eu pedi?

Reefer recuou como se ela o tivesse empurrado. Seus olhos brilharam com lágrimas por um momento, mas então, ele endureceu sua mandíbula, inspirou e se virou. — Tudo bem — ele disse em uma voz derrotada.

— Eu sinto muito — Spencer falou fracamente. Mas ele já tinha batido a porta.

23

IMPRESSÃO ERRADA

Naquela tarde, Aria e Graham estavam fora do teatro no nível inferior do barco. As paredes azul-brilhantes destacavam fotos dos artistas do espetáculo do Cirque du Soleil, as quais todos pareciam bizarros e possuídos com seus olhos esbugalhados, collants estranhamente apertados e membros absurdamente longos. Outra parede foi dedicada a placas sobre o show de talentos daquela noite — que começava às sete, e haveria uma pré- e pós-festa.

O resto do espaço da parede, no entanto, foi coberto com hieróglifos estranhos relacionados ao Cirque du Soleil. Aria e Graham estavam aqui porque a última pista da Caça ao Tesouro Eco, que eles tinham encontrado em um balde de compostagem na cozinha do navio, obrigava-os a decifrar os hieróglifos. Mas para Aria, os símbolos apenas pareciam rabiscos sem sentido.

— Alguma ideia? — Aria afastou-se quando uma das acrobatas, que tinha uma única pluma de avestruz brotando da sua cabeça, desfilou pela porta do teatro. Naquela manhã, quando ele e Aria tinham relatado a Gretchen, ela disse que eles estavam na liderança. — Se nós descobrirmos esta pista, os cartões de presente da Loja da Apple serão nossos. — Mesmo que Aria não tivesse pensado nessa ideia no começo, ela mentalmente visualizou atravessar a Loja da Apple, contemplando a possibilidade de comprar um iPad branco com toneladas de memória ou um MacBook Air.

— Provavelmente foi por isso que eles fizeram essa ser tão impossível. — A testa de Graham franziu enquanto ele estudava a parede. — Isso se parece com uma nuvem. — Ele apontou para uma imagem de aparência inchada. — E isso se parece com uma garota caindo.

Aria estremeceu. Se ela virasse a cabeça de uma certa maneira, ela parecia um corpo descendo através do espaço. A foto de Tabitha caindo apareceu na mente de Aria, seguida pela última mensagem de A. *Será que o namorado de Aria vai visitá-la na cadeia?*

A porta do teatro se abriu, e outra acrobata desfilou para fora. Ela olhou para

eles e sorriu. — Querem uma dica?

Aria e Graham assentiram ansiosamente.

A acrobata se aproximou. — Olha aquela foto lá, a que parece um pouco com uma colher de jantar? Representa um *O*. E a imagem que se parece com uma cenoura é a letra S.

Aria olhou para a parede novamente. — Então, é como um criptograma?

— Exatamente — disse a acrobata, então piruetou para longe.

Aria olhou para os símbolos. Ela e seu pai, Byron, costumavam decifrar o criptograma do jornal *Philadelphia Sentinel* todas as manhãs. O enigma sempre contava com citações embaralhadas.

O truque era descobrir para qual criptograma isso fazia sentido.

Quando ela vasculhou em sua bolsa procurando um lápis, seus dedos roçaram um pino de golfe do campo de minigolfe que ela e Graham tinham visitado no outro dia. Ela bateu na testa. — Graham, eu sou tão rude! Como foi com Tori na noite passada? — Graham tinha enviado uma mensagem para ela mais cedo esta tarde dizendo que ele e Tori tinham feito planos para jantar. Ela tinha escrito de volta com uma lista de coisas para ele falar, acrescentando que ele deveria puxar a cadeira de Tori quando ela fosse se sentar e nunca, jamais pedisse por ela. Ela não podia acreditar que ela tinha se esquecido de perguntar.

Graham empurrou uma mecha de cabelo da testa. — Foi tudo bem. — Então ele apontou para uma palavra de duas letras com um ícone de colher de jantar nela. — Se isso significa *O*, então essa palavra é *os*. E assim são os dois.

— Ah. Certo. — Aria escreveu, em seguida, preencheu os *O* s e os *S* s em outras partes do enigma, também. Ela limpou a garganta. — Então, foi apenas tudo bem? Não foi incrível?

— E talvez esta seja *ao*. — Graham apontou para uma palavra de duas letras começando com *A*. Era como se ele não a ouvisse.

— Sim — disse Aria, escrevendo-a. Seu estômago afundou. Será que o encontro tinha sido um desastre? Talvez Graham tenha falado sem parar sobre a SAC ou sobre a morte da sua ex-namorada.

Talvez Tori tenha ido embora após os aperitivos.

Ela estava morrendo de vontade de perguntar, mas, de repente, a sala parecia muito quieta e exposta. Eles olharam para o enigma por mais alguns minutos,

escrevendo mais palavras. Dentro de alguns minutos, eles tinham a mensagem completa: *Proteja os mares. Salve o planeta. Viva a vida ao máximo.*

— Okaaaay. — Graham torceu sua boca. — O que é que vamos fazer com isso?

— Eu já vi essa frase em algum lugar — Aria murmurou, fechando os olhos. Então, a resposta surgiu em sua mente: o banner no cassino, daquele primeiro dia. Ela o tinha notado porque ela tinha jurado que tinha visto algo ou alguém se movimentando nas sombras abaixo dele.

— Vamos lá — disse ela, agarrando a mão de Graham.

O cassino estava escuro e vazio, as máquinas caça-níqueis zumbindo tonalmente. O banner ainda pairava sobre as mesas. Aria entrou por baixo e colocou as mãos sobre a superfície da mesa.

Quando ela passou a mão ao longo do lado de baixo, seus dedos tocaram um papelão. Ela se agachou; dois cartões haviam sido pregados justo onde as pernas da mesa se encontravam. Ela tirou a fita e segurou os cartões na luz. *Parabéns!* ambos leram.

Aria abriu um. Era, na verdade, um cartão de $1.000 da Loja da Apple. Ela acenou-o para Graham. — Nós conseguimos!

Graham jogou seu punho no ar. Então ele pegou e levantou Aria e balançou ao seu redor. Ela riu, mas sem apertá-lo demais, não querendo dar-lhe a ideia errada. Quando Graham empurrou-se para trás, suas bochechas estavam com um rosa satisfeito.

— Devemos comemorar, você não acha? — ele perguntou. — Que tal almoçar naquele restaurante no andar superior?

— Bem... — a boca de Aria balançou. Ela queria dizer a ele que ele deveria fazer algo com Tori ao invés. Ela também queria ver Noel. Mas Graham parecia tão feliz. E eles tinham acabado de ganhar.

— Estou dentro — ela decidiu, agarrando um dos cartões de presente da sua mão. — Deixa eu ir me refrescar.

Uma hora depois, Aria subiu uma escada em espiral para o Galileu, um pequeno restaurante em uma pequena plataforma no topo do convés principal. Luzes de fadas cintilantes foram amarradas ao redor do corrimão e enfiadas nas árvores figueiras dos vasos. Crianças estavam sentadas nas mesas, uma banda de jazz afinando no canto, e as paredes estavam cobertas com cartazes de publicidade

do show de talentos. PRIMEIRO PRÊMIO: VESPA! todos eles proclamavam.

— Aria?

Graham apareceu atrás dela, vestido com uma camisa de botão azul e um par de jeans limpo.

Seu cabelo estava bem penteado, ele tinha se barbeado e ela podia sentir o cheiro do seu perfume amadeirado daqui. Quando ele a viu, seu rosto se contraiu nervosamente. — Você está bonita.

— Oh, eu uso essa coisa velha o tempo todo — Aria disse, acenando com a mão para seu vestido máxi azul e alpercatas.

Graham foi até o bar e pediu-lhes duas cervejas de gengibre, em seguida, levou-a a uma mesa alta perto do corrimão. Quando se sentaram, um olhar malicioso surgiu em seu rosto, e ele pegou um frasco do bolso de trás e o sacudiu. Um líquido chocalhou no interior.

— O que é isso? — Aria sussurrou.

— Algo para nos ajudar a celebrar — disse Graham, em seguida, fez uma pausa. — Tudo bem?

Aria deve ter mostrado um olhar estranho em seu rosto; ela estava surpresa por Graham beber. Ele tinha sido tão inflexível sobre o The Cliffs servir álcool para menores no site do Memorial de Tabitha Clark, afinal de contas.

— Eu acho que eu poderia tomar um pouco — disse ela depois de um momento, e permitiu que Graham derramasse o líquido picante em seu copo. Quando ela tomou um gole, ela quase tossiu.

— Caramba. — Tinha que ter cerca de 150 de teor alcoólico.

Graham engoliu a bebida rapidamente. — Eu preciso disso agora.

— Por quê? — Aria empurrou seu copo para longe. — Eu pensei que você se sentisse muito mais relaxado agora que vencemos. — Então, ela levantou uma sobrancelha. — É porque você está nervoso com a sua apresentação no show de talentos? Tocar uma música de Death Cab em um alaúde soa incrível para mim.

— Não é isso — Graham resmungou.

— Tori vai adorar — Aria jorrou. — Falando nisso, me conta. Como foi realmente o encontro de vocês?

Graham encolheu um ombro. — Eu disse a você. Foi tudo bem. Nós comemos no restaurante do convés principal. Ela comeu sushi, eu comi um

hambúrguer de peru.

Aria piscou. Listar a comida que tinha comido em um encontro não era um sinal muito bom.

— Vocês tiveram muito do que falar?

— Acho que sim. — Graham rasgou o guardanapo que tinha vindo com a sua cerveja de gengibre em pedaços. — Para ser honesto, eu realmente não estou certo de que eu estou a fim de Tori, afinal de contas.

— Por que não? — Aria perguntou. — Ela parecia perfeita para você! E eu tenho certeza de que ela estava interessada. — Ela endireitou-se na cadeira. — Você está com medo de se deixar gostar de outra pessoa por causa de Tabitha?

— Eu definitivamente não estou com medo. Ela só não é para mim. — Graham pegou o copo e bebeu o resto da bebida. Cubos de gelo agitaram no fundo do copo vazio. Quando ele pousou-o de volta, ele lançou lhe um longo olhar penetrante, que Aria não entendeu. — Há algo que eu preciso te dizer. Uma coisa que eu venho tentando reunir coragem para dizer o dia todo.

Aria inclinou a cabeça. — O que você quer dizer?

Graham continuou a olhar. E então, de repente, as peças do quebra-cabeça montaram na cabeça de Aria. *Ele gosta de você*, Noel tinha dito. *Um cara sabe. Você pode estar incentivando ele e nem sequer sabe disso.*

Ela passou as mãos para a direita, quase derrubando o copo. — Hum, você não precisa me dizer nada — disse ela, tentando manter o seu tom claro.

— Não, eu realmente preciso...

— Nós devemos apenas nos divertir essa noite — Aria interrompeu, estendendo a mão para a sua bebida — de repente, o álcool soou como uma grande ideia. — Comemorar nossa vitória.

— Mas... — Graham parou abruptamente, arregalando os olhos enquanto ele olhava para algo no peito de Aria.

Ela olhou para baixo, desejando que ela tivesse escolhido um vestido que não mostrasse muito o seu decote. — O mar não está demais esta noite? — ela perguntou em voz alta, gesticulando sobre o corrimão.

Mas Graham não mordeu a isca. Ele apontou para o medalhão no seu pescoço. — Onde você conseguiu isso?

Aria o tocou envergonhada. — Meu namorado me deu.

A mão de Graham disparou para frente. Ele pegou o colar e puxou para mais perto. A corrente pressionou contra a parte de trás do pescoço de Aria, forçando-a para frente. Seus lábios estavam a centímetros do dela. Aria gritou, virou a cabeça para que ele não pudesse beijá-la, em seguida, puxou-se para longe dele com tanta força que ela quase derrubou sua banqueta.

Quando ela se endireitou, Graham apenas estava olhando para ela de novo, não se desculpando pelo que tinha feito. Aria pegou sua bolsa, evitando contato com seus olhos. — Eu tenho que ir.

Graham ficou de pé também. — Aria, espere.

— Não. — Sua cabeça começou a latejar. De repente, tudo parecia tão azedo e manchado. — Eu falo com você depois, ok?

Ela tentou girar em volta, mas Graham pegou o braço dela. Ela gritou novamente. Quando ela olhou para o seu rosto, estava grave, quase com raiva. — Mas eu tenho algo a lhe dizer — ele exigiu.

— Você está me machucando — disse Aria, trêmula, olhando para as unhas em seu braço. Seu coração trovejou em seu peito.

Graham a soltou de repente, parecendo horrorizado. Ela se afastou rapidamente, mergulhando para a escada em espiral e descendo tão rápido quanto seus sapatos altos poderiam levá-la.

— Aria — Graham chamou atrás dela, mas ela não parou. Só quando ela chegou ao final ela espiou acima da escada. Graham estava no topo, parecendo desconcertado. Seus olhos estavam arregalados e tristes, os cantos de sua boca puxados para baixo em uma careta.

Ela deslizou para longe e sentiu a culpa lavar sobre ela. E se ela tivesse incentivado Graham?

Ele estava apaixonado agora? Como isso tinha ficado tão terrivelmente errado?

O elevador não poderia vir rápido o suficiente. Ela apertou o botão de novo e de novo, com medo de que Graham decidisse vir e falar com ela. Em seguida, um tilintar de teclas de piano soou atrás dela. Havia um piano de cauda na sala de espera, e alguém estava pressionando uma nota alta repetidamente. Parecia a trilha sonora de *Psicose*.

Ela virou-se, pronta para dizer a quem quer que fosse para parar, mas não havia ninguém no banco. Ela piscou com força em torno da sala vazia — será que ela tinha ouvido o som mesmo? Mas não, o som de um piano de corda recém-

arrancado ecoava no ar. Alguém *estava* tocando no piano. E ela soube, de imediato, quem tinha sido.

24

ESTÁ FALTANDO ALGUMA COISA

— Bem-vindos a Bermuda! — A voz de Jeremy soou nos alto-falantes aquela tarde. As melodias da abertura de "Além do Arco-Íris" estava tocando. Em vez de correr para o parapeito e acenar para todos do cais como Hanna tinha feito todas as outras vezes que chegava em uma ilha, ela permaneceu parada atrás de uma pilha de livros na biblioteca de empréstimo, seu olhar frequentemente no corredor na porta da sua cabine.

— Quanto tempo você vai ficar aí? — Mike perguntou, apoiando os pés em cima da mesa de carvalho ao lado dela e vasculhando uma antiga Edição de Biquíni da Revista *Sports Illustrated*.

— Eu já te disse — disse Hanna baixinho. — Estou esperando até Naomi sair.

Mike espiou sobre a revista. — Você realmente não pode ver Naomi ao menos por um segundo? Você tem medo dela?

Hanna olhou para ele. — Você pode sair a qualquer momento, você sabe. — Quando Mike perguntou a ela o que ela ia fazer naquela manhã, Hanna disse que queria verificar a biblioteca do andar dela. Mike se ofereceu para ir com ela, mas depois de meia hora vendo Hanna espiando seu quarto sem folhear um único livro, ele tinha entendido o que ela realmente estava fazendo.

— Eu ainda acho que briga na lama é o melhor jeito — disse Mike, virando uma página para olhar novamente para uma supermodelo em um biquíni de corte alto.

— Obrigada pela sugestão — disse Hanna. — Eu realmente não quero um confronto. Ela me pegou olhando o computador dela, e ela está chateada. Eu quero voltar para o quarto quando ela não estiver por perto, isso é tudo.

Era quase verdade. Hanna não sentia necessidade de acrescentar que ela queria voltar para o quarto para que ela pudesse olhar o computador de Naomi novamente. Ou que Naomi provavelmente estava extra-chateada com Hanna porque ela a dispensou sem nenhuma explicação.

— Você mexeu nas coisas dela? — disse Mike. — O que deu em você?

Primeiro você persegue Colleen, agora é Naomi...

— Quer parar de fazer perguntas? — Hanna sussurrou, sentindo-se cada vez mais exasperada.

Mike pousou a revista. — Deus, tudo bem. — Ele se levantou e se espreguiçou. — Eu vou me encontrar com Noel para ensaiarmos nossa música mais uma vez para o show de talentos. Chame-me quando estiver pronta para fazer uma emboscada.

Quando ele saiu, a porta da cabine dela se abriu, e Naomi saiu usando um vestido branco ilhó e sandálias azuis. Várias pulseiras grossas estavam alinhadas em seus pulsos e ela carregava uma pequena bolsa vermelha de couro debaixo do braço.

Hanna prendeu a respiração quando Naomi caminhou perto da biblioteca, rezando para que ela não entrasse. Ela não o fez. Assim que Naomi entrou no elevador, Hanna se arrastou pelo corredor em direção ao quarto delas. Quando ela estava quase lá, uma figura passou pelo corredor entrecruzado, e ela congelou. Era Jeremy. Seus dedos estavam entrelaçados atrás das costas, e ele estava assobiando "Yankee Doodle Dandy."

Ela se encostou na parede, sua confiança abalada. Quando o elevador tiniu, um pensamento horrível a atingiu. E se Naomi esqueceu algo e voltou?

Ela voltou para a biblioteca e discou o número de Spencer. — É Hanna — ela sussurrou quando ela atendeu. — Eu estou do lado de fora do meu quarto, e eu quero olhar o computador de Naomi, mas eu não quero ser pega. Você pode ficar de vigia?

Spencer gemeu com cautela. — Eu não quero irritar ela ainda mais.

Hanna olhou para o elevador de novo. Ela torcia para que Naomi não tenha apenas ido dar um passeio rápido até a loja de presentes. — Por favor, Spence? Vai demorar cinco minutos. Precisamos pegá-la.

Spencer deixou escapar um longo suspiro, em seguida, desligou o celular com um *clunk*. Em menos de um minuto, o elevador soou, e ela saiu mancando. Seu rosto estava pálido, e um lado de seu cabelo estava emaranhado. Spencer pegou Hanna olhando e disse: — Tinha um chiclete no meu cabelo. Foi um sacrifício tirá-lo. — Então ela fez um gesto para o corredor. — Vamos fazer isso rápido.

Hanna entrou no quarto. No interior, a cama de Naomi estava bem feita, as roupas dobradas na cômoda. Hanna olhou para a direita e para a esquerda, e finalmente viu o laptop embaixo da mesa de Naomi. Seu coração deu uma

sacudidela quando ela levantou a tampa. Ela rapidamente encontrou a pasta das fotos de Naomi e abriu-a. Seu olhar foi imediatamente para uma pasta intitulada *Férias*. Ela abriu-a, em seguida, clicou no ícone da primeira. A mesma foto que estava no celular de Aria apareceu. Isso quase tinha sido muito fácil.

— Oh meu Deus — Hanna sussurrou. — Aqui estão elas.

— Sério? — Spencer correu da porta e olhou para a tela. — Jesus. Delete elas!

— Eu vou. — Hanna selecionou as imagens e as arrastou para a lixeira. — Volte para a porta e se certifique de que ela não venha! — Ela instruiu.

Spencer fez o que lhe foi dito, mas depois de alguns segundos ela se afastou novamente. Ela enfiou a cabeça no banheiro de Hanna. — Ei, seu chuveiro é melhor do que o meu.

— Como você acha que Naomi conseguiu as fotos, afinal? — Hanna murmurou, respondendo *sim* a uma solicitação que perguntava se ela tinha *certeza* de que queria apagar as fotos.

— Eu pensei que nós já tínhamos falado sobre isso. A segunda A deve ter enviado para ela.

— Você entende as implicações de uma segunda A? — Hanna desejou que as fotos apagassem um pouco mais rápido. — Isso significa que mais alguém também nos odeia. Significa também que mais alguém tem essas fotos. Foi essa pessoa que viu o que aconteceu na Jamaica.

— Eu sei — disse Spencer seriamente.

— Quem você acha que poderia ser?

— Hanna, se eu soubesse, talvez nós não estaríamos nessa confusão! — Spencer parecia exasperada.

Hanna também não sabia, mas a possibilidade de uma segunda A estava realmente começando a entrar em sua cabeça, e era aterrorizante. Mesmo que elas acabassem com Naomi e encontrassem provas de que ela tinha assassinado Gayle, elas não estariam seguras. Essa segunda pessoa aliada com A ainda poderia pegá-las por tudo o que elas fizeram.

Por último, uma mensagem apareceu dizendo que as fotos tinham sido deletadas. *Ufa*.

— Puta merda — gritou Spencer. Ela saiu do banheiro com uma garrafa de óleo de bebê, comprimidos do laxante Ex-Lax e um grande pacote de chiclete. —

Olha o que eu achei na bolsa de Naomi!

— Não mexa nas coisas dela! — Hanna sibilou, se levantando.

— Você não entendeu? — Spencer acenou para as coisas. — Isso prova que sem dúvida alguma era ela quem estava me atormentando! Ela usou o Ex-Lax para me fazer pensar que eu estava com uma intoxicação alimentar. Ela derramou o óleo de bebê para eu escorregar. E ela colocou isso — ela levantou o chiclete — no meu cabelo!

— Spence, eu preciso que você fique na porta! — Hanna a guiou até o pequeno corredor.

Então ela empurrou as coisas de Naomi de volta para o banheiro e voltou para o computador. Agora que ela tinha apagado as fotos, ela precisava encontrar algo que incriminaria Naomi, que ligaria ela a Gayle. Um e-mail, talvez. Ela abriu a conta do Gmail de novo, na esperança de encontrar uma nota assinada como A. Talvez elas tivessem sorte e até mesmo encontrassem algo da pessoa com quem Naomi estava agindo.

Mas quando a tela carregou, não havia nenhuma mensagem na caixa de entrada do Gmail.

Franzindo a testa, Hanna clicou em algumas das outras pastas de dentro do servidor, mas elas estavam todas vazias. A conversa que Naomi teve com Madison tinha desaparecido, quase como se nunca tivesse existido.

25

ESQUEÇA SEUS PROBLEMAS

Nada, nada, nada, nada, nada, respira.

Nada, nada, nada, nada, nada, respira.

Emily chegou à parede, fez uma volta aleta e empurrou-se para o outro lado da piscina. Seus braços cortavam ritmicamente através da água. Suas pernas chutavam com força total. No meio da raia, ela teve que nadar ao redor de um palito divertido, e depois de um brinquedo flutuante que parecia suspeitosamente com um pênis gigante. A piscina não era tecnicamente para natação a essa hora do dia — várias crianças circulavam em torno da água, absorvendo o sol de Bermuda. Mas voltas de natação era a única coisa que ajudava Emily a pensar, e ela precisava pensar tanto quanto ela pudesse. Ela ainda não tinha dado uma resposta a Jordan sobre fugir com ela, mas Jeremy tinha anunciado que elas estavam chegando em Bermuda. Ela tinha que tomar uma decisão em breve.

Nada, nada, nada, nada, nada, respira.

Será que ela realmente deixaria Rosewood para sempre? Nunca veria sua família de novo? E era realmente seguro partir com uma criminosa? E se alguém perseguisse Jordan e a levasse de volta para os Estados Unidos? *Então* o que Emily faria?

Mas então ela pensou sobre a Tailândia. Ela pesquisou online as praias na noite passada e quase desmaiou. Havia toneladas de postagens sobre o país que diziam que era fácil de lidar, limpo, acessível e acolhedor. *Ninguém se importa com o que você faz aqui*, alguém tinha escrito. *Você é livre para ser você mesmo.* Não era isso que Emily queria? Isso não era o que Rosewood — ou um futuro de natação na UCN — jamais poderia oferecer?

Ela poderia acordar todas as manhãs ao lado de Jordan. Elas poderiam ir às compras nos mercados tailandeses, viajar para aldeias remotas e surpreendentes, fazer peregrinações para outros países. Talvez ela pudesse ensinar Inglês, como Jordan estava pensando em fazer.

O rosto carrancudo da sua mãe flutuou em sua mente, em seguida, o do seu

pai. Carolyn apareceu ao lado seguida por Beth e Jake. Ir para a Tailândia significava deixar sua família para trás.

Tudo o que ela queria era que eles a amassem e eles não puderam. Talvez fosse uma coisa boa fugir da dor. Talvez Jordan pudesse ser sua família ao invés.

Ela nadou até o final da raia e agarrou a borda da piscina. Hanna estava sentada em uma das espreguiçadeiras, e Emily sinalizou para ela chegar mais perto.

Hanna parecia pálida sob seu bronzeado. Emily poderia dizer que ela ainda estava chateada com o que ela tinha encontrado — e com o que ela *não tinha* encontrado — no computador de Naomi.

— O que foi? — Hanna perguntou.

Emily passou os dedos sobre a superfície da piscina, incapaz de encontrar os olhos de Hanna.

— O que você sabe sobre a Tailândia?

Hanna franziu o cenho. — Eu ouvi dizer que é muito legal, eu acho. Por quê?

Emily mordeu o lábio. — Se você tivesse a oportunidade de ir para lá, para deixar tudo isso para trás, você iria?

— Claro — Hanna disse enfaticamente.

De repente, a mente de Emily pareceu tão clara e sem nuvens como o céu. Ela saiu da piscina, correu pelo convés e pegou sua toalha. Hanna a seguiu. — Espera. O que é tudo isso? Você vai para a Tailândia?

— Claro que não — disse Emily rapidamente. Mas sua voz travou.

Hanna franziu o cenho. — Emily. O que você está planejando?

Emily olhou para a amiga por um momento. De repente, Emily pensou nas festas do pijama na casa de Ali, quando ela e Hanna eram as duas últimas meninas a dormir. — Vamos olhar os álbuns de fotografias de Ali — Hanna sussurrou uma vez, e elas tinham virado as páginas do álbum antigo na luz noturna. — Ela não parece tão legal naquela foto — Hanna tinha dito, apontando para uma de Ali da quarta série ou uma de Ali sem nenhuma maquiagem na manhã de Natal. Mesmo que Hanna procurasse desesperadamente as piores fotos de Ali, ela parecia entender que Emily estava olhando através dos álbuns para ver Ali em sua melhor forma, e ela ocasionalmente apontava uma que Ali parecia bonita. — Ela tem os olhos mais bonitos, não é? — ela dizia melancolicamente. Ou — Ela parece uma modelo. — Tudo para o benefício de Emily.

Seus olhos se encheram de lágrimas pela memória. Ela iria sentir falta de todas as suas melhores amigas extremamente.

— Eu não estou planejando nada — disse ela, fugindo antes que Hanna pudesse detê-la.

Fora o lado estibordo do navio, ela podia ver as docas de Bermuda. As crianças já estavam emperrando a área do elevador para serem as primeiras a desembarcar. Jordan estava entre elas?

Emily chegaria a ela a tempo?

Os elevadores estavam muito lotados, então Emily desceu rapidamente para seu quarto com os pés descalços. Ela abriu a porta e olhou em volta esperançosamente, mas Jordan já tinha ido.

Desesperada, ela puxou uma toalha que estava sobre sua cabeça, em seguida, pegou a mala debaixo da cama e enfiou suas coisas nela. Ela pendurou a bolsa no ombro e correu para fora da porta, juntando-se ao comboio de crianças caminhando para fora do navio.

Ela subiu as escadas e entrou pela porta que dava para a rampa. A prancha de desembarque tinha sido abaixada, e uma multidão de crianças estava esperando para desembarcar. Emily ficou na ponta dos pés e procurou o cabelo escuro de Jordan. Quando ela não a encontrou, seu coração saltou em sua garganta. — Jordan — ela gritou. — *Jordan?* — E se ela tivesse perdido ela? Jordan iria embora sem ela?

— Jordan — ela gritou de novo.

— Emily?

Emily se virou. Lá, sob a placa de saída do barco, estava Jordan, vestida com uma camiseta que Emily havia emprestado a ela, uma calça jeans, um boné de beisebol e óculos escuros. Os joelhos de Emily estavam fracos. A boca de Jordan amassou-se em um sorriso aliviado e em êxtase. Emily correu para seus braços.

— Então, isso significa que você vai? — Jordan disse no ouvido de Emily.

— Eu acho que sim — disse Emily, trêmula.

Jordan deu um passo atrás e tirou o celular da bolsa. — Isso vai ser incrível — ela disse, emocionada, com os olhos brilhando. — Eu prometo.

Então, ela discou um número e colocou seu telefone na sua orelha. — Alô, Jasmine? Eu gostaria de reservar uma passagem extra para a Tailândia. O nome dela é Emily Fields. — Ela soletrou devagar. — Vou pagar em dinheiro no aeroporto,

ok?

Emily abriu a boca, pronta para dizer que ela ajudaria a pagar, mas depois ela se deu conta — ela não tinha esse tipo de dinheiro. Ela não sabia como Jordan tinha acesso a esse tipo de dinheiro, tampouco, mas ela não tinha certeza se queria saber.

A fila para a porta se moveu lentamente. Emily agarrou a mão de Jordan para que elas não se perdessem na multidão. Quando elas se aproximaram, Emily podia ver as docas fora da porta. A luz era tão brilhante que ela teve que sombrear seus olhos. Quando era a vez delas, Jordan começou a descer a primeira rampa. Emily a seguiu, com o coração batendo rápido. Jordan estava no meio da rampa quando ela parou. Emily esbarrou em suas costas.

— O que há de errado? — Emily perguntou. Crianças fluíam em torno delas como água movimentando-se ao redor de rochas em um córrego.

O rosto de Jordan tinha ficado pálido fantasmagórico. Seu olhar parecia algo saído da água.

Emily esticou o pescoço para ver o que ela estava olhando. Uma lancha atracou ao lado do navio.

Alguns homens de aparência séria em uniformes estavam subindo. Um estava falando em um walkie-talkie. O outro parecia que tinha uma arma no coldre. O barco tinha um logotipo parecendo oficial do lado. FEDERAL BUREAL OF INVESTIGATION.

Emily bateu a mão sobre sua boca. Ela observou, paralisada, quando os federais subiram até o cais, direto para o navio. E então ela ouviu um deles dizer "Katherine DeLong" claramente em seu walkie-talkie.

Jordan virou para encará-la. — Você os chamou?

— Claro que não! — Emily gritou, arregalando os olhos. — Você sabe que eu não faria isso com você!

O olhar de Jordan moveu-se de Emily para os federais e para Emily mais uma vez. — Eu sei que você não faria isso — ela admitiu. — Mas... eu não entendo. Você é a única aqui que sabe quem eu sou.

Um nó frio e duro formou-se na boca do estômago de Emily. Ela não era a única. Alguém mais sabia já há algum tempo. Emily deveria ter avisado a Jordan logo que A zombou dela com aquela primeira mensagem, mas ela tinha sido muito egoísta.

O primeiro agente do FBI aterrissou rapidamente na doca, o rosto vermelho

brilhante. Jordan agarrou a mão de Emily com força. — Vamos lá — disse ela através de seus dentes. — Temos que ficar longe deles.

Ela puxou Emily de volta para o navio e através de uma porta da escada. Elas correram até as escadas, subindo de dois em dois. De primeira, Emily arrastou sua mala pesada detrás dela, mas depois ela a abandonou nas escadas porque estava atrasando-a. Elas finalmente pararam no Convés 5, onde o teatro e um monte de restaurantes estavam. As crianças estavam na fila do bufê e colocando seus pedidos na estação de sanduíche.

Jordan correu por eles e derrapou ao virar a esquina em direção às salas de cerimônia. Algo bateu atrás delas. — Pare! — uma voz ecoou.

Por instinto, Emily congelou. Dois Federais tinham rebentado pelas portas da escada e estavam vindo na direção de Jordan. As crianças no bufê pausaram, boquiabertas. Alguém deixou cair um prato. Uma menina ainda gritou.

Emily sentiu as pernas coladas ao chão. Em segundos, Jordan ia ser pega. Ela ia ser pega, também.

Ela virou a cabeça para o lado, odiando-se até mesmo por pensar nisso. Quando ela olhou para Jordan, Jordan deu um sorriso triste. — Está tudo bem — disse ela suavemente. — Corra. Finja que você nunca me viu antes.

— Não! — Emily chorou, sentindo vergonha por Jordan perceber o pensamento que cruzou sua mente. — Eu não vou abandoná-la assim!

Mas Jordan apenas correu em direção ao corrimão do navio. — Pare aí, Srta. DeLong — o alto agente ordenou.

Jordan procurou o corrimão, seus olhos duros. Havia algo selvagem na expressão dela, como se ela fosse um animal selvagem encurralado à procura de uma fuga. Todo mundo no refeitório olhava. E, em seguida, Jordan subiu na parte superior do corrimão. Ela equilibrou-se lá por um momento, olhando para as ondas movendo-se abaixo. Foi então que Emily percebeu o que ela estava prestes a fazer.

— Não — ela gritou, se lançando para frente.

Mas era tarde demais. O corpo de Jordan desapareceu ao lado do navio. Segundos depois, houve um respingo. Todo mundo correu para olhar para o lado. O mar turquesa rolava contra o barco. Jangadas enormes de algas flutuavam sobre a superfície.

Por favor, sobe, por favor, sobe, Emily desejou, procurando a cabeça de Jordan. Mas ela não apareceu.

— Para onde ela foi? — alguém perguntou a seu lado.

— Esse é um salto muito longo — disse outra pessoa. — Talvez ela não tenha sobrevivido.

Os federais já trovejavam de volta para baixo da escada, indo para seu barco. Emily agarrou o corrimão com força, escaneando as ondas procurando Jordan. Havia uma feia espuma castanha na superfície do mar. Um peixe saltou das ondas. Mas não havia nenhum sinal de Jordan.

Pelo menos uma centena de crianças estava olhando para o lado para ver se Jordan viria à tona. Emily queria gritar com eles, fazê-los ir embora. Como isso pode ter acontecido? Quem poderia ter avisado a polícia? Imediatamente, a resposta veio para ela. Ela seria estúpida de pensar que tinha sido outra pessoa.

Como se fosse combinado, seu telefone apitou. Emily o puxou da sua bolsa e olhou para ele com raiva, odiando a mensagem que ela sabia que iria ver.

Oops! Será que eu vou "ao mar" por chamar as autoridades, Em? Desculpa! —A

26

TENTANDO RESPIRAR

Naquela tarde, apesar do fato de que ela ainda tinha um pouquinho de chiclete em seu cabelo e seu tornozelo doía como o inferno, Spencer sentou-se em um barco de pesca com os outros membros da classe de mergulho. Eles tinham dirigido até um pequeno conjunto de baías naturalmente formadas em uma parte desabitada da ilha. As rochas pareciam lisas e molhadas, e o mar turquesa vazio se espalhava por trás delas. O local era bonito, mas era também estranhamente distante.

Tim parou o motor do barco. — Eu deixei o mergulho mais pitoresco para o final. O coral dessa enseada é incrivelmente preservado e em perfeito estado. Vejam se vocês conseguem ver o peixe Acará-Bandeira, esse é o lugar onde eles gostam de sair. Estão todos prontos?

Todos murmuraram sim, e Tim conduziu eles para as verificações minuciosas de seus medidores e tanques. Depois que ele terminou, Tim olhou para Spencer. — Você e Reefer querem ir primeiro?

Reefer. Spencer olhou para ele do outro lado do barco. Reefer estava sentado ao lado de Naomi, intencionalmente evitando o olhar dela. Eles não haviam dito uma palavra ao outro desde que Spencer terminou com ele. Ela totalmente teria faltado o último mergulho, mas faltar significaria que ela não iria passar no curso. E mesmo que o seu futuro em Princeton parecesse seguro, ela não iria colocar em risco, A poderia tentar estragar tudo mais uma vez.

A — significava *Naomi*. Spencer olhou carrancuda para Naomi, que estava segurando possessivamente o braço de Reefer. *Feliz agora?* ela queria falar. *Você conseguiu exatamente o que queria, como você sempre consegue.*

Em vez disso, ela atirou a Tim um sorriso tenso. — Kirsten pode ser minha parceira ao invés?

Tim olhou para Kirsten, que estava sentada com sua parceira, uma garota chamada Jessica. — Tudo bem — disse Jessica, e Kirsten levantou-se e agarrou suas barbatanas de natação.

— A única coisa que eu peço é que ninguém se desvie do grupo, ok? — Tim

disse enquanto saía do caminho para as meninas entrarem na água. — Essas correntes podem ser muito perigosas.

Eu não quero que ninguém se afaste.

Uma mão subiu em suas costas. — Mas eu ouvi que tem um coral ainda mais surpreendente nas enseadas mais distantes — um cara de cabelo curto com um piercing na sobrancelha disse. — Podemos olhar juntos?

— Definitivamente não. — As sobrancelhas de Tim franziram. — Os corais nessas enseadas são realmente afiados, alguém pode se machucar. Também é muito profundo lá, não é seguro para mergulhadores iniciantes. Fiquem onde eu possa vê-los em todos os momentos, ok?

Spencer suspirou. Isso significava que ela teria que ficar perto de Reefer e Naomi, também.

Ela pegou uma máscara de mergulho da cesta de leite e puxou a alça sobre a cabeça. Então, ela e Kirsten sentaram ao lado do barco, contaram até três e se jogaram dentro da água.

A água estava fria na pele de Spencer, e ela se sentiu afundando para baixo, para baixo e para baixo. Ela abriu os olhos, respirou fundo e olhou em volta. Peixes tropicais corriam para lá e para cá.

Algas parecendo dedos se agitavam em um balé elegante. Ela localizou Kirsten a alguns metros de distância e acenou. Kirsten fez um gesto para o tanque de Spencer e levantou as sobrancelhas — como parceiras, elas deveriam manter o olho nos medidores uma da outra. Mas Spencer apenas balançou a cabeça — elas estiveram na água por apenas alguns minutos. Não havia necessidade de verificar os controles ainda. O que ela realmente precisava era de alguns momentos para estar verdadeiramente e puramente sozinha. Ela virou-se para a enseada que o menino do barco havia falado, ansiosa para checar as imensas profundezas. Que se dane as regras.

Ela viu todos os outros no barco descerem na água, incluindo Naomi e Reefer. Quando Tim estava de costas, ela nadou graciosamente para longe do grupo, e por alguns minutos, tudo o que ela pôde ouvir foi o som de sua respiração mecanizada. Bolhas flutuavam através de seu campo de visão. Um cardume de peixes pequenos rosa neon passou correndo, seguido por uma arraia sinuosa. Spencer nadou ainda mais, até que ela ficou cara-a-cara com o coral.

Espontaneamente, uma memória surgiu em sua cabeça. No início da sexta série, no começo, quando elas se tornaram amigas, os Hastingses e os DiLaurentis

fizeram uma viagem para suas casas de férias em Longboat Key, Flórida, para um fim de semana longo, e Ali e Spencer tinham assistido aulas de mergulho. Quando elas caminharam para o cais, Ali cutucou ela e apontou para uma loira hostil liderando o grupo. — Por um segundo, eu tive medo de que fosse Naomi Zeigler — ela sussurrou. — A família dela tem um apartamento aqui, sabe.

Spencer olhou para Ali. — Por que você não é amiga dela hoje em dia?

— Nós tivemos uma briga — Ali respondeu simplesmente, ajustando a alça do biquíni.

— Por causa de quê? — Spencer perguntou.

Ali encolheu os ombros. — Naomi sabe o que ela fez.

Ela nunca retomou o assunto. Agora Spencer entendia que tinha sido *Courtney* que tinha falado, uma menina que nunca tinha conhecido Naomi. Nunca havido tido uma briga — Naomi nunca tinha feito nada.

Ou... tinha? Houve algo tão assustador na voz de Courtney quando ela falou sobre Naomi, uma rudeza que nem mesmo a melhor atriz poderia fingir. Ela tinha descoberto algo perigoso sobre Naomi quando ela chegou em Rosewood? Havia mais coisa na história do que Spencer sabia?

Quando ela passou os dedos em um pedaço de coral, uma dor aguda cutucou em seu crânio.

Ela se virou, pensando que algo tinha atingido ela, mas não havia uma única pessoa ou mesmo um peixe em qualquer lugar próximo. Ela piscou com força, de repente, sentindo-se tonta. Quando ela respirou, seus pulmões não se encheram. Ela tinha ido tão fundo assim? Ela estava com a doença de descompressão?

Ela tentou respirar novamente, mas ela não pôde inalar. De repente, desesperada, ela mexeu em sua máscara de mergulho — talvez não estivesse alinhada corretamente em sua boca. Mas estava, e ainda assim ela não conseguia respirar. Seu coração começou a acelerar. Ela tentou nadar para a superfície, mas seus braços e pernas pareciam pesos mortos. Ela verificou seu medidor de pressão de novo, mas o tanque ainda estava cheio. Isso era impossível, porém, ela definitivamente não estava recebendo oxigênio.

Ela engasgou por ar, formando uma ideia em sua mente. Ela tinha ouvido falar sobre esse tipo de coisa acontecer. As pessoas podiam mexer com os medidores, fazê-los parecer nos níveis certos, quando na verdade o tanque estava vazio. Ela sabia que era o que tinha acontecido. E ela também sabia quem tinha feito isso. *A.*

Parecendo embriagada, Spencer olhou através da água, encontrando Naomi no meio do aglomerado de mergulhadores na distância. O óleo de bebê e o truque da cama quebrada eram brincadeiras de criança em comparação com cortar o suprimento de oxigênio. É claro que Naomi ainda a odiava! E pensar que Spencer pensou que estava a salvo só porque tinha terminado com Reefer!

— Mmm! — ela gritou, o som sendo engolido pela água. Pontos estavam começando a se formar na frente de seus olhos. Ela agitou os braços e as pernas e fracamente chamou por ajuda, mas os mergulhadores estavam longe demais para perceber. Ela se lançou para mais perto. Nesse momento seus pulmões estavam queimando, ávidos por ar.

— Mmm! — ela chamou, agitando os braços um pouco mais. Mas todos os mergulhadores estavam de costas para ela. Os olhos de Spencer começaram a fechar. Seu pescoço pendeu para trás, e de repente o seu corpo estava pesado. A escuridão a penetrou, obscurecendo sua visão. Sua perna bateu num pedaço de rocha, mas ela não pôde se mover. Ela não tinha energia para se mover. Esse era o fim, e ela não podia nem mesmo lutar.

Uma sensação de calor tomou conta de seu corpo, e ela se permitiu afundar. Ela não conseguiu ouvir a respiração em seus ouvidos por mais tempo. Seus olhos se fecharam. A última coisa que ela viu foi uma luz vinda em sua direção, preenchendo seu campo de visão...

Em seguida, o ar se empurrou para os pulmões de Spencer, e ela abriu os olhos com um solavanco. Ela tossiu violentamente, e a água salgada saiu pela boca e nariz dela, queimando suas narinas. Ela estava deitada no convés do barco novamente. Reefer estava agachado sobre ela com seus lábios molhados e um olhar aliviado no rosto.

— Oh, meu Deus — ele arfou. — Você está bem?

Spencer tentou falar, mas outra vez saiu tosse. Ela rolou para o lado e esperou que a água escorresse de seus ouvidos. Por uma fração de segundo, ela pensou que Reefer tinha acabado de beijar ela e que o término deles tinha sido um sonho. Mas depois tudo voltou.

— O que... aconteceu? — ela resmungou.

— Você começou a afundar — disse Reefer. — Eu encontrei você e te puxei para a superfície, em seguida, fiz uma respiração boca-a-boca. Tim checou seu medidor, não tinha sobrado nenhum oxigênio em seu tanque.

Um arrepio passou por sua espinha. Ela procurou a multidão de adolescentes

que tinha se reunido no barco e encontrou Naomi escondida na parte de trás, seu olhar saltando de Spencer para Reefer. Seus lábios estavam pressionados juntos com tanta força que eles estavam quase transparentes, e seus olhos estavam redondos e largos. Ela parecia abalada, talvez porque Reefer estava reconfortando Spencer.

Ou talvez porque seu plano de ferir Spencer tinha falhado.

27

SURPRESA

Poucas horas depois, Aria olhava-se no espelho de corpo inteiro perto do auditório. Ela estava vestindo o biquíni minúsculo que ela tinha usado em sua primeira aula de natação com Noel, a saia de grama, um monte de colares de contas e sandálias de tiras. Como toque final, ela colocou uma flor atrás da orelha.

Ela olhou para o hall de entrada do auditório. Uma menina passou carregando um cavalete portátil debaixo do braço. Várias crianças carregavam cases de instrumentos. Jeremy, ainda em seus óculos de sol em forma de estrela, passou correndo por elas com uma prancheta na mão, parecendo cansado. Dois homens de terno e uma mulher em um vestido de baile, presumivelmente os demais juízes, seguiram atrás dele. Todo mundo estava falando animadamente, e o salão tinha uma atitude festiva e livre-para-todos sobre ele. Centenas de balões flutuavam ao longo do teto e havia estrelas da Calçada da Fama de Hollywood alinhadas no chão.

Ela viu Noel perto de uma das entradas do auditório e quase caiu na gargalhada. Ele estava vestindo um uniforme de treino brilhante e folgado e um monte de correntes de ouro ao redor de seu pescoço. Ela correu até ele. — Você parece mais com um professor de ginástica do que com um rapper!

Noel torceu o boné de beisebol que ele tinha sobre a cabeça de lado e cruzou os braços sobre o peito em um estilo gangster. — É só esperar até ouvir minhas rimas. Mike e eu estamos prontos para isso.

— Quando vocês vão? — Aria perguntou.

— Sete e meia. E vocês?

Aria olhou para o telefone; ela e todos os outros participantes do show de talentos tinham recebido um calendário de eventos. — Sete — disse ela. — Eu acho que nós somos uma das primeiras apresentações. — Eram seis e meia.

Noel enlaçou seu braço em seu cotovelo. — Vamos verificar a comida.

Eles entraram no auditório e desceram os corredores para a área do palco, onde um bar e mesas de comida tinham sido montados. Várias filas de cadeiras foram retiradas para dar lugar a uma pista de dança improvisada. Quando eles

manobraram passando por um grupo de meninas praticando uma série de saltos acrobáticos de líderes de torcida, Aria ligou para o número de Emily em seu telefone mais uma vez. Correio de voz novamente. Esta era a terceira vez que ela tinha tentado ligar para Emily nas últimas horas. Ela pensou no alerta de notícias na tela da TV quando ela saiu do quarto. LADRA PATRICINHA PULA DE NAVIO DE CRUZEIRO EM BERMUDA, ela havia dito. AGENTES DO FBI ESTÃO VASCULHANDO O PORTO. Isso certamente explicava todos os navios do FBI no porto da última vez que Aria tinha olhado pela escotilha. Aparentemente, a menina não tinha saído do barco no porto anterior, como Emily havia dito.

Houve um sinal sonoro e depois Aria disse: — Em, eu estou no show de talentos. Espero que tudo esteja bem e que você ainda se apresente. Ligue-me quando ouvir isso. — Ela deixou o celular cair de volta em sua bolsa, então escaneou as massas de crianças correndo em todas as direções.

Spencer estava desaparecida, também, assim como Hanna.

Noel pegou um prato vazio e esperou na fila de uma mesa cheia de terrinas de prata cheias de comida. — Então, onde está Graham?

Aria olhou para longe, sentindo um aperto afiado em seu estômago. — Eu não sei.

Noel levantou as sobrancelhas. — Eu pensei que vocês fossem melhores amigos.

Aria tocou sua saia de grama. — A caça acabou. Eu acho que nós não temos tanto em comum quanto pensávamos.

— Você conseguiu para ele aquela namorada como você prometeu?

Ela manteve os olhos fixos na bandeja de garfos e colheres brilhantes sobre a mesa. — Acontece que ela não era do seu tipo.

Ela podia sentir o olhar de Noel sobre ela, tentando descobrir o que ela não estava lhe dizendo. Ela, provavelmente, *devia* dizer-lhe a verdade — isso era parte do seu acordo, afinal de contas — mas se ele descobrisse que o cara tinha praticamente agarrado seus seios, ele provavelmente rebentaria a porta dele a baixo e tentaria bater nele. Era melhor que ele pensasse que Graham tinha acabado de perder o interesse. Se apenas realmente fosse isso o que aconteceu.

Os músculos de seu pescoço doíam de quando Graham a tinha puxado para frente. Sua expressão furiosa brilhou em sua mente repetidamente, e seu estômago se apertou quando ela pensou sobre ele perseguindo-a nas escadas.

— Olá, pessoas festeiras! — Jeremy chamou do palco. Caras com aparência esfarrapada em camisetas de maquinista itinerante e jeans rasgados corriam atrás dele, preparando os equipamentos. — Eu percebo que ainda estamos nos preparando, mas para que vocês entrem no clima, eu tenho uma surpresa enorme para vocês. Um convidado especial se juntou a nós para apresentar algumas músicas como um evento pré-show. Sem mais delongas, levantem suas mãos para... Vegan Sunrise!

Aria olhou para Noel interrogativamente, ela nunca tinha ouvido falar deles. Crianças aplaudiram sem entusiasmo, também parecendo confusos. Mas quando quatro membros da banda subiram ao palco e começaram a tocar um cover de guitarra pesada de "When I Come Around", todo mundo deu de ombros e começou a dançar.

A fila de comidas se moveu e Aria e Noel encheram seus pratos. Ela olhou para o celular mais algumas vezes, mas nada ainda de Emily ou Spencer. A multidão ficou mais barulhenta e animada, e o cotovelo de uma menina voou vindo do nada, derrubando o prato de Aria de suas mãos. Ela virou para agarrá-lo, mas seu tornozelo virou sem jeito, e ela foi em direção ao chão, também. Ela sentiu-se caindo, mas não pôde fazer nada sobre isso; em segundos, ela estava no chão com macarrão vegetariano em seu cabelo. Um *ping* soou em seu ouvido. No começo, ela pensou que era o garfo quicando no chão, mas quando ela se ergueu, ela percebeu que era o seu medalhão. Suas duas metades haviam aberto na queda.

— Você está bem? — Noel perguntou, estendendo o braço para ajudar Aria a se levantar.

— Estou — Aria disse, pegando sua comida derramada do melhor jeito que pôde e a jogando em um lixo próximo. Então ela virou-se para o medalhão. Dentro havia uma foto de duas meninas loiras sorrindo, suas bochechas pressionadas juntas. Quando ela olhou, ela lentamente percebeu que ela conhecia aquelas meninas. A da direita tinha um rosto redondo, olhos grandes e azuis, e leves cicatrizes de queimaduras em seu pescoço. *Tabitha*.

Então, ela olhou para a menina do lado esquerdo. Seus olhos lentamente escanearam seu rosto familiar em forma de coração e seus grandes olhos azuis. Ela recuou, assustada. *Não*. Não podia ser.

Ela segurou o medalhão longe de seu rosto, mas os olhos da menina pareciam segui-la. Ela tinha um sorriso manipulador e cativante que tinha encantado Aria por anos. Um grito congelou na garganta de Aria. De repente, ela não conseguia

respirar.

Ali.

— Aria?

Aria olhou para cima e piscou. Noel estava olhando para ela de alguns metros de distância. Ela lhe deu um sorriso tenso e nervoso e fechou rapidamente o medalhão. O fecho tinha quebrado, porém, e o medalhão abriu-se novamente. Ela olhou para a foto mais uma vez. Não podia ser.

Certamente seu cérebro estava brincando com ela. Ela tentou fechá-lo novamente, em seguida olhou atentamente para a frente do pingente. Nas fortes luzes acima do palco, a inicial gravada na prata não era um *I* nem um *J*. Era um *T*.

De Tabitha?

De repente algo clicou em seu cérebro. Com o coração batendo forte, ela pegou o celular dela, entrou no website do Memorial de Tabitha Clark, e olhou fixamente para a foto da menina na página inicial. Era ali onde ela tinha visto esse colar antes. Em Tabitha, antes de morrer.

Ela ergueu o colar. — O-onde você realmente encontrou isso?

Noel parecia confuso. — Eu disse a você. Foi na areia em St. Martin. Por quê?

Os pensamentos de Aria se espalharam em milhões de direções diferentes. — Isso é impossível — ela sussurrou. Não poderia ser uma coincidência. Será que A tinha plantado para Noel encontrá-lo? E também havia a foto — Tabitha e Ali tinham sido amigas.

Ela deu um passo, mas suas pernas estavam bambas. — Aria? — Noel tocou em seu braço. — O que foi?

— Eu só tenho que... — ela disse fracamente. Ela cambaleou em direção à saída. O celular dela tocou. Era Graham. Em pânico, Aria clicou em IGNORAR, em seguida, discou o número de Spencer.

Mas a chamada foi para o correio de voz.

— Onde está você? — Aria exigiu após o bip. — Nós precisamos conversar.

Mas ela estava com medo de dizer qualquer coisa ao telefone, então ela desligou e continuou correndo. Ela ligou para Emily em seguida, mas ela não atendeu também. Foi o mesmo com Hanna.

Ela correu até o corredor e para o elevador, apertando o botão SUBIR repetidamente.

— Aria?

Aria se virou. Graham estava de pé junto à janela, olhando para ela. — Você passou por mim — disse ele, parecendo irritado. — Por que você não atendeu minha chamada? Eu preciso falar com você.

— Eu... — Aria parou, seu olhar caindo no medalhão em suas mãos. Graham estava olhando para ele, também. Suas sobrancelhas se juntaram. Sua boca ficou muito pequena e, de repente, ele estendeu a mão e tocou-lhe o pulso. Ela suspirou e fechou o punho em torno dele, mas era tarde demais. É claro que Graham tinha reconhecido o antigo colar da sua namorada. Ele provavelmente o reconheceu mais cedo.

— Eu-eu posso explicar — Aria gaguejou.

Graham piscou com força. — Você pode?

Suas bochechas estavam vermelhas. Seus olhos brilharam. De repente, houve outro clique em seu cérebro, e um horrível pensamento demoliu todos os outros. *Ele sabe o que eu fiz.*

Fazia sentido. Graham não queria falar com ela sobre sua paixão em desenvolvimento: Ele queria confrontar Aria sobre ser uma assassina.

Ela virou-se, procurando freneticamente por um lugar para ir. A placa vermelha de saída para as escadas brilhava à distância.

— Aria — Graham gritou, cambaleando atrás dela. Ele agarrou seu braço e apertou com força.

Seus dedos pareciam ferros quentes na pele de Aria. Ela gritou e contorceu-se para longe dele, empurrando a pesada porta e descendo. Ela nunca tinha descido para o nível do auditório e não sabia o que tinha lá. Mais à frente havia uma porta marcada com NÃO ENTRE.

Os passos de Graham ecoaram no patamar abaixo. — Aria, volte aqui! — ele rugiu.

Ela abriu e passou pela porta de qualquer maneira e entrou em uma sala grande e vazia cheia de máquinas do navio. Caldeiras movendo-se ruidosamente. Unidades de ar condicionado cantarolavam. Outros dispositivos de utilidade sacudiam e batiam. O espaço era iluminado por algumas luzes do teto e dividido em vários corredores longos e labirínticos. Não havia nenhuma alma por perto.

Atrás dela, a porta se abriu. — Aria — Graham chamou, sua voz reverberando.

Aria derrapou atrás de uma caldeira, mas Graham avistou-a e começou a correr, seu rosto vermelho, suas narinas dilatadas e seus dentes à mostra.

Ela virou ao redor, desesperadamente à procura de alguém para ajudá-la, mas ela estava sozinha. Em seguida, ela procurou um lugar para ir, algum lugar para se esconder. Havia outra porta depois das caldeiras marcada com SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Ela correu para ela e abriu-a. Esta sala estava cheia de tubos, monitores e mais caldeiras. O som rugindo era quase ensurdecedor, lembrando-a de um motor de moto acelerando. A maçaneta sacudiu e Aria correu para fechá-la, em seguida, jogou seu peso contra ela. Lágrimas assustadas correram pelo seu rosto.

— Droga, Aria, você não pode se esconder para sempre! — Graham bateu na porta.

— Por favor — Aria choramingou. — Apenas vá embora. *Por favor*.

— Eu não vou embora até...

Um motor estalou. Ele tentou gritar sobre os sons das máquinas. — Eu preciso, eu preciso...

— Me deixe em paz! — Aria soluçou. — Eu sinto muito, ok? Eu sinto muito! Eu não queria fazer isso com ela! Eu estava tão assustada! Nós todas estávamos!

— Você não pode... eu... ele... e.... — a voz enfurecida de Graham elevou-se e diminuiu. Aria só conseguiu distinguir outra palavra. —...de olho em você!

— Por favor, vá embora! — Aria gritou. — Eu disse que estava arrependida! Por favor, deixe-me ir! —...há uma foto! — Graham continuou. —.. *de olho em* você!

O sangue de Aria chamuscou. Ele tinha de estar se referindo a foto terrível de Aria empurrando Tabitha do telhado. Talvez ele tivesse tirado essa foto. Talvez seja isso que ele quis dizer com *de olho em você*.

Pensamentos cascatearam em sua mente como uma fila de dominós caindo. E se Graham tivesse ficado louco por causa de Tabitha e não tinha deixado ela em paz depois que eles se separaram? Talvez ele a seguiu para a Jamaica para reacender as coisas. Talvez ele tivesse tirado fotos dela sem que ela soubesse, e tinha se posicionado na praia para tirar fotos de Tabitha no terraço do ninho do corvo. Só que, em vez de documentar Tabitha com algumas novas amigas, ele havia testemunhado um assassinato. Talvez ele tenha tirado uma foto dela deitada na praia, também, depois que ela caiu e morreu. Talvez ele mesmo tenha rasgado este colar da sua garganta e plantou para Noel encontrá-lo. Não fazia sentido Graham

não ter dito a alguém no resort de imediato, mas talvez ele quisesse se vingar do jeito *dele*. E assim.... ele se tornou A.

Aria começou a tremer. Seria possível? Todos os avisos que as suas amigas tinham dado a ela, todas as vezes que elas haviam dito que ele tinha um motivo, e lá estava ela, do seu lado, criando *desculpas* para ele. Ele *tinha* um motivo. Ele poderia ter entrado em contato com Naomi, de alguma forma, após o acidente, e recrutado ela para a sua equipe.

Ele pode ser um assassino. Um torturador. E agora ela estava presa nesta sala com ele do outro lado.

A porta bateu e bateu com os punhos de Graham batendo e seus pés chutando. Quando Aria fechou os olhos, ela viu o rosto aterrorizado de Tabitha quando ela caiu. Imaginou seu corpo quebrado na areia, beijado pela maré. Aria era uma pessoa terrível. Ela merecia que Graham estivesse bravo com ela. Mas ela não merecia o que ele tinha feito como A.

Boom.

Aria gritou e cobriu a cabeça. O som estava tão perto, e a sala vibrou. As luzes piscaram acima, e o som de metal batendo no chão soou ao seu redor. Ela soltou um suspiro e espiou por entre os dedos. Algo tinha explodido? Havia um cheiro horrível no ar de pólvora e aparelhos eletrônicos carbonizados. Meio que lembrava fogos de artifício. Ou, talvez, uma bomba caseira.

Um alarme de incêndio começou a soar. — Pessoal! — a voz de Jeremy crepitou pelo alto-falante após cerca de um minuto. — Nós precisamos que vocês evacuem agora mesmo! Por favor, vão para as suas estações de salva-vidas de forma ordenada!

Evacuar? O coração de Aria começou a acelerar. Ela não tinha nem mesmo aberto a *porta*.

Ela inclinou a orelha, à espera de Graham começar a bater novamente. Alguns segundos se passaram e, em seguida, um minuto. Finalmente, Aria abriu uma fresta da porta. As luzes de emergência brilhavam em cima. A sala estava cheia de fumaça. Uma caldeira tinha caído. Pedaços de metal estavam espalhados por todo o chão. Fumaça negra estava saindo aparentemente de toda parte, e as chamas saltavam para o teto. A explosão tinha definitivamente ocorrido ali naquela sala.

Ela soltou um grito, em seguida, abriu a porta. Ela tinha que sair dali. Ela olhou ao redor procurando Graham, esperando que ele a agarrasse. Mas mesmo através da névoa, uma compreensão ocorreu-lhe rápido.

Graham já tinha ido embora.

28

MULHERES E CRIANÇAS PRIMEIRO

Emily seguiu o fluxo de crianças para as escadas, as narinas ardendo de fumaça. Acima dela, luzes de emergência brilhavam. As crianças estavam gritando sobre a explosão estranha, rindo histericamente, ou fazendo comparações nervosas com o *Titanic*. E mesmo que eles tenham participado de uma reunião de segurança no primeiro dia no barco, ninguém parecia se lembrar onde seus postos de salva-vidas eram.

— Pessoal! — Jeremy gritou pelo alto-falante. — Se nos separarmos, por favor, lembrem-se de nos encontrar no Hotel Royal Arms em Hamilton, Bermuda.

Jeremy repetiu a mensagem mais três vezes. Enquanto Emily esperava para descer as escadas, ela olhou para o céu. Um avião zunia em cima, vindo do aeroporto de Bermuda, que agora estava a um passeio de barco de dez minutos. Era o avião que ela e Jordan deveriam estar? Ela imaginou as pessoas sentadas em seus lugares, as aeromoças cruzando os corredores, o cheiro de café fresco flutuando pela cabine — e os dois assentos desocupados pertenciam a ela e a Jordan.

A fila moveu-se um pouco, e mais algumas crianças passaram pela porta da escada. Uma menina na frente de Emily com trancinhas no cabelo cutucou a amiga. — Eu ouvi dizer que terroristas explodiram o refeitório.

— Não, foram dois caras que estavam no show de talentos que fizeram isso — sua amiga contestou conscientemente. — Eles sabiam que a sua apresentação seria uma droga, então eles decidiram bombardear o local e roubar a Vespa.

— Você está inventando isso. — Trancinhas revirou os olhos.

— Talvez tenha sido aquela menina que pulou no mar mais cedo — disse outra voz. — Talvez esta tenha sido sua vingança para quem a dedurou para os federais.

— Isso é loucura. — Alguém parecia irritado. — Aquela garota nunca subiu para o ar. Ela está morta.

— Você acredita que ela estava no navio o tempo todo? Quem vocês acham que deixou ela entrar?

Parem de falar sobre ela! Emily queria gritar. Era como se Jordan fosse uma celebridade infame, alguém estranho e desconhecido. *Ela gosta muito de leite em seu café,* ela pensou. *Ela é destemida. Ela é a garota mais incrível que eu já conheci.*

Ela fechou os olhos e imaginou o corpo de Jordan afundando, descendo, descendo, para as profundezas da baía, assim como o de BTabitha. Ela queria estrangular A com suas mãos nuas. Por que A não podia apenas deixá-las em paz? Por que A tinha que arruinar Cada. Única. Coisa?

Ela sentiu uma mão em seu ombro. Aria estava nas escadas atrás dela, vestida com um biquíni e sua saia de grama hula e encharcada de suor. Hanna e Spencer também estavam lá, vestidas normalmente, mas parecendo histéricas.

— O que está acontecendo? — Emily perguntou.

Aria olhou de um lado para o outro para todas as crianças nas escadas, em seguida, arrastou Emily para o patamar, que era frio, escuro e vazio. Uma multidão de crianças passava, mas ninguém parecia notar que elas estavam lá.

— *Olha*. — Aria pegou o medalhão de ouro redondo que ela estava usando toda a semana do seu bolso e balançou-o sob o nariz de Emily. As duas metades do pingente se abriram. Emily olhou para as duas meninas da foto de dentro. Uma das meninas era Ali. Quando ela percebeu quem a outra era, ela se afastou, confusa.

— Esta é *Tabitha*? — ela sussurrou.

— Este era o colar dela — disse Aria. — Noel o encontrou na praia, mas eu verifiquei as fotos de Tabitha online, e definitivamente era dela.

Spencer balançou a cabeça, atordoada. — Eu aposto que Naomi plantou para que Noel o encontrasse e desse a Aria.

— Ou talvez Graham tenha feito isso — Aria disse, ainda respirando com dificuldade. Parecia que ela estava prestes a explodir em lágrimas. — Eu estava errada sobre ele, gente. Ele olhou para o colar como se ele soubesse de quem era, e depois me olhou como se soubesse tudo o que eu tinha feito. Eu corri dele e me tranquei na sala da caldeira, mas ele gritou comigo através da porta. Eu gritei um pedido de desculpas pelo que fizemos com Tabitha, mas isso não fez ele parar. Ele disse que estava de olho em mim, e ele mencionou uma foto. Eu acho que foi ele quem detonou a bomba, também. Ele mencionou pólvora uma vez quando estávamos conversando — ele saberia como fazer uma explosão.

Spencer colocou a mão sobre sua boca. — Você poderia ter morrido!

— Eu sei. — Aria engoliu em seco.

Emily tremeu. — De que foto você acha que ele estava falando?

— Eu não sei — disse Aria. — Talvez a de Tabitha na praia. Eu acho que ele está trabalhando com Naomi.

— Oh, meu Deus. — Spencer afundou em uma escada, parecendo tonta.

— Mas por que Naomi — ou Graham, ou quem quer que seja — plantou o colar para Noel dá-lo a Aria? — Hanna perguntou.

— Isso prova que nós matamos Tabitha — disse Spencer, inclinando-se mais perto para que um bando de meninos gritando nas escadas não pudessem ouvir. — Ele nos conecta com ela e com aquela noite. A está tentando construir um caso incontestável.

Emily murchou contra a parede. — Eu não entendo. Por que A necessita construir mais de um caso contra nós? A — ambos eles — tem as fotos. Um dos As nos viu. E nós *fizemos* isso. Por que A precisa reunir provas extras?

Spencer deu de ombros, a luz vermelha de emergência piscando em seu rosto. — Eu não sei.

Mas o FBI está por perto, procurando aquela menina que pulou do barco. — Ela olhou para Emily quando ela disse isso, então desviou o olhar. — Este seria o momento perfeito para contar. Nós poderíamos ser presas dentro de horas, especialmente se tivermos este colar conosco.

Hanna olhou para Aria. — Onde está Graham agora?

Aria bateu as unhas contra a grade. — Eu não sei. Ele desapareceu após a explosão.

Spencer franziu a testa. — É estranho, você não acha?

Aria encolheu os ombros. — Eu estou feliz por ele ter ido. Eu estava com medo de que ele aparecesse e me machucasse.

— Isso faria mais sentido, você não acha? — Spencer abraçou seus joelhos. — Quer dizer, eu estou feliz por você estar segura, mas porque ele não estava esperando por você depois que a bomba explodiu? Por que ele foi embora?

Emily pensou por um momento, distraidamente observando mais crianças descendo pelas escadas. — Talvez ele tenha calculado mal onde detonar a bomba, e ele teve que fugir dela para ele não se machucar.

— Ou, e se Graham não tiver certeza que éramos nós no telhado naquela noite? — Hanna perguntou, fazendo uma pausa para tossir. — Até mesmo aquelas

fotos de nós são muito borradas.

Mas talvez quando você correu dele, Aria, ele teve a sua prova. Talvez ele e Naomi estejam indo contar para a polícia.

Spencer usou o corrimão para se levantar. — O colar vai certamente nos conectar com o crime. Os policiais vão pensar que o arrancamos de Tabitha naquela noite.

Hanna acenou com a cabeça. — Temos de abandonar este colar *agora*. Nós não precisamos de mais uma coisa que nos ligue a Tabitha — especialmente com o FBI aqui.

— Você deveria ter se livrado dele assim que percebeu de quem era — Emily disse para Aria.

— Por que você não o jogou no mar?

Aria parecia atordoada. A luz fluorescente na escada fez a sua pele já pálida parecer ainda mais fantasmagórica. — Eu não estava exatamente pensando claramente.

— Foi bom você não jogá-lo no mar — Hanna disse vigorosamente. — Há um zilhão de policiais escavando o porto. Um deles poderia tê-lo encontrado. Todos os tipos de pessoas viram você usá-lo, Aria — eles o teriam conectado a você num piscar de olhos, e então A se certificaria de que eles o ligassem a Tabitha, também. Precisamos jogar essa coisa fora para sempre para que ele não volte a nos assombrar. Devemos pesá-lo com alguma coisa para que ninguém o encontre.

Houve um grito de feedback através dos alto-falantes, e as meninas olharam para cima.

Jeremy soprou no microfone. — Mais uma vez, esse é o Hotel Royal Arms. Estamos enviando um e-mail para todos no caso de se esquecerem.

— Eu tenho uma ideia — disse Spencer após o anúncio acabar. — Há uma enseada de mergulho não muito longe daqui — meu grupo de mergulho saiu perto de lá esta tarde.

Aparentemente, ela é realmente profunda. E se pegássemos um dos botes salva-vidas e fôssemos para ela? Nós poderíamos nadar até o fundo e enterrar o colar sob o coral.

Os olhos de Emily se arregalaram. — Mas todas nós não estamos atribuídas ao mesmo bote salva-vidas. E, geralmente, há mais do que apenas quatro pessoas em um bote, certo? E se comprometesse a segurança de alguém?

Spencer deu de ombros. — Você já viu quantos botes salva-vidas há neste navio? Há o suficiente para dar a volta.

— De fato, isso é verdade — disse Hanna, pensativa. — Alguns dos registros de entrada com que eu lidei no escritório de administração mencionavam a capacidade deste navio e quantas crianças havia nele agora. Pode parecer que há um milhão de nós a bordo, mas eles geralmente estufam mais uma centena de pessoas no barco para cruzeiros normais.

Aria engoliu em seco. — Spencer, eu não sei nadar.

— Mas eu sei — Spencer a lembrou. — Eu sou certificada em mergulho. Eu vou enterrá-lo.

Você não precisa nem sair do bote.

— E quando vamos fazer isso? — Aria perguntou. — Nós vamos ficar no meio do oceano.

Como é que vamos encontrar os outros?

Spencer não parecia preocupada. — Você ouviu os anúncios — estamos nos reunindo no Hotel Royal Arms em Hamilton. Nós conseguiremos chegar lá.

Hanna tocou na pintura esquisita na parede. — Pode ser perigoso pegarmos um bote sozinhas, especialmente para um lugar tão isolado.

Spencer acenou o pensamento para longe. — Eu fui para Bermuda seis vezes com a minha família. Eu conheço essas águas.

— Eu estou nessa — Emily decidiu. — Vamos lá.

— Eu vou fazer isso — Aria concordou finalmente. Todo mundo olhou para Hanna, e ela relutantemente deu de ombros.

Elas voltaram para as massas de crianças indo para o convés inferior, parando no armário de armazenamento de mergulho para pegar uma máscara, um tanque e nadadeiras. As portas para os botes salva-vidas estavam abertas, e o oceano azul-preto e um pôr do sol brilhante espalhava-se diante delas. Todo mundo estava subindo a bordo dos botes salva-vidas ao acaso, aparentemente não prestando muita atenção às suas atribuições. Amigos sentavam-se com os amigos. Casais se amontoavam. Algumas crianças ainda estavam segurando bebidas da pré-festa do show de talentos.

A maioria ainda estava vestida com suas roupas de apresentação, incluindo Aria.

— Vamos — Spencer disse, apontando para um bote salva-vidas vazio no final do corredor.

Todas correram para ele e elas subiram a bordo quando os membros da equipe de segurança do navio estavam ocupados enchendo os outros botes. Emily segurou-se nos lados do barco de borracha e olhou para o porto agitado na frente dela. A costa parecia a quilômetros de distância. Um barco do FBI balançava nas ondas à esquerda, enviando um efervescente através de seu estômago.

Todas amarraram seus coletes salva-vidas, que cheiravam levemente a mofo. Quando elas seguramente se aninharam nos assentos, Spencer puxou a corrente de partida do motor de popa.

Em seguida, uma mão agarrou o braço de Emily. — Espaço para mais um?

Emily virou-se e engoliu um suspiro. No convés do navio, olhando para ela, estava Naomi. — Hum... — ela guinchou, não se movendo mais.

O olhar de Naomi se lançou de Emily para Spencer, para Aria e para Hanna. Todas elas pareciam bastante chocadas. Os cantos das suas bocas curvados para baixo em uma carranca descontente. — Posso entrar ou não? — ela perguntou abruptamente.

— Desculpe, Naomi. Não há espaço. — Hanna agarrou o braço de Spencer. — Vamos!

Spencer pisou no acelerador e se afastou do convés, quase derrubando Naomi na água. Emily esfregou o local em seu braço que Naomi havia tocado. Sua pele se arrepiou.

— Ei! — Naomi chamou atrás delas. — O que diabos...?

— Não respondam a ela — disse Hanna baixinho.

— Ei! — Naomi chamou novamente, observando quando Spencer virou o bote para longe da costa. — Para onde vocês vão? Esse é o caminho errado!

Aria choramingou. Hanna parecia que ia vomitar. O coração de Emily batia tão rápido quanto o de um coelho. A mandíbula de Spencer estava apertada e dura enquanto ela conduzia em direção à enseada. Em um minuto, elas tinham ido tão longe que elas tinham uma vista panorâmica de todo o navio. Pequenos salva-vidas sendo retirados do casco. Uma luz de alarme soando no convés superior. Uma fumaça preta saindo das janelas.

E então, o olhar de Emily voltou ao convés, onde a equipe estava organizando os botes salva-vidas restantes. Naomi ainda estava ali, com as mãos nos quadris,

olhando. Emily olhou para sua figura rígida até que ela ficou menor e menor, foi se esvaindo e se esvaindo, até que ela finalmente desapareceu na escuridão crescente.

29

S.O.S.

Demorou cerca de 20 minutos para chegarem ao local de mergulho que o grupo de Spencer estava nessa tarde. O sol tinha quase se posto, a última luz restante dançava no céu em listras roxas.

Spencer virou o barco em direção a uma divisão do litoral que era marcado por enormes formações rochosas, falésias naturais e pequenas grutas. Corais irregulares se projetavam em todos os lugares.

Água batia contra algas lisas e altas que cobriam as pedras. A caverna que elas estavam próximas era profunda e escura, parecendo uma boca irritada e assustadora.

Spencer desligou o motor, então colocou o tanque de oxigênio e as nadadeiras, sentindo-se um pouco desconfortável por usar o equipamento de mergulho, depois de quase se afogar. Mas ela verificou os calibres, três vezes, e não tinha como Naomi ter sabotado elas antes de saírem. — A parte mais profunda é na caverna. Eu vou sozinha, ok? Vocês ficam aqui.

— Você está louca? — Emily disse. — Você não pode nadar sozinha. Eu vou com você. Eu fico na superfície, enquanto você mergulha para baixo.

— Eu também vou — disse Hanna.

Os olhos de Aria se arregalaram. — Não me deixem aqui! Eu vou também.

Spencer olhou para ela, preocupada. — Você consegue?

Aria puxou uma correia do seu colete salva-vidas. — Eu vou ficar bem. Estamos todas juntas nessa, certo?

— Eu vou ficar perto de você — Emily se voluntariou.

As meninas amarraram o bote salva-vidas em um afloramento de rochas naturais e entraram na água fria e cheia de algas. Elas nadaram em direção à passagem estreita e em uma piscina escura de redemoinho. Depois de mais algumas nadadas, a passagem expôs uma caverna maior, onde a água era muito mais calma e mais quente. Mas era um breu lá, também, Spencer mal podia ver alguns metros à

sua frente. Foi um pouco melhor quando ela acendeu a lanterna de mergulho que ela pegou da sala de equipamentos. As algas transparentes e viscosas continuavam deslizando sobre as pernas dela como sanguessugas. Ela olhou preocupada para Aria, mas ela estava flutuando confortavelmente com o colete salva-vidas.

Ela pegou o colar da mão de Aria. — Desejem-me sorte — declarou ela, em seguida, desapareceu sob a água.

Ela mergulhou para baixo do mesmo jeito que ela tinha feito naquele dia. Dessa vez, seu equipamento funcionou, e oxigênio encheu seus pulmões. Depois que ela foi para baixo o suficiente, ela encontrou um afloramento de rochas e empurrou o colar profundamente na enseada, espalhando uma nuvem de areia. Quando a areia se afastou, o colar desapareceu. Estava escondido — ela torcia que fosse para sempre.

Quando ela voltou, as meninas ainda estavam boiando na água. Houve um silêncio tenso — Spencer tinha certeza que nenhuma delas tinha falado nesse tempo todo que ela tinha ficado lá em baixo. Os dentes de Hanna batiam. Aria estava respirando pesadamente. Os olhos de Emily se lançaram de um lado para o outro em direção à costa, o que parecia a um milhão de quilômetros de distância.

— Está feito — disse Spencer quando ela puxou a máscara de mergulho de seu rosto. — Vamos.

Elas nadaram de volta para a passagem. O mar estava mais frio com o sol se pondo, e Spencer mal podia esperar para subir de volta no barco salva-vidas e chegar na terra. Ela olhou para o pedacinho de sol no horizonte. Havia pouca distinção entre a água azul-marinho e o céu escuro. O único som que se ouvia era a sobreposição pacífica das ondas. Ela olhou para a direita e esquerda, desorientada. Algo parecia diferente.

Emily surgiu atrás dela. Aria nadou em seguida, então Hanna. Todas elas se moviam na água com Spencer, olhando em volta, confusas.

— Onde está o bote? — Emily finalmente disse.

Spencer piscou. Só assim, ela se orientou. Ela viu o navio de cruzeiro ao longe. E lá estava a rocha em forma de dedo que ela lembrava de ter mergulhado naquele dia. Mas quando ela olhou para o gancho natural que elas amarraram o barco, tudo o que ela viu foi um pedaço de corda solta.

Ela puxou-a, sentindo um peso subir das profundezas. Um motor de popa apareceu sobre a superfície. Depois dele, um bote murcho, sem nenhum ar dentro.

Aria arfou. Emily e Hanna trocaram um olhar horrorizado em silêncio. As ondas marulhavam violentamente contra as rochas. Uma risadinha fina e estridente atravessou o ar.

Hanna deixou escapar um grunhido pequeno e olhou para todas com olhos grandes e aterrorizados. — Eu-eu não entendo.

— Algo deve ter furado o bote — sugeriu Spencer, sua voz tremendo.

Emily choramingou. — Isso realmente está acontecendo? Como é que vamos voltar para a praia?

Elas olharam uma para a outra, depois para a grande distância entre elas e o navio. Spencer se virou e tentou avaliar se dava para nadar até a terra, mas era longe demais, também. Emily provavelmente poderia nadar ao lado dela, mas Aria estava se debatendo e respirando pesadamente, mesmo usando um colete salva-vidas.

— Eu deveria ter ficado no bote — Aria deixou escapar entre os goles de água do mar. — Talvez isso não tivesse acontecido. Eu poderia ter mantido ele inteiro.

— Pare com isso — disse Spencer severamente. — E se você tivesse ficado no bote e ele começasse a afundar, e você não conseguisse sair?

Aria olhou para as paredes lisas das falésias. — Como algo pode ter perfurado o bote, afinal?

Não parece possível.

E então, como se em resposta, ela ouviu novamente: uma gargalhada estridente, aparentemente flutuando das profundezas do oceano. Era um riso vingativo, um riso de satisfação, um riso que dizia, *E agora vadias o que vocês vão fazer?* E, de repente, um pequeno pensamento se formou na mente de Spencer.

— Naomi fez isso — ela sussurrou.

A garganta de Aria se moveu quando ela engoliu. O queixo de Hanna tremia. Os dedos de Emily tremeram quando ela empurrou seu cabelo para trás da orelha. Assim que as palavras saíram da boca de Spencer, ela sabia que era verdade. Naomi tinha visto elas saírem. Certamente ela sabia o que elas iriam fazer, e, certamente, como A, ela viu uma oportunidade infalível. Spencer podia ver a notícia de amanhã: *Quatro meninas bonitas foram dar um passeio em um bote salva-vidas quando um navio de cruzeiro evacuou. O bote teve um vazamento e as meninas se afogaram.*

Isso provavelmente tinha acontecido antes. Quando as equipes de resgate finalmente encontrassem elas, seria considerado um acidente horrível, mas certamente não um crime.

Ninguém iria para a cadeia. Era o crime perfeito.

Todas trocaram um olhar assombrado. — Naomi nos deixou aqui para nos matar — Spencer sussurrou. — Todas sabemos que ela e Graham estavam em cooperação o tempo todo. Quando a bomba dele não acabou com Aria, eles usaram o plano B.

Emily começou a chorar. — O que vamos fazer? Eu não quero morrer assim!

— Socorro! — Hanna gritou. Mas as ondas abafaram sua voz.

— Nós nunca deveríamos ter vindo aqui — Emily soluçou.

— É tudo minha culpa — Aria soluçou. — Se eu não tivesse aceitado esse colar, não estaríamos aqui. Nós não estaríamos nessa bagunça se eu não tivesse empurrado Tabitha.

— Não fale isso — disse Spencer.

— Mas é verdade! — Aria lamentou. — Sou eu que mereço essas coisas que A está fazendo.

Não vocês!

Spencer observou quando uma onda passou sobre a cabeça de Aria. Ela voltou à superfície, tossindo, quando outra onda passou por cima dela novamente. Seus braços bateram inutilmente.

Havia terror em seus olhos.

Emily pegou Aria pela cintura e puxou-a para a superfície. — Você tem que manter a calma — ela gritou em seu ouvido. — Ficar em pânico é um desperdício de energia.

— Como eu posso não entrar em pânico? — Aria gemeu. — Você não vê? A descobriu um final poético para nós, nos jogando no mar como as ondas lavaram Tabitha. Mesmo se sobrevivermos, do que adianta? A vai nos encontrar de novo e fazer algo pior ainda.

— Não diga isso — Spencer a acalmou. — Nós vamos vencer A. Nós vamos encontrar um caminho. — Mas quando ela olhou para a luz escurecendo, ela percebeu que tudo o que Aria estava dizendo era verdade. Serem abandonadas no mar parecia ser a pior morte possível, mas se elas sobrevivessem, quem garantiria que A não viria com algo ainda mais assustador? Como ela poderia viver, sabendo que A tinha algo reservado para ela logo em seguida?

Aria tirou a água de seus olhos. — Se sairmos dessa vivas, eu vou dizer aos

policiais o que eu fiz na Jamaica.

Todas viraram a cabeça rapidamente e olharam para ela. — Não, você não vai — Spencer sibilou.

— Eu não aguento mais! — Aria agitou os braços. — Você não vê o que está acontecendo? A está usando a nossa culpa e medo para nos manipular e isso pode continuar para sempre se não pararmos com isso! A única maneira de nos libertar de A, é confessar. Então A não terá nenhum segredo nosso.

O mar ficou mais calmo por um momento. Hanna tirou a água de seus olhos. Spencer engoliu as lágrimas. Finalmente, Emily limpou a garganta.

— Talvez devêssemos dizer tudo — ela disse.

— Nós não podemos deixar você fazer isso sozinha, Aria — Hanna acrescentou.

— E é verdade. — Uma onda respingou na bochecha esquerda de Spencer. — A ficará impotente se confessarmos. De uma forma estranha, provavelmente isso vai nos libertar. Sim, nós vamos a julgamento, e sim, quem sabe qual será nosso futuro? Mas pelo menos A terá desaparecido das nossas vidas.

Aria engoliu em seco. — Vocês não têm que arruinar suas vidas por algo que eu fiz.

Spencer revirou os olhos. — Pela última vez, Aria, estamos nessa juntas. Vamos todas confessar. Nós nunca deixaríamos você levar a culpa sozinha.

Então, através de um entendimento não dito, nadaram juntas e formaram um anel de proteção. De repente, pareciam como se fossem reais e verdadeiras melhores amigas. Até mesmo irmãs. Spencer olhou para algo ao longe. — O que é aquilo? — De vez em quando, quando uma onda passava, algo branco aparecia na água.

A boca de Aria se abriu. — Um barco!

Hanna balançou os braços sobre a cabeça. — Ei!

— Aqui! — Emily gritou.

O zumbido baixo de um motor soou sobre a maré furiosa. O barco estava indo direto para elas.

Hanna deixou escapar uma risada quase histérica. — Eles nos viram!

O barco subiu e depois desceu quando passou por uma onda. Parecia um navio de pesca, com redes penduradas nos lados e varas sobressaindo do casco. O

motorista estava com um chapéu cáqui de pesca que cobria seus olhos. Spencer se perguntou se era alguém do navio de cruzeiro.

— Agarrem-se! — Uma voz gritou. Uma corda apareceu na água. Spencer lutou para pegá-la, mas quando ela estava prestes a pegar, Aria tirou de perto dela.

— Não — ela disse em voz baixa.

Spencer estava prestes a protestar, mas depois ela seguiu o olhar de Aria de olhos arregalados. Uma menina estava em pé no convés. A cabeça de Spencer começou a girar.

Naomi.

— Agarrem-se! — Naomi disse novamente. Ela pegou a corda e jogou-a para fora de novo, como uma linha de pesca. Quando nenhuma delas mordeu a isca, ela estreitou os olhos. — O que há de errado com vocês? Vocês querem se afogar?

— Nadem para longe! — Spencer gritou, girando ao redor da água. — Temos que ficar longe dela! Mas então, outra voz gritou do barco. — Depressa, meninas, por favor! Precisamos levar vocês para segurança!

Spencer parou de nadar, reconhecendo a voz. A boca de Emily caiu aberta, também. Quando uma onda saiu do caminho, uma segunda figura apareceu no corrimão. Ele usava uma polo rosa apertada, bermuda listrada e óculos de sol em forma de estrela. O olhar em seu rosto era de pura preocupação e medo.

— Jeremy? — Spencer deixou escapar, piscando com força.

Outras pessoas apareceram ao lado. A menina vadia que Emily estava dividindo o quarto, Erin.

Kirsten Cullen e Mike. Noel.

Elas estavam salvas.

30

UM LONGO CAMINHO PARA CASA

— Agarrem-se. — Jeremy pairava sobre o lado do barco com o braço estendido. — Eu vou puxar vocês para dentro.

Hanna olhou de Jeremy para Naomi, em seguida, para o capitão do barco, um cara com a aba de seu chapéu puxada para baixo. Então, ela olhou para o resto do grupo de resgate. Rostos familiares e não familiares olhavam com preocupação. Parecia que Mike ia começar a chorar a qualquer minuto. Noel Kahn estendeu a mão para Aria agarrar, sangue havia sido drenado de suas bochechas.

Uma onda atingiu o lado da cabeça de Hanna, e ela afundou por um momento. Por mais que ela não quisesse pôr os pés no mesmo lugar que Naomi estava, a situação parecia segura. Ela estava congelando. Seus braços e pernas tinham perdido toda a sensibilidade, e, ela estava tonta pelo modo que sua cabeça estava girando, ela tinha certeza de que estava exausta.

Ela pegou a corda e deixou Jeremy, Noel, e os outros adolescentes da equipe de resgate a transportarem a bordo. Alguém jogou uma toalha grande sobre os ombros de Hanna, e ela ficou lá por um momento, respirando com dificuldade. Houve uma onda de atividade no corrimão do barco quando a equipe de resgate arrastou Aria, Emily e Spencer para o convés. Em seguida, Jeremy estava acima delas com as mãos nos quadris.

— O que diabos vocês quatro estavam pensando, roubar um bote salva-vidas e ir para longe da costa? — Jeremy gritou. Seus óculos de sol em forma de estrela caíram, mas ele não fez nenhum movimento para pegá-los. — Vocês percebem o quanto vocês estão em apuros? O que vocês têm a dizer para se defenderem?

Todas trocaram um olhar. Então Spencer se adiantou. — Eu perdi algo durante meu mergulho no início dessa tarde. Uma herança de família. Eu apenas pensei que, já que estávamos evacuando, nós poderíamos fazer uma viagem rápida para a enseada e ver se ele estava por lá.

Hanna olhou para ela, impressionada com o quanto Spencer pensou rápido. — Quando chegamos na enseada, todas nós saímos e nadamos por aí, procurando —

ela acrescentou. — E então o nosso bote salva-vidas murchou.

Jeremy sacudiu a cabeça. — Não pensem que seus pais não vão saber disso. *E* a escola de vocês. Hanna engoliu em seco e sentiu Aria tensa ao lado dela. Mas então, algo dentro dela se libertou. Quem se importava com o que Jeremy disse? Elas estavam prestes a confessar um assassinato, afinal.

Um motor grunhiu, e Jeremy instruiu que todos se sentassem. Spencer, Aria e Emily se sentaram em uma das extremidades. Noel rapidamente ocupou o último lugar ao lado de Aria, Hanna não teve nenhuma escolha, a não ser sentar em um assento na outra extremidade do barco.

Um assento, infelizmente, ao lado de Naomi.

Ela se sentou, evitando contato com os olhos dela. Mas Naomi estava olhando para ela de qualquer maneira. — Você está bem? — Ela perguntou bruscamente.

Hanna se afastou, encolhendo um ombro.

— Deus, Hanna — Naomi disse rispidamente. — Você poderia pelo menos dizer obrigada.

Hanna se virou para ela. — P-Pelo quê? — Ela falou sem pensar.

Naomi parecia atordoada. — Hum, por me preocupar com você quando eu vi vocês idiotas irem na direção oposta da terra? Por organizar uma equipe de resgate quando eu não te vi em terra? Você está tornando difícil sermos amigas.

Hanna cruzou os braços sobre o peito. — Você nunca quis ser minha amiga, Naomi. Eu sei de tudo. Você afundou o nosso bote. Você queria que fôssemos presas. Você e Graham.

— Quem?

Hanna ridicularizou. — O cara com quem você está agindo.

Naomi olhou para Hanna como se outro olho tivesse brotado em sua testa. — Puxa, Hanna, você está totalmente certa. Eu e Graham, quem quer que ele seja, seguimos você no meu barco espião super-rápido e secreto e depois afundamos o seu bote para que você morresse. Nós dois somos completos monstros.

Sim, vocês são, Hanna pensou fracamente, ainda tremendo sob a toalha. Vocês são monstros chamados A.

Mas havia algo estranho. Não havia um sorriso sagaz nos lábios de Naomi. Nenhuma expressão perplexa. Sem olhos arregalados, nenhuma arfada de você-me-pegou. Em vez disso, ela estava balançando a cabeça como se Hanna fosse louca.

A boca de Hanna tinha um gosto salgado, e quando ela respirou, seus pulmões pareciam ásperos e doídos. Talvez fosse o fato de que ela estivesse exausta, ou talvez fosse o fato de que elas decidiram confessar sobre Tabitha, mas nada parecia importar muito. Quando Hanna olhou para Naomi, ela se sentiu corajosa. — Eu sei que você sabe — ela disse.

Naomi franziu a testa. — Do quê?

— Você *sabe*. — Hanna falou com mais força. — Eu sei que você sabe que eu levei Madison para casa na noite do acidente. Eu não estava bêbada, mas um carro surgiu do nada, me empurrando para fora da estrada, e eu colidi contra uma árvore. Eu sei que você sabe que eu movi Madison para o banco do motorista e fugi para que eu não me metesse em apuros. Você e Madison descobriram isso, não foi?

As mãos de Naomi ficaram inertes em seu colo, e seu rosto ficou pálido. — O quê?

Hanna respirou fundo e, em seguida, olhou para Jeremy, que estava falando com o capitão. Por que Naomi parecia tão surpresa? Suas trocas de e-mails com Madison indicaram que ela sabia a verdade. E a mensagem de A deixava claro que ela sabia de tudo. E lá estava ela, com o rosto pálido, os olhos de um lado para o outro e suas mãos tremendo.

Parecia que alguém tinha entrado na mente de Hanna e virado 90 graus. Seria possível que ela estivesse errada sobre Naomi?

— Você... não sabia? — Hanna perguntou.

Naomi balançou a cabeça lentamente. Hanna se virou e olhou para a lua sobre sua cabeça, então para um adesivo de pesca do lado do barco, então para os óculos de sol estúpidos de Jeremy, e tentou se agarrar a algo estável e conhecível. Se Naomi não sabia que Hanna estava com Madison, então ela não tinha razão de estar perseguindo Hanna. E se ela não tinha razão de estar perseguindo Hanna, por que ela era A?

Ela era A?

Parecia que alguém tinha acabado de dizer a ela que o céu era verde e a água era laranja.

Hanna olhou para Naomi. Ela parecia tão vulnerável e desarmada do jeito que ela estava durante o karaokê, ou no clube, ou na academia, quando ela implorou a Hanna para elas saírem. Uma lágrima rolou pelo seu rosto. Ela mordeu o lábio inferior uma vez e outra até que ele ficou vermelho e doído.

Hanna colocou a mão sobre sua boca. De repente, ela se sentiu mal com o remorso. — Oh, meu Deus — ela sussurrou. — Eu pensei que você soubesse de tudo.

Os olhos de Naomi brilharam. Seus lábios se contraíram, e ela apertou e abriu os punhos, como se estivesse considerando dar um soco. Mas depois de um momento, ela fechou os olhos e suspirou. — Não, Hanna. Eu não sabia.

— Eu realmente sinto muito — Hanna sussurrou.

Naomi olhou para ela. — Você acha que *sinto muito* resolve?

— Mas eu sinto — protestou Hanna. — Não é como se eu soubesse que isso ia acontecer.

Madison mal era capaz de se levantar quando ela saiu do bar. Foi por isso que eu a levei para casa, eu estava com medo que algo terrível acontecesse se eu não a levasse. E você mesma disse que o acidente foi, de uma maneira estranha, uma coisa boa, que deixou ela mais forte.

Naomi olhou para Hanna com horror. — Meu Deus, Hanna. Eu teria preferido que o acidente nunca tivesse acontecido

Hanna fechou os olhos, de repente, percebendo o quão ela pareceu idiota. — É claro — ela sussurrou.

Naomi apertou seus dedos em suas têmporas. — Eu estou considerando a possibilidade de chamar a polícia quando chegar em casa e contar tudo. Minha prima gostava de jogar hóquei de campo nos fins de semana, você sabia disso? Agora ela nunca vai poder novamente. Ela provavelmente vai sempre andar mancando. Ela foi para a terapia física torturante durante meses, que acumulou uma tonelada de contas para minha tia e meu tio. Eu deveria fazer você pagar. Ou talvez o seu pai rico.

Hanna abriu a boca e fechou-a novamente. Ela não tinha defesa. Naomi estava totalmente certa. — Esse acidente causou muita angústia para todos nós — Naomi sibilou com as faces coradas.

— Foi uma tortura quando não tínhamos certeza se Madison ia sobreviver. E você acha que pode apenas dizer que está arrependida e pronto?

— Eu não deveria ter dito isso. — Hanna abaixou a cabeça. — Você pode contar à polícia sobre mim, se quiser. E aos seus pais. E a Madison. Eles merecem saber a verdade.

Naomi apertou a mandíbula e olhou para o horizonte. — Eu só não entendo

como alguém poderia fazer algo assim. E então, depois que você soube, você fingiu ser minha amiga, como se nada estivesse errado!

— Eu não sabia que Madison era sua prima até eu ver a identidade falsa — disse Hanna.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Quando eu fiz a ligação, eu me apavorei. Eu achava que você sabia sobre mim e Madison desde o início, eu percebi que foi por isso que você estava sendo tão boa comigo. Você sabia e queria se vingar.

Naomi zombou. — Eu estava sendo boa com você porque eu queria que fôssemos amigas. Eu estava cansada das nossas brigas estúpidas. — Ela olhou para ela em descrença. — É por isso que você estava com meu computador quando voltamos do clube? Para ter certeza de que eu sabia?

Hanna acenou com a cabeça, dominada pela culpa. — Eu estava convencida de que você sabia sobre Madison. Eu li uma troca de e-mails entre você e ela, e você disse que tinha descoberto onde o suspeito estava. Eu achei que você sabia que era eu.

— Você já pensou em apenas esclarecer as coisas? Confessar? — Naomi perguntou.

— É complicado — Hanna resmungou. Não era como se ela pudesse dizer sobre A a Naomi.

— Você colocou as fotos no meu computador, também?

Hanna franziu o cenho. — Que fotos?

Naomi enrolou os punhos. — Uma pasta inteira de fotos novas foi misteriosamente adicionada a minha área de trabalho. Eu pensei que elas eram vírus, na verdade, então eu nem olhei, mas quando eu fui excluir, elas desapareceram. Você estava tentando estragar meu computador?

A boca de Hanna se abriu, mas as palavras não saíram. Essas fotos que Naomi estava falando eram as fotos das meninas na Jamaica? Alguém tinha plantado lá?

— Sinto muito — disse ela mais uma vez, não sabendo como explicar.

Naomi apertou a ponta do nariz. Ela observou as ondas por alguns momentos, depois se voltou para Hanna bruscamente. — Só para ficar claro, eu não tinha ideia que alguém estava com Madison no carro. Ela estava tão perdida naquela noite que ela não se lembrava, tampouco. O que ela se lembra, no entanto, era de faróis piscando pouco antes do acidente. Isso é o que estávamos investigando, sua idiota. Não você.

Hanna estremeceu, mas depois acenou timidamente. — Eu me lembro do carro. Era como se, num segundo, não houvesse ninguém na estrada, e no seguinte, lá estava ele, vindo direto para nós.

— Conseguimos encontrar uma testemunha — Naomi disse a contragosto. — Uma senhora que mora na casa da colina onde o carro caiu. Ela não estava em casa no momento, mas ela tinha uma câmera de segurança na entrada da garagem e capturou algumas partes do acidente. Havia uma imagem indistinta de Madison no carro. Eu não sabia que eram duas pessoas. Havia uma imagem de um segundo carro, também, tirando o BMW da estrada. Era como se tivesse feito de propósito.

O coração de Hanna começou a acelerar. — Você tem alguma ideia de quem foi?

— Nós temos parte de um número da placa, mas é só isso. Os policiais perguntaram a Madison se ela conhecia alguém que a odiava tanto que gostaria de machucá-la, mas ela não conhecia ninguém. Acho que eu deveria perguntar a você a mesma coisa.

Um arrepio passou pela espinha de Hanna. Se ela soubesse quem queria machucá-la. Mas talvez A soubesse o que iria acontecer naquela noite: A tinha dirigido o outro carro, provocando o acidente. É claro que A tinha um assento na primeira fila para assistir o que aconteceria em seguida.

Tudo o que A tinha que fazer era encostar na curva, desligar as luzes e assistir a aberração de Hanna.

O barco desacelerou, e o porto de Hamilton subiu à vista. As amigas de Hanna, que estavam todas do outro lado do barco, fora do alcance da voz dela, inclinaram-se em seus lugares, e então se viraram para Hanna. Elas estiveram provavelmente observando a conversa, tentando descobrir o que Hanna estava dizendo. Hanna se perguntou se apenas por sua linguagem corporal elas poderiam deduzir que Naomi não era A.

Hanna olhou para Naomi novamente. Havia um monte de coisas que ela queria dizer a Naomi.

Um agradecimento estava na lista — elas teriam morrido sem o barco de salvamento. Ela queria tentar fazer as pazes com ela, também, embora ela não tivesse ideia de como. Mas dizer alguma dessas coisas parecia completamente inadequado. Uma coisa era ela ser torturada por um segredo contido, uma coisa que ela tinha feito, porém algo assimilável. Outra coisa era ela ver quantas vidas ela tinha tocado, alterado. Isso acrescentava uma nova camada de culpa e vergonha.

— Eu realmente sinto muito por tudo — ela murmurou mais uma vez.

— Sim, bem, você deveria sentir — Naomi murmurou. Quando ela olhou para Hanna, havia desgosto em seus olhos, mas depois ela deu de ombros. — Eu não vou dizer, se é com isso que você está preocupada. Mas você me deve, entendeu? E vamos torcer para que peguem quem quer que o outro motorista seja.

— Ah. Obrigada. — Hanna foi surpreendida pela generosidade súbita de Naomi. Mas Naomi apenas revirou os olhos e se virou.

Uma onda espirrou e nublou o rosto de Hanna. Ela se acomodou em sua cadeira, sentindo uma mistura de vergonha e arrependimento. De repente, ela sabia que a semente da amizade que tinha começado a crescer entre elas provavelmente tinha sido perdida para sempre. Muito tinha sido dito. Estava tudo muito arruinado e era tudo culpa de Hanna. Elas podem não insultar uma a outra nos corredores de Rosewood mais, mas elas não iriam se sentar juntas no Steam, tampouco. Era apenas mais uma coisa que A tinha destruído.

O barco parou no cais, e todos fizeram fila para sair. — Você sabe, há outra coisa que eu provavelmente deveria dizer — ela disse rispidamente quando entraram nas docas.

— O quê? — Hanna perguntou.

Naomi enfiou uma mecha de cabelo varrida pelo vento para trás da orelha. — Ali me ligou uma vez, depois que ela voltou para Rosewood como Courtney. Ela me contou tudo. Que ela era a verdadeira Ali, mas ela tinha sido presa no hospital no início da sexta série por causa dessa troca, e que era meio que culpa sua o que aconteceu.

Os olhos de Hanna arregalaram. — Você disse a alguém?

Naomi balançou a cabeça. — Eu pensei que ela estava bêbada, a história era tão louca. E ela ficava dizendo, "Eu odeio elas, Naomi. Elas arruinaram minha vida. Elas arruinaram a sua, também, você não acha? Elas não lhe devem alguma coisa?"

— Você acha isso? — Hanna perguntou.

Naomi deu de ombros. — Era legal ser amiga de Ali, e eu fiquei realmente chateada quando ela trocou Riley e eu por vocês. Mas, com o passar do tempo, comecei a pensar que foi uma coisa boa.

Ali era muito mandona. E ela tinha um monte de segredos.

— Como o quê?

Naomi deu a Hanna um olhar estupefato. — Talvez que ela tinha uma irmã gêmea que ninguém sabia? — Então, ela limpou sua garganta. — Ela disse algo mais no telefone para mim no ano passado, no entanto. Ela disse: "Eu vou destruir essas vadias, Naomi. Nós vamos fazê-las pagar pelo que fizeram".

— Deus — sussurrou Hanna. Ali tinham feito elas pagarem.

Então ela olhou para Naomi. — Eu queria que você tivesse dito alguma coisa antes. Eu queria que você tivesse dito a alguém. — Se Naomi tivesse levado Ali mais a sério, as meninas não teriam passado por aquela experiência horrível em Poconos. Se a Verdadeira Ali tivesse sido mandada de volta para a reserva, porque certamente ela voltaria, se alguém tivesse acreditado, a coisa na Jamaica não teria acontecido, tampouco. Tabitha teria sido apenas uma amiga estranha de Ali da reserva que agiu estranhamente em nome de Ali, nada mais.

Hanna imaginou o tempo rebobinando, cada coisa horrível que elas tinham feito virando pó.

Que tipo de vida que ela estaria vivendo agora? Quão feliz ela seria, o quão despreocupada? Não seria incrível se A não estivesse na vida dela?

Um olhar inteligente e vingativo atravessou o rosto de Naomi, lembrando novamente a Hanna da menina que ela havia conhecido há anos, a menina que sempre tinha sido sua inimiga. — Eu acho que estamos quites.

31

UM REENCONTRO AGRIDOCE

O lobby do Hotel Royal Arms foi decorado em tons de bege e marrom e com móveis genéricos e luminárias de latão feias, fazendo Spencer se sentir como se estivesse em um hotel perto do aeroporto da Filadélfia, em vez de nas praias de Hamilton, Bermudas. A única coisa especial sobre o lobby era que era cheio de adolescentes evacuados do navio de cruzeiro. Os meninos do Pritchard estavam sentados no sofá. Um grupo de garotos de Rosewood Day invadiu o pequeno restaurante, onde três televisores estavam todos sintonizados nas partidas de críquete. Meninas de Villa Louisa encostaram-se na recepção, conversando com seus pais em seus celulares. Todo mundo tinha recebido chamadas de seus pais, que estavam furiosos por seus filhos terem que fugir para salvar suas vidas em botes salva-vidas. Corriam rumores sobre ações judiciais contra a empresa de cruzeiros. Mason Byers anunciou que o seu pai iria pegar um avião particular para Bermuda naquela noite e fazer uma confusão. A história tinha até mesmo estado nas notícias — O

TRIÂNGULO DAS BERMUDAS, uma manchete tinha dito mais cedo em um jornal antes do críquete, seguido por cenas de dezenas de minúsculos botes salva-vidas navegando para longe do navio em chamas. Infelizmente, a história sobre a quase morte das meninas teve muita repercussão, também — os repórteres praticamente salivaram quando perceberam que eram as Pretty Little Liars.

Spencer tinha descoberto através da notícia que as autoridades ainda estavam tentando descobrir o que tinha causado a explosão na sala da caldeira.

— Ok, pessoal! — Jeremy gritou em um megafone, ainda fazendo o seu melhor para permanecer animado. — O barco foi incendiado, mas não é seguro viajar, por isso estamos reservando para vocês passagens de avião. Vocês sairão amanhã ou no dia seguinte. Estamos tentando levá-los para todos os quartos daqui, não vão a lugar nenhum. Caso contrário, vocês vão ficar presos em Bermuda até que seus pais cheguem e venham buscar vocês.

— Como se isso fosse uma coisa ruim? — Spencer murmurou, revirando os olhos. Ela estava com suas amigas em um corredor perto de um par de terminais de

computadores e máquinas de venda automática, observando o caos de longe. Nenhuma delas tinha se recuperado completamente do tempo que passaram na água fria, elas ainda estavam com toalhas penduradas nos ombros e tendo arrepios em seus braços. Seu cabelo estava parcialmente seco, mas Aria tinha algas torcidas em sua franja. Emily segurava uma caneca de chocolate quente em suas mãos, e Hanna ainda estava tremendo. Mas talvez fosse porque ela tinha acabado de anunciar que Naomi não era A.

— Ela não sabia o que eu causei a Madison — Hanna falou depois que Jeremy terminou o seu anúncio. — E, quero dizer, ela organizou uma equipe de resgate para nós. É bastante óbvio que a verdadeira A nos tenha enviado para o caminho errado de novo.

Spencer assentiu, não muito surpresa. Assim que Naomi tinha chegado com uma equipe de resgate a reboque, ela tinha começado a duvidar de suas suspeitas. Mas era incrível o quão habilmente A tinha feito parecer que Naomi estava atrás delas. Enviando a elas mensagens quando Naomi estava por perto, por exemplo. Ou colocar Hanna e Naomi no mesmo quarto.

Ela fechou os olhos. — Mas A estava no barco. E A esvaziou nosso bote, certo?

Aria concordou. — É muita coincidência. A definitivamente esvaziou. Assim só resta Graham.

Talvez ele seja A, o único.

— Mas eu não entendo como Graham poderia ter nos seguido para a enseada sem nós vermos — disse Emily, parecendo intrigada. — Nós estávamos em águas abertas. E ele deve ter agido rapidamente, não ficamos na enseada por muito tempo.

— Talvez ele tenha ouvido a gente falando sobre ir para a enseada e saiu de lá primeiro — sugeriu Hanna. — Ou ele já estava lá quando chegamos, e se escondeu em uma das cavernas.

Aria apertou os olhos. — Eu não sei se ele poderia ter chegado lá tão rápido após a explosão.

Mas eu acho que tudo é possível.

Spencer torceu o anel de prata em torno do dedo. — Graham provavelmente espionou todas as nossas conversas na sala de estar. E só porque Naomi não estava por perto, pensávamos que estávamos a salvo.

— Alguém viu Graham? — Hanna sussurrou. — Ele poderia estar ouvindo

agora.

Todo mundo olhou para cima. Spencer observou a multidão no saguão. Jennifer Feldman estava mexendo em seu iPad perto do check-in. Lucas Beattie estava vagueando ao redor do saguão, tirando fotos para o anuário. Ela não viu Graham em lugar algum.

— Eu me pergunto qual é o próximo passo dele — ela disse, inquieta. — Vocês acham que ele vai dizer assim que chegarmos nos Estados Unidos?

Aria endireitou os ombros. — Eu acho que devemos confessar em vez de deixar Graham nos denunciar.

Confessar. Spencer respirou fundo. Hanna e Emily se mexeram desconfortavelmente. Era óbvio que elas estavam todas ponderando a promessa que tinham feito na água.

Emily cutucou suas cutículas. — Eu tenho tanto medo do que vai acontecer quando dissermos.

— Temos que acabar com isso — disse Aria. — Lá fora, na água, eu tive uma epifania. Eu prefiro limpar minha consciência do que viver uma mentira. Mesmo que isso signifique sofrimento, eu não acho que consigo viver outro dia com isso pairando sobre mim.

Spencer assentiu. — Eu me sinto assim também. Mas você está subestimando quando você diz *sofrer*, Aria. Podemos passar anos em julgamento. Nós podemos ficar na prisão pelo o resto das nossas vidas.

— A pode nos atormentar pelo resto das nossas vidas, também — disse Aria.

— Mas nós nunca vamos chegar a ver nossas famílias de novo — disse Hanna. — Todos que nós amamos irão nos odiar.

Lágrimas encheram os olhos de Aria. — Eu sei. Mas como eu disse, eu posso confessar para todos, e...

— Não — Spencer, Emily e Hanna disseram ao mesmo tempo.

Spencer tocou a mão de Aria e engoliu em seco. — Você está certa. Temos que acabar com isso, e confessando é o único jeito. Estou de acordo.

— Eu também — Hanna disse depois de um momento. Emily assentiu também.

Elas ficaram em silêncio por um tempo, ouvindo o barulho dos adolescentes no lobby. Jeremy mais uma vez anunciou que todos eles tinham voos reserva de

volta para a Filadélfia para os próximos dias. O estômago de Spencer revirou só de pensar nisso. Quando elas chegassem em casa, a vida delas estaria acabada. Se ela pudesse ficar em Bermuda para sempre.

De repente, uma figura apareceu na porta. Reefer estava com as mãos nos bolsos. — Podemos conversar? — ele perguntou, olhando para Spencer.

Spencer olhou para suas amigas, que deram de ombros e concordaram. Ela caminhou em direção a Reefer hesitantemente, com o coração vibrando de repente. Assim que ele se aproximou, ele agarrou-a e puxou-a em um abraço. — Eu acabei de descobri o que aconteceu — ele disse no ouvido dela. — Você está bem? O que você estava pensando quando pegou um bote salva-vidas de volta para as enseadas?

O corpo de Spencer permaneceu rígido e cauteloso, e ela olhou ao redor do lobby para ver quem poderia estar observando. Mesmo que A não fosse Naomi, A ainda tinha enviado mensagens que ela deveria ficar longe de Reefer.

Mas então, ela se lembrou de que elas iriam confessar logo. A vida era muito curta para ficar longe dele. — É uma longa história — ela admitiu. — Mas eu estou bem. Naomi me resgatou, na verdade. Então eu acho que ela não é uma psicopata, afinal.

Reefer balançou a cabeça rapidamente. — Não, Spencer, ela é. Ela me contou tudo.

Spencer franziu a testa. — Te contou o quê?

— Era ela que estava sabotando você. — Sua voz caiu para um sussurro. — Ela derramou o óleo de bebê no chão, armou para a cama quebrar, tudo isso. Tudo o que você achava que estava acontecendo era verdade.

Spencer piscou com força. — Ela realmente admitiu isso?

Reefer assentiu. — Eu acabei de falar com ela. Primeiro, ela me contou sobre o resgate, mas depois ela admitiu o que tinha tramado. Ela parecia se sentir muito mal com isso. Eu me sinto mal, também. Eu não acreditei em você. Você pode me perdoar?

Spencer olhou para ele loucamente. — Sou eu quem deveria estar implorando por perdão. Eu que estava agindo como louca. E eu que terminei com você. Eu nunca deveria ter feito isso.

Reefer a apertou com força. — É claro que eu te perdoo — ele murmurou. — Tem sido uma viagem estranha, não é? Naomi atormentando você, a menina fugitiva pulando no mar, e você ficou sabendo sobre a explosão? Pode ter sido

intencional.

Spencer engoliu em seco. — Eu não sabia disso. — Ela esperava que soasse sincera.

Reefer assentiu. — Tudo começou na sala da caldeira. Eles acham que um passageiro fez isso.

Spencer olhou para baixo, sabendo que se fizesse contato visual com Reefer revelaria tudo. — Eles sabem quem fez isso? — ela perguntou.

Reefer encolheu os ombros. — Nenhuma pista. Eles estão tentando pegar as câmeras de segurança da sala da caldeira, mas duas delas estavam destruídas. Ouvi dizer que eles viram duas pessoas na terceira câmera, embora, eles ainda estão tentando descobrir quem são.

Spencer olhou para Aria, que ainda estava conversando com Hanna e Emily. Ela tinha certeza de que as duas pessoas na fita de segurança eram Aria... e Graham. Ela fechou os olhos por um momento, considerando Graham como A. Eles nem sequer se conheciam. Tudo parecia tão... impessoal. Que tipo de pessoa lunática persegue e atormenta as assassinas de sua namorada em vez de simplesmente entregá-las para a polícia?

Uma pessoa lunática chamada A, é claro.

Ela se voltou para Reefer, querendo pensar em outra coisa. — Eu senti tanto a sua falta — ela admitiu.

— Eu senti a sua, também — Reefer disse, e se inclinou para beijar seu pescoço.

Spencer inclinou a cabeça para trás, saboreando a sensação. Mas, de repente, quando um grupo de turistas usando camisetas da bandeira americana passou pelos adolescentes, a realidade estalou em foco mais uma vez. Elas iriam falar com o FBI amanhã. Como seria ir para a cadeia?

Primeiro uma ligação, em seguida, uma reunião com o investigador, então, uma confissão chorosa?

Ela imaginou seus pais sendo convocados para a cadeia, a gritaria da imprensa na porta com perguntas, os nomes delas novamente nos noticiários, todos olhando para elas. O que Reefer pensaria quando descobrisse?

Ela soltou um pequeno gemido silencioso e abraçou Reefer ainda mais apertado. Quando ela era pequena, ela e Melissa costumavam jogar um jogo inventado que elas tinham chamado de "Príncipe Encantado", em que elas listavam

todas as características que elas queriam em um futuro namorado. No começo, Spencer sempre copiava o que Melissa dizia — alto, moreno, bonito, que dirigisse um carro bom e tivesse um bom emprego — até que ela percebeu que a descrição deles eram, mais ou menos, o pai delas. Mas mesmo quando ela imaginava um único futuro príncipe, coisas como *cheiro de maconha* ou *pode citar músicas obscuras dos Grateful Dead* nunca estiveram em sua lista. Mas, quando ela olhou para o estilo de Reefer e o rosto suave, os mesmos sentimentos desejosos um-dia-meu-príncipe-vai-aparecer que ela costumava ter quando jogava o jogo brotou dentro dela. Mesmo que Reefer não fosse o tipo de cara com quem ela tinha esperado acabar, ele era exatamente o que ela queria.

Mas será que ele iria querer ela depois que ele descobrisse o que ela tinha feito?

32

A QUESTÃO DO NAMORADO

Mesmo que a empresa do Cruzeiro Eco tivesse fretado voos para as crianças tomarem de volta à Filadélfia, havia ainda a questão de todos recolherem suas coisas de seus quartos no navio. O barco parou no porto de Hamilton às 07:00 da manhã na segunda-feira, e a todo mundo foi permitido uma hora para arrumar as malas. Aria e Noel subiram a rampa, em seguida, olharam para o auditório, que ainda estava decorado para o show de talentos. Era meio triste ver os balões festivos, as flâmulas e os refletores. Até mesmo a comida ainda estava montada, embora moscas estivessem zumbindo em torno dela avidamente.

Noel apontou para a Vespa do primeiro-prêmio, que estava estacionada perto do palco. — Quem será que vai ficar com isso?

— Ninguém, eu acho — murmurou Aria.

Ele balançou a cabeça com ar sombrio. — Ontem foi uma *droga*. — Ele pegou a mão de Aria. — Eu simplesmente não posso acreditar que você pensou que era uma boa ideia ir pegar alguma relíquia de família estúpida que Spencer perdeu em um mergulho. Você poderia ter morrido.

Aria abaixou os olhos. — Eu não acho que foi uma grande ideia. Nós não planejamos deflacionar o bote. Foi uma coisa anormal.

— Você deveria ter pensado nisso. — Noel segurou os lados do rosto de Aria em suas mãos. — Quando Naomi me disse que vocês partiram para o pôr do sol e não tinham voltado ainda, meu coração quase parou. Eu não sei o que eu faria sem você.

— Não seja tão dramático — murmurou Aria, mas as lágrimas saltaram aos seus olhos.

Aqueles momentos horríveis na água estavam tão frescos e crus em sua mente. Ela ainda não conseguia envolver sua mente em torno do fato de que Naomi não era A, tampouco — e que poderia ser Graham e apenas Graham. Ele tinha visto todas elas, entrando e saindo das sombras tão facilmente. Tinha sido ele quem matou Gayle e quase as matou.

Enquanto caminhavam ainda no navio, o cheiro de fumaça ficou mais forte. Noel torceu o nariz. — Fedorento. — Ao passarem pelo cassino, Noel olhou para a mesa na frente, que ainda sustentava um cartaz com Caçada ao Tesouro Eco. — Você falou com Graham depois que nós evacuamos? — ele perguntou, fazendo uma careta. — Estou surpreso por ele não querer salvar você. Aria engoliu em seco, revisitando os momentos horríveis na sala da caldeira. Spencer tinha dito a ela que o navio foi capaz de salvar uma das câmeras de segurança, mas ela estava indecisa sobre o que a fita iria revelar: Por um lado, poderia ser bom Graham ser identificado e preso. Por outro lado, *ela* certamente seria a segunda figura na fita. Noel provavelmente perderia a cabeça se ele descobrisse que ela tinha quase sido feita em pedaços.

Ela enxugou os olhos e olhou ao redor da multidão de crianças indo para seus quartos. O quarto de Graham era naquele andar, mas ele não estava entre elas. Na verdade, Aria não tinha visto ele em lugar nenhum. Ela procurou na multidão no saguão do hotel, em restaurantes e espaços ao ar livre sem parar, mas ele não estava em lugar nenhum. Mas por outro lado, se ele *era* A, esconder-se da vista de todos era o que ele fazia de melhor.

Mas logo isso não importaria mais. Quando elas dissessem sobre Tabitha, Graham não seria mais capaz de atormentá-las. Elas estariam livres.

— Terra para Aria?

Ela pulou. Noel estava olhando para ela. — Você está bem? — ele perguntou.

Aria tentou sorrir, mas sua boca não cooperou. A realidade a atingiu como um balde de água fria sobre sua cabeça. *Elas iriam contar*. Será que ela não devia contar a Noel, também? Ela não queria que ele descobrisse assistindo ao noticiário das seis.

— Eu... — ela começou, a voz embargada.

Noel parecia preocupado. — O que foi? — ele perguntou baixinho.

— Eu-eu fiz algo horrível — sussurrou Aria.

— O quê? — Noel chegou mais perto. Não estava claro se ele não tinha ouvido ela ou se ele estava pedindo para ela elaborar.

Alguém bateu na porta. Outro barco no porto explodiu uma buzina alta e de feia sonoridade. A história latejava na língua de Aria, implorando para ser libertada. — Eu tenho...

De repente, a voz de Jeremy gritou pelo alto-falante. — Quarenta e cinco minutos, pessoal! Por favor, façam as malas rapidamente!

Noel voltou para Aria. Ele olhou para ela por alguns segundos, esperando. Aria se virou. — Não importa — disse ela. De nenhuma maneira ela poderia deixar escapar tudo para fora agora.

Ele deu-lhe um grande abraço, então se afastou e tocou sua clavícula. — Onde está o seu colar?

A mente de Aria remexeu procurando uma desculpa. — Eu devo ter perdido na água. — Ela esperava que ela tivesse soado convincente. — Eu acho que ele queria ser devolvido ao mar.

Noel balançou a cabeça lentamente, não parecendo aflito. — Eu acho que é melhor *perdê-lo* do que eu *perder você*.

Ele deu-lhe um abraço final, então se dirigiu para seu quarto. Aria deu um passo atrás no elevador — seu quarto eram dois andares abaixo do de Noel. Cada músculo em seu corpo estava inquieto e carregado. Esse poderia muito bem ser o último abraço que ela e Noel iriam compartilhar. Será que ele até mesmo falaria com ela depois que ele descobrisse que ela era uma assassina?

De repente, assim que as portas estavam se fechando, um homem em um uniforme da polícia passou, sua postura rígida, seu olhar diretamente para frente. Aria golpeou o botão ABRIR PORTA e entrou no andar de Noel mais uma vez. O policial foi até o final do corredor, em seguida, entrou em uma porta aberta à esquerda. Aria estava quase certa de que era o quarto de Graham. Ela lembrou onde era de quando ela o pegou para ir jogar minigolfe. Agora parecia que isso tinha sido há muito tempo.

Ela observou quando Noel caminhou até seu quarto, inseriu a chave na porta e entrou. Então, tomando uma respiração profunda, ela começou a descer o corredor, também. Passou pela porta de Noel, indo para o final do corredor até a porta que o policial havia entrado. Era definitivamente o de Graham — Aria reconhecia a etiqueta de cavaleiro no quadro de avisos.

Ela olhou para dentro, preparada para ver Graham, mas apenas o policial e Jeremy estavam lá.

Suas cabeças estavam próximas, e eles falavam em tons exaltados.

— Há quanto tempo ele esteve inconsciente? — o policial perguntou, com as mãos nos quadris.

— Desde a evacuação — Jeremy murmurou. — Eu não tenho certeza do quão ruim seus ferimentos são — os médicos não estão me dizendo muito. Sua família

chegará em breve.

Aria piscou. Graham estava no *hospital*?

O policial fez uma careta. — A inconsciência é uma maneira fácil de não falar, não é? O vídeo de segurança revela duas pessoas, uma das quais é ele. — Ele olhou para um celular. — Ele tem muito a temer agora.

— Você identificou a segunda pessoa? — Jeremy perguntou.

Aria prendeu a respiração. Mas, então, o policial trocou seu peso e disse: — Nós ainda não conseguimos obter o suficiente das características faciais da segunda pessoa. Achamos que é um homem, no entanto.

Aria franziu o cenho, confusa. Ela passou os dedos pelo cabelo longo, então olhou para seus dedos nervosos, femininos, cada um pintado de uma cor coral brilhante. Ela tinha sido confundida com um monte de coisas ao longo dos anos, mas nunca, nunca, com um cara.

De repente, os dois olharam para cima e a viram. Os olhos de Jeremy se arregalaram. O policial parecia zangado. — Sim? — ele latiu.

— Hum, eu estou procurando Graham? — ela perguntou, surpresa com o quão fraca e tímida a sua voz tinha soado. — Vocês sabem onde ele está?

Algo cintilou no rosto de Jeremy por uma fração de segundo, e então submergiu. — Você precisa arrumar suas coisas agora, ok?

Um sino de alarme disparou na cabeça dela. — Graham está... bem? — ela perguntou, sua voz rangendo.

Jeremy franziu a testa e deu um passo na direção dela. — É sério. Se você não tirar tudo de seu quarto na meia hora seguinte, nós não deixaremos você voltar para ele.

Os contornos de seu rosto tinham afiado, fazendo-o parecer mais velho e ameaçador. Aria se virou e andou rapidamente de volta para o elevador, sentindo que ela tinha acabado de ver e ouvir algo que não deveria. Uma sensação de desconforto tomou conta dela, mas antes que ela pudesse pensar muito claramente sobre isso, ela acelerou, querendo se afastar do quarto que tinha sido possivelmente de A, de uma vez por todas.

33

EMILY COSEGUE O QUE QUER

No dia seguinte, a van de transporte parou na calçada de Emily, e o bom motorista, que tinha falado no ouvido de Emily o caminho inteiro sobre seu filho de dezesseis anos de idade que seria *perfeito* para ela, correu para a parte de trás e pegou as malas de Emily.

— Parece que não tem ninguém em casa. — Ele olhou para a antiga casa azul dos Fields. As janelas estavam escuras, as persianas estavam fechadas, e havia ervas daninhas varridas pelo vento e galhos por todo o alpendre.

Emily encolheu os ombros. Seu pai havia lhe enviado uma pequena mensagem sucinta antes de ela desembarcar no Aeroporto de Newark dizendo que não podia pegá-la depois de tudo e tinha arranjado um transporte. Ele não ofereceu uma desculpa, e Emily se perguntou se era só porque ele não queria ficar preso no carro com ela por duas horas torturantes. Aparentemente, ele não simpatizava com o fato de que ela teve que escapar do navio em um bote salva-vidas.

Ela deu ao motorista a última nota de vinte dólares da sua carteira como uma dica, em seguida, digitou o código da garagem e assistiu a porta subir lentamente. Como previsto, ambos os carros dos seus pais estavam tranquilos na garagem. Ela caminhou ao redor deles e abriu a porta lateral.

O cheiro familiar da sua casa, uma mistura levemente envelhecida de potpourri, água sanitária e a almiscarada colônia que seu pai sempre usava, fez sua garganta apertar-se. Por algumas horas, ela tinha pensado que ela nunca teria que voltar aqui. E depois de tudo o que tinha acontecido, ela não teve tempo para se preparar para retornar a esta vida.

De repente, suas pernas não se moviam. Ela não podia suportar outro olhar de soslaio de seus pais, outro suspiro pesado. Ela não podia tolerar o silêncio pesado e decepcionado, a porta do quarto da sua mãe fechada, os jantares horríveis com seu pai, onde nenhum dos dois falava. E isso só iria piorar quando ela e suas amigas confessassem.

Ela estava na lavanderia com uma mão em cima da máquina de lavar. Talvez ela

devesse se virar, sair pela porta e ficar em um hotel essa noite. Elas iriam ligar para a polícia amanhã — provavelmente ela estaria sob custódia no prazo de vinte e quatro horas. Por que não gastar as suas horas restantes de liberdade em algum lugar pacífico e relativamente calmo? Por que se torturar por estar perto de pessoas que a odiavam?

Engolindo em seco, ela começou a se virar. Mas, então, ela ouviu uma voz fina como casca de ovo chamar da sala da família. — Emily? É você?

Ela congelou. Era a sua mãe.

— Emily? — a Sra. Fields chamou novamente.

Em seguida, houve passos. A Sra. Fields apareceu na porta da sala de estar, vestindo um suéter rosa e jeans. Seu cabelo parecia lavado. Seu rosto estava maquiado. E — ainda mais bizarro — ela estava olhando para Emily com um leve sorriso no rosto.

Emily tentativamente tocou suas bochechas, se perguntando se ela poderia estar sonhando. — Uh, oi?

— Oi, querida. — A Sra. Fields olhou para as malas. — Quer ajuda?

Emily piscou. Estas foram as primeiras palavras que sua mãe tinha dito a ela em mais de duas semanas. — Eu não tinha certeza se você me queria em casa — ela guinchou, surpreendendo a si mesma.

A Sra. Fields apertou os lábios. Seus ombros se levantaram e abaixaram e, por um breve segundo, Emily viu a decepção reunir-se nas linhas do rosto da sua mãe e nas bolsas sob seus olhos.

Lá vem, pensou ela. Sua mãe ia explodir em lágrimas e desaparecer novamente.

Mas, então, a Sra. Fields avançou, com os braços estendidos. Antes que Emily soubesse o que estava acontecendo, ela puxou Emily para um abraço. Emily permaneceu rígida-ereta, os braços ao lado do corpo, ainda à espera das lágrimas... ou um sermão... ou *algo* terrível. Mas sua mãe só descansou a cabeça no cabelo de Emily, inspirando e expirando constantemente.

— Eu soube que houve uma explosão no barco — disse a Sra. Fields. — E que vocês quase se afogaram no mar.

Emily baixou os olhos. — Sinto muito — disse ela timidamente.

— Estou feliz que você esteja segura. — A Sra. Fields apertou a mão de Emily.

Emily olhou para cima. — Você está?

A Sra. Fields assentiu. — Querida, eu tive muito tempo para pensar. Nós vamos trabalhar nisso. Nós vamos descobrir como ser uma família novamente.

Emily afastou-se e olhou para o rosto da sua mãe. — Bem, diga algo! — a Sra. Fields pediu, parecendo nervosa. — É isso que você quer, não é?

— É *claro* que é o que eu quero — Emily desabafou. — Eu só que... Eu nunca... Eu... — Ela sentiu lágrimas em seus olhos. — Eu nunca pensei que você fosse me perdoar — ela murmurou, explodindo em soluços.

A Sra. Fields a coletou em seus braços novamente. — Eu tive uma longa conversa com o Padre Fleming quando você se foi. Eu sei que nós não falamos sobre um monte de coisas. Mas eu odeio a ideia de que você escondeu algo tão grande. Eu fui dura comigo mesma durante este tempo, também, Emily. Eu sinto que falhei como mãe.

— Não diga isso. — Emily soluçava. — É minha culpa. Eu deveria ter lhe contado. Eu estava com tanto...

—...medo — a Sra. Fields terminou para ela. — Eu sei. Carolyn nos disse.

Emily recuou. — Carolyn falou com você sobre isso?

A Sra. Fields assentiu. — Ela sente que falhou com você, também. Ela quer voltar em breve para casa para um longo fim de semana para resolvermos as coisas. Esta é uma reflexão de *todos* nós, Emily. E se nós vamos nos remediar, *todos* nós temos que estar juntos. Você não acha?

Emily olhou para a mãe com espanto. — Sim — ela sussurrou. — Eu realmente quero ser uma família, também.

Emily olhou em torno da lavanderia com seus cestos de frango, blusas de moletom velhas em ganchos e garrafas de detergente. Ela nunca tinha prestado muita atenção neste cômodo, mas de repente ele era o seu lugar favorito do mundo. Possibilidades se espalharam na sua frente.

Reconstruir seu relacionamento com sua irmã mais velha. Acertar as coisas com sua mãe novamente. Ter jantares normais, feriados normais — ser uma *família*. E ser honesta com eles no futuro, não fugir deles quando ela tivesse um problema.

Então ela se lembrou: *Tabitha*. Mas ela empurrou isso de lado por um momento, tomando a decisão de concentrar-se nisso e apenas nisso. Por um dia, ela poderia ter sua família de volta do jeito que ela queria. Ela provavelmente nunca mais teria um momento como este novamente.

— Vamos — a Sra. Fields disse, pegando uma das malas de Emily e

arrastando-a para a cozinha. — Sente-se, eu vou fazer um chá, e você pode me contar tudo sobre a sua viagem.

Emily deixou sua mãe guiá-la através da sala e sentá-la na mesa da cozinha. Foi bom vê-la encher o bule com água e o colocar sobre o fogão. Ela estava prestes a lançar-se em uma descrição sobre o navio e as ilhas que ela visitou, mas então um envelope do Correio Expresso chamou sua atenção. *Emily Fields*, tinha escrito na barra de endereço.

Ela ergueu-a. — O que é isso?

A Sra. Fields olhou por cima do ombro e sorriu. — Eu não sei. Isso chegou esta manhã.

Emily rasgou o envelope e tirou um cartão postal. Quando ela viu a foto do Aeroporto Internacional de Bermuda na parte da frente, seu coração deu um salto. O postal não estava assinado, mas ela soube imediatamente de quem era. Em seguida, ela leu a data, e sua mente parou.

3 de abril. Isso foi há dois dias atrás, o dia da explosão no barco. Ela relembrou o corpo de Jordan saltando do convés superior do navio, as bolhas na água, os barcos do FBI procurando na baía. Um sorriso se abriu em seu rosto. Então, ela olhou para baixo e leu a nota mais uma vez.

Emily: Eu estou bem. Não fui para onde nós planejamos, mas para um lugar ainda melhor. Nós vamos nos encontrar algum dia, isso é uma promessa.

34

E A DIVERSÃO AINDA NEM COMEÇOU!

A campainha na casa de Byron soou por volta das 08:00h da manhã seguinte, e Aria levantou-se do sofá. A casa estava vazia, Byron estava no trabalho e Meredith tinha levado a bebê Lola para uma consulta médica.

Ela olhou através da janela da porta. Hanna, Spencer e Emily estavam de pé na varanda com olhares graves em seus rostos.

— Obrigada por virem — Aria disse em voz baixa, quando ela abriu a porta.

Ninguém respondeu. Ela as levou para a sala. Todas as suas três amigas se alinharam no sofá de frente para a TV. Sentaram-se com a postura perfeita, os olhos vidrados e avermelhados, como se estivessem em um funeral. O que, é claro, elas meio que estavam.

— Vocês têm certeza de que devemos fazer isso? — Spencer deixou escapar.

Todas trocaram um olhar. — Eu não quero — Hanna sussurrou.

— Nem eu — disse Emily. Sua garganta balançou quando ela engoliu.

Aria empoleirou-se na poltrona, se sentindo bastante conflituosa. Cada momento desta manhã parecia como o fim de uma era. Seria a última vez que ela acordaria em sua cama. A última vez que ela escovaria os dentes no banheiro. A última vez que ela beijaria Lola sem um guarda da prisão de pé sobre ela. Será que Meredith levaria Lola para visitá-la na prisão? Uma mensagem zombeteira a assombrava, também: *Será que o namorado de Aria irá visitá-la na cadeia?*

Hanna mordia suas unhas. Emily olhava para uma xícara de café que ela estava segurando, mas não parecia que ela ia bebê-la. E Spencer manteve seu olhar em uma revista, olhando para a capa, e depois a colocou de volta para baixo novamente.

— Talvez tenhamos um juiz realmente agradável — disse Emily. — Talvez alguém que entenda o quão assustadas estávamos sobre a Verdadeira Ali voltar para nos machucar.

Spencer zombou. — Nenhum juiz vai acreditar nisso. Eles diriam que todos

sabiam que a Verdadeira Ali estava morta.

Emily se contorceu em seu assento, parecendo que estava prestes a estourar ou fazer xixi em suas calças. — Na verdade, não se nós dissermos ao tribunal que eu deixei a porta aberta para ela no dia do incêndio.

A cabeça de todas disparou para cima. — *Como é*? — Spencer cuspiu.

Emily cobriu o rosto com as mãos. — Eu sinto muito. Eu não podia deixá-la no chão daquele jeito. Eu não sei se ela saiu, mas eu deixei a porta aberta.

— Mas eu vi a porta — disse Hanna. — Você fechou.

— Não, eu não fechei.

Aria olhou para o teto, tentando recordar aqueles momentos quentes, horríveis e frenéticos antes da casa explodir. Ela jurava que quando olhou para trás viu que a porta estava bem fechada — ou foi apenas uma invenção da sua mente após o fato?

— *Deus*, Emily — Spencer sussurrou com os olhos arregalados.

Hanna passou as mãos ao longo do comprimento do seu rosto. — É por isso que você estava tão convencida de que é a Verdadeira Ali quem está nos perseguindo agora?

— Eu acho que sim. — Emily brincava com um descanso na mesa de café. — Mas eu estive pensando sobre isso, e, gente, talvez isso seja uma coisa boa. Se eu trouxer à tona que a porta foi deixada aberta e que nós estávamos com medo de que ela tivesse escapado, talvez o juiz entenda a nossa paranoia na Jamaica.

— Ou talvez ele pense que somos loucas — Hanna estalou.

Aria balançou a cabeça. — Você deveria ter nos contado sobre isso antes.

— Eu sei. — Emily parecia torturada. — E eu sinto muito. Mas será que realmente muda alguma coisa? Nós, provavelmente, teríamos estado ainda mais convencidas de que Tabitha era Ali na Jamaica.

— Ou nós teríamos ido à polícia, em vez de lidarmos com ela nós mesmas — disse Aria.

— Isso poderia nunca ter acontecido — acrescentou Spencer.

Emily desabou. — Eu sinto muito.

— Você percebe o que isso significa? — Aria passou os dedos pelo cabelo. — A Verdadeira Ali poderia estar lá fora! Ela poderia ser A!

— Isso é o que eu tenho tentado dizer a vocês — Emily insistiu. — Ali faz

mais sentido. Ela e Tabitha tinham sido tão boas amigas que Tabitha colocou a foto delas em um medalhão. Talvez ela estivesse com Tabitha na Jamaica, e talvez o plano tivesse sido nos empurrar para fora do telhado, e não o contrário. Talvez fosse por isso que ela estava esperando na areia, tirando as fotos. Mas depois, quando as coisas deram errado, ela decidiu torturar-nos ao invés.

— Mas, e Graham? — Spencer perguntou. — Ele faz muito sentido, também. E estamos *certas* de que ele está vivo.

Aria engoliu em seco. — Eu pensei que não importava já que iríamos confessar, mas eu ouvi Jeremy e um policial conversando ontem, e Graham está em um hospital.

Hanna apertou os olhos. — Por quê?

— Eu não sei. Talvez da explosão. Não ficou claro.

— Quem se importa se Graham está no hospital? — Spencer levantou as mãos. — Ele vai sair eventualmente. E então ele vai contar tudo o que fizemos.

— Houve algo mais estranho, também — Aria disse. — O policial disse que eles identificaram duas pessoas na fita de segurança da sala da caldeira — uma era definitivamente Graham. Eles não puderam identificar a segunda pessoa, mas eles pensaram que era um cara.

Spencer inclinou a cabeça. — Você se lembra de alguém estar lá embaixo?

Aria balançou a cabeça. Emily bateu na mesa. — Talvez eles simplesmente pegaram você em um ângulo estranho ou algo assim. Ou talvez fosse um trabalhador que estava lá aleatoriamente ao mesmo tempo em que você estava.

— Talvez — disse Aria lentamente. Então ela fechou os olhos. Ela estava tão cansada de falar sobre isso, indo e voltando sobre quem poderia ser A, deixando A atormentar as suas vidas. Ela estava farta.

— Vamos contar aos policiais sobre Tabitha agora — ela decidiu.

— Tudo bem — Emily sussurrou, arregalando os olhos para o tom autoritário de Aria. Spencer apenas balançou a cabeça. Hanna engoliu em seco, mas depois balançou a cabeça na direção do celular de Aria.

— Ótimo. — Aria se sentiu eletricamente carregada e um pouco louca. Ela pegou o telefone e olhou para o número de Michael Paulson, o homem do FBI encarregado do julgamento do assassinato. Era um código de área de Washington, DC. Ela apertou os números em seu telefone desnecessariamente com força.

Ela apertou o último dígito e ouviu quando a linha tocou. Depois de um momento, alguém na recepção de um hotel atendeu. — Posso falar com Michael Paulson, por favor? — ela perguntou, colocando a chamada no viva-voz.

— Posso perguntar quem está falando? — a mulher disse em uma voz entediada.

Aria olhou para suas amigas, em seguida, virou-se para o telefone. — Alguém que tem informações sobre o caso do assassinato de Tabitha Clark.

Houve uma pausa carregada. — O Sr. Paulson está em uma coletiva de imprensa neste momento — ela disse depois de um momento. — Mas, se é importante, eu posso tentar chamá-lo.

Será que ele poderia ligar de volta para você em breve?

Aria disse que tudo bem e desligou. Ela colocou o telefone na mesa de café, seu coração martelando. O que ela iria dizer quando o detetive ligasse? Como ela iria confessar isso? Assim que ela fizesse isso, suas vidas mudariam. Ela realmente estava pronta para isso?

Hanna pegou o controle remoto e ligou a TV. — Eu preciso de um pouco de barulho — ela disse. — Eu não posso suportar isso. — Um comercial de bolos gelados apareceu na tela. Todas olharam para ele, distraídas. Aria se perguntou se todas elas estavam pensando na mesma coisa — que elas provavelmente nunca mais teriam algo tão frívolo e festivo como bolo de sorvete novamente.

O comercial do bolo de sorvete acabou, e um de caminhões da Ford veio depois. Em seguida, um de uma pizzaria local, depois de um seguro de vida. Depois disso, a imprensa local apareceu. O meteorologista tagarelava sobre como estaria nublado hoje, mas não havia um sistema de alta pressão se movendo amanhã. — Peguem seus shorts e camisetas — ele anunciou. — Vai ser excepcionalmente quente!

— Deus, ele tem que ser tão alegre? — Spencer rosnou para a tela.

Emily olhou desesperadamente para o telefone. — Por que ele não liga de volta? Será que ele não sabe que é importante?

Hanna segurou uma almofada. — Há algo que eu não mencionei sobre a minha conversa com Naomi ontem. Aparentemente, a Verdadeira Ali ligou para ela quando ela estava de volta em Rosewood como Courtney e lhe contou tudo.

Agora era para ela que todas estavam olhando. — O que você quer dizer com *tudo*? — Aria perguntou.

— A verdade, eu acho. Tudo o que estava na carta que ela deslizou por baixo da porta de Poconos. Naomi não acreditou nela, no entanto. Ela pensou que ela era louca.

Spencer piscou com força. — Por que Ali revelou um segredo tão grande?

Hanna deu de ombros. — Ela pensou que Naomi tomaria o seu lado. Ela me disse que Ali tentou recrutá-la, assim como Mona tentou recrutar você, Spencer. Ali disse: — Nós vamos pegar aquelas vadias, Naomi.

— *Nós*? — Aria deixou escapar.

— Isso foi o que ela disse — Hanna olhou para Aria em perplexidade. — O que há de estranho nisso? Aria empurrou seu cabelo atrás da orelha. — Eu não sei. Apenas soou estranho por um segundo, como se Ali tivesse uma equipe de pessoas para nos pegar. Mas talvez não.

De repente, Spencer, que tinha estado a olhar para o celular dela, levantou a cabeça. — Você não disse que Graham estava no hospital, Aria? Na verdade, eu acho que ele está em coma.

Ela virou o celular para elas. O CRUSEIRO DO TRIÂNGULO DAS BERMUDAS REIVINDICA UMA VÍTIMA, dizia a manchete de uma história online. Aria leu o texto. *Graham Pratt foi hospitalizado devido aos ferimentos após a explosão a bordo do navio do Cruzeiro Eco* Esplendor do Mar. *A equipe médica nas Bermudas diz que ele está em coma, mas descansando confortavelmente.*

— Nossa — sussurrou Aria, seu coração batendo forte. Em coma? Ele tinha sido atingido na explosão? Mas por que ela não tinha visto ele deitado como um *X* no chão da sala da caldeira, inconsciente?

O âncora materializou na tela com uma história sobre um acidente de trânsito próximo à Curva Conshohocken, quebrando sua concentração. Aria pegou o controle remoto, querendo colocar em outra coisa, quando a câmera mudou para um rosto familiar. Os olhos azuis de Tabitha brilharam. Seu sorriso era brilhante e gracioso, como se ela estivesse guardando um segredo. *Novos desenvolvimentos*, dizia uma legenda sob a foto dela.

O controle remoto caiu dos dedos de Aria para o chão. Hanna agarrou seu braço e apertou.

— Acabamos de receber novas informações sobre Tabitha Clark, a adolescente que foi assassinada na Jamaica no ano passado — disse a repórter loira. — O médico legista concluiu a autópsia, e ele tem alguns resultados surpreendentes. Para

saber mais, aqui está Jennifer Rubenstein.

O rosto de Emily ficou pálido. — Oh, meu Deus.

— Aqui vamos nós — Spencer sussurrou. — Eles vão dizer que Tabitha foi empurrada.

A imagem foi cortada para Michael Paulson, o mesmo homem que elas estavam esperando ligar, parado em frente a um mar de microfones. Um homem de jaleco branco estava ao lado dele.

Flashes estalavam.

— Depois de um exame demorado dos restos da senhorita Clark — disse Paulson, avançando —, eu e minha equipe concluímos que ela foi morta por um traumatismo grave na cabeça. Houve golpes múltiplos em seu crânio, e parece que ela foi espancada com um objeto pontiagudo.

Hanna, que tinha estado cobrindo os olhos com as mãos, olhou para fora. — Espera. O quê?

Aria inclinou seu ouvido para a TV, certa de que ela tinha ouvido errado, também.

— Quem a matou o fez de perto — Paulson continuou. — Estas são todas as descobertas que eu posso liberar por enquanto.

Os repórteres atiraram perguntas, mas de repente um dos assessores de Paulson bateu em seu ombro e empurrou um telefone para ele. Paulson virou da câmara, articulou algumas palavras concisas para o assessor, mas depois pegou o telefone e o colocou no ouvido.

O telefone de Aria baliu, e todas pularam. Ela olhou para o identificador de chamadas. Era o número de Washington que ela tinha acabado de ligar. Paulson ainda estava na tela da TV, esperando que ela atendesse.

Aria arregalou os olhos para o telefone, em seguida, para suas amigas, e depois para a televisão novamente. TABITHA CLARK MORTA POR TRAUMATISMO NA CABEÇA À QUEIMA ROUPA, dizia a legenda na parte inferior. Lentamente, ela estendeu a mão para o telefone e pressionou IGNORAR. O telefone parou de tocar quando a chamada foi enviada para o correio de voz; ele não deixou uma mensagem.

Então ela deixou a TV sem som e se virou para as outras. As palmas das suas mãos pinicavam.

Sua cabeça parecia que tinha se separado do resto de seu corpo.

— Eu não entendo — ela disse com a voz trêmula. — Por que a autópsia não disse que as costas foram quebradas com o impacto da queda? Quero dizer, traumatismo na cabeça à queima-roupa...

—...não foi algo que fizemos — Hanna terminou para ela. — A queda não a matou.

Aria piscou com força. As engrenagens em seu cérebro giravam muito lentamente. — Então... isso significa que... *outra* pessoa a matou?

Na TV sem som, os repórteres atiravam perguntas para o Sr. Clark. Aria tentou dar um sorriso.

Hanna estendeu a mão e apertou a mão dela. Spencer e Emily se abraçaram, ambas explodindo em lágrimas. Uma estranha mistura de sentimentos inundou Aria: euforia, alívio, mas também medo paralisante. Alguém tinha feito isso. Elas eram *inocentes*. Essas palavras eram uma bela música em seus ouvidos.

E suas mãos ainda estavam tremendo muito e seu coração estava batendo rápido. Elas estavam prestes a confessar um crime que não cometeram. A arruinar suas vidas. A destruir seus relacionamentos. Elas iriam fazer isso para tirar A das suas costas, mas talvez isso fosse exatamente o que A queria que elas fizessem o tempo todo. Porque, talvez, A fosse a verdadeira assassina de Tabitha. Não elas.

— Gente, não faz mais sentido Graham ser A — ela disse lentamente. — Ele não tinha nenhuma razão para nos entregar por causa da Jamaica. Quem está fazendo isso para nós é alguém que conhecemos há um longo, longo tempo.

Todas trocaram um olhar horrorizado, definitivamente pensando a mesma coisa ao mesmo tempo. — A Verdadeira Ali — Spencer sussurrou.

— Tem que ser — Hanna engoliu em seco.

De repente, o celular de Aria baliu. No começo, ela pensou que era o detetive ligando de novo, mas depois ela viu as palavras na tela. *Uma nova mensagem de texto*. Seu estômago revirou.

Qualquer noção restante de que Graham era culpado se foi. Pessoas em coma não enviavam mensagens.

O celular de Hanna tocou em seguida. O de Spencer também tocou. O de Emily soltou um baixo zumbido. Todas olharam umas para as outras, o sangue escorrendo das suas faces. Então Aria pegou seu celular e pressionou LER.

Vocês me pegaram, vadias — eu fiz isso. E adivinha? Vocês são as próximas. —A

O QUE ACONTECE DEPOIS...

Sim, eu fiz isso. E eu estou apenas começando. A equipe de resgate pode ter jogado as meninas em uma tábua de salvação, mas essas mentirosas ainda estão em um navio afundando. É apenas uma questão de tempo antes de elas **afundarem para sempre.**

Spencer está um pouco sem fôlego de perseguir Reefer por todo o convés principal. Ela pode ter cambaleado de volta para ele agora, mas nada com maconheiros é gravado em uma pedra. Se eu tiver alguma coisa a dizer sobre isso, seu relacionamento vai desmoronar antes mesmo de chegarem aos portões **de hera de Princeton.** ***Pobre Hannakins, perdeu outra amiga, graças a moi. Eu acho que ninguém nunca lhe disse que pontes sobre águas turbulentas sempre queimam. Falando de queimaduras, eu ouvi dizer que alguém do navio se reabilitará na própria clínica de queimados de Rosewood. E nada acalma uma consciência pesada como um pequeno trabalho voluntário!***

A Ladra Patricinha roubou o coração de Emily depois mergulhou para o pôr do sol, mas o cartão postal de Jordan fez parecer que sua história de amor não acabou ainda. Ou acabou? Para Emily, todos os caminhos levam de volta para Ali.

E nada é mais difícil de extinguir do que uma antiga paixão...

Quanto a Aria, o colar de Tabitha não é a única coisa que ela precisa manter enterrada. Se um certo alguém descobrir sobre sua estrelada e assustadora noite do verão passado na Islândia, vai explodir muito mais do que um navio de **cruzeiro.** ***Aproveitem o sol enquanto vocês podem, senhoritas. Bronzeados desaparecem rapidamente quando você está atrás das grades.***

Beijos!

—A

A Autora



Sara Shepard já sonhou em ser estrela de novela, designer de Lego, cineasta, geneticista e editora de moda, mas quando cresceu virou escritora mesmo. Ela se formou na Universidade de Nova York e é mestre em escrita criativa pela Brooklyn College. Atualmente, vive em Tucson, Arizona, com o marido e três cães indisciplinados. A série Pretty Little Liars, inspirada em sua infância e adolescência passadas em uma das cidades mais abastadas da Filadélfia, foi vendida para vários países e também adaptada com sucesso para a televisão.

Star Books Digital



[1] Dramin: Remédio de enjoo.

[2] Scrapple: Prato típico feito de farinha de milho e carne de porco (nos EUA).